

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daniel Bicudo Vêras

AS DIÁSPORAS CHINESAS E O BRASIL:
a comunidade sino-brasileira em São Paulo

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Doutor Miguel Wady Chaia.

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Banca Examinadora

À Erika, minha esposa e companheira em tantas empreitadas do passado e do presente (e se Deus quiser, do futuro), com amor, admiração e gratidão por sua ajuda, inspiração, compreensão, carinho e total apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas e instituições a quem devo agradecer, sem as quais a realização deste trabalho não teria sido possível.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro pra a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Miguel Wady Chaia, pela atenção e apoio durante o processo de orientação. Mais que um orientador, um amigo de longa data com quem, nos anos de convivência, muito aprendi, desenvolvendo-me científica e intelectualmente. Sua impressionante paciência e valiosa colaboração, especialmente durante o tempo da pesquisa que passei na China, merecem todo o meu agradecimento.

Ao Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela oportunidade de realização do curso de doutorado. Primeiramente sob a coordenação da Profa. Dra. Therezinha Bernardo e posteriormente sob a coordenação da Profa. Dra. Vera Chaia, com o auxílio dos funcionários Marcos e Thalita, o Programa me ofereceu todo o suporte necessário e os meios para a realização de meus estudos. Também agradeço à Presidência da Pós Graduação, na figura da sua presidente, a Profa. Dra. Anna Cintra. Às funcionárias do gabinete da reitoria da PUC-SP, pelo auxílio na comunicação com o Brasil durante os períodos que passei na China.

Aos docentes do Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais da PUC-SP que foram meus professores no cumprimento dos créditos, que contribuíram para meu projeto: Profa. Dra. Maria Helena Villas Boas Concone, Prof. Dr. Guilherme Simões Gomes Júnior e Prof. Henrique Altemani de Oliveira. Este último, juntamente com a Profa. Dra. Caterina Koltai, compôs minha banca de qualificação, que, com suas críticas e sugestões, foi de valiosa contribuição para minha pesquisa. Agradeço também aos professores convidados para a banca de defesa.

Aos entrevistados Shilon Wang, Pedro Jim Ming Siao (Padre Pedro), Sandra, Yan Liang e Lawrence Koo, cujas inspiradoras trajetórias ajudaram na re-construção da história da comunidade sino-brasileira. Além disso, aos chineses David Shyu, Lin, Li Chih Meng, Teresa Tsai e tantos outros que informalmente conversaram comigo e ensinaram sobre a cultura e a comunidade chinesas.

Às instituições visitadas para fins de pesquisa, como o Museu da Imigração (Memorial do Imigrante, ou antiga Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás), que gentilmente cedeu material bibliográfico de pesquisa e depoimentos de imigrantes chineses. Agradeço também ao Centro de Estudos Migratórios J. B. Scalabrini, ou Pastoral do Imigrante. Ao Templo Zulai, em Cotia-SP, onde pude conversar com o monge Moacir Mazzariol, e à Biblioteca do Centro Hakka, no bairro da Liberdade. À Missão Católica Chinesa, no Itaim-Bibi, à Escola Santo Confúcio, na Vila Mariana, ao Colégio Sidarta, em Cotia-SP e à Escola CHINBRA, no bairro da Pompéia – lugares onde pude identificar e documentar influências chinesas em São Paulo. Às bibliotecas da PUC-SP e USP, onde pude coletar materiais. Aos amigos do NEPO – Núcleo de Estudos Populacionais da UNICAMP, em especial à Dra. Célia Sakurai, por todas as conversas e indicações de leitura. Aos amigos do NEAMP – Grupo de Estudos de Arte, Mídia e Política da PUC-SP, pelos debates e reflexões.

Ao China Scholarship Council da República Popular da China pela concessão de bolsa de estudos no período 2003-2004, quando de meu afastamento acadêmico do Programa, para o

estudo de língua e cultura chinesas na Universidade de Nanjing. À Marcella Cassiano, pelo auxílio antes e no início do período na China.

A pesquisa também não teria sido possível sem o apoio fundamental de algumas pessoas, como meus pais, José Maria e Maura Vêras, que, além de sempre terem investido em minha formação, também foram fundamentais quando de minha ida à China, auxiliando-me e dando essencial suporte à distância. Agradeço-lhes também pelas leituras, críticas e sugestões ao meu trabalho. Enfim, não só no que se refere à tese, meus agradecimentos a eles nunca serão suficientes. Agradeço aos meus irmãos André e Sergio, por me auxiliarem à distância. Ao meu tio Ary Celso, pela torcida.

Também agradeço o apoio fundamental de Hélène Zoeller, Cristiane Tassoulas e de Fábio e Sandra Morelli.

Pela assistência na parte de informática, agradeço a Georges Tassoulas e Anis Mohamed Trigui. Na parte de inglês, a Edward Stuzelczyk.

Finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho. Acima de tudo, agradeço a Deus.

RESUMO

VÉRAS, D.B. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

A pesquisa objetiva apreender a diáspora chinesa, mais especificamente no Brasil. Além disso, analisar quais as transformações que esta imigração promove na sociedade brasileira. Calcula-se haver cerca de 35 milhões de chineses ultramarinos vivendo em quase 150 países. O Brasil é o lar de cerca de 200.000. Assim, visa-se identificar os fatores de expulsão de população na China, destacando-se a sua multiplicidade cultural, divergências políticas, além de compreender os fatores de atração de populações de diversas partes do mundo entre nós. Isto, além de permitir uma melhor visualização dos processos de deslocamento populacional, da política econômica e da globalização, permite identificar relações deste quadro mundial com a conformação da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo que define a complexidade da identidade nesta sociedade. Descrevendo-se que, por razões históricas, há permanente contato entre Brasil e China, levantam-se três hipóteses básicas:

- 1) A China apresenta internamente fatores econômicos, políticos, além de culturais e demográficos, que expulsam parte de sua população;
- 2) O Brasil, pelo desenvolvimento de seu mercado, torna-se um polo de atração de populações do mundo, inclusive a chinesa;
- 3) Pensar a diáspora dos chineses e sua presença em São Paulo leva a visualizar o encontro entre Leste e Oeste, bem como a redefinição da cultura chinesa entre os chineses do Brasil. Por sua vez, com a nova influência, a sociedade brasileira também se modifica.

A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica histórica e teórica, além de documental (dados estatísticos secundários, como os do IBGE, e outros) e informações da imprensa escrita. Outrossim foram consultados os arquivos do Museu da Imigração (de 1997 a 2003) contendo depoimentos de chineses no Brasil. Ademais, realizamos cinco entrevistas em profundidade com imigrantes chineses em São Paulo, em 2006. Tomou-se o cuidado para que o perfil dos entrevistados fosse diversificado em termos de origem, procurando-se refletir, mesmo precariamente, a multiplicidade existente na diáspora. Os entrevistados falam sobre os temas listados nas hipóteses. Além do mais, a pesquisa contou com conversas informais, coleta de fotos, documentação, impressão de brasileiros e visitas a locais onde seria visível a influência chinesa na cidade de São Paulo e região. Reuniões e festividades da comunidade sino-brasileira foram registradas. Para análise dos dados, foram considerados os referenciais teóricos de Stuart Hall, Adam McKeown, entre outros, no que tange à conceitualização de diáspora. A obra de Abdelmalek Sayad teve importância na questão da condição do migrante. O conceito marxiano de “exército industrial de reserva” e teorias de Paul Singer e Herbert Klein salientam o papel explicativo sobre movimentação de populações. Com respeito à construção de uma identidade brasileira que incluía asiáticos e descendentes, mereceram destaque as reflexões de Jeffrey Lesser. Sobre a inserção dos chineses na sociedade brasileira, teceram-se considerações à luz das teorias de Sigmund Freud, Eric Hobsbawn, Edward Said e outros. Sobre certas diferenças de pensamento entre ocidentais e orientais, recorreu-se a autores como Tom Chung e François Jullien. Entre várias particularidades descobertas, verifica-se também a confirmação das hipóteses de pesquisa.

Palavras-chave: **China; imigração; diáspora; cultura; São Paulo**

ABSTRACT

VÉRAS, D.B. **Chinese Diasporas and Brazil: the Sino-Brazilian Community in São Paulo**. 2008. 280 f. Thesis (Doctorate) – Social Sciences, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

This research aims to understand the Chinese diaspora, particularly in Brazil. Also, to analyze the transformations that this immigration triggered in Brazilian society. About 35 million overseas Chinese are estimated to have settled in nearly 150 countries. Brazil is the home of approximately 200,000 overseas Chinese. Thus, we seek to identify the compelling factors for the emigration of Chinese population, highlighting its cultural multiplicity, political divergences, in addition to understand the factors for attracting people from all over the world towards Brazil. This, besides allowing a better view of the displacement of population, economic policy and globalization, allows the identification of relations between this global framework and the composition of Brazilian society. In this society, it also defines the complexity of the identity. Taking into account that, for historical reasons, Brazil and China have been in permanent contact, there are three basic hypotheses:

- 1) Internally, in China there are economic, political, cultural and demographic factors that compel part of its population to leave;
- 2) Brazil, in turn, for the development of its market, becomes a pole of attraction for people from all over the world, including the Chinese;
- 3) Analyzing the Chinese diaspora and their presence in São Paulo leads to a view of the meeting between East and West, as well as the redefinition of the Chinese culture among Sino-Brazilians. The Brazilian society, in turn, is also modified by the new influence.

The methodology consisted of historical and theoretical literature research, in addition to documents (statistics from the Brazilian government and other sources) and information from the press. Moreover, the files of São Paulo's Museum of Immigration, from 1997 to 2003, contains interviews with Chinese living in Brazil. Furthermore, we performed five in-depth interviews with Chinese immigrants in São Paulo, in 2006. We sought interviewees from different origins, so that their profile would reflect, even precariously, the diaspora's multiplicity. The interviewees talk about the issues listed on the hypotheses above. The research was also enriched by informal conversations with Brazilians and Chinese, collection of photographs, gathering of documents, and visits to places where the Chinese influence would be visible in São Paulo city and the surroundings. Meetings and celebrations in the Sino-Brazilian community have been registered. For the data analysis concerning the conceptualizing of diaspora, theoretical references by Stuart Hall, Adam McKeown and others, have been taken into account. Abdelmalek Sayad's works were important in the issue of the immigrant condition. Karl Marx's concept of "industrial reserve army", as well as Paul Singer's and Herbert Klein's theories had fundamental roles in explaining population movements. The thoughts of Jeffrey Lesser on the construction of a new Brazilian identity, to include also Asians and descendants, should be highlighted. About the Chinese's adaptation in the Brazilian society, theories of Sigmund Freud, Eric Hobsbawn, Edward Said and others had a guiding role in the reflection. About certain thought differences between East and West, we resorted to Tom Chung's and François Jullien's works. Among many particular findings, it can be also said that the research hypotheses were confirmed.

Keywords: China; immigration; diaspora; culture; São Paulo

ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1

Figura 1.1. O mercado mundial dos *coolie*. Fonte: YANG, Alexander Chung Yuan (1974).....43

Figura 1.2. as maiores regiões fornecedoras de mão-de-obra *coolie* na China. Fonte: YANG, Alexander Chung Yuan (1974).....44

Figura 1.3. Cenas da Revolução Cultural retratadas por ZHANG, Ange (2005).....54-56

Capítulo 2

Figura 2.1. Hospedaria dos Imigrantes, São Paulo. Foto de Daniel Bicudo Veras, 2006.....118

Figura 2.2. litografia de Angelo Agostini em Vida Fluminense número 190, de 19 de agosto de 1871, no qual se vê Mariano Procópio como “Hércules mineiro” importando trabalhadores chineses, reproduzida por LEITE (1999: 115).....131

Capítulo 3

Figura 3.1. Foto superior, à esquerda: a Rua 25 de Março; Foto superior à direita: a Galeria Pagé; Foto inferior à esquerda: o Stand Center, à Avenida Paulista; Foto inferior à direita: o Promocenter, à Rua Augusta. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....170

Figura 3.2. Imagens do bairro da Liberdade, São Paulo. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....180

Figura 3.3. Cenas da comemoração do Ano Novo Chinês no Bairro da Liberdade, São Paulo. Foto: Daniel Bicudo Veras, fevereiro de 2006.....189-190

Figura 3.4. Imagens do taiwanês Lin na Rua Augusta, em São Paulo. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....204

Figura 3.5. Imagens de *van* de chineses vendendo *yakissoba* em frente à PUC-São Paulo, na Rua Ministro Godoy. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....208

Figura 3.6. Igreja chinesa na Rua Pamplona, em São Paulo. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.....210

Figura 3.7. A Missão Católica Chinesa, localizada na Rua Santa Justina, no Itaim-Bibi, na capital paulista Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....216

Figura 3.8. Imagens de Missa na Missão Católica Chinesa de São Paulo, de ordenação de padre chinês. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 19 de fevereiro de 2006.....217

Figura 3.9. Material bilíngue (português-chinês tradicional) distribuído em missa especial da Missão Católica Chinesa de São Paulo. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 19 de fevereiro de 2006.....218

Figura 3.10. Imagens do Templo Zulai, situado em Cotia-SP. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.....	220
Figura 3.11. Imagem do Boletim Mensal da Missão Católica Chinesa de São Paulo. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.....	222
Figura 3.12. O taiwanês Li Chih Meng e sua escola, a Escola Santo Confúcio - estabelecida na Vila Mariana, à Rua França Pinto. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.....	222
Figura 3.13. Comemoração do Ano Novo Chinês na Escola Santo Confúcio, na Vila Mariana, em fevereiro de 2006. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.....	223
Figura 3.14. Imagem do Colégio Sidarta, em Cotia-SP. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.....	224

QUADROS

Capítulo 2

Quadro 2.1. Relações de atração e repulsão entre mão-de-obra e terra. Fonte: KLEIN (2000).....	91
---	----

Quadro 2.2. Países que mais Receberam Imigrantes no Continente Americano entre o Início do Século XIX até a I Guerra Mundial. Fonte: <i>Boletim do Departamento de Imigração e Colonização</i> . São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n. 5, dez. 1950, pp. 139-140 (<i>Apud</i> PAIVA, 2000, Quadro 3: 18).....	96
--	----

Quadro 2.3. Imigrantes Entrados no Estado de São Paulo – 1886-1915. Fonte: <i>Boletim do Departamento Estadual do Trabalho</i> . São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Obras Públicas, ano 17, n. 69, 4º trim. 1929. In: PAIVA, 2000: 16.....	116
--	-----

Quadro 2.4. População brasileira e estrangeira: Censos 1872-1980. Fonte: CENSOS 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1970 E 1980 (In: BARRETO, 2001: 66).....	121
---	-----

Quadro 2.5. População de estrangeiros residentes na Região Metropolitana de São Paulo em 1991. Fonte: Censo Demográfico 1991 (In: CASSIANO, 2001: 80, Tabela 1 ¹).....	125
---	-----

Quadro 2.6. Estrangeiros em situação irregular - os 16 mais beneficiados pela Anistia 1998. Fonte: Departamento de Polícia Federal (In: BARRETO, 2001: 65).....	128
--	-----

Capítulo 3

Quadro 3.1. Distribuição percentual dos chineses nos municípios da RMSP em 1991 (municípios mais representativos dos chineses). Fonte: IBGE Censo Demográfico 1991 (In: CASSIANO, 2001: Tabela 4).....	171
---	-----

Quadro 3.2. Distribuição percentual dos chineses nos distritos do município de São Paulo em 1991 (distritos mais representativos dos chineses). Fonte: IBGE Censo Demográfico 1991 (In: CASSIANO, 2001: Tabela 5).....	175
---	-----

¹ Classificação de acordo com a metodologia de VERAS (1999-2001).

Quadro 3.3. Espacialização dos restaurantes chineses na cidade de São Paulo segundo o distrito. Fonte: CASSIANO, 2001: 41.....212

Quadro 3.4. Espacialização das publicações chinesas. FONTE: CASSIANO, 2001:39.....221

MAPAS

Capítulo 3

Mapa 3.1. Distribuição por frequência relativa dos chineses (continente) nos municípios da RMSP em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....172

Mapa 3.2. Distribuição por frequência relativa dos chineses (Formosa) nos municípios da RMSP em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....173

Mapa 3.3. Distribuição por frequência relativa de chineses em municípios da Grande São Paulo em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....174

Mapa 3.4. Distribuição por frequência relativa dos chineses (continente) nos distritos do município de São Paulo em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....175

Mapa 3.5. Distribuição por frequência relativa dos chineses (Formosa) nos distritos do município de São Paulo em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....176

Mapa 3.6. Distribuição por frequência relativa dos chineses nos distritos do município de São Paulo em 1991. Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).....177

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I - A China expulsa. A construção da diáspora chinesa.....	21
1.1. Migrações, a diáspora e as identidades dos chineses.....	21
1.2. A diversidade chinesa.....	36
1.3. O império: herança cultural e as primeiras emigrações.....	37
1.4. A breve República (Nacionalista) da China (1911-1949).....	45
1.5. A China e a Guerra Fria.....	49
1.6. A China contemporânea.....	71
Capítulo II – O Brasil acolhe.....	91
2.1. Mercados em expansão atraem mão-de-obra.....	91
2.2. Chineses por toda parte: em especial, as Américas.....	100
2.3. São Paulo, Brasil: confluência de povos.....	114
2.4. Os chineses chegam a São Paulo.....	128
2.5. O Brasil expulsa/ os chineses voltam.....	157
Capítulo III – Um Brasil chinês: comunidades de sino-brasileiros.....	159
3.1. O Brasil como espaço privilegiado do encontro com a China.....	159
3.2. Um Brasil também asiático: identidades reformuladas.....	165
3.3. Territórios: o espalhamento dos chineses em São Paulo.....	169
3.4. Novas identidades: recriação e negociação.....	181
3.5. A complexidade das identificações sino-brasileiras: inserção no processo produtivo, diversidade de origem, identificações com o nível local e a participação estatal na construção do caráter chinês.....	185
3.6. Os brasileiros aos olhos dos chineses.....	194
3.7. Marcas da presença chinesa em São Paulo.....	204
3.8. O que permanece chinês no Brasil?.....	224
3.9. Retorno à China.....	240
3.10. A diáspora chinesa e o Brasil.....	242
Conclusão.....	243
Bibliografia.....	258

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema geral as amplas relações entre Brasil e China e, ao longo da história, como se têm dado os fluxos e interdependências populacionais entre eles. Pode-se dizer que há um inter-fluxo. A população chinesa, altamente espalhada pelo mundo, também está no Brasil. E estudar a diáspora chinesa no Brasil é importante para se entender o quanto o contato com o Oriente foi e ainda é constitutivo de sociedades ocidentais, dentre elas o Brasil. Assim, estudar a diáspora chinesa permite identificar aspectos entre esta e a movimentação populacional, a política econômica e a globalização. Parte-se, assim, do mais geral (as condições de expulsão da China e de atração do Brasil) para o específico (a construção de uma comunidade sino-brasileira, e que pouco a pouco se assimila – transformando e influenciando a sociedade brasileira). Assim, estuda-se aqui que o específico reflete estas relações mais amplas, permite indentificá-las. No período mais recente da globalização, a República Popular da China, com sua economia socialista, tem experimentado uma abertura cada vez maior ao mercado e ao mesmo tempo aumenta a quantidade de emigrantes chineses em diversas partes do mundo. Ao mesmo tempo que amplia-se a força de atração de capitais internacionais para o país, cada vez mais chineses deixam sua terra natal. Entretanto, ainda se percebe no mundo atual que o grau de mobilidade do capital supera em muito o das populações. O capital transita livremente pelo globo como agente preferencial, ao passo que as pessoas, quando se movimentam, em geral se encontram em posição desprivilegiada, na condição de emigrante. O acesso do capital às diversas áreas do globo é praticamente instantâneo e irrestrito – ao contrário do que se dá com pessoas.

Nosso objeto de estudo, dentro do tema acima descrito, são alguns núcleos de imigrantes chineses no estado de São Paulo, sobretudo na capital. Busca-se estudar casos de diferentes origens dentro da China – acreditando que há significativas diferenças entre elas. Por exemplo, acredita-se que o caráter da imigração taiwanesa é diferente do caráter da China continental, ou mesmo de Hong Kong ou Macau. Essa multiplicidade (política, econômica e cultural) de “Chinas” faz que se obtenham imigrações com perfis diferentes – bem como que haja chineses que se vejam como de nacionalidades diferentes. Verifica-se também que a abertura de um país é um importante fator para determinar a saída dele – não só, por exemplo, a ausência de perspectivas profissionais ou falta de liberdades individuais, perseguições etc. A própria China continental, hoje mais aberta que antes, permite mais a saída de pessoas.

As linhas de pesquisa, de acordo com a problemática, podem ser esquematizadas:

- 1) Especificidades da civilização e cultura chinesas, além de tensões internas originadas pelo contexto sócio-político e econômico, resultam na expulsão da população. A população chinesa vive, assim, a experiência da diáspora, permitindo indagar-se sobre os mecanismos de expulsão das populações, bem como em que períodos tal êxodo tende a crescer. A emigração chinesa é um assunto tabu no país, sobretudo na China continental. Significa que um grande número de pessoas não aceita a política e a ideologia do Partido Comunista – e acaba se retirando. Para não assumir esse “fracasso”, o Estado chinês faz questão de enfatizar que os emigrados ainda são chineses e sempre o serão. Inventou-se, assim, uma nova categoria de chineses – o chinês no exterior, ou *Chinese overseas*. Apesar de ser um país de orientação socialista, os níveis de pobreza da República Popular da China ainda são altíssimos. A falta de perspectivas econômicas faz buscar novas oportunidades. Um destacado exemplo foi a grande fome do fim dos anos de 1950 – que resultou em milhões de mortos. Além disso, a linha dura do governo, que hoje é um pouco mais amena, perseguiu implacavelmente muitos cidadãos por motivos ideológicos, religiosos etc. – especialmente na Revolução Cultural dos anos de 1960. Emigrar, na China, mesmo internamente, não é uma questão simples. O cidadão tem um documento que o mantém fixado à sua província de origem – sendo que migrar à vontade (sem permissão) para outras províncias, ou mesmo para a cidade, é até ilegal. Procura-se fazer uma periodização histórica da zona de expulsão. Quem expulsa? De onde se expulsa? Como se expulsa? Qual o papel da demografia no processo? Procura-se identificar a dinâmica interna que cria o processo de expulsão – que por sua vez cria diásporas externas.

- 2) Fluxos populacionais entre Ocidente e Oriente são frequentes, e há muitos pólos de atração para a comunidade chinesa. Aliás, a maior população do mundo se espalha pelo globo com facilidade. Verifica-se crescente número de chineses e descendentes em várias partes – sobretudo no Canadá, Austrália, Estados Unidos – e até o Brasil – que é lar de mais de 200.000 chineses, de acordo com estimativas de entidades chinesas no Brasil. A presente pesquisa pretende investigar o que atrai, no caso do Brasil. De maneira geral, sempre que se desenvolvem mercados em certas regiões do globo, a população é atraída.

3) Como efetivo encontro entre Ocidente e Oriente, a conseqüente formação de uma comunidade sino-brasileira levanta complexas questões de alteridade, identidade e formação de novas subjetividades. Conforme já dito, há diferentes identidades dentro da China, e por isso certos problemas da terra de origem migram ao Brasil também. Identificar-se com a República Popular da China ou com a República de China (Formosa), mesmo vivendo no Brasil, cria certa divisão nessa comunidade. Qual o peso das diferentes origens no caráter da imigração? – é outra pergunta desta pesquisa. De qualquer forma, além das tensões orientais, há uma grande tensão no encontro com o Ocidente. Aliás, tensões e complementações. Neste encontro, cabe à civilização oriental se adaptar, se *reformular*. Surge um novo chinês, com elementos brasileiros – ou um novo brasileiro, que herda características chinesas, que não tem como evitar o peso da tradição de 5.000 anos de história. Além disso, há que se considerar qual o acesso que a sociedade brasileira abre para a integração ou assimilação.

A metodologia consistiu, primeiramente, numa pesquisa bibliográfica histórica e teórica, além de documental (dados estatísticos secundários, como os do IBGE, e outros) e material da imprensa escrita. Também foram consultados os arquivos do MUSEU DA IMIGRAÇÃO (de 1997 a 2003) contendo depoimentos de chineses no Brasil. Por fim, foram feitas cinco entrevistas em profundidade com imigrantes chineses em São Paulo. O perfil dos entrevistados é bastante diversificado, procurando-se captar a multiplicidade existente na diáspora. Conta-se com dois entrevistados originários de Taiwan: um homem solteiro nascido em 1980 e uma mulher casada com filhos, nascida em 1962. E três entrevistados da China Continental: um padre nascido em 1924 na província de Hebei, uma professora natural de Jilin vinda em 1989 para estudar em universidade brasileira e um professor universitário nascido em Shanghai em 1948, mas que viveu em Taiwan até os 10 anos e veio ao Brasil. O roteiro procurou contemplar as seguintes questões, dentre todas as originadas nas linhas de pesquisa (item 3):

- motivos pelos quais migrou para o Brasil;
- como veio (rota/ itinerário da imigração);
- mecanismos da zona de expulsão;
- verificação dos mecanismos de atração;
- como reconstruiu a vida;
- sociabilidade;
- expectativas sobre o novo país;

- satisfação com o novo país;
- relações com os brasileiros (ou outras colônias).

Coletados os dados, foi feita a análise.

Pode-se dizer que, devido aos ainda poucos estudos sobre o assunto, o estudo da diáspora chinesa no Brasil é original, o que pode oferecer à pesquisa muitas oportunidades. Todavia, na originalidade do tema residem algumas dificuldades de investigação. Por exemplo, encontrar material bibliográfico no país. Outra dificuldade, encontrar entrevistados dispostos a contar sobre sua imigração. Entretanto alguns fatores permitiram superar esta dificuldade, tais como o relacionamento prévio com as pessoas entrevistadas e a comunicação em idioma chinês.

Convém assinalar que na confecção da pesquisa tive duas vivências na China, o que me auxiliou no entendimento do objeto de estudo. Na primeira delas, como acadêmico da Universidade de Nanjing, aprofundi meus estudos de língua e cultura chinesas em 2003 e 2004. Na segunda, de 2006 a 2008, pude aprofundar a pesquisa bibliográfica, conversar com chineses, descobrir mais especificidades da China, bem como suas impressões sobre o Ocidente, além de assistir a congressos internacionais sobre as relações entre Ocidente e Oriente. De 2004 a 2006, em São Paulo, cumpri créditos acadêmicos, participei de congressos nacionais e realizei a parte empírica – as referidas cinco entrevistas gravadas, além de conversas informais, coleta de fotos, documentação, impressão de brasileiros, visitas à Pastoral do Imigrante, ao Museu da Imigração, Centro Hakka, Templo Zulai, escolas chinesas, restaurantes e ruas do bairro da Liberdade, documentação de reuniões e festividades da comunidade, dentre outros procedimentos. Partindo de que há constante contato entre as culturas, levanto três hipóteses básicas de pesquisa:

- 4) A China tem fatores internos econômicos, políticos, além de culturais e demográficos, que expulsam parte de sua população;
- 5) O Brasil, entre outros países, pelo desenvolvimento do mercado, torna-se um polo de atração de populações do mundo, incluindo a chinesa;
- 6) Pensar a diáspora dos chineses e sua presença em São Paulo permite pensar no encontro entre Leste e Oeste, e a redefinição da cultura chinesa entre os chineses do Brasil. A sociedade brasileira, por sua vez, também se modifica, com a nova influência.

A tese se organiza em três capítulos, cada um tendo como idéia central uma das hipóteses, combinando pesquisa bibliográfica e empírica (entrevistas e documentação coletada). Em outras palavras, parto, assim, do *macro, histórico, antigo* para chegar ao *micro*,

contemporâneo, âmbito *individual* dos entrevistados. Pretendo identificar elementos da ancestralidade chinesa imperial presentes na vida brasileira moderna, tais como devoção filial, *guanxi* etc. Por isso é importante iniciar a reflexão retomando características desde o império chinês. Tais características, por um lado, causam uma dificuldade na vida do imigrante e sua adaptação – e por outro, imprimem um novo caráter na sociedade brasileira. Por isso a reflexão parte do mais geral para o mais específico (que por sua vez reflete o geral). Desta forma, tecendo todos estes elementos, é re-construída a diáspora. Como afirma Eduardo Galeano, “a palavra texto vem do latim *textum*, que significa tecido. Ou seja, quem escreve tece” (In: CAMAROTTI 2005).

A estrutura de capítulos a seguir reflete as linhas de pesquisa, desenvolvimentos das hipóteses iniciais.

Capítulo I - A China expulsa. A construção da diáspora chinesa.

A população chinesa que migra para o Brasil recentemente é em geral composta por chineses que fugiram da perseguição política/ confrontação ideológica, sendo mais antigos aqueles que migraram por necessidade econômica. Nesse capítulo serão abordados os fatores chamados de “expulsão” de chineses de sua terra natal, que os levam a emigrar para terras distantes. Serão estudados sobretudo os maiores períodos de fluxo para o Brasil e o período após a década de 1960, de grande rigor político e contradições, tanto no Brasil quanto na China.

Além disso, há que se considerar a multiplicidade da China tanto na política, na cultura e na economia. Por exemplo, a existência de várias Chinas (a China continental, Taiwan, Hong Kong e Macau – e mesmo os chineses do Sudeste Asiático). A saída da China (mecanismos de repulsão) e atração pelo Brasil (mecanismos de atração) se dão pelos mais diversos motivos:

- medo de guerras (instabilidade política na região);
- medo de perda do patrimônio (famílias com recursos na China pré-socialista);
- perseguição e receio pela própria segurança, pelo enrijecimento do regime socialista;
- perseguição mesmo na chamada “China livre”, Taiwan;
- mais recentemente, falta de perspectiva econômica (apesar do desenvolvimento, baixos salários). Além disso, uma mudança de mentalidade do chinês. Apesar de ter alguns serviços providos pelo governo, a necessidade de adquirir novos bens de consumo.

Haveria uma periodização histórica da zona de expulsão. Quem expulsa? De onde se expulsa? Como se expulsa? Procura-se identificar a dinâmica interna que cria a dinâmica de

expulsão – que por sua vez cria diásporas externas. Há que se pensar no processo de globalização. Através do movimento populacional chinês, compreende-se melhor a globalização. A emigração chinesa apresenta pelos menos três momentos diferentes:

- antes do regime comunista, quando sobretudo cantoneses saem do país como mão de obra *coolie* (séc. XIX até 1949);
- tomada do comunismo e rigidez política, quando São Paulo recebe muitos taiwaneses (1949 – 1978);
- abertura dentro do socialismo, com grande fluxo da China continental (1979 até hoje).

O território da emigração (para que países emigram) é também importante. O cantonês/ fujianês tem como característica a emigração dentro de seu perfil? A heterogeneidade da China – diferentes origens e motivos para sair. Níveis diferentes de dificuldade para emigrar – estas questões são aqui suscitadas. Neste capítulo, logo no início, é também abordada a definição de “diáspora” e o que define os chineses ultramarinos como diáspóricos.

Capítulo II – O Brasil acolhe

A população chinesa migrada para o Brasil foi primeiramente atraída por parentes ou amigos já residentes e estabelecidos no primeiro e segundo período do fluxo migratório. Procura-se identificar que fatores foram pólos de atração para imigrantes chineses no Brasil. São analisados dados da imigração chinesa no Brasil – sobretudo em São Paulo, maior pólo de concentração no país. Serão fornecidos dados estatísticos, informações e periodização dessa imigração, atualizados de acordo com Censos do IBGE, e a imigração chinesa frente a outros grupos de estrangeiros. Dados complementares da imigração chinesa serão fornecidos por notícias dos grandes jornais brasileiros, entrevistados e entidades de imigrantes chineses.

Um aspecto interessante refere-se ao Brasil como um “paraíso”: um lugar que permite o desenvolvimento pessoal e profissional, ou um mero ponto de trânsito dos imigrantes rumo aos Estados Unidos. No Brasil a maioria dos chineses imigrou para São Paulo. Estaria isto relacionado a um perfil específico da migração para este lugar? Seria a proximidade em relação a fronteiras um fator relevante? Ou a economia da região?

A geração privilegiada neste estudo: a primeira (*huaqiao*). Não *huayi* (descendentes). Considerando-se que cerca de 20% da população chinesa é urbana, é justamente esta que sai do país. Já têm um perfil urbano – por isso poucos desenvolvem-se no meio rural nos países para onde emigram. Os chineses do meio rural acabam migrando internamente, para as cidades.

A Grande São Paulo é o principal local de atração e fixação dos migrantes chineses, sendo que também se colocam no interior, Rio de Janeiro e Paraná. Devido à experiência anterior na China, com o comércio, os chineses em São Paulo passam a se dedicar principalmente a atividades do setor de serviços. A ocupação profissional mais freqüente é o comércio. Assim como no caso de judeus e árabes, eles adotam ocupações que não os atrelam à terra e que lhes permitem dispersar-se. Além disso, muitos adotam profissões técnicas que podem ser exercidas no mundo todo. Entretanto, diferente de quem migrou para o chamado “primeiro mundo”, a imigração brasileira não contempla riquezas mais expressivas.

Capítulo III – Um Brasil chinês: comunidades de sino-brasileiros

Objetivo demonstrar que a imigração chinesa é algo novo, fruto do encontro Ocidente-Oriente, e que isso também é um componente da sociedade brasileira, multicultural, multi-étnica. No Brasil, a imigração chinesa não tem contornos nítidos e rígidos de território como em outros lugares (Chinatowns nos Estados Unidos, Canadá, Austrália etc.) – e isto se dá por especificidades da sociedade brasileira – o maior grau de abertura e receptividade, a prévia vinda dos japoneses, que aqui se estabeleceram em grande quantidade e de forma organizada, o relativamente pequeno número de imigrantes chineses se comparado a outras colônias, e o caráter esperso e fragmentado das ondas migratórias, a relativa “desunião” dos chineses (diversas identidades e mesmo interesses estatais contrários – Taiwan e República Popular da China). A questão religiosa, assim como a composição da população chinesa, é variada. Alguns são adeptos do budismo, outros do cristianismo e, não raro, não têm religião.

Em certos casos os migrantes chineses no Brasil mantêm um universo de regras próprias, com continuidade de tradições. No que tange à cultura, as fechadas relações em território estrangeiro tendem a se intensificar e o apego às tradições, aumentar. Em outras vezes comunidades estrangeiras tendem a viver um universo paralelo de regras, alheio aos países onde vivem. Daí podem decorrer problemas, como a presença de “máfias” e atividades ilegais. Mesmo seguindo um rígido código de conduta, essas organizações têm atividades que se chocam com as leis do país para onde imigraram (envolvendo contrabando, controle do comércio, venda de proteção, imigração ilegal, venda de órgãos de imigrantes ilegais etc.). Em geral, os países receptores têm que lidar com a criminalidade que daí advém. Nesses ambientes a noção de cidadania é totalmente substituída pela de relacionamentos privados, justiça privada e de favores. Na cultura chinesa, por sua vez, é forte a noção de *guanxi* – justamente a importância dos relacionamentos interpessoais para além do profissional, dos negócios, dos estudos etc. Na sociedade chinesa uma boa rede de relacionamento é imprescindível para o sucesso profissional. Foi estudada a presença chinesa no Brasil, mais

especificamente em São Paulo (cidade e região metropolitana da grande São Paulo) e de que maneira o Oriente se “deslocou” para cá. Ao mesmo tempo, há um Oriente “abrasileirado”, que já não condiz com o encontrado no Leste do planeta. Os católicos chineses de São Paulo, casamentos mistos, a dieta brasileira nas mesas dos chineses, o gosto pela música e o futebol brasileiros, a adoção do idioma português, entre outras mudanças, que fazem questionar: o que muda?

A pesquisa aborda a multiplicidade chinesa, e por isso se faz necessário especificar a nomenclatura utilizada:

- 1) Os termos República Popular da China, China Continental ou China Comunista, designam o governo instaurado no país a partir de 1949 por Mao Tsé-tung e seu território de alcance, majoritariamente localizado na parte continental. As províncias de Cantão e Fujian, grandes fornecedoras de trabalhadores chineses, são parte da República Popular da China. Os cidadãos desta república são aqui chamados de chineses continentais;
- 2) O termo República da China inicialmente se refere ao governo Nacionalista que dominou todo o território chinês de 1911 a 1949. A partir desta data, com a tomada de poder dos comunistas, todos ligados a este governo fugiram para a ilha de Taiwan, estabelecendo ali um governo paralelo à República Popular da China. Por isso, contemporaneamente República da China se refere ao governo exclusivamente de Taiwan, que manteve economia capitalista. O nome português Formosa também designa a ilha. Assim, os nascidos ali ou cidadãos da República da China são aqui chamados de taiwaneses ou formosinos. Esses nomes aqui não indicam soberania política do território, que não é reconhecida pelo Brasil, nem pela maioria dos países;
- 3) Hong Kong, porto chinês dado aos ingleses como penalidade na derrota da Guerra do Ópio no século XIX, permaneceu como colônia britânica até 1997, quando de sua devolução à China. Tem economia capitalista;
- 4) Macau, por séculos colônia portuguesa na China, havia sido dada como agradecimento pelo auxílio no combate aos piratas, e foi uma grande centro de atuação de comerciantes portugueses e padres jesuítas. Foi devolvida à China em 1999 e também tem economia capitalista;

- 5) Todos acima são designados como China e seus cidadãos, chineses;
- 6) Chineses ultramarinos, *Overseas Chinese*, chineses no exterior, *huaren* e *huaqiao* designam chineses que moram fora da China. Inicialmente presentes no Sudeste Asiático, em países como Filipinas, Tailândia, Cingapura, Malásia, Indonésia e outros, hoje estão nas Américas, Europa, África e Australásia. Seus descendentes, muitos dos quais nunca estiveram na China, são chamados *huayi*. Todos estes compõem a diáspora chinesa.
- 7) Todos acima compõem a comunidade imaginada “Grande China”.

CAPÍTULO I – A CHINA EXPULSA. A CONSTRUÇÃO DA DIÁSPORA CHINESA.

“... na minha vida, a coisa mais importante é a China... Raiz da árvore da minha existência. Terra bendita, criadora de meus ossos, minha carne, como sou feliz de ter algo mais forte que eu, uma fascinação ora terrível, ora esplendorosa... E meu amor por ela não exige nada em troca. Nada talvez um túmulo perto do meu pai. Nada demais. Mas a China completou a minha vida, preencheu a minha existência, trouxe muitas felicidades e também toda aflição que fui capaz de suportar. Apesar de todos os defeitos, a despeito de todo mal que se possa dizer da China, que se modificou tanto da China de minha infância. As pessoas não morrem mais de fome. Não é um paraíso onde tudo se passa maravilhosamente, mas há coisas admiráveis, há muita gente admirável e também coisas e pessoas vis. Mas o meu pulso bate ao ritmo da China”
“Flor do Sol”, da escritora sino-belga Han Suyin”²

1.1. Migrações, a diáspora e as identidades dos chineses

O presente capítulo trata de fatores de expulsão da população chinesa de sua terra, relacionados a características sociais, políticas, econômicas e culturais do país de origem desde o Império. Assim como na pesquisa de CASSIANO (2001: 5), aqui também o fenômeno da migração é apresentado na sua dupla dimensão: coletiva (abarcada pelo levantamento bibliográfico e estatísticas) e individual (abarcada pelos depoimentos) – sendo que elas se cruzam, visando possibilitar a reconstrução histórica da formação da sociedade brasileira, no caso na cidade de São Paulo e arredores, sob uma ótica extra-oficial, que é a do imigrante. Assim, foi efetuado levantamento bibliográfico sobre as causas que teriam determinado a saída de chineses de sua terra natal, relacionando-as às trajetórias individuais presentes nos depoimentos coletados direta ou indiretamente. O levantamento e os depoimentos permitem perceber diversidade, condição de origem, condições sociais que engendraram o processo de emigração e as transformações das condições e do processo.

Muito já se escreveu sobre os fatores da expulsão das populações. Segundo Herbert KLEIN (2000), nunca se responde completamente à questão “Por que migrar?”, mas a pergunta tem rendido debates. Para este autor, se pudessem escolher, poucos (com raras exceções, dos que querem aventura) escolheriam sair da terra natal, mas em geral vão porque não têm o que comer (fatores econômicos) ou sofrem perseguição étnica, cultural ou política. Emigrar, entretanto, não passa somente pela esfera da decisão individual. Tampouco se relaciona exclusivamente ao controle do Estado. Conforme coloca Paul SINGER (1973) a transferência de atividades (e de pessoas) de uma região para outra, se verifica conforme os interesses do capital. Daí resultam desigualdades regionais, seja no âmbito nacional ou internacional. Justamente tais desigualdades são o motor do processo migratório (SINGER, 1973: 33).

De acordo com COSTA (1971: 64) as relações entre o espaço geográfico e o processo da imigração se dão principalmente pela qualificação de áreas geográficas, ou seja, há regiões

² *Apud* FREITAS, 2001: 113.

onde atuam diferentes forças de atração e expulsão. Para SINGER (1973: 38) os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: há os decorrentes da introdução das relações capitalistas no campo, acarretando a expropriação dos camponeses, expulsão de agregados, meeiros etc, e os decorrentes de fatores de estagnação. Esses últimos se manifestam sob forma do aumento populacional sobre áreas disponíveis para o cultivo que pode ser limitada tanto pela insuficiência física da terra, como pela monopolização de grandes áreas agrícolas.

Ocorre um processo de expulsão de populações, a partir do momento em que estas são espoliadas de seus meios-de-produção no campo e obrigadas a vender sua força de trabalho nas cidades. O desenvolvimento das forças produtivas na cidade desencadeia os processos de competição e, por isso, maior especialização da força de trabalho. Contudo, o imigrante que não conseguiu se adequar às relações capitalistas no campo, tampouco o conseguirá nas cidades. Como assinalado por Karl MARX (1985), essa população constituirá o exército industrial de reserva, sendo acionada somente para assegurar o lucro (trabalho não pago) e as precárias relações de trabalho impostas pelos capitalistas. “Vivendo de subempregos, biscates, o acesso aos bens de consumo não lhe será possível” (CASSIANO, 2001: 9).

Para SINGER (1973) existem três tipos de migração definida historicamente pelo processo de industrialização: pela Revolução Industrial do século XVIII; pela industrialização de países de economia central, como foi o caso dos Estados Unidos e da antiga União Soviética, por volta de 1930; e, pela industrialização em moldes capitalistas das ex-colônias européias, também por volta dos anos 30 do século passado. Este processo de desequilíbrio entre regiões do globo descrito por SINGER (1973) exerce a sua visível influência. “Da mesma forma que a superpopulação ocasiona a emigração, a subpopulação ocasiona a imigração. Além da escassez de habitantes, a existência de potencialidades econômicas e de recursos naturais ainda inexplorados, fatores que possibilitaram trabalho e nível de vida mais elevado, atraí os imigrantes” (YANG, 1974: 18).

Para THOMSON (1971) as emigrações foram encorajadas pelo desenvolvimento de transportes rápidos e baratos, pela ferrovia e pelo navio a vapor, durante a segunda metade do século XIX. As relações entre os continentes do mundo eram transformadas por uma verdadeira revolução nos meios de transportes e comunicações. A atração e a repulsão são para YANG (1974: 19-20) as grandes causas de ordem geográfica e cultural para o fenômeno emigratório. Geograficamente, terremotos, secas, inundações, erupções vulcânicas e a existência (ou não) de recursos naturais. Nas causas de ordem cultural, as perseguições religiosas e políticas”. “Inicialmente a emigração e imigração foram sobretudo movimentos espontâneos. Tornaram-se, porém, cada vez mais controlados governamentalmente, através

de toda uma política migratória” (YANG, 1974: 21) – culminando no comércio *coolie*, conforme ver-se-á adiante.

Cabe aqui definir a noção geral de diáspora, uma vez que ela se relaciona a este movimento. “Diáspora” vem do grego “*dia speiro*”, que significa “espalhar semente”. A expressão vem da colonização grega do Mediterrâneo entre 800 e 600 a.C (SKOGGARD, 2006; COHEN, 1997). O termo tem sido empregado quase que exclusivamente a respeito da diáspora judaica de 2.500 anos – tendo como marco inicial a destruição do primeiro templo, na Babilônia, em 586 a.C. (SKOGGARD, 2006; HALL, 2003). Até recentemente, coloca McKEOWN (1999), a idéia de diáspora havia estado relacionada à história dos judeus, carregada de conotações morais, associada a tradições de exílio forçado, sofrimento comum, forte identidade e o desejo pela terra original. Isto tem servido também para vários outros povos, como para os armênios e africanos (identidade pan-africana), que sofreram massacres e espalhamento com todas estas características. “Em contraste, os ciganos têm sido há muito tempo conhecidos como um grupo geograficamente disperso e móvel, embora quase nunca como uma diáspora pela sua falta de uma política ou sentimento de exílio e terra original” (McKEOWN, 1999: 308).

O jamaicano HALL (2003), referência internacional no assunto, tece reflexões sobre a diáspora, ou “a terra no exterior”. Tomando como exemplo a sociedade caribenha, ele demonstra o quanto as nações são comunidades imaginadas (uma idéia que vem de Benedict Anderson) (HALL, 2003: 26). HOBBSAWN (1990) e GELLNER (1983) apresentam visões semelhantes acerca da nação como idéia construída. Sendo a diáspora um espalhamento, ou dispersão – “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003: 28), contém um mito fundador fora da história, tendo o futuro um papel redentor, uma idéia também explorada por SAYAD (1998; 2000). HALL (2003) faz um paralelo entre a história dos judeus e a dos caribenhos:

- os primeiros sofrem escravidão no Egito, os últimos nas Américas (ou também sob a forma de *indenture*, ou trabalho semi-escravo);
- sofrimento nas mãos da “Babilônia”;
- Grande Êxodo/ “Movimento do Povo de Jah”;
- redenção no novo mundo (HALL, 2003: 28-29).

SAFRAN (1991), por sua vez, destaca algumas características comuns às diásporas:

- dispersão a dois ou mais locais;
- mitologia coletiva da terra de origem;
- alienação da terra que recebe;

- idealização de retorno à terra de origem;
- constante relacionamento com a terra de origem.

Já o armênio-americano Kachig TÖLÖLYAN (2004) define alguns critérios para se definir diáspora:

- vida na terra de origem intolerável (fatores de expulsão);
- espalhamento a alguns países;
- não-aceitação completa como igual na sociedade que recebe;
- preservação de laços étnicos;
- relacionamento com familiares na terra de origem e outras comunidades diaspóricas;
- discurso do retorno;
- a importância da duração.

Para este autor esta última conta muito. A diáspora armênia, por exemplo, tem 1.500 anos. Ele atribui a longevidade da diáspora à habilidade dos diaspóricos em achar nichos nos Estados existentes e estabelecer centros diaspóricos secundários.

COHEN (1996; 1997b) comenta e categoriza algumas das várias diásporas presentes no mundo. Por exemplo, ele acha que a diáspora judaica não foi de todo mal, à medida que levou a uma rica florescência cultural. Por outro lado, ele caracteriza as diásporas africana, armênia e judaica como “*victim diasporas*”, dada a situação dos diaspóricos. Os indianos, semi-escravos nas Índias Ocidentais, são uma diáspora de mão-de-obra. Chineses e libaneses, por sua vez, são diásporas de comércio. O Reino Unido, uma diáspora imperial. Os das Índias Ocidentais vivem em diáspora cultural. Para ele há características comuns em todas elas:

- dispersão, frequentemente traumática, para duas ou mais regiões, busca de trabalho, comércio ou ambições coloniais;
- memória coletiva, mito, idealização da terra ancestral;
- desenvolvimento de movimento de retorno;
- consciência étnica de grupo;
- relação problemática com a sociedade receptora;
- sentimento de co-eticidade;
- possibilidade de florescência cultural no país receptor.

Como se vê adiante, a diáspora chinesa combina estes dois perfis. Num primeiro momento, uma diáspora de mão-de-obra (*coolie*). Depois, uma diáspora de comércio.

Não se deve perder de vista que há *trocãs* entre as comunidades diaspóricas (VAN HEAR, 1998). Uma diáspora não o é até que haja uma consciência a seu respeito. Tal

consistência se dá no confronto com seu “duplo”: membros de outra comunidade ou da terra de origem. Familiares, mas diferentes. O duplo efeito se faz sentir, e o impacto é diferente em membros de diferentes gerações. SKOGGARD (2006) comenta o filme *Mississippi Masala* (1991) dirigido por Mira Nair. O filme descreve o período de expulsão dos indianos em Uganda durante a ditadura de Idi Amin Dada. O filme mostra o quanto estudar a diáspora permite estudar o surgimento de uma nova comunidade. Como por exemplo, a dos indianos que nunca estiveram na Índia. Assim como nas Américas, há os africanos (afro-americanos) que nunca estiveram na África. Levando-se em consideração todas estas características levantadas por estes autores, pode-se concluir que o espalhamento de chineses pelo mundo é de fato uma diáspora, pois nele se identificam estas características, conforme constataremos ao longo da pesquisa.

Segundo TÖLÖLYAN (2004) as diásporas são “comunidades exemplares do momento transnacional”. Elas sempre foram um fato recorrente, algumas tendo durado já centenas de anos. Mais recentemente, a Globalização produziu numerosas delas. Para SKOGGARD (2006) as diásporas são definidas sobretudo pela sua heterogeneidade, multivocalidade, fluidez e hibridismo (SKOGGARD, 2006: 35). Talvez constituam um novo paradigma para se entender o mundo. Tendo como base o pensamento de Yasuo Naoto, SKOGGARD (2006) coloca que vivemos na “era da diversidade”. E nela, as diásporas são lugares de intensa produção cultural. O movimento e a mistura de pessoas forma novas identidades e comunidades. A migração reflete não só a *diversidade*, como também a *desigualdade*. RAJARAM; GRUNDY-WARR (2004) evidenciam a situação do migrante irregular como *Homo Sacer*, conceito de AGAMBEN (2004).

Não só cultural, a importância da diáspora é também política, tendo grande impacto na terra de origem. “Afora a Rússia, a principal fonte de apoio da Armênia era sua diáspora grande, rica e influente na Europa Ocidental e na América do Norte, inclusive cerca de um milhão de armênios nos Estados Unidos e 450 mil na França. Eles proporcionaram dinheiro e suprimentos para ajudar a Armênia a sobreviver ao bloqueio turco, funcionários para o governo armênio e voluntários para as forças armênias” O autor se refere ao bloqueio turco à Armênia em 1993, devido ao apoio russo, enfraquecendo as nações muçulmanas da região (HUTINGTON, 1997: 357).

Falar de migração não se resume a falar de deslocamento de pessoas; é falar da sociedade como um todo: aspectos demográficos, políticos etc. – condições que engendram este deslocamento bem como as suas consequências (SAYAD, 1998). “Se a demografia é o

destino da História, os movimentos populacionais são o seu motor. Em séculos passados, taxas diferenciais de crescimento, condições econômicas e políticas governamentais produziram migrações maciças de gregos, judeus, tribos germânicas, nórdicos, turcos, russos, chineses e outros. Em alguns casos, esses movimentos foram relativamente pacíficos, em outros, bastante violentos. Entretanto, os europeus do século XIX foram a raça superior em termos de invasão demográfica. Entre 1821 e 1924, aproximadamente 55 milhões de europeus emigraram para o ultramar, dos quais 34 milhões para os Estados Unidos. Os ocidentais conquistaram e, algumas vezes, obliteraram outros povos, exploraram e colonizaram terras menos densamente povoadas. A exportação de pessoas foi talvez a mais importante dimensão da ascensão do Ocidente entre os séculos XVI e XX” (HUTINGTON, 1997: 247-248).

A promessa de retorno é um elemento constitutivo do ato de emigrar, conforme já colocado. Tal idéia é central no pensamento de SAYAD (2000). O autor identifica no fenômeno migratório o mito do retorno; *a intenção de voltar existe*. O filme *Exílios*, dirigido por Tony Gatlif, conta a história de um casal de franco-argelinos, ou seja, nascidos na França, com pais argelinos, que fazem o caminho inverso dos pais. Quando chegam à Argélia, ouvem um ancião declamar no deserto: “Os que nos deixaram... um dia sempre hão de voltar...” Coloca SAYAD (2000): não há presença onde não tenha tido ausência alhures; não é possível estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ele acrescenta que o *retorno* é uma empreitada de toda ausência. Ulisses, por exemplo, triunfou sobre todos os perigos para voltar a Ítaca. Ao mesmo tempo, a ausência é uma falta/ o vazio. Culpável, por isso, mesmo não sendo parte da condição humana, a ubiquidade é o sonho dos migrados, que vivem os seguintes paradoxos:

- estar ausente onde se está presente;
- estar presente onde se está ausente.

Duplamente presentes: efetivamente aqui e ficticiamente lá.

Duplamente ausentes: ficticiamente aqui e efetivamente lá (SAYAD, 2000).

A migração é, pois, um fenômeno historicamente condicionado, resultado de um processo global de mudanças políticas, econômicas e sociais, e para compreendê-lo é preciso de início entender as condições históricas que a ocasionam. De acordo com KWONG (1997), tanto a emigração quanto a imigração chinesas vêm para suprir uma demanda de trabalho. SAYAD (2000) bem destaca a diferença entre a imigração de trabalho e a imigração de povoamento. A primeira é de adultos que fazem um trabalho e a última são famílias inteiras

que se deslocam. Num primeiro momento, a emigração chinesa apresentava o primeiro perfil, mais recentemente ocorrendo também o segundo.

Para YANG (1974: 21) a expansão da empresa colonial no Ocidente em direção aos países do Oriente e a demanda por mão-de-obra para as colônias, onde o nativo não se fazia eficiente, foram fatores que influíram decisivamente na partida dos chineses para além mar. Porém é na conjuntura regional chinesa que encontramos a causa fundamental da saída dos chineses: ocorrências internas que marcaram a vida da China nos séculos XIX e XX. Eram deslocamentos causados pelo êxodo rural e o contexto de desenvolvimento urbano que sacudiu os séculos XIX e XX (como também visto em GUANG, 2005). No litoral sul da China a navegação facilitava a emigração. “Os ocidentais chegavam à China através de barcos a vapor possibilitando aos chineses sua partida para lugares mais distantes. Os imigrantes procuravam chegar à Malaia, Índia e Filipinas, atraídos pelo clima moderado e pela abundância de produtos comercializáveis (...) A maior parte dos imigrantes chineses vinha das províncias da China do sul, devido ao excesso de moradores e às condições montanhosas do terreno” (YANG, 1974: 23-24). Como veremos adiante, ao longo do tempo a emigração de chineses adquiriu um caráter informal, sobretudo na região de Fujian, por exemplo, onde prevalece a imigração irregular (CHIN, 1999; THUNØ; PIEKE, 2005).

Por que o sul da China? Por que as províncias de Guangdong (Cantão) e Fujian (Fukien) são os maiores portos de saída de chineses? Em conversa informal para esta pesquisa, um chinês do norte diz: “Acho que é uma moda, entendeu?” Para ele tudo começa por iniciativa de certos jovens de uma determinada cidade que resolvem sair do país e isso vai se espalhando. Isso é especial nestas regiões. “Como minha cidade fica no norte da China, nossos conterrâneos não costumam sair, né. Sair da terra, da cidade – é tudo diferente.” “Cantonês gosta de mexer mais, todo” – diz o entrevistado Joseph Chung Chien Liao (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 4). Para ele os cantoneses são mais ativos que os chineses do norte. Os cantoneses se espalharam facilmente pelo mundo fazendo comércio. Por isso há muitos deles na América do Norte e também no Brasil. Ele acredita que os chineses do norte são conservadores demais. “Tá cheio de chinês porque... esse Cantonês tem bastante lá, porque Cantonês é mais fácil de sair pra outro... Esse tudo são emigrante por causa de economia, porque China tem bastante gente e competição pra emprego é... muito, muito... aí devagarinho sair. Chinês sempre trazer família né? Um pou... puxando, puxando com anos e anos, aí forma colônia grande nessa Indonésia, Singapura (*sic*), todo... é assim” – completa ele (*Idem ibidem*: 14).

Neste sentido, McKEOWN (1999: 315) aponta algumas características do sul da China para que esta seja a maior região de saída de chineses do país. Escassez de

oportunidades locais e agitações são sim fatores de expulsão. Entretanto, assinala este autor, a emigração como estratégia familiar depende mais de estabilidade, precedentes e oportunidade do que de desordem e pobreza. Hong Kong, Xiamen e Shantou têm muito mais conexões e redes estabelecendo uma tradição de intercâmbio e migração com não-chineses do que Shanghai ou Tianjin mais ao norte, por exemplo. Isso deu aos chineses meridionais a experiência e os meios necessários para aproveitar as oportunidades de uma economia do Pacífico em transformação.

Diferentemente de outros grupos, entre os chineses a migração não depende tanto de processos de industrialização. Entretanto a falta de trabalho acarretou a saída de muitos chineses do meio rural. CASSIANO (2001) comenta os processos migratórios do campo à cidade. “A proximidade espacial entre os processos de produção e troca, implica em uma economia de energia, transporte (distribuição do produto), comunicação, etc. A transferência das atividades produtivas às cidades acarreta também transferência de mão-de-obra, que por sua vez é intensificada pela falta de investimento de capital no campo. A população adapta-se ao remanejamento espacial das atividades produtivas. Daí a afirmação: só existe migração quando não há trabalho” (CASSIANO, 2001: 8).

A saída da China (mecanismos de expulsão) se dá pelos mais diversos motivos:

- medo de guerras (instabilidade política na região);
- medo de perda do patrimônio (famílias remediadas na China pré-socialista);
- perseguição e receio pela própria segurança, pela linha dura do regime socialista;
- perseguição mesmo na chamada “China livre”, Taiwan;
- mais recentemente, falta de perspectiva econômica (apesar do desenvolvimento, baixos salários).

Além disso, nas últimas décadas tem havido uma mudança de mentalidade do chinês. Apesar de ter alguns serviços providos pelo governo, tem crescido a necessidade de se adquirir novos bens de consumo. Isso nos permite indagar se haveria uma periodização histórica da zona de expulsão. Quem expulsa? De onde se expulsa? Como se expulsa? Neste capítulo procurar-se-á identificar a dinâmica interna que cria a dinâmica de expulsão – que por sua vez cria diásporas externas. Há que se pensar na variável Globalização neste processo. Através do movimento populacional chinês, capta-se a globalização. “A China tem testemunhado muita destrutividade e violência em sua moderna transformação” (WEI-MING, 1994: 31). Conta o entrevistado Chan Kowk Wai: “Na China sempre guerra, né? (risos) É, já pequeno já não tem medo... é, não tem medo morreu (risos).” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO,

1997j: 10). Segundo ele os chineses sempre tiveram que se defender, pois o país fora muito invadido. Cita como exemplo os japoneses e mongóis (*Idem ibidem*: 6).

Apesar da relativa mobilidade na China meridional, Joseph Chung Chien Liao se queixa da falta de livre trânsito que havia na região em meados do século XX. Agora, com o passaporte brasileiro, ele entra normalmente em Hong Kong sem precisar de visto, o que não era possível quando Hong Kong era protetorado britânico e ele tinha passaporte chinês. Para ir de Cantão a Hong Kong era necessário visto de saída. A política era rígida por causa de criminosos, de quem se queria evitar a invasão na ilha (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f).

Em entrevista a CASSIANO (2001), o padre chinês Pedro Jim Ming Siao (Padre Pedro), cuja história se confunde com a da própria comunidade chinesa em São Paulo, um importante líder na colônia, conta que a maioria dos navios que trouxeram chineses ao Brasil era de bandeira holandesa, tendo havido também alguns japoneses. Os japoneses passavam pelo canal do Panamá, ao passo que os holandeses passavam pela África do Sul. A abertura (ou não) da China era também um importante fator para determinar a emigração. Diz o Padre Pedro sobre as décadas de 1950 e 60: “(...) A maioria vinha de Taiwan. Uma parte de Hong Kong, depois de Macau. Naquele tempo, da China continental, não tem ninguém. Ninguém podia sair, a China estava fechada. Ninguém entrava, ninguém saía! (...) Hoje, todo mundo quer sair de lá, mesmo falando, tem muito [...] na parte material, na construção... Todo mundo quer sair. É muito complicado. [Hoje, os chineses vêm da] China continental. Formosa é muito rico, ninguém quer sair de lá. Lá [na China] já está bem, mas tem muita gente saindo de lá por causa da política, tem medo de guerra, guerra (...) [Trabalham na] indústria, comércio, muita gente em importação e exportação, isso tem, importação/exportação. Esse é o único jeito. Tem muita gente que tem dinheiro. Gente que veio de Formosa e trouxe dinheiro como antigamente. Naquele tempo, sessenta e poucos, trouxeram muito dinheiro, muito dinheiro... Agora a pessoa também chega com dinheiro, muito dinheiro” (In: CASSIANO, 2001: 69). Em conversa informal a esta pesquisa, um chinês de Taiwan revelou ter saído de lá por medo de guerras, especialmente contra Pequim. Apesar das relativamente boas perspectivas econômicas em Taiwan, a instabilidade na região, a ameaça à segurança, também foi um fator de expulsão.

Além disso, há que se considerar a multiplicidade da China tanto na política, na cultura quanto na economia. Por exemplo, a existência de “várias Chinas” (a China continental, Taiwan, Hong Kong e Macau – e mesmo os chineses do Sudeste Asiático) dá um colorido diferente aos diversos ramos da migração chinesa, com diferentes motivações, características e projetos. Joseph Chung Chien Liao comenta o espalhamento dos chineses

pelo mundo. “Quase todo lugar tem”, até Austrália e Nova Zelândia (onde ele esteve visitando amigos chineses), além de Filipinas, Indonésia etc. (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 14).

Para WEI-MING (1994) o sentido de ser chinês não é uma questão basicamente política. Ela está impregnada de implicações éticas. “O êxodo de muitas das mais brilhantes mentes da China continental, a emigração de profissionais chineses de Hong Kong, e a re-migração da classe média chinesa do sudeste asiático para a América do Norte e Austrália sugerem que não é vergonhoso tampouco lamentável alienar-se voluntariamente de um regime político que se tornou culturalmente insensível, publicamente não-comprometido, e opressivo aos direitos humanos básicos” (WEI-MING, 1994 : 34). Contudo, frisa o mesmo autor, a despeito do aparente paroquialismo, os chineses ultramarinos têm conseguido se adaptar a virtualmente todos os tipos de comunidade pelo mundo (*Idem ibidem*: 19-20). Conforme ver-se-á adiante, o grau de assimilação varia de acordo com a época, sendo 1949 um divisor de águas. Ser de Taiwan ou Hong Kong também influi no processo.

Em Cingapura 75% da população é chinesa, ao passo que na Malásia, 35% (GUNGWU, 1994: 143). James Lee Hoi On destaca que na Indonésia tem muitos chineses, cerca de 4 ou 5 milhões. Na Tailândia, muitos chineses da província de Fu-Kien (Fujian), muitos deles trabalhando como joalheiros ou ourives (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 15). Nas regiões asiáticas com colônias chinesas, mais que retornar à China, a opção é ir para o oeste. “Por causa de sua educação e habilidades exportáveis, aqueles que re-migram têm preferido se mudar como *huayi* [descendentes] ao Ocidente, notadamente para países anglófonos na América do Norte e Australásia, mais do que retornar como *guiqiao* (chinês ultramarino retornado) para a China ou Taiwan” (GUNGWU, 1994: 144). Identidade burguesa, proteção legal de direitos e propriedade, oportunidades educacionais, e mobilidade social para cima em sociedades livres e seculares são para o autor alguns dos ideais e valores que os re-migrantes do sudeste asiático para o Ocidente têm adquirido nas últimas décadas.

“Existem, no momento, grandes diferenças entre sociedades ocidentais e as do sudeste asiático. A maior diferença encontra-se na América do Norte, para onde mais chineses têm migrado desde o fim da II Guerra Mundial do que qualquer outra região. O grande número de emigrantes não apenas serviu para rejuvenescer as velhas *Chinatowns* como também criar novas. A qualidade desses migrantes, homens e mulheres educados frequentemente com filhos ambiciosos e bem preparados para estudar no exterior, e a auto-consciente preocupação intelectual pela herança chinesa trazida com alguns têm levantado expectativas sobre o que poderiam fazer por todos os chineses no exterior, assim como o futuro da civilização chinesa. Eles são uma nova raça, que – quando não está se desesperando

sobre como seus descendentes poderiam ainda ser chineses – tem observado de perto os não-chineses com quem tem vivido, estudado e trabalhado. Eles continuam a ter laços, frequentemente muito próximos, com Taiwan, Hong Kong e a China. Diferente dos *huaqiao* [chineses de primeira geração] do passado, circulam livremente entre os *huayi*, assim como entre muitas variedades de não-chineses. Diferentemente dos *huayi*, têm vivido e sido educados como chineses, e alguns assumiram a missão de preservar altos padrões da *Chineseness* entre os chineses em qualquer lugar. Estão bem equipados para fazê-lo precisamente porque têm vivido tanto entre não-chineses quanto *huayi* a apreciam a preocupação dos jovens chineses da própria China em trazer a modernização rapidamente ao seu país (...) As perspectivas sobre como ser chinês, como se manter chinês, como se tornar chinês, ou como perder o próprio caráter chinês variam grandemente entre regiões, e mesmo dentro de cada região. Há também outras perspectivas, de Sydney, Londres, Paris, Tóquio, Calcutá, Lima, Ilhas Maurício, Fiji, Taiti, ou as Índias Ocidentais, onde uma maior variedade pode ser encontrada. A despeito dessas diferenciadas experiências históricas, a história dos chineses fora da China continua a apresentar margens comuns” (GUNGWU, 1994: 144-145). O autor identifica uma multiplicidade de destinos, mas todos ligados à mesma origem.

“Eventos recentes têm melhorado grandemente a atmosfera para os chineses no Sudeste Asiático, embora a ‘questão chinesa’ continue a ser um assunto sensível. Na Malásia e Indonésia, ser chinês continua um estigma: coisas chinesas, especialmente símbolos de alta cultura chinesa como os escritos, são vistas com suspeita” (WEI-MING, 1994: 22). Aponta WICKBERG (1990) que nas Filipinas, por sua vez, a diáspora chinesa se caracterizou pelos inter-casamentos com filipinos étnicos. Assim, gerações de sino-mestiços têm sido significativas no país, sobretudo porque floresceram nos negócios. A elite política, social e cultural do país é mestiça do local com o chinês, assim como na Tailândia também (WICKBERG, 1990: 24). Voltando às Filipinas, o caráter chinês desses mestiços tornou-os vulneráveis a ataques nativistas. Como resultado, o Estado filipino restringiu algumas ocupações a cidadãos, tornando mais difícil aos chineses o acesso a essas posições. (WEI-MING, 1994: 20). Antonio Phee (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997), como filipino de origem chinesa, relata o preconceito que sofria em seu país natal.

Adaptados, talvez. Assimilados, porém, seria uma posição mais polêmica. “Parece, então, que as forças de repulsão das condições locais, assim como as de atração da terra de origem compele os chineses a serem inassimiláveis” (WEI-MING, 1994: 20). Tal grau de assimilação também depende do reconhecimento no nível político. Por exemplo, se Taiwan

ou Beijing é reconhecida pelo governo do país. Para abarcar uma identidade comum a todos os chineses, acima da política de Estado (não importando se está vinculado a Beijing, Taipei, Cingapura, Malásia, Indonésia, Filipinas etc.), cria-se o termo “China Cultural”. Tal termo também indica a emergência de um “conhecimento comum” (*gongshi*) entre intelectuais chineses pelo mundo, buscando não ser tão influenciado pela política (WEI-MING, 1994: 25).

Em entrevista para esta pesquisa, os chineses Sandra, Padre Pedro e Lawrence Koo falam da diáspora chinesa. A taiwanesa Sandra comenta a vida de outros chineses conhecidos seus em outros países, como o Paraguai e a Malásia, por exemplo. Nesta última os chineses se sentem bem adaptados, com oportunidades, sendo o mandarim muito falado lá, além do inglês. Em São Paulo, Padre Pedro estima haver cerca de 100.000 chineses ou mais. Agora que o Brasil está aberto para o turismo chinês, ele acredita que o número vai aumentar. “Chega aqui, não sai mais (risos) (...) China tá melhorando, mas ainda falta muita coisa. Tem muita gente, a vida na cidade melhorou muito, tem muito dinheiro...” Mas ele diz haver ainda muita pobreza. Os chineses saem de lá, e quando chegam aqui querem ficar, ele diz. Lawrence Koo, por sua vez, enfatiza: “Eu acredito que chinês, por incrível que pareça, ele tem uma cor meio cigana, né, muito nômade... Ele normalmente (...) vê que a situação tá boa e (...) vai para aquele lugar, mas se tá ficando ruim ele sai correndo”. Compara os chineses aos mineiros de Governador Valadares, que migram para os Estados Unidos, alguns voltam, outros não – mas que saem por motivações econômicas, buscando mais dinheiro. Aqui interessam-nos também outras causas além das econômicas. Na passagem do século XIX para o XX ocorreu uma interrupção do fluxo chinês para o exterior. Padre Pedro atribui tal interrupção ao envolvimento do país em guerras, tais como a Guerra dos Boxers, revoltas anti-imperialistas, guerras contra a Igreja, guerras contra japoneses – por tudo isso não havia condições de tratar de emigração. Ele diz que os chineses sempre emigraram pelo mundo. Ele conta que muitos mineiros chineses da África do Sul vieram de lá para o Brasil. Alguns chineses vieram da Europa e de outras partes do mundo. A maioria dos que vieram ao Brasil morou em São Paulo, alguns no Rio de Janeiro.

WEI-MING (1994) chama atenção para algumas peculiaridades do uso do conceito “diáspora” no caso chinês. Por ele estar muito associado à experiência judaica, até o estabelecimento do Estado de Israel, estava bastante relacionado às leis e religião judaicas, e não a um Estado. No caso da China, o Estado-civilização chinês sempre esteve fortemente presente, além da força de atração da terra de origem, que nunca foi perdida. “(...) não há funcional equivalente ao desejo catártico por Jerusalém. Na verdade a presença ubíqua do

Estado chinês – suas incríveis e inspiradoras dimensões físicas, sua longa história, e o peso numérico de sua população – continuam grandes na construção psico-cultural da diáspora chinesa. Para muitos, o Estado, seja nacionalista ou comunista, controla os recursos simbólicos necessários para sua identidade cultural. Embora a cidadania dupla não seja mais possível, tanto Beijing quanto Taipei rotineiramente esperam pelo leal suporte de seus *huaqiao* (chineses ultramarinos) (...) Os chineses da diáspora acalentam a esperança de retornarem e serem reconhecidos pela terra natal. Enquanto o sentido original de espalhamento das sementes sugere desenraizamento e produção de descendentes em outro lugar, muitos chineses da diáspora possuem uma mentalidade de migrante temporário e falta-lhes um senso de permanência no seu país de adoção. Alguns voltam ‘para casa’ para se casar ou mandam seus filhos de volta para uma educação chinesa; mantêm-se em contato com parentes e amigos que os mantêm informados do clima econômico e político em casa.” (WEI-MING, 1994: 18-19). McKEOWN (1999) lembra a emergência de uma cultura diaspórica, impulsionada pela ascensão da China como potência mundial, dentro de uma rede de oportunidade e mobilidade econômica (McKEOWN, 1999: 330). Ao mesmo tempo, a existência de tal cultura parece ameaçadora para os governos não-chineses (*Idem ibidem*: 312-313).

Ao falarmos de diáspora chinesa, falamos de quê ou de quem? Juntar as palavras “diáspora” e “chinesa” designa quantas variedades e povos? Os da corrida do ouro da Califórnia? *Boat people* sino-vietnamitas? Homens e mulheres de negócios cosmopolitas, chineses que circulam com múltiplos passaportes? *Paranakans* (mestiços de chinês e malaio)? O que têm em comum exilados do Massacre de 1989, pesquisadores do norte da China e migrantes cantoneses em cozinhas de restaurantes? Mesmo que possam todos ser chamados de chineses, o caráter chinês seria o mesmo em todos eles? Este é um questionamento feito por McKEOWN (1999: 309). Só uma pessoa já é capaz de conter em si múltiplas identidades: Frank Moy, um americano de origem chinesa que cresceu num meio “caucasiano”, e em Chicago era um homem de negócios, presidente de uma *rong* – sociedade “secreta” que controlava jogo e extorsão, levantador de fundos para o movimento anti-japonês, sócio de uma empresa de Hong Kong que traficava imigrantes ilegais, que tinha irmãos nascidos na China que estudavam a clássica cultura chinesa – e que morreu em 1937 (McKEOWN, 1999). No Brasil, Chu Wan Tai comenta a dificuldade de definir uma identidade cultural chinesa: “É muito difícil precisar hoje quantos chineses ultramarinos existe no mundo. Porque? Porque eu tive 4 nacionalidades, oficialmente hoje eu sou brasileiro, meu irmão é americano, a minha esposa é brasileira, e eu tenho primos italianos, franceses, espanhóis. Então o que é um Chinês? Ta certo. Mas os estudos aproximados

indicam que deve ter aproximadamente 50 a 70 milhões de chineses ultramarinos. 90% estão no sudeste asiático, e essa grande massa de chineses hoje já com outras nacionalidades, segundo estimativa também devem controlar aproximadamente um trilhão de dólares no mercado internacional, que é atualmente a maior fonte de investidores na China.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 6). Como ver-se-á adiante, há mais estimativas sobre o assunto, muitas delas díspares justamente pelo caráter difuso com que o fenômeno estudado apresenta-se em diversos países.

É inegável o peso da diáspora chinesa na própria economia do país de origem. “Os chineses de ultramar têm uma capacidade muito maior do que ocidentais ou japoneses para fazer negócios na China. Na China, a confiança e a obrigação dependem dos relacionamentos pessoais, não de leis, contratos ou outros documentos legais” (HUTINGTON, 1997: 212). Nos países de adoção os chineses também desempenham importante papel. Só no Brasil, conta Lawrence Phi, várias famílias chinesas abriram empresas. Por exemplo, a família Sie, que montou o lanifício Amparo e os donos da fábrica de óleo Minasa, além da própria família Phi, fundadora dos Moinhos Pacífico (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003). Os Estados Unidos também têm muitos chineses, coloca James Lee Hoi On. Nova York, São Francisco, Miami, Filadélfia, Nova Jersey – mas as principais concentrações são São Francisco e Nova York (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 16). Não é à toa que um dos capítulos do livro de CHIN (1999) se chama “*Leaving for the beautiful country*” – aproveitando-se da tradução dos caracteres *meiguo* (bonito país, ou Estados Unidos). Isso indica um pouco da visão e aspirações desta migração.

Seria possível viver uma vida significativa como indivíduo chinês se a dignidade da sua humanidade é perdida? A cidadania numa política chinesa garante o caráter chinês de alguém? Não – responde WEI-MING (1994: 34) às duas perguntas. “A idéia de ser chinês é mais complicada pela turbulenta história moderna da China: desde o universalmente reconhecido centro cultural imaginado (o ‘País Central’) ao *status* humilhante de atraso em virtualmente todas as áreas do empreendimento humano. (...) O ardente desejo de ‘salvar a nação’ (*jiuguo*) causou apaixonados sentimentos patrióticos entre os militares, os trabalhadores, o campesinato e os comerciantes, assim como entre a *intelligentsia*. (...) A combinação de ‘desastres celestiais e calamidades humanas,’ imposta de fora e confeccionada de dentro, fez da China sinônimo de abismo de miséria. O sofrimento não relatado do povo chinês – causado pelo imperialismo ocidental, a Rebelião Taiping, o colapso da Dinastia Manchu, as lutas intercaladas dos senhores das guerras, a agressão japonesa, o conflito entre os nacionalistas e os comunistas e as políticas mal lideradas da República Popular da China –

contextualizaram o sentido do caráter chinês numa nova estrutura simbólica. Marginalidade, desenraizamento, amnésia, raiva, frustração, alienação e desamparo têm ganho muita relevância na caracterização da psiquê coletiva dos chineses modernos. A China que evoca consciência histórica, continuidade cultural e harmonia social, sem falar que centralismo e enraizamento já parecem um eco distante” (WEI-MING, 1994: vi-vii).

Apesar disso, o governo chinês vê a China continental como o Estado-núcleo de uma civilização chinesa na direção da qual todas as outras comunidades chinesas deveriam se orientar. “Tendo há muito abandonado seus esforços para promover seus interesses no exterior através de partidos comunistas locais, o governo atualmente busca ‘posicionar-se como o representante da ‘chinesidade’ em todo o mundo’. Para o governo chinês, as pessoas de ascendência chinesa, mesmo que sejam cidadãos de um outro país, são membros da comunidade chinesa e, por conseguinte, estão em alguma medida sujeitas à autoridade do governo chinês. A identidade chinesa vem a ser definida em termos raciais. Como expôs um estudioso da República Popular da China (RPC), os chineses são pessoas da mesma ‘raça, sangue e cultura’. Em meados dos anos 90, esse tema era cada vez mais mencionado por fontes chinesas governamentais e particulares. Para os chineses e os de ascendência chinesa que vivem em sociedades não-chinesas, a ‘prova do espelho’ passa assim a ser a prova de quem eles são: ‘Vá se olhar no espelho’, é a advertência feita pelos chineses orientados para Pequim aos de ascendência chinesa que tentam ser assimilados no seio de sociedades estrangeiras. Os chineses da diáspora, ou seja, os *huaren* ou pessoas de origem chinesa, por diferenciação dos *zhongguoren* ou pessoas do Estado chinês, cada vez mais articulam a [já referida] concepção da ‘China cultural’ como uma manifestação de sua *gonshi* ou percepção em comum. A identidade chinesa, sujeita a tantos ataques do Ocidente no século XX, está atualmente sendo reformulada em termos dos elementos ininterruptos da cultura chinesa” (HUTINGTON, 1997: 211). “As pessoas utilizam a política não só para servir aos seus interesses, mas também para definir suas identidades. Nós só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos” (*Idem ibidem*: 20). Conforme já verificamos, os chineses pelo mundo apresentam diferentes e complexas identidades. No que tange a grau de assimilação e perspectivas, WANG (1994) identifica basicamente cinco tipos de identidade:

- 1) *Luoye guigen*: a mentalidade do imigrante temporário;
- 2) *Zhancao-chugen*: total assimilação e vergonha da origem oriental;
- 3) *Luodi shenggen*: acomodação (queriam ser temporários, mas por causa da Guerra Fria, tiveram que se fixar onde estavam);
- 4) *Xungen wenzu*: orgulho e consciência étnicos (militantes por direitos civis);

5) *Shigen qunzu*: os desenraizados (fuga de cérebros; elite intelectual).

1.2. A diversidade chinesa

Joseph Chung Chien Liao fala da China como lugar de diversidade. Para dar um exemplo, mais de mil línguas são faladas no país, segundo ele. Ele diz que o mandarim é “quase” aquele idioma oficial. Nem o mandarim é suficiente para a unificação da comunicação. Conta que às vezes não dá para conversar com alguém de outra província, então recorre-se à escrita, esta sim, cumprindo um papel de unificação. “Muitas vezes educado é só falar em inglês, conversar em inglês.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 3). Por vezes é a maneira adotada para se comunicar no país. Zhu Ting Zhong, cônsul chinês em São Paulo em 1997, descreve alguns dos dialetos e línguas como incompreensíveis, tais como cantonês, tibetano e mongol (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h).

A diversidade étnica do povo chinês é comprovada nas 56 minorias que lá existem. Tibetanos, muçulmanos do Xinjiang (uigurs), coreanos e os manchus – estes últimos que compunham a última dinastia do Império Chinês que, segundo Joseph, já se misturam aos chineses. Mongóis “ainda existe”, mas na sua visão não são tão agressivos como “aquele Tibetanos e aquele Mohamed’s lá”, diz Joseph (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 39). Joseph destaca os Hàn como a origem do povo chinês. Os chineses do sul sempre foram desprezados pelos do norte. Estes, sempre que tinham criminosos, mandavam-nos para o sul.

Joseph também destaca as diferenças entre a culinária chinesa do norte a do sul. Enquanto a primeira é mais pesada, levando mais sal e fazendo uso da vodka, a última é mais suave, fazendo uso do açúcar e vinho (amarelo e suave). Cada estilo adequando-se ao clima de região de origem (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f). Para WEI-MING (1994), por todas estas diferenças, é compreensível que a diáspora chinesa tenha sido por décadas tão fragmentada. Se há pouca comunicação entre os grupos internamente à nação, muito menos há em qualquer tipo de cooperação transnacional (WEI-MING, 1994: 19). Há que se destacar o papel de destaque das províncias de Cantão e Fujian neste processo, só reforçando a heterogeneidade.

A seguir, alguns dados da chamada “Grande China” – ou “China Cultural”, que inclui a República Popular da China e suas áreas de influência na Ásia-Pacífico. Eles ilustram a diversidade de sua população, bem como suas condições de vida, desenvolvimento e o espalhamento dos chineses na região. A divisão não reflete necessariamente a soberania política da região.

República Popular da China

População: 1,285 bilhão (2001)

Composição: chineses han 92%, grupos étnicos minoritários 7,5% (chuans, manchus, uigures, huis, yis, duias, tibetanos, mongóis, miao, puyis, dongues, iaos, coreanos, bais, hanis, cazaques, dais, lis), outros 0,5%

Idioma: mandarim (oficial), dialetos regionais (principais: min, vu, cantonês)

Religião: sem religião 42,2%, crenças populares chinesas 28,5%, budismo 8,4%, ateísmo 8,1%, cristianismo 7,1% (independentes 6,4%, outros 0,7%), crenças tradicionais 4,3%, islamismo 1,5%, dupla filiação 0,1% (2000).

Densidade: 134,75 hab./ km2 (2001)

População urbana: 32% (2000)

Cresc. Dem.: 0,71% ao ano

Fecundidade: 1,8 filho por mulher

Exp. de vida M/ F: 69,1/ 73,5 anos

Mort. Infantil: 36,5‰ (2000-2005)

Analfabetismo: 15% (2000)

PIB: US\$ 989,5 bilhões (1999) (ALMANAQUE ABRIL, 2002: 205-206)

República da China (Formosa)

População: 22,1 milhões (2000)

Composição: chineses taiwaneses 84%, chineses continentais 14%, grupos étnicos autóctones 2% (1996)

Idioma: mandarim (oficial), chinês dialetal

Religião: crenças populares chinesas 50,7%, budismo 20,9%, taoísmo 10,2%, novas religiões 6,8%, cristianismo 6,3%, sem religião e ateísmo 4,4%, outras 0,8% (2000).

Densidade: 610,46 hab./ km2 (2000)

População urbana: 68% (2000)

Cresc. Dem.: 0,8% ao ano (2001)

Fecundidade: 1,8 filho por mulher (2001)

Exp. de vida M/ F: 72,5/ 78,1 anos

Mort. Infantil: 6‰ (2000)

Analfabetismo: 3,5% (2000)

PIB: US\$ 313,9 bilhões (2000) (ALMANAQUE ABRIL, 2002: 548)

Cingapura

População: 4,1 milhões (2001)

Composição: chineses 76%, malaios 15%, indianos 6%, outros 3% (1996)

Idioma: malaio, mandarim, tâmil, inglês (oficiais)

Religião: crenças populares chinesas 42,7%, islamismo 18,4%, budismo 14,5%, cristianismo 12,3%, hinduísmo 5,1%, sem religião e ateísmo 4,7%, outras 2,4% (2000) (ALMANAQUE ABRIL, 2002: 213)

Malásia

População: 22,6 milhões (2001)

Composição: malaios 59%, chineses 32%, indianos 9% (1996)

Idioma: malaio (oficial), chinês, tâmil, ibã

Religião: islamismo 47,7%, crenças populares chinesas 24,1%, cristianismo 8,3%, hinduísmo 7,3%, budismo 6,7%, crenças tradicionais 3,4%, outras 2%, sem religião e ateísmo 0,7%, dupla filiação 0,2% (2000) (ALMANAQUE ABRIL, 2002: 360)

Filipinas

2% da população é chinesa (1996) (ALMANAQUE ABRIL, 2002: 268).

1.3. O império: herança cultural e as primeiras emigrações

“A China, um país gigantesco com um quinto da população mundial, tem sido, desde a Antiguidade, uma nação com tradição rica em literatura, arte, filosofia e medicina. Mas o país também tem uma longa história de opressão. Durante quase cinco mil anos, uma pequena classe privilegiada de corruptos proprietários de terras dominou os fazendeiros e camponeses pobres, que compunham mais de 80% da população”

Ange ZHANG (2005: 55).

As dinastias e formas de governo da história da China:

As origens da civilização chinesa: c.2200 a 22 a.C.

- i. Xia: c. 2200 a 1750 a.C.
- ii. Shang: c. 1750 a 1040 a.C.
- iii. Zhou do Oeste: c. 1100 a 771 a.C.
- iv. Zhou do Leste, período de primavera e outono, e os Estados Guerreiros: 771 a 221 a.C.

Primeiro Império: 221 a.C. a 589 d.C.

- i. Qin (Chin): 221 a 206 a.C.
- ii. Han inicial, período de Wang Man, e o Han posterior;
- iii. Os três reinos e as dinastias do Norte e Sul

Segundo Império: 589 a 1644 d.C.

- i. Sui: 589 a 618
- ii. Tang: 618 a 907
- iii. Sung (Song) do Norte e do Sul: 960 a 1279
- iv. Yuan (Mongóis): 1279 a 1368
- v. Ming: 1368 a 1644

Nascimento da China moderna: 1644 – até o presente

- i. Qing (Manchu): 1644 a 1911
- ii. República da China: 1911 a 1949
- iii. República Popular da China (RPC): 1949 até os dias atuais

Fonte: CHUNG (2005: 54-46).

Em linhas gerais, pode-se dizer que em sua história a China esteve isolada a maior parte do tempo. Na dinastia Ming houve iniciativas de contato com o mundo exterior, como as navegações de Zheng He em missão de estudo. Por volta de 1500, a China e a Índia juntas somavam cerca de 213 milhões de pessoas, metade da população mundial da época – e muito mais dinheiro que o Ocidente. Por isso há alguns séculos o Ocidente tenta contato e estabelecimento de relações comerciais e culturais. Merecem destaque aí as missões diplomáticas inglesas de tentativa de aproximação e a forte presença dos jesuítas, com sua dupla pretensão (religiosa e civilizadora). Nos últimos séculos as potências ocidentais avançam com ganância sobre as riquezas chinesas, por vezes com consequências desastrosas para a China (DRUMMOND, 1994: 96; KHAN, 2006; TREVISAN, 2006; REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 1980).

Conforme já anotamos, foi na época do Império que começou a emigração chinesa em massa, como mão-de-obra. O caos social, político e econômico foi um forte motivador para a saída de pessoas, apesar das condições de saída e oportunidades que certas regiões ofereciam (PASTOR, 2004; EVANS, 1989; McKEOWN, 1999). 95% dos emigrantes eram provenientes do Cantão e Fujian (YANG, 1974: 31). Isso tem grande relação com a economia portuária da região. A região tinha superpopulação e clima de miséria generalizada. No século XIX morreram de fome 100 milhões de pessoas, mais de 2.800 ao dia. “Na política de partilha da China entre as potências capitalistas ocidentais vamos encontrar outra causa que internamente influiu de maneira contundente para a emigração” – as melhores porções ficaram para a Grã-Bretanha, França, Rússia e Japão. A Alemanha também já se tinha aproveitado de regiões (*Idem ibidem*: 32).

Ainda hoje esta partilha é motivo de vergonha. Em entrevista para o MUSEU DA IMIGRAÇÃO (1997b), Chow Chin Chien comenta a situação da cidade de Shanghai na época: “(...) falando é uma vergonha porque depois perdeu a guerra para oito aliados de Europa, então tem concessões. Cedeu terreno dentro de Shangai mesmo para facilita comércio dessa... ingleses, japoneses, franceses, italianos, então todo mundo tem concessão lá. Lugarzinho que hoje... chinês não... não controla, eles mesmo que controla (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 6)”. Hong Kong, por sua vez, conforme já dito, foi motivo de maior vergonha: uma ilha, com cerca de 1.500, 1.600 km quadrados, e que foi “dada” para os ingleses no fim do século XIX como reparação pela Guerra do Ópio, diz Chu Wan Tai ao MUSEU DA IMIGRAÇÃO (1997c: 4-5). A leitura da versão da REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (1980) sobre o fato deixa claro que esta é ainda uma ferida aberta. “Então é uma colônia britânica, portanto você tem um governador mas todas as pessoas que moravam na ilha eram de origem chinesa, sobretudo os imigrantes que vinham na china continental. Lei?, eu acho que não havia lei, seria um grande campo de refugiados, essa é a imagem que eu tenho. Porque muitos chineses saíram da China sem nada, com muitas dificuldades. Então eu era criança e achava tudo aquilo divertido, não havia digamos... dificuldades como hoje se enfrenta num campo de refugiados, mas as condições eram extremamente precárias (...) Então o Hong-Kong que hoje é apresentado ao mundo como uma grande obra da civilização britânica, eu de livre testemunho posso dizer que não é bem verdade (risos). Porque se tivesse feito nós não teríamos saído (risos), então não havia muita perspectiva assim em Hong-Kong naquela ocasião, como não havia em Singapura (*sic*), como não havia em Filipina. A título de curiosidade a Singapura (*sic*) durante muitos anos foi uma ligação com a Malásia né?, e maior fonte de receita da Singapura (*sic*) era o dinheiro deixado... pelos marinheiros ingleses junto as prostitutas locais” (depoimento de Chu Wan Tai para o MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 5-6). Sobre a comparação de Hong Kong a um campo de refugiados, isso remete à definição de AGAMBEN (2004) do campo como paradigma político da atualidade.

Voltando à emigração: “Teoricamente, entre os efeitos das emigrações, os mais ponderáveis são a atenuação das pressões demográficas dos países de origem e conseqüentemente a contribuição para o povoamento dos países de destino é a melhor utilização da mão-de-obra disponível, com elevação geral da produtividade” (YANG, 1974: 34). Conforme exposto, uma conjuntura regional na China francamente favorável à emigração existia pela crescente urbanização. Além disso, lutas internas, fatores de ordem ecológica e invasões estrangeiras submetiam o país a toda sorte de adversidades. O resultado foi a saída em massa dos chineses. O comércio de *coolies*, no início um fator de desenvolvimento das colônias no Ocidente, passou, gradativamente, a se tornar um obstáculo

a este próprio desenvolvimento (*Idem ibidem*: 38). “O comércio de coolie parece-nos não ter sido uma forma correta de imigração, na história chinesa. Na história humana este comércio foi uma passagem amarga” Em 1865, com a Independência dos Estados Unidos, cessou o tráfico de escravos, também por parte de ingleses e franceses. “Apenas o nome havia mudado para ‘sistema de coolie’. Na realidade tratava-se apenas de uma continuação da escravidão clássica” (*Idem ibidem*: 79). Cabe lembrar que, já em 1810, Portugal organizava em sua colônia em Macau a vinda oficial dos primeiros chineses ao Brasil para trabalhar no cultivo do chá (PEREIRA, 2004). Segundo HUI (1995) o comércio de *coolies* durou oficialmente dos anos 1840 aos 1920 e consistiu em “sinistros experimentos em ‘países civilizados’”, pois ocorriam em colônias sob o domínio europeu, que usaram deste recurso por ser economicamente vantajoso. Os *coolies* eram chamados *chu-tsai*, ou porcos humanos, nada mais que escravos. A decadente dinastia Qing não teve como evitar este comércio – aliás, a frágil situação do país contribuiu para a existência dos *coolie* (HUI, 1995).

O deslocamento de grandes contingentes do interior para a costa já pressionava a partida dos chineses para o exterior. Eram migrações não organizadas, individuais ou de grupos e tinham caráter sazonal, processando-se dentro das próprias fronteiras da China (migrações internas) por agricultores, artesãos ou negociantes. Eram deslocamentos causados pelo êxodo rural e o contexto de desenvolvimento urbano que sacudiu os séculos XIX e XX. Enquanto a leste da China encontra-se o oceano Pacífico, a oeste e noroeste os planaltos montanhosos e desertos. Os inimigos que vinham do norte e nordeste penetravam o interior chinês dificultando a imigração terrestre naquela direção. Porém, no litoral sul da China a navegação facilitava a emigração. Os ocidentais chegavam à China através de barcos a vapor possibilitando aos chineses sua partida para lugares mais distantes. Os imigrantes procuravam chegar à Malaia, Índia e Filipinas, atraídos pelo clima moderado e pela abundância de produtos comercializáveis. 80% da população chinesa concentra-se em 15% da área do país. O norte é marcado pela diversidade de climas, pelo deserto de Gobi e estepes siberianas. A oeste e sudoeste estão as montanhas estéreis e os desertos. No vale do Sin-kiang habitam tribos muçulmanas. “No rio Amarelo, uma média de 350 a 400 hb/ km² dedica-se à agricultura como se praticasse a jardinagem” (YANG, 1974: 24). Como já se viu, o sul do país tinha condições especiais, apesar da miséria generalizada. A maior parte dos imigrantes chineses vinha destas províncias, devido ao excesso de moradores e às condições montanhosas do terreno. As derrotas sucessivas sofridas pelos chineses, ligadas à fraqueza do regime manchu, estimulavam grande número de chineses a agir (YANG, 1974: 22-29). Contudo, não raro os chineses eram vítimas de sequestros, raptos, cativoiro, engodos e enganações para serem postos nos navios rumo às colônias (CASSIANO, 2001; EVANS,

1989; DERPICH GALLO, 1976). Na qualidade de comerciantes, artesãos e trabalhadores *coolie*, os tradicionais *huaqiao* foram ao exterior, mas seguindo práticas de comerciantes e migrantes de dentro da China, trazendo uma cultura de base familiar (GUNGWU, 1994: 141).

Por considerar os emigrantes covardes e traidores da pátria-mãe, o Império Chinês inicialmente os condenava. Entretanto, ao longo do século XIX o governo foi vendo nos expatriados uma larga fonte de contribuições financeiras e lealdade – eram sólidos investidores na China. Passou então a valorizá-los, criando uma rede de associações de amparo aos emigrantes no exterior (McKEOWN, 1999: 323). Cria-se então a noção de *chinês ultramarino*, aquele que, mesmo no exterior, nunca deixa de ser chinês. Dentre os apelos para se criar uma identificação comum, o de que todos os chineses são filhos do Imperador Amarelo, uma herança cultural construída (McKEOWN, 1999: 330). HOBBSAWN (1990) e GELLNER (1983) mostram o nacionalismo como o resultado de um trabalho de construção artificial por parte do Estado na Europa. Na China não seria diferente. “A emergência da China como crescente potência econômica abasteceu o interesse numa cultura diaspórica, mas isso é só um nexo numa teia muito mais complexa de oportunidade e mobilidade econômica” Ex-exilados teriam ainda fundamental papel na instauração da República (McKEOWN, 1999: 330).

Além de estar esfacelada pelos domínios estrangeiros, a China Imperial enfrentava internamente movimentos muçulmanos no Sin-kiang (1864-1878). Os vizinhos russos e japoneses também não deixaram de se aproveitar da fragilidade do Império. Após vencer a Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), o Japão passou a dominar o rico sul da Manchúria, Formosa (até 1945) e a Coréia (anexada de 1910 a 1945). A China também perdeu o Porto Arthur e a Ilha Pescadores (HAESBAERT, 1994: 19; FREITAS, 2001: 109-110). Além dos países citados, Alemanha e França também sabotavam o Celeste Império (CHUNG 2005). Todos estes fatores levaram ao fim do Império em 1911, quando foi proclamada a República. Interessante observar que, já nos seus extertores, em 1909, o Império Chinês se aproxima do Brasil, assinando com ele uma Convenção de Arbitramento (VITA 2004). Pouco antes, em 1881, haviam sido iniciadas as relações diplomáticas entre os Impérios (China e Brasil) com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação (FREITAS, 2001). O fim do Império não significou, entretanto, o fim de uma cultura política e social milenar na China. A história da China é fortemente marcada pela repressão, e isto não se apaga facilmente, como observou ZHANG (2005: 55). Para HAESBAERT (1994: 16) as reformas modernas não abalaram a China semifeudal e despótica. Culturalmente, conforme ver-se-á no Capítulo 3, a China imperial imprime sua marca entre chineses e descendentes até hoje. CHUNG (2005); GAARDER, HELLERN e NOTAKER (2001); ELVIN (1994); KING (1994), SANG (2003),

Chu Wan Tai (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c), entre outros, descrevem a importância do confucionismo e do taoísmo na formação da cultura chinesa, levando à valorização da hierarquia e das relações sociais. Em TAN (1989) e Che Tung Chum Cheung (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a) também isso fica visível. Autores como HAESBAERT (1994), CARVALHO (2003, 2005 e 2006), BUCK (1961; 1981), Augustin Berque (*apud* HAESBAERT 1994), HUTINGTON (1997), OVEJERO (2004) e CHUNG (2005) descrevem e analisam características culturais gestadas ao longo dos milênios do Império Chinês, presentes na atualidade.

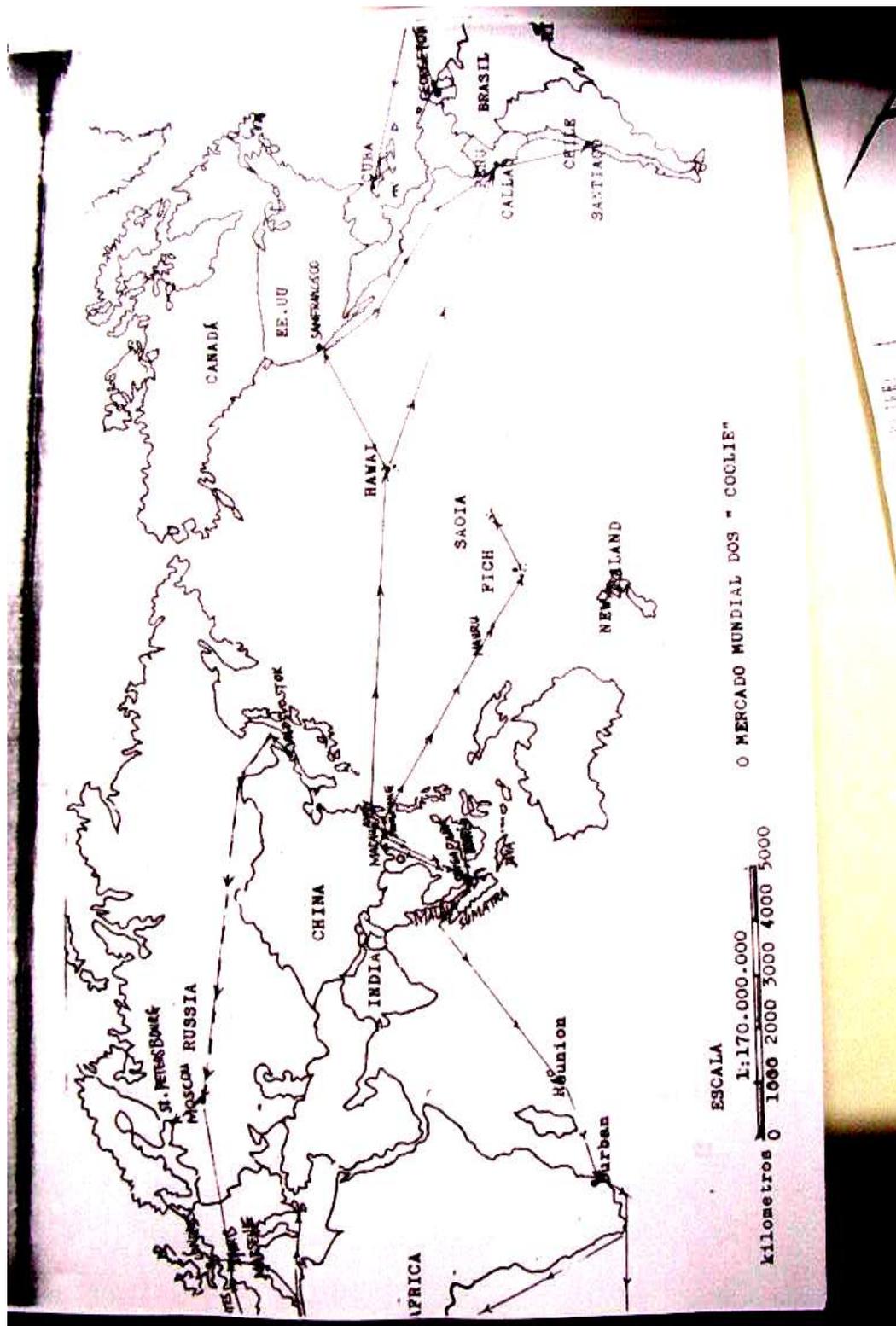


Figura 1.1. O mercado mundial dos coolie. Fonte: YANG, Alexander Chung Yuan (1974). A escala referida é mostrada numa folha tamanho A4.

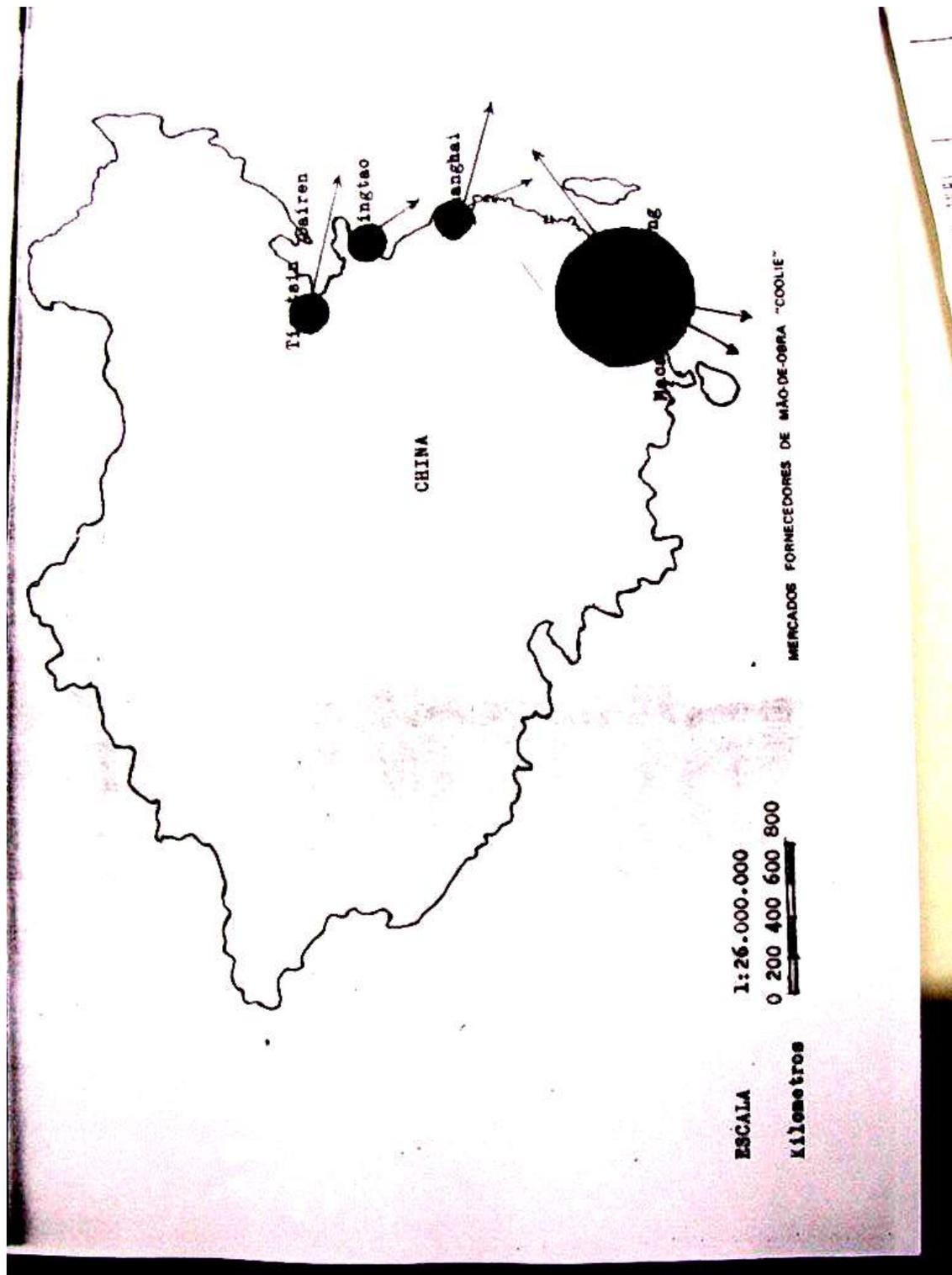


Figura 1.2. as maiores regiões fornecedoras de mão-de-obra *coolie* na China. Fonte: YANG, Alexander Chung Yuan (1974). A escala referida é mostrada numa folha tamanho A4.

1.4. A breve República (Nacionalista) da China (1911-1949)

“O começo do século XX assistiu ao fim do ciclo dinástico Qing e os primeiros passos de uma forma republicana importada da Europa” (CABRAL FILHO, 2002: 25). Em 1900, o médico Sun Yat-sen fundou o Partido Nacionalista (Kuomintang), em oposição à monarquia e à hegemonia estrangeira. Foi proclamado presidente provisório em 1911, mas a república não conseguiu estabelecer seu domínio sobre todo o país. “No momento em que o Kuomintang assumiu o poder, a China ficou como uma casa em ruínas. Dezesseis anos de guerras civis, período no qual não houve República senão no papel” (DUBARBIER, 1966: 37). No início de 1920, Dr. Sun Yatsen, então líder do Partido Nacionalista Kuomintang (KMT), aceitou a ajuda dos soviéticos. Com este apoio, em 1922 estava em condições de forjar uma aliança com o recém-fundado Partido Comunista Chinês (PCC), e começou o esforço de reunificar a China destrozada pelos líderes feudais em guerra. Ele morreu de câncer em 1925, e o general Chiang Kai-chek assumiu a liderança do KMT e, logo em seguida, lançou sua famosa “Expedição ao Norte” de Guangzhou até Shanghai, unificando o sul da China e, mais importante, dando controle da desembocadura do Rio Amarelo. Uma vez em Shanghai, o general Chiang, que nunca simpatizou com os comunistas, iniciou uma perseguição aos membros desse partido, e entre os poucos que conseguiram escapar desse massacre estava o jovem Mao Tsé-tung. Em 1934 os comunistas foram, então, forçados a abandonar suas bases urbanas e fugiram para o campo. As forças do KMT auxiliadas pelos “conselheiros” (alemães) tentaram caçá-los e eliminá-los. Essa fuga ficou conhecida como a “Grande Marcha”. Quando os comunistas a começaram, contavam com aproximadamente 100.000 homens e mulheres. Em 1935, quando finalmente pararam, tinham viajado por quase nove mil quilômetros, e restavam apenas quatro a oito mil sobreviventes. “Parte do motivo dessa longa marcha é que eles não tinham a menor idéia para onde estavam indo, e parte porque foram frequentemente açoitados, em muitos lugares, pelos chefes militares da região (...)” (CHUNG, 2005: 56-57). Como se vê adiante, KRISTOF (2005) comenta diferentes visões deste evento, tão importante na construção do mito Mao Tsé-tung. Debilitada pelo conflito, a China não conseguiu resistir ao Japão, que, em 1931, invadiu a Manchúria e criou o protetorado de Manchukuo, sob o governo fantoche de Pu Yi, o último imperador Manchu. Paralelamente prosseguia a guerra civil. Taiwan continuava sob domínio japonês desde 1900, onde permaneceria até a derrota do Japão na II Guerra. William Woo relembra que seus ancestrais japoneses eram parte do governo de Taiwan, do braço direito do Imperador Meiji (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002). Um país transformado numa anarquia, mas a que Chiang Kai-chek queria dar nova direção: formação do governo, reconstrução do país e acordos novos com as potências estrangeiras (DUBARBIER, 1966: 37). As guerras civis e invasões estrangeiras,

entretanto, não foram suficientes para derrotar a nação chinesa (CABRAL FILHO, 2002: 25). No período da República da China muitos entrevistados nasceram e cresceram, podendo relatar o descontentamento que havia em relação à presença estrangeira, como se vê a seguir,

Em fins dos anos de 1940 e início dos de 50, apesar de ser um protetorado britânico, Hong Kong ainda estava longe de ser ocidentalizada. Apesar de as pessoas usarem trajes ocidentais, a cultura chinesa ainda estava muito imbuída. O mesmo se dava com Shanghai, que era a cidade mais avançada na China da época, mesmo com alto grau de exposição a culturas do exterior - porque estava dividida em concessões estrangeiras – segundo o entrevistado Lawrence Phi (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 6). Na II Guerra Mundial a situação ficou ainda mais complicada. A chinesa Ho Shen Di Vae, ou Dalva, conta que quando tinha oito anos, estourou a II Guerra – e por isso ela teve que ir a Shanghai. Com medo da invasão japonesa, todo mundo foi pra lá, porque lá seria um lugar seguro. Nas concessões estrangeiras, tais como a inglesa e a francesa, os japoneses não podiam entrar. As tais concessões estrangeiras em Shanghai existiam porque a China estava fraca, “mole”, e que por isso os estrangeiros “alugavam” lotes na cidade e montavam suas próprias cidades. André, ou Hong Ning Yet, o marido de Dalva, relembra a segurança que havia nas concessões. “Então chinês quer buscar mais salvação, mais livre então todo mundo entrar aquele de... bairro de Inglaterra, até bairro de... (...) Francesa” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i: 29).

Nascido em 1924 no interior da província de Hebei, Padre Pedro relata para esta pesquisa algumas dificuldades da República Nacionalista. Filho de agricultores, tinha muitos irmãos, mas só ele teve oportunidade de estudar mais. Muitos de seus irmãos seguiram só até o Ginásio. Outros não estudaram quase nada. Só ele foi ao seminário. Crianças agricultoras tinham poucas chances de estudar, como hoje. “Para ser padre tem que estudar” – comenta. Ele considera um milagre ter tido esta oportunidade.

Lawrence Phi, por sua vez, nasceu em Shanghai em 10 de dezembro de 1942. Seu pai, Phi Hao Ming, tinha indústria de confecção, calçados e operava armazéns gerais. Trabalhava com importação e exportação. Na verdade mais importação, porque após a II Guerra a China era carente de quase tudo. Por parte de mãe, a família era responsável pela manutenção de navios em todo porto de Shanghai. Uma família não só urbana, mas que também fazia parte do mundo empresarial de Shanghai (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 3). Em Hong Kong Lawrence estudou numa escola chamada St. Stevens, por cerca de três anos – estava no 3º ano quando saiu de lá. De 1948 a 1951 a família ficou em Hong Kong – e veio ao Brasil em 1952 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 4).

Che Wing Chue nasceu em Shanghai em 1928. A cidade já era grande e ele viveu lá por volta de cinco anos. Nesse período ele já começou a trabalhar. Aos cinco anos de idade foi ao interior em busca de trabalho, passando por vários lugares. Seu pai era plantador de arroz e ele morou em cidades pequenas, depois voltou a Shanghai. De lá foi para Hong Kong, e depois ao Japão. O que lhe chamava a atenção em Shanghai era muito comércio e indústria. Em Hong Kong, as facilidades de comunicação (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a).

James Lee Hoi On nasceu em Meichien no Cantão em 1927, onde conta ele, há língua e costumes próprios. A religião mais comum era o budismo, havendo também uma parte católica. A região vivia da agricultura, mas depois da abertura tem desenvolvido mais e mais a indústria de vários itens: chá, porcelana, calçados, calças etc. Foi à escola em sua terra natal. Falava, naturalmente, o cantonês, além do Hakka (“caipira”, como ele próprio denominou) e o mandarim. Saiu de lá aos 13 anos. Seu pai era agricultor, trabalhando com diversas criações e cultivos: peixe, arroz, batata doce, feijão e amendoim. Sempre que acabava a safra de arroz, ele diversificava e plantava outras coisas. Aos 13 anos, James mudou-se para Guangzhou, a capital da província, e lá ficou até parte do colegial. Em 1943, em plena II Guerra Mundial, mudou-se para a Indonésia, onde ficaria por três anos. Cabe ressaltar que sua família, embora chinesa, havia passado três gerações na Sumatra, Indonésia. Assim que voltou à China, James nasceu. A Guerra acabou em 1945 e em 1946 James foi a Hong Kong, então um protetorado britânico. Ele apreciava a liberdade que tinha lá. Segundo ele, naquela época havia apenas de 300.000 a 400.000 pessoas lá, bem diferente dos atuais sete milhões. Em Hong Kong James estudava. Terminou o colegial e aprendeu contabilidade. Estudava durante o dia e trabalhava com contabilidade à noite numa fábrica de tecido (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e).

Chow Chin Chien nasceu em Nanquim em 19 de janeiro de 1917. Cidade famosa, foi a capital quando a China expulsou o governo de Beijing e instalou um novo no sul (a República da China). O pai de Chow trabalhava em uma companhia inglesa comercial na cidade. Cuidava da parte administrativa e, como falava inglês, tinha uma boa posição. A mãe, por sua vez, era dona de casa. Seu avô era da Marinha da Dinastia Qing (manchu). Foi fazer faculdade de Engenharia Aeronáutica no Japão. “Não é muito comum, e quando formei inicialmente começou a guerra entre a China e o Japão, 1937. É que nossa guerra muito mais antes da segunda guerra mundial (...) Não eu foi... eu foi direto eu... como voluntário eu foi... foi na força aérea (risos), em China...” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 8) – ficou como intrutor da escola técnica da força aérea chinesa até 1945.

André (nome que Hong Ning Yet escolheu no Brasil) nasceu na China, perto de Shanghai em 10 de julho de 1925. Viveu na cidade natal até os 10 anos de idade. Com a

ocupação japonesa ele e a família fugiram para Shanghai, onde ficaram cerca de quatro anos. Mas seu pai era bancário e foi transferido para Hong Kong, onde ficou sozinho. Um tempo depois, por causa do conflito com o Japão, voltou para Shanghai. Quando esta cidade foi ocupada pelos japoneses em 1941, então André, sozinho e com pouco dinheiro, aos 16 anos, andou a pé de Shanghai até Chongqing, no centro do país, caminhando centenas de quilômetros. Na viagem, o pouco dinheiro que tinha foi roubado, e para agüentar a jornada teve que se juntar a amigos. Em Chongqing morou com o tio, que lhe deu dinheiro e possibilitou estudar até o colégio. Ele diz que era cidade grande, com cerca de 8 milhões de pessoas hoje. André se lembra que Nanjing, então capital do país, também fora ocupada pelo Japão. O pai, já de meia idade, ficara em Shanghai. E André viveu cerca de 4 anos em Chongqing. Na época da II Guerra, os Estados Unidos davam armas para a China lutar contra o Japão. Precisavam de pessoal mais qualificado para usar armas. Havia cerca de 100.000 jovens com a pretensão de salvar a China. Então André entrou como voluntário no exército e lá ficou dois anos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i).

Em 1945 a situação da China era a seguinte: dois exércitos inimigos ficavam face a face, o exército nacionalista de Chiang Kai-chek e o exército comunista. Estas duas forças, unidas contra o agressor japonês, deviam voltar a ser antagonistas uma vez desaparecido o perigo. Há quem diga, entretanto, que os comunistas se beneficiaram da presença japonesa no país, pois isso ocupou e enfraqueceu os Nacionalistas – facilitando a tomada comunista do poder em 1949. Chiang Kai-chek teve então de se transferir para Formosa. DUBARBIER (1966) faz uma interessante análise da vitória comunista: “O comunismo na China está menos para a luta por uma idéia do que para a vitória de um novo clã” (DUBARBIER, 1966: 48).

Pearl BUCK (1981) analisa a situação: “Contudo, nestes últimos vinte anos [ela escreve em 1949], muita coisa aconteceu. Houve uma guerra mundial, onde a China teve o papel mais amargo de todos os tempos. Milhares morreram na Europa, mas milhares morreram na China. Dos que não pereceram, cinquenta milhões foram obrigados a abandonar seus lares e sua terra para poderem escapar à destruição. Mais de uma centena de milhares permaneceram na terra, numa tentativa de sobrevivência. Atualmente, um governo caiu e outro está lutando pelo poder. Este também poderá cair” (BUCK, 1981: 9-10). Os 50 anos seguintes levariam a uma nova postura chinesa, de forma a modificar profundamente a percepção ocidental. A partir de 1945, os norte-americanos desenvolveriam um conhecimento sobre a China comprometido pela ideologia da Guerra Fria, em que a perceberiam como uma ameaça vermelha (CABRAL FILHO, 2002: 25). Para CHUNG (2005), a série de eventos conturbados do período da República (Nacionalista) da China levaram à tomada comunista

do poder, com apoio popular – e também a uma crescente desconfiança em relação ao estrangeiro. “Os nacionalistas (...) eram desorganizados e corruptos, defeitos que só pioraram com o fim da Segunda Guerra Mundial” (CHUNG, 2005: 58). Como dito, os comunistas foram de certa forma beneficiados pela invasão japonesa, à medida que os Nacionalistas estavam ocupados na sua expulsão. Isso fez com que os comunistas derrubassem mais facilmente seus inimigos. Em outubro de 1949 os líderes nacionalistas fugiram para Taiwan, e Mao Tsé-tung proclamou a criação da República Popular da China (RPC). “Curiosamente, enquanto as forças vermelhas estavam ocupadas em reunificar o sul da China, não se preocuparam em reintegrar Hong Kong e Macau, embora fosse muito fácil fazê-lo na época, porque os ingleses e portugueses não estavam em condições de protestar” (CHUNG, 2005: 58). O Partido Comunista Chinês, liderado por Mao Tsé-tung, venceu a guerra civil, criando a República Popular da China e estabelecendo uma economia planificada nos moldes socialistas (FREITAS, 2001: 110). Resultado: “As fronteiras foram, então, novamente fechadas por mais de 30 anos” (CHUNG, 2005: 29). No que tange a emigração, o período 1842-1949 é considerado por McKEOWN (1999) como a migração chinesa “moderna”, sempre relacionando-a a processos globais, que geralmente são deixados de lado em histórias baseadas em nação (McKEOWN, 1999: 307-308). Padre Pedro faz a seguinte divisão da imigração chinesa: os velhos imigrantes são os anteriores a 1950, cerca de 3.000, a maioria vinda do Cantão. Ele atribui a interrupção do fluxo chinês da passagem do século XIX à metade do século XX ao envolvimento do país em guerras e referidas turbulências – por tudo isso não havia condições de tratar de emigração. Ela ocorria, mas de maneira limitada e sem atingir o potencial. Com a tomada comunista, tirando-se a grande onda inicial de pessoas que saíram logo após a Revolução, o isolamento iria marcar a redução da emigração na República Popular da China por décadas.

1.5. A China e a Guerra Fria

“Vá eu para o leste ou para o oeste,
Para trás ou olhando por cima, sempre estará o Rio do Esquecimento,
Sempre a China do outro lado do arame farpado –
Uma lenda, um rumor vestido do tempo
Em alguma página, qual página de minha infância?

(...)

Vá eu para o norte ou para o sul
Renda com franjas decora meu terror
Um estranho no exterior
Um prisioneiro em casa

É tudo igual, dentro e fora da rede
Um peixe destinado à dor”

“River of Forgetting”– Yu GUANGZHONG (1981: 256-258)³.

“China, oh China
Quando vamos parar nossas discussões?
China, oh China você é grande na minha garganta, tão difícil de engolir!
O Rio Amarelo corre torrencialmente em minhas veias.
A China sou eu, eu sou a China.
Cada desgraça sua deixa uma marca impressa em minha face. Estou desfigurado.
China, oh China você é uma doença vergonhosa que me assola há trinta e oito anos.
Se você é minha vergonha ou meu orgulho, não posso dizer”

– Yu GUANGZHONG (1971).

Após 1949 a China passa por uma revolução e tem o seu modo de produção radicalmente transformado. A República da China (governo Nacionalista) dá lugar à República Popular da China, que se autodenomina Socialista. Muitas controvérsias existem a respeito do enquadramento ou não nesta categoria. MARTINS (2004) argumenta que a China é uma economia socialista com características chinesas – o que pressupõe a economia de mercado, uma vez que mercado não é sinônimo de capitalismo. Exemplo disto é que o mercado existe desde a Antiguidade e todas as sociedades, capitalistas ou não, realizam trocas comerciais. Já João BERNARDO (1975) tem uma visão diferente. Para ele o regime chinês nunca se enquadrou na categoria do Socialismo, uma vez que nunca eliminou os antagonismos sociais. Seus escritos datam de desde antes da modernização e abertura do país, na década de 1970. No período ele já vinha alertando para o fato – ele designa o regime chinês como *capitalismo de Estado monopolista*. “A exploração não é só o campo de minhas concepções centrais, mas – e muito mais do que em Marx – é o campo único de toda a concepção do antagonismo social” (BERNARDO, 1975: 5). “A repartição da mais-valia é a base da composição interna da classe capitalista, da formação de grupos de exploradores e das relações entre eles” (*Idem ibidem*: 219). “No capitalismo de Estado monopolista, a posse directa da força armada por cada grupo de exploradores é tão importante como o fora, por exemplo, na Itália renascentista. Daí que Machiavelli, deixado sem utilização directa pelo insípido jogo do civismo parlamentar, mas que voltara já a poder realizar-se com as formas mais desenvolvidas do capitalismo monopolista de Estado (...), possa agora aplicar-se plenamente à forma de relação mútua dos capitalistas de Estado. O Grande Timoneiro é

³ Poeta, segundo Vera SCHWARCZ (1994), arrancado da China pelos eventos de 1949 e que nunca se reconciliou com a realidade de sua alma fragmentada. O lamento não era reconfortante e ele estava condenado a lembrar-se, não podendo beber das desejadas águas do Rio do Esquecimento da mitologia grega. “Vinte anos após a ‘perda da China’ (...) Yu Guangzhong não pode apagar a lembrança de sua terra natal. É lá do outro lado do arame farpado, um lembrete de que é impossível ser chinês exceto em algum relacionamento cheio de tensão com a terra e o tempo da China” (SCHWARCZ, 1994: 67).

o novo Príncipe” (*Idem ibidem*: 223). “O regime econômico chinês é capitalista, não por causa da diversificação dos salários, mas porque não existe nele o domínio social sobre a produção e esta é aferida pela rentabilidade imediata, pelo critério do tempo de trabalho incorporado nos produtos, pela lei do valor” (*Idem ibidem*: 245). O autor mostra que as elites chinesas se converteram em “nova burguesia de Estado” (*Idem ibidem*: 242), e continuaram poderosas e influentes. Quando o governo desapropriou antigos proprietários de terras, “indenizou-os” com altas quantias e dividendos, escapando-os das falências que sempre ameaçam em regime de livre-empresa (*Idem ibidem*: 242-243). O proletariado continuou derrotado como sempre, subordinado ao quadro geral do Estado burguês (*Idem ibidem*: 274). AGAMBEN (2004), por sua vez, analisa as revoluções do século XX: “No entanto, acabamos cedo ou tarde nos identificando com o inimigo cuja estrutura desconhecemos, e a teoria do Estado (e em particular do estado de exceção, ou seja, a ditadura do proletariado como fase de transição para a sociedade sem Estado) é justamente o escolha sobre o qual as revoluções do nosso século [século XX] naufragaram” (AGAMBEN, 2004: 19). De qualquer forma, para efeito desta pesquisa, apesar da polêmica, a República Popular da China e seu sistema continuam sendo chamados comunistas, como se auto-denominam.

BONALUME NETO (2002) apresenta uma visão particular do chamado “socialismo real” – no contexto dos muros que sempre dividiram a humanidade: “A muralha chinesa, a maior obra de fortificação da história humana, com seu total de 2.600 km, foi sendo construída ao longo dos séculos. Impediu muitos ataques de inimigos como os mongóis e os manchus, mas não impediu que dinastias de povos ‘bárbaros’ governassem Pequim por largos períodos. (...) Ironicamente, aquele que deve ter sido o mais bem-sucedido dos muros —pelo menos enquanto existiu—, o Muro de Berlim, tinha uma função oposta: servia para impedir a fuga da própria população da antiga Alemanha Oriental, não para coibir a entrada de outras pessoas nesse paraíso do dito ‘socialismo real’ (...) O Muro de Berlim e o restante da fronteira das duas Alemanhas, toda ela cercada e minada, mesmo assim não conseguiram impedir algumas pessoas mais determinadas de fugirem. (...) Por mais odioso que fosse, o Muro de Berlim pelo menos congelou a tensão entre Leste e Oeste, evitando a repetição de uma crise —como o bloqueio da cidade pelos soviéticos em 1949— que poderia ter detonado a Terceira Guerra Mundial” (BONALUME NETO, 2002).

De 1949 a 1978 a China tinha uma estratégia industrial voltada para dentro (auto-suficiência), com propriedade de Estado e economia centralmente planejada, bem diferente do Ocidente, cujo desenvolvimento era voltado ao comércio. O comércio exterior era pequeno, e as relações diplomáticas, praticamente inexistentes, a não ser com parceiros

socialistas. A tecnologia era importada, assim como fábricas inteiras. Entretanto, buscava-se a autossuficiência tecnológica. A pesquisa era feita nos moldes soviéticos, e o planejamento econômico central também (prioridade à indústria pesada e comércio supertaxado) (HUIJIONG, 1994).

O direcionamento tomado pela China a partir de 1949 trouxe profundas consequências nas décadas seguintes, dentre elas o Grande Salto para a Frente e a Revolução Cultural. Após a morte do ditador soviético Josef Stálin, em 1953, Mao Tsé-tung enfatizou sua autonomia em relação à URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Em 1956 lançou a Campanha das Cem Flores, para estimular as críticas da população às autoridades e diminuir o poder da burocracia partidária. Quando essas críticas ultrapassaram os limites considerados “toleráveis”, o regime reagiu com a Campanha Antidireitista. Milhares de intelectuais foram perseguidos, presos e mortos. Em seguida, Mao lançou outra campanha: o Grande Salto Para a Frente (1958-1960), que pretendia transformar a China em uma nação desenvolvida e igualitária em tempo recorde. Os camponeses foram então obrigados a se juntar em gigantescas comunas agrícolas. Siderúrgicas improvisadas foram instaladas em toda parte. O projeto levou à desorganização total da economia, e milhões de camponeses morreram de fome. “De 1954 a 1964, o planejamento errado, baseado em teorias coletivistas mirabolantes, a desmotivação na produção comunitária e uma péssima administração governamental acabaram matando de fome 30 milhões de pessoas na China. Oficialmente, até hoje o governo culpa ainda as condições climáticas pelo desastre” (CHUNG, 2005: 58-59). KRISTOF (2005) conta que para Jung Chang e John Halliday, foram 38 milhões. Além deste fator político, cabe destacar também as restrições ambientais, que, como destacado por MORAES (2005), comprometeram seriamente a segurança alimentar do país. A relação com a União Soviética, que já vinha se deteriorando, desfez-se em 1962, quando a ruptura foi completa, e a China começou a se posicionar como uma “outra” superpotência, apesar de o povo estar ainda sofrendo das consequências desse “Grande Salto” (CHUNG, 2005: 59).

De 1966 a 1976 a China passou pela Revolução Cultural – ou, como chamou CHANG (2004), o Grande Expurgo de Mao. O movimento do período foi de radicalização, ou melhor, sectarismo político-ideológico e isolamento, visando a auto-suficiência do país. Liderado por Mao Tsé-tung, o movimento teve seu auge entre 1966 e 1969. “As origens dessa revolução cultural são vagas, mas possivelmente, em parte, deveu-se á ruptura da camarilha de Mao com o resto do PCC (...) Em termos de caos, sangue e destruição, ela pode ser comparada á Revolução Francesa, só que na proporção chinesa” (CHUNG, 2005: 59). Conta ZHANG (2005): “Em 1966 Mao concluiu que aquela revolução não havia avançado o suficiente. A maneira como as pessoas pensavam não tinha mudado. Então, ele desencadeou a fase

seguinte da reforma – a Revolução Cultural. Mao queria livrar-se das velhas idéias, da velha cultura e dos costumes da China, substituindo-os por idéias novas e melhores. As velhas idéias, segundo ele, era defendidas pelos maus, os ‘pretos’ – proprietários de terras, intelectuais e até funcionários e quadros do Partido Comunista que usavam suas posições para conquistar privilégios. As idéias novas eram defendidas pelos bons, os ‘vermelhos’ – camponeses, operários e integrantes do Exército” (ZHANG, 2005: 55).

Mao teria conclamado os jovens estudantes a se rebelarem contra todas as formas de autoridade, e estes o fizeram com entusiasmo, criando os Guardas Vermelhos (CHUNG 2005: 59). Sua função era patrulhar os chamados inimigos do povo, os maus, os “pretos”. Denunciavam até os familiares. O pequeno livro vermelho de Mao era distribuído e seguido como lei. ZHANG (2005) dá seu testemunho do período: “Os Guardas Vermelhos abraçaram a causa de Mao com entusiasmo. Mas qualquer um podia vestir uma jaqueta do Exército, comprar uma braçadeira e formar um grupo da Guarda Vermelha. Em vez de divulgar o pensamento de Mao e de se tornarem um bom exemplo, os Guardas Vermelhos começaram a lutar entre si, cada grupo reivindicando ser os verdadeiros soldados de Mao (...) Logo a China estava mergulhada no caos (...) Foi um período exaustivo, confuso e assustador. Alguns jovens acabaram por se cansar e se aborrecer, retornando à escola. Outros começaram a questionar a luta, ao verem como os Guardas Vermelhos destruíam tudo à sua volta” (ZHANG, 2005: 59-60). Artistas e intelectuais foram banidos, acusados de reacionarismo. Depois disso, houve a ida para o campo. “No verão de 1968, Mao ordenou que a Guarda Vermelha se desmobilizasse. Alguns voltaram para a escola; outros foram mandados para o campo. Famílias acabaram sendo divididas. Milhões de jovens, nascidos e criados nas cidades, receberam ordem de deixar para sempre suas casas e de se estabelecer em aldeias. Eles aprenderiam com os camponeses, os camponeses aprenderiam com eles, e as diferenças entre campo e cidade, entre os educados e os não-letrados acabariam sendo eliminadas. Os antigos Guardas Vermelhos deveriam agora ajudar a construir a nova China de Mao, dedicando-se ao trabalho agrícola. Esse programa tinha o nome de *Shang-shan xia-xiang* – ‘Subir para as montanhas e descer para as aldeias.’” (*Idem ibidem*: 60).

Pouco a pouco, a ala reformista do Partido Comunista Chinês reconquistou suas posições. Deng Xiaoping, que havia sido preso, ressurgiu em 1975 como vice-primeiro-ministro e chefe do Estado-Maior. Em 1976, entretanto, foi destituído em um confronto político com a corrente chefiada pela mulher de Mao, Jiang Qing. Com a morte de Mao, no mesmo ano, ela tentou, sem sucesso, tomar o poder, apoiada por três dirigentes da ala extremista. O chamado Bando dos Quatro, como o grupo era chamado, foi acusado pelo fracasso do movimento, em 1976 (HAESBAERT, 1994: 104) e condenado à morte em 1980,

mas as sentenças foram relaxadas para prisão perpétua. Jiang Qing suicidou-se em 1991. O conturbado período deixou um legado cultural problemático na geração que viveu a Revolução Cultural. “Marcada pela violência, traição e quebra de promessas de uma década de frenesi ideológico, tal geração tornou-se não apenas cínica, mas, em muitos casos, moralmente sem leme. Religião, Confúcio, muito da cultura tradicional tem sido repudiado nos últimos quarenta anos” (DRUMMOND, 1994: 89).

Assim como a Alemanha e a Coreia, a China enfrentava uma “Guerra Fria” internamente. Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental se desafiavam mutuamente, assim como a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. A República da China (governo nacionalista), a partir do momento em que perde o poder no Continente, migra para a ilha de Formosa, onde se estabelece paralelamente. E começa a tensão no estreito de Taiwan, entre a República da China (nacionalista) e a República Popular da China (comunista). E tal tensão dura até hoje. Explicita DUBARBIER (1966), que para os Estados Unidos, Formosa é uma barragem anti-comunista bastante conveniente no Pacífico – e que por isso não cessa a ajuda econômica a esta ilha (DUBARBIER, 1966: 120-121). Entretanto, nem mesmo os Estados Unidos, nem a maioria dos países reconhecem a independência de Taiwan. Para os chineses não-comunistas, Formosa é um símbolo da não-aceitação do totalitarismo comunista (*Idem ibidem*:121) – mesmo que pouquíssimos tenham a coragem de contrariar a China continental e reconhecê-la como país, travando relações diplomáticas com ela.







Figura 1.3. Página atual e duas anteriores: cenas da Revolução Cultural retratadas por ZHANG, Ange (2005). Aqui é mostrada a violência com que intelectuais foram perseguidos no período, por inflamados Guardas Vermelhos, cartazes da época e por fim com o envio para campos de trabalho agrícolas.

Conforme assinalam o JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2005) e BROCKEY (2006), Vaticano e China romperam relações em 1957, o que dificultou em muito a vida dos católicos chineses. Padre Pedro saíra da China quando da Revolução do Comunismo. Nascido em 1924, era seminarista e com a Revolução todos os seminários seriam fechados. Havia ainda uma chance no sul da China, que era ocupado pelos soldados nacionalistas. Mas quando ele lá chegou, já não era possível estudar, pois o comunismo já havia ocupado tudo por ali. Então ele foi para Hong Kong e de lá para a Itália. Na Europa ele ficou até 1957, quando foi morar no Brasil, auxiliar a crescente colônia chinesa. Só com a abertura chinesa é que ele pôde voltar à China. Aliás, conta ele, que ele foi o primeiro padre internacional a entrar na China. Desde a Revolução, quando entrava um padre, era na categoria de “professor” ou mesmo “comerciante”. Quando MaoTsé-tung morreu, Padre Pedro disse: “Agora eu posso voltar.” Antigamente um padre tinha tanta dificuldade de conseguir um visto

porque, conforme visto, a China romperia com o Vaticano, que era tido como imperialista. Ele conta que depois da Revolução Comunista, cerca de 1 milhão e meio de chineses foram para Taiwan, muitos deles ligados aos Nacionalistas. E que foram estas pessoas que fizeram Taiwan crescer. Eles levaram muito dinheiro, ouro, dólares e outras riquezas.

Assim como Padre Pedro, muitos imigrantes chineses vieram ao Brasil neste período. Aliás, a década de 1950 foi para ele o início da maior onda de emigração da China. Muitas histórias de chegada de chineses relatam esta década e as posteriores. Segundo o JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (2007) foi a revolução comunista de 1949 que espalhou refugiados chineses pelo mundo, inclusive para o Brasil. Como exemplo disso, as histórias de Huang-Di, saído da China em 1956, além de Gao Xingjian (nomes fictícios), além do próprio Padre Pedro – “Quando questionados a respeito das causas de emigração, mencionaram, veementemente, a tomada do poder pelos comunistas, em 1949. Todos saíram da China via Hong Kong, diretamente para o Brasil, à exceção do padre, que antes esteve na Europa” (CASSIANO, 2001: 52). O já referido poeta Yu GUANGZHONG (1981) também saiu da China por causa da Revolução.

No caso do Brasil, a imigração chinesa não era tão numerosa ou organizada se comparada às de outros grupos. Mas o que se sabe é que a maioria dos chineses veio realmente após a II Guerra. “Não se sabe onde que vai procurar um lugar pra... a vida familiar é melhor. Se fica em... em continente está com medo que vai ter mais outro guerra, em Taiwan também tem medo que tem outra guerra” – diz Chow Chin Chien (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 24-25). Taiwan, vinha já de turbulências políticas, como a ocupação japonesa de 1900 a 1945, e depois de 1949 o clima de insegurança pela constante ameaça de guerra pelo governo de Pequim. A partir de 1950, surgem os novos migrantes – aqueles que já haviam saído da China Continental e se instalado em Hong Kong e Formosa. Agora queriam sair destes lugares, porque não havia segurança, sempre havendo a ameaça de invasão comunista. Emigraram, então, “para onde pode ter”. Tentavam vistos para os mais variados lugares. Em seguida vieram os próprios taiwaneses e chineses de Hong Kong, os nativos destes lugares, mais do que os chineses continentais. Muitos destes, aliás, não podiam sair porque o país era muito fechado. Muitos chineses vieram da Indonésia, do Vietnã e de Cingapura para o Brasil, também fugindo da ameaça comunista. Em Curitiba, Padre Pedro conta, existem muitos chineses vindos de Moçambique. Como Moçambique era colônia portuguesa, eles tinham passaporte português. Para vir ao Brasil não precisavam de visto. Moçambique estava adotando o comunismo também, e por isso muitos saíram também. Os chineses da Indonésia, por sua vez, podiam ir para a Holanda porque tinham o passaporte holandês (a Indonésia era uma colônia holandesa) e isso acontece até hoje. A Holanda até o

presente tem muitos chineses. Os chineses queriam muito sair da China, conta Padre Pedro. A maioria dos chineses que saiu do Vietnã foi aos Estados Unidos, na época da guerra naquele país. Muitas revoluções em vários cantos do mundo, daí a vinda de chineses. Fugidos de uma China partida, Feng e Yen Hsue haviam migrado de Taiwan ao Brasil em 1969 (BRUM, 2001).

Nas entrevistas coletadas, direta e indiretamente, identifica-se um padrão de população chinesa que migra ao Brasil fundamentalmente fugindo da perseguição política ou confrontação ideológica. Mesmo Ho Ning Yet e sua esposa saíram da China Continental em 1949, também por causa da Revolução. Foram para Taiwan, mas de lá, entretanto, tiveram que sair pelo campo de trabalho ser restrito lá (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i). Neste caso especificamente há uma forte motivação econômica. Há casos bem especiais, como o de Antônio Phee. É nascido nas Filipinas, mas por ser chinês étnico, sempre sofreu discriminação lá. “Eu tenho mais cultura filipina do que chinês. Porque me pergunta sobre história, geografia chinesa eu não sei, mas pergunta Filipinas eu sei. Eu fala mais fluentemente Filipina do que chinês.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 8). Ao mesmo tempo, enfrenta barreiras para entrar em Taiwan, mesmo tendo um passaporte da República da China. “Então não nasceu de lá eu não posso... ter direito, acesso a entrar né? Toda vez que eu quero entrar na Formosa, eu tenho que ir no consulado pedir uma permissão pra entrar” (*Idem ibidem*: 9).

No Brasil alguns grandes grupos empresariais pertencem a chineses étnicos. Por causa da Revolução Comunista de 1949, vieram os empresários mais antigos, considerados pioneiros. Muitos se dirigiram a Hong Kong e de lá ao Brasil, mesmo tendo deixado na China grande parte de seu patrimônio fixo. Famílias como Sieh, Wei e Phi saíram com algum capital e, ao chegarem ao Brasil, investiram em diversos setores e abriram empresas (FREITAS, 2004: 104). Membro de uma destas famílias, Lawrence Phi conta: “Como sendo capitalistas, meus pais acharam por bem imigrar e o meu primeiro estágio foi pra Hong Kong, onde nós residimos até 1951” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 3-4). Phi Hao Ming, o pai de Lawrence, conseguiu chegar ao Brasil com algum capital. Eles saíram da China em 1948, quando a Revolução estava em processo. Conseguiram salvar uma pequena parte de seu patrimônio. “Não... todo patrimônio fixo ficou na China. Ele teve a felicidade de conseguir a desviar rota de um navio de produtos importados, que havia sido pago já, mas que não chegou em Xangai ainda. Ele desviou esse navio para Hong Kong e com o produto da venda desses produtos, ele teve a oportunidade de recomeçar. Mas, obviamente uma pequena fração do patrimônio da família” (*Idem ibidem*: 4). CASSIANO (2001: 45-46) destaca as décadas de 1960 e 1970 como período de entrada mais substancial do capital chinês ao Brasil,

especialmente vindo de Taiwan, Hong Kong e outras regiões do Sudeste Asiático, como Indonésia.

Chu Wan Tai conta que, quando vivia em Hong Kong, era o período da Guerra da Coreia, “era o medo do comunismo, era o medo da expansão comunista no oriente, então os imigrantes queriam fugir desse pavor comunista. Então, após estudar dois anos na escola chinesa, meu pai resolveu que eu deveria aprender o inglês, então eu fui estudar em escola inglês. Onde eu estudei dois anos e aí no meio da aula me mãe me chamou, e eu feliz da vida porque podia cabular a aula e à noite entrei no navio e eis-me no Brasil, 45 dias depois aproximadamente.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 4). O pai de Chu não mais poderia continuar em Shanghai. Como era corretor de valores, era visto como pequeno burguês, capitalista. “É o primeiro que deve fugir” (*Idem ibidem*: 3). Por isso a família foi a Hong Kong logo em 1949.

Já Chow Chin Chien fala de um certo clima de medo que se passava na China comunista. “Claro, todo mundo fica um pouco mais com medo. Se realmente pessoas tem suspeito que vai... vai sofrer bastante, sem dúvida (...) Não deixa nada escapar (...) É tudo. Uma vez alguma coisa determinado ele tem que deixar executar. Até parece que como piada, agora tem que acabar com todas moscas. Acaba mesmo! Os estudantes (risos) vai lá cada um tem que matar uns tantos moscas e entrega (risos)” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 13). Ele acredita que muitos dos chineses em São Paulo vieram a partir da década de 1950 porque então as pessoas já não estavam agüentando a situação, as guerras e suas complicações. Uns preferiam o comunismo, outros preferiam o nacionalismo – e por não querer ficar envolvido Chow procurou um lugar mais tranqüilo “pra uma vida familiar mais confortável” (*Idem ibidem*: 24). Com a divisão entre Hong Kong e China, por sua vez, muitas famílias ficaram também divididas. Cada parte de um lado, sem trânsito livre entre a República Popular da China e Hong Kong, com a necessidade de vistos e burocracia. “De fato Hong Kong é tão pequeno ilha, se todo mundo vai lá que jeito? Aí estraga lá” – diz Joseph Chung Chien Liao (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 20). Em Taiwan por sua vez, um distanciamento ainda mais severo dividiu ainda mais as famílias.

Lawrence Koo também relatou sua experiência para esta pesquisa. A família de seu pai era um tanto incomum na China. Além de tradicional e rica, fez fortuna sendo latifundiária. Aliás, esta foi uma das razões para ir para Taiwan. Como visto, um regime comunista não seria condescendente para com quem tivesse posses. “E de fato, foi isso que aconteceu mesmo, né?” Já antevendo estes problemas, a família investira em educação. O pai e os tios de Lawrence foram mandados, cada um, cursar sua educação superior num país diferente. Um tio estudou na Alemanha, outro nos Estados Unidos, o próprio pai, no Japão, e

outros irmãos em outros países europeus. Este *background* diferenciado tornava a família incomum. A família ficou dez anos em Taiwan, “relativamente bem de vida”. O pai conseguiu abrir uma fábrica de blocos de concreto para construção, e por isso as coisas estavam bem. Frequentavam as altas rodas, a alta sociedade de Taiwan. Mas a partir de determinado momento o pai de Lawrence decidiu dar um novo rumo a sua vida. Ele teve uma experiência religiosa cristã, de fé, que o fez adquirir valores diferentes. Segundo Lawrence, passou a ter preocupações transcendentais, e queria dar uma educação diferente aos filhos, tirá-los do ambiente em que se encontravam. Queria então abandonar a vida de luxo e festas, e um novo ambiente contribuiria para esta mudança. Daí a idéia de sair de Taiwan. Em seu caso, mais claramente, as motivações não foram econômicas. O pai de Lawrence partiu, então, para a prospecção de outros países, decidindo-se enfim pelo Brasil. Uma das razões era que a sociedade brasileira era bem diferente da chinesa, ideal para se construir algo diferente. “Realmente o Brasil era o lugar do futuro, né? Desde aquela época o Brasil esteve deitado em berço esplêndido, né? Está até se tentando levantar, né?”

Joseph Chung Chien Liao trabalhou na IRO (*International Refugee Organization*), um braço da ONU para ajudar refugiados em Shanghai até 1949, depois se mudando para Hong Kong, onde trabalhou com importação e exportação até 1955. Ele se interessou pelo Brasil graças ao amigo brasileiro, o diplomata Josias Leão, que era “um homem direito” e contava muito do Brasil. Josias constantemente sugeria para Joseph se mudar para o Brasil, “fugir da China” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 11). Neste período juntou dinheiro suficiente para pagar passagem para o Brasil. Queria sair da China porque lá perdera tudo. As condições de vida eram muito difíceis por lá. Seu pai morreu cedo, aos 38 anos de idade, quando ele tinha 11. Ele não se lembra muito bem do que seu pai fazia, mas acredita que era algo relacionado a impostos num departamento de governo. Depois da morte de seu pai, Joseph e sua família não tiveram qualquer apoio do governo (pensão ou ajuda financeira). “Não, não não. Não tem nada, aquele tempo... aonde tem pensão? Nem tem... nem existe o nome, na China aquele tempo. Aquela tempo não tem nome de pensão em China. Não tem” (*Idem ibidem*: 8).

Há também que se destacar a história de Chang Dai-Chien – o mais famoso pintor chinês do século XX. Suas obras estão expostas em Tóquio, Nova York, Taipei, Hong Kong, Paris, Madrid, Londres, Bruxelas, Atenas, Chicago, Genebra e Boston (FREITAS, 2004: 111-112; FREITAS, 2001: 125). Já antes da Revolução Chinesa de 1949, preocupado em encontrar um lugar seguro para morar, o pintor viveu em diversas cidades e países, como Taiwan, Hong Kong, Índia e Argentina. Em 1953, ao parar no porto de Santos em meio a uma viagem, soube por um amigo de uma região de bom clima com terras à venda por um

preço conveniente. Mudou-se, então, para a cidade de Mogi das Cruzes em 1955 ele comprou um terreno no km 17 (hoje Taiacupeba) da atual estrada Mogi-Bertioga. Construiu ali “seu paraíso”, criou varias obras e dedicou-se ao ensino da pintura a alguns discípulos, dentre eles Sun Chia Chin, fundador da cátedra de chinês na USP. Ao ficar sabendo que uma represa inundaria suas terras, em 1970 Chang Dai-Chien mudou-se para Pebble Beach, na Califórnia. Em 1976, a convite do governo de Formosa, visitou a ilha para ver amigos e decidiu fixar residência em Taipei. Ali pintou seus últimos quadros. A enfermidade comprometia suas mãos e a catarata o impedia de definir as cores. Em abril de 1983, morreu em Taipei deixando sua quarta esposa e 16 filhos, dois dos quais continuaram morando no Brasil (FREITAS, 2004: 112).

Chu Wan Tai comenta a diáspora chinesa. “É, existe vários estudos feito por historiadores europeus tentando de uma forma ou de outra captar está diáspora. Naturalmente a imigração chinesa aconteceu talvez desde no... século passado [XIX] e talvez antes já tinha, mas digamos como um processo de saída eu diria que começou a partir de fim da segunda guerra mundial ou a partir dos anos 45 para 55. Porque no ano de 1949 houve a revolução comunista ou seja, houve já guerras civis no interior do país, houve esta ruptura, com a ascensão de um partido comunista muita gente não se adaptou ou não se adequou ao sistema e saíram” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 6). O grande fluxo da imigração chinesa no Brasil se deu a partir da década de 1950, mas a década de 1960 marcou uma significativa mudança no perfil dos chineses que deixavam a China (*huaqiao*, *huaren*) ou que re-migravam do Sudeste Asiático (*huayi*). Se antes havia muitos *coolies* e pequenos comerciantes, cresceu significativamente o número de estudantes e profissionais qualificados, preparados em termos técnicos, científicos e também comerciais, muitas vezes bilíngues e sofisticados como poucos de seus predecessores. Isso rejuvenesceu e deu novo brilho às *Chinatowns* de São Francisco, Vancouver, Toronto, Nova York, Los Angeles e Sidney. Pelo fato de estes imigrantes terem alto nível educacional, isso manteve os chineses mais chineses entre os não-chineses, à medida que trouxeram consigo a cultura letrada. Apresentaram ao mundo uma cultura chinesa cosmopolita que fala de igual pra igual com a cultura ocidental, garantindo mais adaptabilidade para os chineses como um todo e melhor *status* aos descendentes (GUNGWU, 1994: 132-133).

“Os principais motivos dessa migração foram as guerras que estavam ocorrendo na China e a falta de alimentos no País. A população crescia muito e em ritmo acelerado na China e as pessoas procuravam por novas oportunidades”, explicou o representante da comunidade chinesa no Conselho Estadual das Comunidades de Raízes e Culturas Estrangeiras (Conscre), Pedro So Kwan Keung (In: PEREIRA, 2004). A migração veio

também acompanhada de problemas que tornaram a questão complexa. “O fechamento das fronteiras da China após o estabelecimento da República Popular da China em 1949 enfraqueceu seriamente os laços das redes dos migrantes com suas aldeias natais. A divisão de governo entre Beijing e Taiwan também criou grande confusão e incerteza entre os proponentes do nacionalismo diaspórico” – o que o fez declinar (McKEOWN, 1999: 329).

Diferentes chineses têm diferentes perfis e motivações de migração. De *sojourners* (de caráter temporário) a imigrantes de caráter permanente, têm distintas identidades. Muitas vezes se identificam mais com Fujian ou Cantão do que com a China como um todo – e não raro se identificam mais com a vila local de origem (Taishan, Zhongshan, Panyu etc.). Chineses da Malásia, Tailândia, Indonésia e Filipinas apresentam mais frequentemente este tipo de identificação. Ou, como designa Tu WEI-MING, uma diáspora fragmentada (WEI-MING, 1994: 22). Tamanha foi a fragmentação que na ocasião do golpe de Estado do Presidente Suharto na Indonésia, foram mortas de 250.000 a 750.000 pessoas, incluindo milhares de chineses. “A China Continental estava ocupada em seu próprio holocausto, a Revolução Cultural” (WEI-MING, 1994: 22) e outras partes do mundo chinês como Hong Kong ou Taiwan mantinham-se distantes do que acontecia, isoladas a tal ponto de não tomar conhecimento da tragédia (WEI-MING, 1994: 22). Em 1970 os chineses das Filipinas também foram alvo do ódio das populações locais, atacados, mesmo constituindo um sexto da população do país (havendo mais de 100.000 chineses-filipinos, que por fim acabaram ganhando cidadania filipina). Antonio Phee conta que os descendentes de chineses eram lá hostilizados (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997). Lá o governo trabalhou para a integração de sino-filipinos, e a própria presidente Corazón Aquino visitou a província de Fujian, de onde vinham seus ancestrais, para melhorar o clima entre os dois países (WEI-MING, 1994).

Um fato de grande impacto na identidade dos *huaren* e *huayi* foi a suspensão da lei da dupla nacionalidade pela República Popular da China em 1980 (Art. 3 da lei Nacional da República Popular da China, de 10 de setembro de 1980, em vigor em 1981). Para muitos chineses da diáspora renunciar à nacionalidade chinesa e adotar a identidade de onde estavam foi motivo de agonia. A fuga massiva de cérebros da China nas últimas décadas (JORNAL BBC, 2007; WEI-MING, 1994) mostra o quanto o Estado-civilização perdeu seu poder de reter sua *intelligentsia*, e o sentimento quanto a esta questão se agravaria após o massacre de Tian’anmen de 1989. O sentido de ser chinês, que havia aterrorizado intelectuais chineses no exterior, tomou novas dimensões. Muitos vivendo no Ocidente por décadas, mas mantendo o passaporte chinês, revelavam ainda um certo grau de fé no Estado chinês. Com a mudança, isto seria redefinido (WEI-MING, 1994).

ZHANG (2005), XINRAN (2003) e CHANG (2004) são só alguns exemplos de escritores que tiveram de sair da China por criticarem o regime. Ange Zhang fixou-se no Canadá, ao passo que Xinran e Jung Chang se radicaram no Reino Unido. Ange Zhang retrata os acontecimentos da Revolução Cultural e Xinran publicou a história de mulheres chinesas de diversas gerações, em depoimentos. Jung Chang relata a história de três gerações de mulheres de sua família (avó, mãe e ela própria), desde 1909. “Vim para a Grã-Bretanha em setembro de 1978. Mao morrera dois anos antes, e a China começava a emergir do asfixiante isolamento que ele impusera ao país. Pela primeira vez desde a fundação da China comunista, bolsas de estudo no exterior foram concedidas por critérios acadêmicos, e não políticos. Pude sair do país depois de fazer os exames, e talvez eu tenha sido a primeira pessoa da província de Sichuan, que não tem saída para o mar e que na época abrigava cerca de 90 milhões de pessoas, a estudar no Ocidente desde 1949” (CHANG, 2004: I-II). Ao chegar ficou inebriada por tudo em Londres. Podia enfim escrever o que quisesse, mas perdera a paixão. “Para mim, isso teria significado voltar-me para meu íntimo, atentar para uma vida e um período nos quais eu detestava pensar. Eu estava tentando esquecer a China. Fui instantaneamente arrebatada pelo lugar onde chegara, que me parecia outro planeta, e só queria passar cada minuto embebendo-me daquele novo mundo” (*Idem ibidem*: I-II).

A autora dá mais exemplos de seu intenso encontro com o Ocidente: “Foi numa noite em York que me ocorreu a idéia de escrever um livro sobre minha vida passada. Um professor que acabara de visitar a China convidou-me para uma palestra. Ele mostrou *slides* de uma escola que vira, onde os alunos estavam tendo aulas em um dia gélido de inverno, em salas de aula sem aquecimento e com janelas totalmente quebradas. ‘Eles não sentem frio?’, perguntara o bondoso professor. ‘Não, não sentem’, respondeu a escola (...) Depois da exibição dos *slides* houve uma recepção, e uma mulher, talvez com dificuldade de arranjar alguma coisa para me dizer, comentou: ‘Você deve sentir muito calor aqui’. Esse comentário inocente magoou-me tanto que saí da sala abruptamente e chorei pela primeira vez desde que chegara à Grã-Bretanha. Não era um sentimento de ter sido insultada, mas um devastador pesar pelo povo de minha terra natal. Não éramos tratados por nosso governo como seres humanos dignos, e portanto alguns estrangeiros não nos viam como o mesmo tipo de humanos que eles eram. Pensei na velha observação de que as vidas não valiam nada, e no espanto de um inglês pelo fato de seu criado chinês achar insuportável uma dor de dente. Enfureci-me mais uma vez com os muitos comentários admirados de ocidentais que haviam visitado a China de Mao, para quem os chineses eram um povo extraordinário que parecia gostar de ser criticado, denunciado, ‘reformado’ em campos de trabalhos forçados – coisas que aos ocidentais pareciam um grande mistério (...) Remoendo esses pensamentos, recordei

minha vida na China, minha família e todas as pessoas que eu conhecia, e naquele momento desejei de todo coração contar ao mundo nossas histórias e como os chineses se sentiam de verdade” (*Idem ibidem*: VII). Ela enfrentou alguns problemas de comunicação porque os livros didáticos na China eram feitos por gente que não tinha contato com estrangeiros. Por exemplo, seus cumprimentos eram a tradução literal para o inglês de “Aonde você vai?” e “Você comeu?”, que na China são cumprimentos (CHANG, 2004). Na China também é difícil não ver o outro, no caso o Ocidente, com os próprios olhos. Continuando a ver o novo mundo que se apresentava a ela: “Quando cheguei a Londres, apesar de não conseguir ler muito – 1984 foi um dos primeiros livros que devorei, sempre maravilhada pela adequação entre a descrição de Orwell e a China de Mao” (*Idem ibidem*: IX).

Joseph Chung Chien Liao reluta em dizer sua opinião sobre Mao Tsé-tung (1893-1976), mas conclui: “Mao Tse-tung é uma pessoa ambicioso, e no início tá certo comunista acha esse governo corrupto tem que sair. Ele tava certo, mas depois pegar... também o poder... não é? Ele quer controlar tudo, até pensamento (...) Ele queima todo livro... ele quer que a gente fica bobo. Agora Mao Tse-tung, quando ele dá livro, quer todo mundo ler aquele livro vermelho, todo mundo tem que ler (...) tem que pensar como ele pensar (...) Ah! Não quero criticar esse político não” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 20-21). A mesma Jung CHANG (2004) de *Cisnes Selvagens*, juntamente com seu marido, o historiador Jon Halliday lançaram uma bibliografia de Mao Tsé-tung: *Mao: the Unknown Story*. Para KRISTOF (2005) o líder Mao é mostrado por eles como um psicopata, um assassino comparável a Hitler ou Stalin. Mas incrivelmente, diferente destes, conseguiu a proeza de ter sua imagem ainda idolatrada. Como teria conseguido este feito? Na imaginação chinesa o líder é parte do mito fundador da República Popular da China, espécie de “Rômulo e Remo”, com muita força no imaginário social – a glória de um ateu que se tornou um Deus (KRISTOF, 2005). O livro dos dois se ocupa em desfazer alguns dos mitos que cercam Mao. Nega que ele tenha sido um dos fundadores do Partido Comunista, e o mostra como um bajulador dos russos (tendo ascendido por isso). Ainda levanta a possibilidade de o líder ter colaborado com os japoneses contra o Kuomintang. Ele teria matado 4.400 “subversivos” do próprio exército, e sugere-se que a Longa Marcha de 1934 teria sido uma farsa – pois todos os 22 que comandaram a travessia da Ponte Dadu sobreviveram sem um arranhão. Nem a primeira esposa ele protegeu dos inimigos, e ele teria dito: “Eduquem camponeses a comer – e consumir mais sopa rala. O Estado deve tentar ao máximo... impedir que os camponeses comam demais”. Teria se prontificado a sacrificar 300 milhões de chineses na fome do fim dos anos 1950, início dos 1960. Não teria deixado o Primeiro Ministro Zhou Enlai se tratar de câncer, para que ele morresse antes de Mao. Tudo isso KRISTOF (2005) extraiu da dupla de autores, mas ele

questiona a exatidão de alguns dados apresentados por ela. A maioria das estimativas sobre as mortes da grande fome de 1958 a 1961 chega ao número 30 milhões. Por que razão os autores pegam uma estimativa que calcula o número em 38 milhões? KRISTOF (2005) ressalta, entretanto, legados positivos deixados por Mao:

- o regime gerou mais igualdade para a mulher; a situação da chinesa é bem melhor do que a da japonesa ou da coreana;
- a reforma agrária gerou condições para o bem-sucedido sistema agrícola familiar;
- acabou com a economia tradicional.

Mao é comparado a Qin Shihuang, o primeiro imperador, que viveu 2.200 anos atrás e unificou a China, foi responsável pela construção de parte da grande muralha e dos guerreiros de terracota, dentre outros feitos. Assim como Mao, estabeleceu os alicerces para a era seguinte, apesar das atrocidades (KRISTOF, 2005).

A China Comunista, apesar dos contatos geralmente restritos que mantinha com o exterior, fornecia serviços a países do Terceiro Mundo. Como exemplo disso HAESBAERT (1994: 80) destaca que em 1985 havia 50 mil técnicos no exterior, sendo 10 mil chineses muçulmanos no Oriente Médio. Além disso haveria um outro processo, ainda que embrionário, mas que poderia representar um sério complicador para o fortalecimento da comunidade chinesa na Ásia: a retomada da emigração de chineses com a abertura das fronteiras do país. Seria uma migração basicamente de trabalhadores de baixa qualificação para atender às necessidades crescentes de mão-de-obra em economias como a japonesa, a sul-coreana e mesmo a taiwanesa, para onde já se dirigiam milhares de migrantes chineses clandestinos.

Como observamos, até 1978 a China tinha uma estratégia industrial voltada para dentro (auto-suficiência). A propriedade era de Estado e a economia, centralmente planejada. Bem diferente do Ocidente, cujo desenvolvimento sempre foi voltado ao comércio. A China tinha um comércio exterior pequeno, e reduzidas relações diplomáticas. A tecnologia era importada, fábricas inteiras também. Entretanto, buscava-se auto-suficiência tecnológica, mas a pesquisa era feita nos moldes soviéticos, bem como o planejamento econômico central (com prioridade à indústria pesada e comércio supertaxado). No período das reformas (pós 1978) a industrialização se acelerou – resultado de investimentos (financiados por poupança interna). Descentralizou-se o controle do comércio, porém continuou havendo um planejamento central e outro, descentralizado, de acompanhamento (HUIJIONG, 1994). Se entre 1949 e 1978 a China ficou sob controle ditatorial, atingindo resultados econômicos medíocres, a partir deste ano Deng Xiaopin trouxe a reabertura das fronteiras e a liberação do desenvolvimento (CHUNG, 2005). Este processo era o resultado do programa de “quatro

modernizações” proposto por Zhou Enlai em 1975, que envolvia: agricultura, indústria, ciência e tecnologia e por fim, exército. As inovações feitas eram principalmente no sentido técnico-econômico (HAESBAERT, 1994: 104).

Assim, 1978 aparece como marco do “milagre econômico” chinês. Coexistiriam o socialismo (economia centralizada planejada) e mercado livre. Conforme já visto, de acordo com Jayme MARTINS (2004) não haveria contradição nisso. Como o próprio Deng colocou, nenhum país adota uma economia puramente de mercado livre, nem puramente planejada. No capitalismo, mesmo, existe plano. *Plano e mercado* estão sempre combinados na prática.

Se a organização da República Popular da China causou discussões quanto a sua natureza ser socialista, comunista ou capitalista de Estado, a sua abertura ensejou novos debates. Todavia, a discussão exige atenção. Mesmo a definição do que seria socialista pode não ser o que parece. Por exemplo, em Cingapura tudo é regulado pelo governo e a sociedade é disciplinada pelo partido. E isso torna a cidade-país socialista? Não, e ela inclusive continua totalmente voltada ao mercado (CHEN, 1996). Aliás, a discussão da China ser ou não uma economia de mercado é uma questão artificial. Não se pode descartar a possibilidade de um “socialismo de mercado chinês”. Esta não seria uma expressão paradoxal. Afinal, como já dito, o mercado existe desde muito antes do capitalismo (OLIVEIRA, 2004). A situação da China não é *boom* de capitalismo, mas sim *boom* da economia de mercado socialista correspondente ao nível de desenvolvimento de suas forças produtivas. É apenas a *etapa inicial* da construção de uma sociedade socialista – prevista para durar 100 anos. Tal construção se desenvolve de maneira diferente da mencionada por Marx. Ela é feita à moda chinesa, com etapa inicial e ritmo gradual (MARTINS, 2004). De qualquer forma, Beijing define a China como economia de mercado socialista com características chinesas. BERNARDO (1975), entretanto, mostra que nunca foram eliminadas as contradições de classe.

“Então o comunismo veio... uma parte provocou uma grande revolução na China que é... fato conseqüente do século XX né?, a idéia do socialismo que vingou na Rússia e também na China que eram dois grandes laboratórios e esse resultado teve pontos positivos, eu acho que acabou com a miséria. (...) A idade média ou a esperança de vida dos chineses era 35 anos, não havia educação, não havia saúde, perfeito! Então houve uma necessidade dessa revolução social e política. Não vem ao caso defender se é bom ou ruim, eu tô só querendo recuperar a história, e esse momento chegou onde a China tinha que abrir para o mundo, não podia continuar com esta morosidade, quer dizer o modelo socialista marxista, teria que passar por um processo de reformulação, e foi o que a China fez. Quer dizer, abriu-se para o

mundo com uma visão mais pragmática, que é a teoria do Deng Xiaoping né?” – diz Chu Wan Tai em depoimento ao MUSEU DA IMIGRAÇÃO (1997c: 26).

Em lugar do famoso *Manifesto Comunista* de 1848 (MARX; ENGELS, 1999), cujo lema é “Proletários do mundo, uni-vos”, Deng Xiaopin proclamou “Chineses de todo o mundo, enriquecei-vos” e “A China é um governo com dois sistemas (comunismo e capitalismo)” (CHUNG, 2005: 32). “Inicialmente dirigidas ao setor agrícola, gradualmente as reformas generalizaram-se pelo resto do país. Pragmático, Xiaoping costumava dizer, ‘*Não importa se o gato é preto ou branco, o que importa é se ele sabe caçar um rato*’. Este era o contraste gritante com a ideologia no período de Mao, em que o lema favorito era ‘*Melhor ser Vermelho do que ser bom*’, o que significava, na prática, que intelectuais ideológicos totalmente desqualificados e incompetentes eram promovidos à liderança de projetos que precisavam de conhecimento tecnológico especializado” (*Idem ibidem*: 60).

Assim, com o início da abertura, a *luta de classe* deixa de ser a contradição principal. A *edificação econômica* na *etapa inicial* da edificação da sociedade socialista passa a ser a principal preocupação. A contradição principal a ser superada no sistema é a discrepância entre as necessidades materiais e culturais e o atraso das forças produtivas. A concepção de que o mercado é próprio do capitalismo dificultou os passos no sentido da abertura. Por isso, Deng fez a colocação referida acima a respeito dos gatos. Essa imagem ajudou a aclarar a questão. Não importa se é de mercado ou planificada, economia boa é a que mate a fome do povo. Aí ficou popularizado o uso da expressão “economia de mercado socialista”.

Para Deng a principal diferença entre socialismo e capitalismo é o *sistema de propriedade* (que pode ser pública ou privada). E não se a economia é planejada ou de livre mercado. Na sua economia de mercado a China opera mudanças – mudanças que em 2004 desembocariam numa emenda constitucional garantindo novos direitos à propriedade privada, novas garantias de direitos humanos e empresários também podendo ser membros do Partido Comunista. Com Deng a industrialização se acelerou – resultado de investimentos (financiados por poupança interna) e descentralizou-se controle do comércio. Continua havendo um planejamento central e outro, descentralizado, de acompanhamento. Segundo HUIJIONG (1994) os países em desenvolvimento sabem por experiência que os investimentos diretos externos só têm efeito positivo se utilizados *apropriadamente*. Assim, a China voltou sua atenção para a utilização dos investimentos estrangeiros e para a importação de tecnologia avançada. Nos anos 1980 as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) eram áreas prioritárias para investimentos diretos externos. A China assim experimentaria técnicas de administração usadas nas economias adiantadas, orientadas ao mercado e familiarizar-se-ia com tecnologias avançadas. Empresas estrangeiras tinham ali incentivos fiscais e liberdade de

operação (HUIJIONG, 1994). República Popular da China e Hong Kong; República Popular da China e Taiwan; República Popular da China e as Zonas Econômicas Especiais – o princípio de “uma China, dois sistemas” serve para vários casos, mas promove uma modernização desigual, em detrimento das regiões rurais e do Oeste. HAESBAERT (1994: 29-31) chama as Zonas Econômicas Especiais de “portas do capitalismo vermelho”. A estratégia de abertura da economia cresce em espaço físico e esfera de ação. Inicialmente, o espaço se restringia à costa e delta do Yangtsé, do Pérola e do Min. Atualmente se estende a diversos outros pontos. Houve abertura dos portos. Embora o investimento estrangeiro esteja apenas restrito às atividades industriais, a China permite também investimentos no setor terciário (finanças, comércio, turismo e imóveis). As políticas para as cidades abertas ao mundo são de complexos detalhes (HUIJIONG, 1994). CRANE (1994) lança um questionamento sobre as Zonas Econômicas Especiais. Se por um lado elas confirmam o sucesso do socialismo chinês, que lançou um novo paradigma com Deng, por outro o caráter de exceção destas Zonas só confirma o fracasso do sistema. Assim, elas confirmam ou atacam o modelo chinês? Em todo caso, o isolamento chinês diminuiu nos anos 1980.

Nesta década as críticas à China aumentaram tanto interna quanto externamente. Mesmo assim, o país continuava editando livros de caráter propagandístico (YONGJIE; SHANQUAN, 1983). A abertura na economia estimulou reivindicações por democracia. Uma onda de manifestações estudantis, em 1986, foi reprimida. Hu Yaobang, secretário-geral do partido desde 1982, foi acusado de “desvios liberais” e substituído por Zhao Ziyang. Em abril de 1989 Hu foi morto, o que provocou novos protestos estudantis. Em maio, centenas de milhares de estudantes faziam, quase que diariamente, manifestos contra a corrupção no alto escalão do regime e exigiam abertura política, inspirados na liberalização operada por Mikhail Gorbachev na URSS. A praça da Paz Celestial, em Pequim, que concentra os órgãos do poder, foi o centro do movimento. Em junho, o Exército abriu fogo contra os estudantes. A imprensa estrangeira estima entre 2 mil e 5 mil o número de mortos, número contestado pelo governo chinês. Milhares de pessoas foram presas em todo o país e Zhao Ziyang, que se recusara a dar a ordem de atacar os manifestantes, foi colocado em prisão domiciliar.

Vera SCHWARCZ (1994) faz uma reflexão sobre o fim dos anos 1980 e começo dos 1990, período no qual o Muro de Berlim caiu, e que impactou grandemente também na China. Ela pega trecho do discurso de ano novo de 1990 do tcheco Vacláv Havel sobre o totalitarismo, encaixando-o no caso da China: “Todos nós nos tornamos acostumados ao sistema de totalitarismo, aceito como fato inalterável e por isso mantido... Nenhum de nós é meramente uma vítima dele, porque todos nós juntos ajudamos a criá-lo” (SCHWARCZ, 1994: 85). “Hoje, com o colapso do Muro de Berlim, o mundo todo está descobrindo o que

Kafka e intelectuais chineses intuíram décadas antes: que as muralhas da mente são muito mais embebidas, muito mais perigosas que aquelas que se erguem sobre o solo. Chauvinismo étnico e anti-semitismo na Europa e xenofobia na China permaneceram vivos e bem durante o longo período de Revolução Comunista. Não é suficiente dismantelar as barreiras externas à liberdade; muralhas internas devem ser escaladas também. Nas palavras de Lu Xun, aparentado espiritual de Kafka na China, não é suficiente tirar o muro, tijolo por tijolo. Deve-se acabar com sua maldição também. É para isso que serve a memória histórica, isso é o que faz ser chinês (ou mais literalmente, ‘fazer o caráter chinês,’ *zuo Zhongguo ren*) no século XX tão difícil e ainda tão desafiante” (SCHWARCZ, 1994: 87).

“Estou sempre consciente de estar cercado por uma Grande Muralha. O trabalho em pedra consiste em tijolos velhos reforçados por novos. Eles se combinam formando a muralha que nos empareda. Quando pararemos de reforçar a Grande Muralha com novos tijolos?” – diz Lu XUN (1979: 167). Para Vera SCHWARCZ (1994: 87) esta pergunta está ainda sem resposta. Não só na China como também no Ocidente contemporâneo. De 1966 a 1976 o país havia sofrido o impacto da Revolução Cultural, com seus ideais anti-intelectuais e anti-ocidentais, que teve fim com a morte de Mao. Na década de 1980, Deng Xiaoping realizou reformas econômicas. Porém, a manifestação estudantil por democratização, em Beijing, em junho de 1989, terminou com o massacre na praça da Paz Celestial. “Vamos recordar outro desses momentos de inocência transparente, o infinitamente reproduzido vídeo da Avenida da Paz Celestial em Pequim, no ponto culminante dos ‘incidentes’ de 1989, em que um jovem carregando uma lata, sozinho diante de um gigantesco tanque em movimento, corajosamente procura evitar seu avanço, de forma que, quando o tanque tenta contorná-lo pela direita ou esquerda, o homem se move para o lado, ficando outra vez à sua frente” (ZIZEK, 2003: 62). Para DUTTON (1998) a representacao é tão poderosa que demole todos os outros entendimentos. “Essa cena de rua, esse dia e esse acontecimento passaram a constituir o centro de todas as viagens ocidentais ao interior da vida cultural e política contemporânea da China” (DUTTON, 1998: 17). A visão do Ocidente é impressionada pela oposição indivíduo X Estado. A força interior do indivíduo contra a impotência da máquina poderosa (ZIZEK, 2003: 62-63). De qualquer forma, o episódio custou à China três anos até que pudesse retomar o comércio internacional, em 1992, tamanha repercussão negativa (CHUNG, 2005).

Nos anos de 1970 a polarização tripla EUA/URSS/China enfraqueceu a segunda. “Durante a década de 50, a China se definia como aliada da União Soviética. Então, após a ruptura sino-soviética, ela passou a se ver como líder do Terceiro Mundo contra ambas as superpotências”, como visto aliando-se com os Estados Unidos nos anos 1970

(HUTINGTON, 1997: 210). Desde os anos 1970 é visível que a China quer ampliar alianças, sendo o alinhamento ideológico cada vez menos importante (PUC-SP, 2004: 7; CABRAL FILHO, 2002: 25). Havia também outras peculiaridades da região no período: “Na Ásia, a presença de países comunistas incrustados entre os capitalistas também constitui um diferencial em relação ao mundo ocidental, no qual houve a formação de blocos diferenciados, dando origem inclusive à cortina de ferro européia” (UEHARA, 2005: 52).

Apesar das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), as quatro modernizações (agricultura, indústria, ciência e tecnologia e forças armadas) e a abertura dos mercados, a modernização na democracia ainda deixava muito a desejar. Ainda havia desequilíbrios inter-regionais e inter-setoriais. Isso leva a questionar até que ponto é possível abrir a economia e manter fechado o sistema político (REIS, 1991). As ZEEs são, na reforma, passos no sentido da relação com o exterior. Primeiramente nas zonas litorâneas e do Sul (nas províncias de Cantão, Fujian e Hainan), são uma experiência nova na economia socialista. Não por coincidência, regiões de maior saída de emigrantes chineses, por oferecerem mais meios de acesso de chineses ao exterior (McKEOWN, 1999: 315).

Os investimentos dos chineses de ultramar eram uma importante ligação da China com o exterior. Além disso, havia a perspectiva de maiores interações internacionais. “A concepção de uma ‘comunidade econômica chinesa’ data de 1979, quando o sociólogo Wong Chi Lin, de Hong Kong, lançou a idéia. Em janeiro de 1992 ocorreu a primeira reunião visando estudar a possibilidade de formação de uma zona econômica envolvendo a China, Hong Kong, Taiwan e Macau” (HAESBAERT, 1994: 78-79). A formação de uma comunidade chinesa de ultramar já vinha de longa data. Sua fama de hábeis navegadores e comerciantes antecedia o próprio alvorecer da era cristã, mas foi somente a partir de meados do século XX que a força econômica dos chineses ultramarinos se firmou. Segundo um banqueiro de Cingapura, “os chineses são o denominador comum do comércio asiático”. Embora minoria, eles hoje dominam o comércio na Malásia, Indonésia, Tailândia e Cingapura. Como visto, mesmo antes da abertura da China Popular os chineses ultramarinos já constituíam uma fonte de renda muito importante para o país, pois os negócios entre suas empresas e o governo chinês injetavam bilhões de dólares na economia (cerca de 6 bilhões no início da década de 1980). Hoje praticamente todos os grandes grupos capitalistas dirigidos por chineses encontram-se em território da “mãe-pátria”. “Esses investidores bilionários são vistos pelos chineses como ‘benfeitores’, e muitas vezes são cercados de regalias, num flagrante insulto à ‘igualdade social’ tão defendida pelos ‘comunistas’” (HAESBAERT, 1994: 78-79).

1.6. A China contemporânea

“São os chineses que têm Brasil”.⁴

A China é dos países que mais cresceram desde a década de 1980, participa da corrida espacial, está ente os primeiros da era digital e sua rede bancária é cada vez mais saudável. Sua situação social muda rapidamente, ao se verificar 400 milhões de pessoas retiradas de patamares abaixo da linha da pobreza⁵. Muitos migram para a cidade, enquanto no campo proliferam micro e pequenas agroindústrias – gerando 150 milhões de empregos (agricultura familiar em terras de propriedade pública). Além disso, a construção civil pode absorver muitos trabalhadores (MARTINS, 2004). Entretanto é preciso prestar atenção a algumas características. Persiste uma sociedade baseada no comunal, mas agora orientada ao mercado. Com isso alargou-se a distância entre ricos e pobres. Há uma população “flutuante” (não qualificados, migrantes) onde aumentam as taxas de crimes, epidemias etc. A ideologia também se transforma. Há uma adoração ao dinheiro. Por outro lado, migrantes ajudam o país a crescer, por serem força de trabalho barata (CHEN, 1996). Como se sabe, entretanto, a divisão do desenvolvimento foi desigual (ALCÂNTARA, 2003). Apesar das conquistas, como resultado da desigualdade, a China ainda tem 600 milhões de pessoas vivendo com menos de US\$ 2,00 por dia. Ocupa a 104ª posição no IDH da ONU (perde da Palestina). 3/5 da população não têm saneamento básico, pessoas são mantidas em campos de trabalho forçado e há censura na *internet* (PERES, 2003; JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004).

Ela tem imensos mercados: interno e externo. Além disso, segurança, estabilidade política e social. Já são mais de US\$ 500 bilhões de investimentos diretos. Só em 2003, US\$ 52 bilhões. Enquanto isso até EUA, Alemanha, França, Reino Unido têm perdido investimento externo. O que atrai tantos investimentos parece ser a clareza das regras do mercado. Segundo Stephen Roach (*apud* MARTINS, 2004), a China contribui para 3,9% para o PIB mundial, sendo definida por Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro das

⁴ Dia 21 de setembro de 2006 o autor desta pesquisa conversava com estudantes do ensino fundamental numa escola pública chinesa, contando coisas do Brasil. Foi perguntado aos estudantes:

- E aí? Sabem se no Brasil também tem chinês?

- Tem!!! – respondem todos animados. E um deles então fala a frase:

- “São os chineses que têm Brasil”, refletindo a noção corrente na própria terra de origem sobre o que é a diáspora chinesa pelo mundo. Como se fosse uma entidade internacional escolhendo os lugares que lhes são interessantes para ir.

⁵ Xavier Sala-i-Martin, do Banco Mundial, em estudo intitulado *The World Distribution of Income: Falling Poverty and Convergence*, conclui que desde a década de 1970 o país já resgatou 251 milhões de pessoas que estavam abaixo da linha da pobreza (MING, 2006).

comunicações do Brasil como “‘viagra’ da economia internacional” (In: MARTINS, 2004). Ou então como a “última montanha de ouro” (HAUTER, 2007a). Tais êxitos, decorrentes da reforma/ abertura, já não surpreendem a China. Já são rotina. A economia cresce cerca de 9% ao ano, o que tem feito a China adotar medidas para conter seu próprio crescimento (TREVISAN, 2004). A renda per capita, por sua vez, aumentou 7 vezes. Desde 1997 a China recebe uma média anual de US\$ 40 bilhões em investimentos externos, enquanto até EUA, Alemanha, França, Reino Unido têm perdido investimento externo. Tais investimentos introduzem cada vez mais, na China, projetos de alta tecnologia. A China exporta hoje também produtos industrializados de alto valor agregado (ao contrário do que se geralmente pensa). Como consequência principal dessa estratégia de modernização, a China tornou-se alvo de grande investimento estrangeiro, principalmente por meio de *joint ventures* e de investimento de capital (CHUNG, 2005: 92).

Segundo o FMI e o Banco Mundial, em pouco tempo a China se tornou a 5ª economia do mundo. Em 20 anos, seu comércio exterior saltou de 51º a 5º (só superado por EUA, Japão e Alemanha). As ZEEs (Zonas Econômicas Especiais) têm sido, na reforma, passos no sentido da relação com o exterior. Primeiramente nas zonas litorâneas e do Sul (nas províncias de Cantão, Fujian e Hainan), são uma experiência nova na economia socialista. Tal cooperação atraiu investimento estrangeiro e trouxe assimilação de tecnologias, métodos de gestão e de administração. Isso trouxe mais abertura para o exterior e mais desenvolvimento para a região litorânea (com cerca de 200 milhões de pessoas). Agora é a chamada “marcha para o Oeste” (inclusive para regiões como o Tibet e Xinjiang). Em muitas outras regiões do país há ZEEs. No que tange a viagens de turistas chineses ao exterior, estas aumentam a cada ano (MARTINS, 2004). Estas mudanças especificamente repercutem fortemente na saída de chineses do país, agora mais facilitada.

Além da clareza das regras do mercado, pergunta-se quais outros fatores levam ao sucesso econômico da China. “Contemporaneamente, a China é o país asiático de destaque, não apenas pelo ritmo, mas também pela longevidade de seu crescimento econômico” (UEHARA 2005: 53-54). Autores como OLIVEIRA (2005) e YANG (1991) destacam a China como ator incomum no cenário global, à medida que é uma potência tardia no mercado mundial, apesar do pessimismo das indústrias mais avançadas do planeta. Através das ZEEs, um modelo inovador surgiu e garantiu o espaço que a China tem hoje. “À China tem restado a opção de explorar as oportunidades existentes na base de conhecimentos da economia globalizada, e o Estado revolucionário–desenvolvimentista chinês precisou recorrer a uma grande barganha com o capitalismo global. Usando o imã do colossal mercado interno, o governo de Pequim procura assegurar às transnacionais um ambiente cada vez mais

transparente e legalmente seguro, em troca de capitais e tecnologias para o aperfeiçoamento das empresas chinesas (...) Pela primeira vez, na história das industrializações tardias, tem-se um país capaz de competir internacionalmente tanto no nível da produção de baixa tecnologia quanto na produção de ponta. Os outros países do Leste asiático abandonaram os setores intensivos em trabalho à medida que progrediam na industrialização, mas a China segue conquistando espaço nas exportações de produtos de baixo valor agregado ou de simples montagem, enquanto abre presença na produção avançada” (OLIVEIRA, 2005: 44).

Enfim, muito do sucesso chinês se deve ao fato de que as reformas chinesas apresentam um caráter gradual e cuidadoso (diferente da URSS, que não obteve sucesso) (BAIJIA, 2004; WALDER, 2005; NOLAN & ASH, 1995). Muitas comparações foram feitas entre os dois regimes e a forma como responderam às mudanças da transição do século XX para o XXI. China e URSS se diferenciam, apesar das semelhanças (orientação socialista). A ex-URSS democratizou-se antes de se modernizar economicamente, e presumiram que a modernização acompanharia a democratização. Teve “terapia de choque” na sua mudança econômica. A China não. Começou pela modernização e faz mudanças graduais na política. Esta seria uma diferença fundamental (NOLAN & ASH, 1995).

Como já vinha ocorrendo, a emigração chinesa tinha papel significativo neste processo. “Um determinante do sucesso da China na atração de IED [Investimento Estrangeiro Direto] é a grande diáspora chinesa, com Hong Kong, Cingapura e Taiwan sendo as principais fontes tradicionais e respondendo por cerca de 50% de todos os novos compromissos em 1999. Outra forma de expressar esse número é dizer que os investidores chineses no estrangeiro detêm cerca de 80% do montante de IED no continente, mas que as corporações ocidentais tem aumentado seus compromissos, frequentemente com investimentos registrados como originários de Hong Kong. Hong Kong é, assim, a fonte principal, e Taiwan, o segundo maior investidor. Esse é o coração da fórmula para a reunificação da China: ricos homens de negócio chineses no exterior se encontram com poderosos políticos da China continental. Negócio fechado” (STORY, 2004: 352-353). Os chineses expatriados (conhecidos como *overseas Chinese*), foram os primeiros a perceber o significado e a importância desse momento histórico. Convenceram-se de que a China estava realmente disposta a se tornar parte da economia mundial, e tomaram a iniciativa para usufruir das oportunidades comerciais apresentadas pela nova política do governo chinês. Entre 1992 e 1994 grande volume de capital foi investido para a construção de novos escritórios, residências e fábricas na China por esses expatriados e, a partir de então, as grandes corporações internacionais também começaram a enxergar o potencial oferecido pelo enorme mercado chinês e pela grande disponibilidade de mão-de-obra barata. Fala-se em uma

nova “corrida do ouro” para o mercado chinês (CHUNG, 2005: 29). Conseqüência: o PIB da China elevou-se 14% em 1992. Deng Xiaopin já vinha mobilizando a diáspora chinesa havia décadas (desde os anos 1970). Com o seu apoio financeiro e tecnológico foi possível a criação das ZEEs (OLIVEIRA, 2005).

Causa intriga o porquê de os ricos chineses de fora da China serem otimistas a respeito de seu país. “Uma razão para isso é o incentivo econômico imediato para a mudança das operações intensivas em mão-de-obra para as regiões de baixo custo da mão-de-obra no continente. O fato de que os ricos investidores chineses no exterior foram atraídos para colocar seu dinheiro em territórios sujeitos ao governo comunista, do qual muitos fugiram nos anos 1940, porém, obviamente não se restringe aos aspectos econômicos (...) Essa confiança na estabilidade fundamental da China é frequentemente reforçada pelos laços de sangue e afinidade dos chineses no estrangeiro para reinvestir nas províncias de onde originalmente vieram, particularmente Guangdong e Fujian. Não menos importante, eles enriqueceram por conta de sua capacidade de operar em mercados políticos em toda a Ásia onde os *guanxi* – relacionamentos têm um valor especial. Evidentemente, os investidores chineses do estrangeiro consideram que podem fazer bom uso dessas habilidades no continente” (STORY, 2004: 353-354). Comenta Chu Wan Tai que os chineses ultramarinos, de primeira, segunda e terceira geração que têm hoje nacionalidades diferentes, seja brasileira, canadense, americana, argentina, alemã, francesa, espanhola etc., controlam um volume de capital razoável, que estão investindo na China. “E isto tanto que é verdade que em menos de uma década e meia, hoje a China é uma potência internacional. A... acho que uns 5, 6 anos atrás um escritor americano escreveu um livro chamado o seguinte: China a próxima po... super potência mundial, ponto de interrogação. Hoje ele simplesmente tirou o ponto de interrogação” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c).

A importância dada hoje pela China aos chamados chineses de ultramar e à captação de seus investimentos, aliada à tradição comercial desse grupo, é outro sintoma de gestação dessa “zona econômica panchinesa” no leste-sudeste da Ásia. Como visto anteriormente, já era uma idéia antiga. “Mesmo antes da abertura da China Popular os chineses ultramarinos já constituíam uma fonte de renda muito importante para o país, pois os negócios entre suas empresas e o governo chinês injetavam bilhões de dólares na economia (cerca de 6 bilhões no início da década de 80). Hoje praticamente todos os grandes grupos capitalistas dirigidos por chineses encontram-se em território da ‘mãe-pátria’. Esses investidores bilionários são vistos pelos chineses como ‘benfeitores’, e muitas vezes são cercados de regalias” (HAESBAERT, 1994: 78-79).

Uma economia com a magnitude da chinesa certamente tem grande impacto mundial. Por exemplo, a economia mexicana foi uma das mais danificadas pela irrupção da China como ator de primeira ordem no mapa comercial mundial. Grande parte dos produtos que eram exportados do México para os EUA agora são chineses (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2005b). Além disso, sempre que compra ou vende, a China desequilibra o mercado mundial. Ela está sempre precisando comprar em larga escala e muitas empresas brasileiras param de exportar porque atingem pico de produção – como no caso do aço. A China consome anualmente 230 milhões de toneladas de aço, mas produz apenas 200 milhões. Ela compra 30 milhões de toneladas, que é toda a produção anual brasileira (REVISTA VEJA, 2003). A China também sempre será um desejado mercado consumidor. Diz Chu Wan Tai: “eles sempre serão consumidores. Que seja 10%, são 120 milhões de pessoas, 120 milhões de pessoa é um terço da Europa, metade dos Estados Unidos. Claro que não vai ser 1 bilhão e 200 milhões que vão consumir tudo, mas alguns produtos básicos eles vão consu... eles vão consumir água, vão consumir eletricidade, eles vão consumir hospital, eles vão consumir educação, produtos sociais. E quando eles tiverem mais renda eles vão consumir outros bens. Isso aconteceu no Brasil, quando eu cheguei nesse país em 1958 esse país era uma província” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 24). “Esse país também mudou nos últimos 10, 15 anos, ou seja a... mudar um país é extremamente rápido, então a China tem essa potencialidade de mudança né? Quer dizer, existe uma cultura, existe um povo extremamente diligente, um povo ávido que já tem uma mentalidade capitalista antes (...) do advento (...) do comunismo, não devemos esquecer disso, que todo mundo sabe né?, você fez um negócio da China! (risos)” (*Idem ibidem*: 25). De 1979 a 1992 o país absorveu um volume de capital estrangeiro de US\$ 98,8 bilhões, dos quais US\$ 38,2 bilhões correspondem a investimentos diretos. Em 1992 foram aprovados 48.858 projetos de investimentos estrangeiros que totalizaram US\$ 69,4 bilhões de dólares, valor 2,5 vezes o do anterior. Em 1992 cerca de 38 milhões de pessoas visitaram a China e gastaram US\$ 3,95 bilhões (DRUMMOND, 1994: 215). Acumulou-se uma poupança privada de cerca de US\$ 200 bilhões, depositados ou aplicados nos bancos, em 1992 (*Idem ibidem*: 208). A proporção de analfabetos caiu de 80% da população antes de 1949 para 15,8% em 1990 (*Idem ibidem*: 209). “Há ensino primário para todas as crianças em idade escolar em 76% dos distritos” (*Idem ibidem*: 209). A expectativa média de vida da população passou de 35 anos, em 1949, para 70 anos (*Idem ibidem*: 211). “Na década de 50, a economia da China cresceu a uma média de 12,2% ao ano, mais elevada que as do Canadá (8,8%), da Itália (6,3%) e da França (5%). Nos anos 60, o crescimento médio foi de apenas 4%. Nos anos 70, a média atingiu 5,8%, inferior a de muitos países no mesmo período. Na década de 80, voltou a crescer com força e a média anual ficou em 9,2%,”

segundo lugar no mundo depois da República da Coreia, que registrou taxa média anual de 9,7% nesse período” (*Idem ibidem*: 212-213). O desemprego urbano é de 2,3% (*Idem ibidem*: 213). E, por fim, não se deve esquecer que a China hoje representa para o mundo uma esperança frente a um quadro de estagnação geral. Diz Chu Wan Tai: “(...) no desenvolvimento do capitalismo nos países ditos ocidentais ricos, refiro-me aos Estados Unidos, ao Japão, ao... Europa Ocidental, os mercados estão saturados. O capitalismo precisa de novos mercados, e qual é o empresário ou a empresa que não sonha com esse maravilhoso mercado de 1 bilhão e 200 milhões de chineses?” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 24). Não são por acaso as imagens de “última montanha de ouro” (HAUTER, 2007a) e “Viagra da economia mundial” (MARTINS, 2004). Elas mostram a esperança que o mundo deposita na China.

Como visto, CRANE (1994) adiciona a esta discussão a questão das ZEEs. Teriam sido elas criadas para confirmar ou refutar o socialismo? “China: um governo e dois sistemas” – o princípio de Deng se complexifica à medida que existem espaços em pleno território chinês que usam sistema capitalista: Hong Kong, Macau e, pelo menos na visão oficial, Taiwan. Taiwan, por sua vez, conta Antonio Phee, é altamente dominada pelo capital internacional do petróleo, especialmente inglês e americano (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 11).

Para HAESBAERT (1994: 75) paradoxalmente, a China foi o primeiro país dito socialista a iniciar seu processo de abertura e reforma econômica e hoje é um dos últimos bastiões da ditadura comunista. Ressalta o autor que paradoxo não implica em contradição, pois o liberalismo econômico não tem como complemento obrigatório a democracia liberal. “É bem conhecida a convivência entre políticas ditatoriais e liberalismo econômico, tanto na América Latina dos militares quanto nos tigres asiáticos, vizinhos chineses ainda hoje em lento processo de abertura política” (HAESBAERT, 1994: 75). A abertura chinesa é para muitos um processo sem volta. Continuarão as ZEEs, as *joint ventures* e outras ações envolvendo a entrada de capitais internacionais. “Ele não poder fechar, uma vez abrir a porta não pode fechar mais” – é o que se aplica à China, e James Lee Hoi On é otimista quanto a isto. E ainda acrescenta que o controle socialista satisfaz o próprio investidor capitalista internacional. James cita que no Brasil, um país politicamente aberto, tem muitas greves e instabilidade. Na China o Partido controla tudo, então o investidor internacional fica tranqüilo em pôr seu dinheiro na China. Ele sente que pode confiar – o tal paradoxo mencionado por HAESBAERT (1994) acima. Por outro lado, para James as coisas tendem a melhorar, porque o governo chinês já não é tão rígido como outrora. Para ele, com a abertura econômica também veio uma certa abertura política, bem diferente da Revolução Cultural e outros

exemplos do passado. “Agora nunca vai acontecer mais isto né?” Desde 1981, com a abertura das relações internacionais chinesas, James visita a China praticamente todos os anos. O crescimento econômico é visível, principalmente em lugares como Shanghai, de rápida modernização e crescimento de altas torres. A “ocidentalização” e a modernização são processos irreversíveis, para James, que vê tais fenômenos com otimismo (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 34). Chu Wan Tai considera que mais empregos têm sido gerados na China, e comenta: “Então hoje uma indústria alemã não se pode dar ao luxo de pagar um sujeito 35 marcos a hora, ele tem que se locomover e ir para China onde a mão-de-obra talvez seja 35 marcos o mês! E já tem indústria hoje, tá saindo da China porque acha U\$D 100,00 por mês é muito caro e vai pra Nepal que é 60. Tem gente que tá saindo do México, vai indo pra Honduras. E todos os países do mundo, sobretudo os que tem poucas possibilidades econômicas estão chamando essas empresas, porquê? Pior que ganhar 2 dólares o dia ao mês é não ganhar nada! A conta tem que ser feita do outro lado, pra nós que estamos aqui obesos né?, fazendo dieta pra emagrecer e preocupado com... sair daqui com o trânsito congestionado, 2 dólar, 3 dólar não é nada; mas pra aquele pobre coitado... tá certo, que não ganha nada, 2 dólar ou 2, 3 reais é muito! Então temos que... seguir o que o Deng Xiaoping fala?, temos que ser pratico, pragmático e temos que seguir o que o Mao Tse tung diz: Não adiante ler as teorias, vamos procurar a verdade nos fatos. Pergunte pra qualquer um desses pedintes aqui do bairro do Brás que vende drops ou bala... na esquina da rua, se ele deixaria aqui pra voltar a sua terra natal? Porque morar embaixo da ponte e ganhar 3 reais por dia, é melhor e tem mais perspectiva se não pra ele pelo menos pra seus descendente de ter uma melhor educação, de ter uma melhor saúde, na perspectiva dele ou dela. Por isso que esse pessoal não sai da cidade.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 28).

Internamente as condições de trabalho e vida ainda apresentam desafios. O sociólogo Will Hutton elerta que a China pode estar à beira de uma convulsão social devido às bases frágeis de sua economia, à falta de democracia e à desigualdade de classes (In: CANÔNICO, 2007). Em 1999 a China apresentava 80 milhões de trabalhadores migrantes, vítimas da violação de seus direitos, sempre atraídos às já referidas regiões de economia mais aquecida (leste e sul) (CHAN, 2001). “Possivelmente a China pode consolidar-se como a maior nação industrial do mundo pela política e o baixo custo da sua mão-de-obra, suficientes para garantir as próximas décadas de produção. As atuais previsões de que o país se tornará a maior economia do mundo em meados de 2020 baseiam-se num crescimento otimista, porém ainda insustentável” (CHUNG, 2005: 61). Diferentemente de outros países em transição da economia centralmente planejada para uma economia orientada ao mercado, a China tem tido um crescimento ininterrupto em seu PIB, que aumenta 8,1% ao ano. Aumenta a desigualdade,

mas realmente a pobreza diminui (KHAN; RISKIN, 2001). Como dito, à medida que empresas multinacionais se instalam na China assinam embaixo da política trabalhista do país. E por outro lado, aumenta o desemprego nos países de origem das grandes empresas multinacionais (MUSEU DA IMIGRAÇÃO 1997c: 28). Ao mesmo tempo, o diplomata chinês em serviço no Brasil Zhu Tingzhong destaca que o governo chinês almeja uma China democrática, civilizada e próspera (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h: 15). Atualmente no país destaca-se a expressão “sociedade harmoniosa” e tudo deve trabalhar para a sua construção.

Fala-se de um processo de latino-americanização da China, por crescer a desigualdade. O economista Hernando de Soto⁶ identifica um processo de latino-americanização já em curso também na Índia, que será intensificado no futuro. Isso quer dizer uma crescente distância entre ricos e pobres. Ele coloca que só na costa leste da China predomina o trabalho formal (cerca de 250 milhões). Por volta de um bilhão compõem uma massa de trabalhadores informais, entre os quais, não raro, há rebeliões. Índia, China e Rússia são os países do mundo que registrarão o maior número de milionários. Estima-se que até 2010 o patrimônio dos milionários chineses vá subir 14% (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2005a). “Hong Kong tem mais Rolls-Royce que a Inglaterra e mais Mercedes que a Alemanha e é movida à China” (DRUMMOND, 1994, entre pp. 112-113). Em 2003 foi curioso que enquanto no Fórum Econômico de Davos a China era aclamada como a única grande economia em ascensão em um momento em que o mundo passa dificuldades, no Fórum Social de Porto Alegre não houve menção à melhoria dos níveis de bem estar chinês (MARTINS, 2004). “Assim como nas lições aprendidas com o velho Mao, que tentou reescrever o marxismo, infelizmente se aproximando muitas vezes da barbárie do que do socialismo, os chineses precisam hoje lutar por um amálgama mais coerente com sua história e suas tradições – tão distante quanto nos deparamos, por um lado, com a pobreza ‘tradicional’ do interior e, de outro, com a modernização arrasadora’ das zonas econômicas especiais do litoral. Tão ciosos de sua concepção de harmonia, seriam os chineses ainda capazes de encontrar um ‘ponto de equilíbrio’ entre estes espaços e estas distintas concepções de mundo? (...) A China, podemos dizer, assimila antes de tudo a dimensão econômica, capitalista, da modernização, justamente sua face mais problemática e questionável. Mesmo legados mais positivos da modernidade, como o projeto de construção da autonomia social e individual, devem ser repensados quando transpostos para as sociedades orientais. Uma discussão muito séria deveria ser empreendida a fim de problematizar /indicar ‘qual

⁶ em entrevista ao Canal Globonews, no dia 21 de abril de 2006 (20:46).

modernidade' é possível (e necessária) à complexa realidade chinesa" (HAESBAERT, 1994: 99).

Mais de 520 dos 1.903 distritos da China são pobres e recebem apoio econômico do Estado (DRUMMOND, 1994: 208) e pesquisa feita em 1990 mostrou que 13,5% das moradias não têm cozinha, 53,1% não possuem banheiro e 17,9% não contam com água corrente (*Idem ibidem*: 209). Entre os 860 milhões de habitantes nas zonas rurais, 270 milhões contam com água encanada (*Idem ibidem*: 211). A China ainda é um país rural. Em 1949 a população era de 541,7 milhões. Em 1992 era de 1,17 bilhão, dos quais cerca de 300 milhões moravam em cidades. Há, assim, aproximadamente 860 milhões de camponeses. A taxa de natalidade baixou de 2,3% em 1987 para 1,8% em 1992 e a política de apenas um filho por casal é dura e flexível ao mesmo tempo. Chegou a incluir abortos forçados mas tem sido contornada por meio da corrupção de funcionários da administração encarregados da fiscalização das famílias. Muitas vezes, quem tem mais de um filho é criticado pela comunidade, não recebe aumento salarial, encontra dificuldades incomuns para obter os papéis mais corriqueiros. O limite diferenciado, de um filho por casal nas cidades e – oficiosamente – dois no interior, mesmo não seguido à risca, é motivo de preocupação. “Os camponeses são menos instruídos e, portanto, o nível educacional médio cairá no país – a não ser que o ensino se amplie o suficiente para compensar esta diferença entre taxas de natalidade e níveis de instrução” (*Idem ibidem*: 207-208).

Diz Chu Wan Tai: “O que eu posso dizer em dois momentos da China 1988 quando eu visitei pela primeira vez, em 1994 a situação... do povo melhorou. Isso eu posso dizer. Naturalmente se comparar com o Brasil, está muito longe ainda. Daí temos que tomar cuidado, comparar com que parte do Brasil, se nós compararmos com Jardins, Alto de Pinheiros, Morumbi, vai faltar muito, mas se eu comparar com os 2 milhões de paulistanos que moram em favelas e em condições subumanas eu vou dizer que melhorou muito, perfeito! Não devemos esquecer que esse país ou esse Estado ainda tem, de um lado a Bélgica e do outro lado a Índia. A China tá procurando sair nesse... marasmo, e tá adotando um modelo de mercado e sem abandonar aparentemente os seus preceitos políticos. Aí que vem essa famosa teoria, que é um oximoro né? Oximoro é uma palavra que existe uma contradição inerente, é uma economia socialista de mercado.” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 26-27). Ele pondera que muito se critica a China e a situação do trabalhador chinês, mas que não é justo criticar com parâmetros ocidentais. Mesmo dentro do ocidente estes padrões nem sempre foram os mesmos. “Na Inglaterra da passagem do século XIX para o XX, alguém que trabalhasse 12 horas por dia estava dentro do padrão. Na geração

dos nossos pais, trabalhava-se bem mais do que as 40 horas semanais convencionadas atualmente” (*Idem ibidem*: 28).

Reclama-se também dos baixos salários pagos aos trabalhadores chineses. Comparativamente é realmente baixo, mas esquece-se que o poder de compra do *yuan*, ou *renminbi*, é relativamente alto (MING, 2006). Chu Wan Tai se incomodou um pouco com o que viu na China, porque como a mão-de-obra é muito explorada, dá um pouco de culpa consumir produtos chineses no Brasil. O salário é muito baixo, mas o próprio Chu faz um contraponto: “É, talvez nós vamos falar isso de uma maneira relativismo cultural. Eu morei seis anos na Suíça, num país extremamente rico, onde um diretor de empresa não tem o direito de ter uma faxineira porque é tão caro. É um país que tem 42.000 quilômetros quadrados e 6, 7 milhões de pessoas né?, onde uma caixa... num supermercado ganha mais ou menos 1000... R\$ 2.000,00 tá certo! Então se você perguntar pra um suíço médio, ele diria que o Brasil é um país explorador, porque o nosso salário mínimo é R\$ 120,00. Eu queria fazer essa comparação e se você perguntar para um francês ele vai dizer, a América Latina toda é exploradora... não é? Então o Brasil quando comparar com a China...” O salário mínimo chinês era, na época da entrevista, US\$ 50,00. “É, mas veja bem: pra que quê um ocidental precisa ganhar bem? Pegamos o seu caso ou do nosso amigo aqui. Você precisa ganhar bem porque primeiro e em termos gerais você não tem uma estabilidade empregatícia, mesmo pra as empresas do Estado hoje. Você precisa pagar, se os seus filhos não forem pra uma escola pública né?, você tem que pagar pela educação dos seus filhos, você tem que pagar pelo seu lazer, você tem que pagar pela sua hospede... a... pela moradia. Se você não tiver um plano de seguro, INPS ou INSS né?, você tem que pagar pela sua saúde, porque o sistema capitalista privilegia sempre a diferença. Quer dizer há sempre uma cenoura na frente que se eu ganhar 1000 eu quero ganhar 2000 porque eu posso comprar um carro melhor, se eu ganhar 2000 eu quero ganhar 4000 porque aí eu posso comprar um carro importado, se eu ganhar 4000 eu quero ganhar 8000 porque eu posso comprar uma casa no Morumbi e assim sucessivamente. O sistema chinês após 1949 é um sistema socialista, onde se privilegia a igualdade. Então você fala o sujeito ganha USD 30,00 e qual o problema?, se o... faxineiro deste Museu ganha USD 30,00 mas o diretor do Museu também ganha USD 30,00. O... a empresa que é do Estado ou do povo, dá pra ele a moradia onde ele não paga quase nada, a empresa dá pra ele o lazer, a empresa dá pra ele a escola dos filhos dele, a empresa cuida do lazer e as vezes até do enterro dele. Então apesar dos pesares os R\$ 30,00 ou USD 30,00 que o chinês médio ganhava ele ainda economizava 30 ou 40%, porque era a idéia básica do socialismo, não haver diferenças de classe. Claro, que isso tá mudando radicalmente, hoje você já encontra na China os problemas muito típicos do Capitalismo, ou seja as diferenças

de classe, você já vê carros importados na China, você já vê lojas com produtos importados muito mais diversificados que no Brasil, porque a China entrou no mercado internacional com uma velocidade, uma voracidade e uma agressividade muito maior que a brasileira. Então... hoje, tudo que você fala sobre a China você tem que tomar muito cuidado de por um tempo nele... porque China tá mudando a cada seis meses ou três mês.” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 21-22). Chu chama a atenção para o fato de que há uma questão de parâmetros, e se os brasileiros quiserem continuar julgando a China como exploradora, devem reexaminar a seu próprio nível salarial em comparação com a Europa e os Estados Unidos. No Brasil se sabe que o custo de vida é menor – pois na China é ainda menor, e é isto que os outros países devem entender.

Alavancadas pelos investimentos estrangeiros, outras mudanças sociais acontecem na China. A partir da década de 1980 os *media* chineses puderam falar mais livremente, e mais posições de altos salários foram criadas (CHAN, 2001). Entretanto ainda persistem perseguições e repressão aos chamados “cidadãos difíceis” ou “subversivos”, tortura (cofissões sob tortura), censura e execuções (MONBIOT, 2005; JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004, 2005c, 2005d; YARDLEY, 2005; YARDLEY & KHAN, 2006; LORENZ, 2006). Segundo o governo, havia 3.651 prisioneiros políticos em meados de 1993. De acordo com algumas instituições ocidentais de defesa dos direitos humanos, o número oscilava entre 10 mil e 20 mil, não sendo permitida a imprensa de oposição. Devido ao controle da informação, os problemas reais são difíceis de quantificar (DRUMMOND, 1994: 114). Isso repercute também na posição da China frente ao mundo. Quem seriam os novos líderes da China?

- visionários que lideram a maior explosão de riqueza já vista?
- assassinos cruéis que perseguem cristãos, a seita *falungong*, líderes trabalhistas e jornalistas para manter a ditadura?

Para KRISTOF (2004) ambas são verdade até certo ponto. Quando Hu Jintao e Wen Jiabao entraram, houve esperança de uma nação economicamente ativa, mas intelectualmente estagnada. Entretanto, o resultado foi a continuidade da repressão. Houve um tempo em que o poder se abriu, mas se fechou novamente. A censura continua. Não bastam naves espaciais para a modernização (KRISTOF, 2004). Para CHUNG (2005) à medida que a reforma econômica avança, também avançam exigências para uma reforma política. O povo ainda está à margem das decisões, como no caso da devolução de Hong Kong à China em 1997: “Milhões de pessoas que construíram Hong Kong como ela é hoje, eram refugiados da China Comunista e tiveram de voltar ao seu controle. Os chineses que tinham cidadania britânica foram proibidos de entrar na Inglaterra. E todos que nasceram e viveram como colonos

britânicos se tornaram cidadãos chineses, independentemente da sua vontade” (CHUNG, 2005: 60). Cabe lembrar que este processo de devolução não foi apenas de responsabilidade chinesa. Foi também conduzido pelo Reino Unido, que teve nesta forma uma conveniência, ao poder se desresponsabilizar por milhões de ex-súditos.

Quantos chineses ultramarinos existem? Chu Wan Tai destaca a dificuldade de se definir um número preciso, mas acredita haver entre aproximadamente 50 e 70 milhões de chineses ultramarinos. “90% estão no sudeste asiático, e essa grande massa de chineses hoje já com outras nacionalidades” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 6). Entretanto, de acordo com um relatório da Academia de Ciências Sociais de Pequim há cerca de 35 milhões de pessoas de origem chinesa vivendo em mais de 150 países do mundo todo (JORNAL BBC, 2007). Para CHIN (1999) eles são 55 milhões.

Diferentemente do passado, hoje o chinês ultramarino é motivo de orgulho para o chinês na China. Prova disto são programas televisivos e reportagens veiculados nos meios de comunicação chineses com este tema (“*For the Chinese the World is Not Enough*” no Canal Educacional da China em 2006), sempre exaltando os feitos dos *huaren*, contribuindo muito para os países de destino nas mais diversas áreas: ciência, política, artes etc. Além disso viraram verdadeiras “minas de recursos” aos olhos do governo. As conexões chinesas nos exterior passaram a ser cada vez mais valiosas e os fluxos, então perpetuados, só aumentaram (GUANG, 2005). Para a China os *huaren* são considerados chineses, ainda que tenham outra cidadania (visto que o governo chinês não permite a dupla cidadania). Ao encarar a questão desta forma a China não tem que lidar com a vergonha de ver tantos chineses abandonando a terra natal, não tem que reconhecer que muitos ou não concordam ou preferem outro lugar. Conforme já visto, HUTINGTON (1997) destaca o papel que o Estado chinês se outorga como o de núcleo da civilização chinesa. “Assim sendo, a ‘Grande China’ não é apenas uma concepção abstrata. É uma realidade cultural e econômica que cresce rapidamente, e que está começando a se tornar uma realidade política. Os chineses foram responsáveis pelo espetacular desenvolvimento econômico dos anos 80 e 90: na China continental, nos Tigres (dos quatro, três eram chineses) e nos países do Sudeste Asiático, cujas economias estavam dominadas por chineses (...) Em outras áreas do Sudeste Asiático, os chineses de ultramar dominaram as economias de seus respectivos países. No começo da década de 90, os chineses representavam um por cento da população das Filipinas, mas respondiam por 35 por cento das vendas das empresas de propriedade nacional. Na Indonésia, em meados da década de 80, os chineses eram de dois a três por cento da população, porém eram donos de cerca de 70 por cento do capital privado doméstico. Dezessete das 25 maiores empresas eram controladas por chineses, e consta que um conglomerado chinês respondia por cinco por cento do PNB da

Indonésia. No início dos anos 90, os chineses formavam 10 por cento da população da Tailândia, mas eram donos de nove dos 10 maiores grupos empresariais e respondiam por 50 por cento do seu PNB. Os chineses são cerca de um terço da população da Malásia, porém dominam quase totalmente a economia do país. Fora Japão e Coreia, a economia da Ásia Oriental é basicamente uma economia chinesa” (HUTINGTON, 1997: 211-212). Entretanto, coloca WEI-MING (1994) a idéia de “China Cultural” é construída em grande medida pelo nível simbólico – tendo um grande peso o que escrevem jornalistas estrangeiros, sinólogos americanos, europeus, japoneses etc. na construção desta idéia. Usando a categoria de Edward SAID (2003), o discurso orientalista de sinólogos do exterior acabou se tornando a realidade, no discurso dos próprios chineses (WEI-MING, 1994: 14). HOBBSBAWN (1990) e outros também chamam a atenção para a artificialidade do nacionalismo.

Diz Lee Kuan Yew: “Nós somos chineses étnicos. Nós compartilhamos de certas características através de uma ascendência e uma cultura em comum (...) As pessoas sentem uma empatia natural por aqueles que compartilham de seus atributos físicos. Esse sentimento de proximidade é reforçado quando elas também compartilham de uma base para a cultura e o idioma”. Na área de influência chinesa, como em outras áreas, os aspectos culturais em comum promovem o engajamento econômico. A combinação de um crescente poderio econômico e de uma cultura chinesa compartilhada levou Hong Kong, Taiwan e Cingapura a se envolverem cada vez mais com a terra natal chinesa. Assim, os homens de negócios e outros elementos influentes passaram a relutar em criticar a China ou a fazer coisas que pudessem ofendê-la. A expansão dos laços de Taiwan com a China continental ficou mais atrasada em comparação com a de Hong Kong, mas depois foi muito facilitada por sua “chinesidade compartilhada” e pela confiança mútua que dela resultava. Havia um certo sentimento de que o sangue falava mais forte (HUTINGTON, 1997: 213-215).

Apesar disso o intercâmbio entre os dois lados do estreito é difícil. Não é possível circular livremente de um lado a outro. É necessário um visto. A entrevistada Sandra, taiwanesa, nunca esteve na China Continental. Mas reconhece que nos anos 2000 tem sido muito mais fácil circular, de acordo com as notícias que tem. O contato se constrói pouco a pouco. Até 1997, ano em que deixou Taiwan, ainda era difícil. Como já dito, muitos dos que saíram de Taiwan nas últimas décadas o fizeram por instabilidade da região; temiam que a qualquer momento pudesse começar uma guerra entre Pequim e Taipei. Porém para o taiwanês Shilon Wang, também ouvido por esta pesquisa, esta não é uma razão para se preocupar. Ele não tem medo que haja uma guerra na região porque Taiwan é muito pequena e muito facilmente poderia acabar, com o estouro de uma bomba. “Mas e aí? Depois ele [governo comunista] vai reconstruir o Taiwan?” Seria um gasto de dinheiro que não

compensaria para a China. Para ele são mais ameaças, porque seria inútil jogar bombas. “Porque ele tá tudo pronto. Por que ele quer pegar? Porque está tudo pronto. Então ele não vai destruir para pegar de novo.” Para ele, a guerra é apenas uma ameaça, que não tem razão. O problema China Continental-Taiwan existe há mais de 60 anos. “A gente [referindo-se à família] fugiu para Taiwan”. Ele conta que praticamente todas as famílias de Taiwan são famílias que vieram do continente. A família Wang, a sua, já estava em Taiwan havia 120 anos, bem antes da guerra. “Pra nós não tem tanta diferença.” Mas para a maioria não, foi a Taiwan por causa da guerra, para outros lugares. “Chinês [Continental] não quer invadir Taiwan. Então parou, cada um ficou seu lado. Então surgiu esse problema até hoje em dia, né. Porque... todos são parentes, mesmo da Chiang Kai-chek, todo mundo é... parente (...) Tudo é parente, né, porque a esposa do Mao Tsé-tung e a esposa desse Chiang Kai-chek: irmã!... É! Eles são cunhados, na verdade. Os três são cunhados.” Quando os governos se separaram, se cada um tivesse ficado no seu lado, tudo bem. Mas ficou um querendo o outro de volta. Ele chama a atenção para como um problema de cunhados se tornou um grande problema de governo. “Um país tão problemático”- diz Shilon.

Outros saíram de Taiwan por não concordar com a política do governo da ilha. Algumas pessoas, em conversa informal, disseram à pesquisa: “Taiwan não é ‘China livre’, como se quer fazer acreditar”. A política da ilha tem apresentado muitos problemas ultimamente, inclusive escândalos de corrupção. Mas a situação sempre foi tensa na região. Para HUTINGTON (1997) três momentos caracterizam a sua política: “Em suma, a autodefinição do governo de Taiwan [República da China] parecia evoluir de governo de toda a China [República da China de 1911] para governo de parte da China [após 1949, somente para Taiwan] e daí para governo de nenhuma parte da China [atuais pretensões separatistas]. Essa última posição, formalizando sua independência *de facto*, seria inteiramente inaceitável para o o governo de Pequim, que afirmou repetidamente sua disposição de fazer uso da força para impedir que ela se materializasse” (HUTINGTON, 1997: 217).

Embora possam se identificar tendências sobre a decisão de emigrar, cada um dos entrevistados apresentou motivações bastante específicas. Em Taiwan, a família da entrevistada Sandra decidiu vir ao Brasil para ver como era: “*kàn yi kàn*” (“olhar um pouquinho”). Ela e o marido trabalhavam com eletrônica, mas tinham curiosidade, porque um amigo de Gaoxiong já morava aqui e achava muito bom. Havia vários motivos para achar o Brasil muito bom: o clima maravilhoso, temperatura agradável (principalmente), um grande território, pessoas muito comunicativas, ausência de terremotos, tufões ou grandes ventos de inverno. “Deus cuidou muito bem daqui”. Como seus filhos estavam começando os estudos,

Sandra e Mateus queriam que eles já se acostumassem na nova terra, com a educação brasileira.

Nem todas as histórias de emigração da China são tão tranquilas. Principalmente se lembrarmos que nas províncias de Cantão e Fujian, os contrabandistas humanos (*human smugglers*) ou cabeças-de-cobra (*snakeheads*) são um problema com o qual muitos imigrantes chineses têm de lidar. Sobretudo porque estes têm que arcar com as dívidas da travessia. Por causa destas “dívidas” muitos chineses trabalham sem direitos no Ocidente. Mesmo que sejam vítimas de crimes, eles resistem em procurar a lei. Muitos estão envolvidos em incidentes de jogo e embriaguez. Em 1991 estimava-se haver cerca de 500.000 chineses ilegais nos Estados Unidos. Neste número incluem-se também chineses provenientes de Hong Kong, Indonésia, Malásia, Taiwan etc. Muitos deles entravam com vistos legais e ficavam ilegalmente como imigrantes (CHIN, 1999). A passagem de imigrantes chineses é particularmente mais arriscada que de outros grupos, embora seja um número pequeno. Eles chegam aos EUA de barco, sobretudo a São Francisco e Nova York. Diferentemente de europeus que entravam ilegalmente e iam ficando, muitas vezes a entrada de chineses já era ilegal. Existe também o crime organizado envolvendo a sociedade chinesa e a corrupção que se alimenta dele. Coloca CHIN (1999) a região de Fuzhou, na província de Fujian, acabou se tornando uma região do crime.

Por que sair? Eles sabem que nos EUA viverão mal – mas se voltarem à China gastar o dinheiro ganho nos EUA, viverão bem. Para os chineses, América é sinônimo de “montanha de dinheiro” (CHIN, 1999: 15). Por que entrar? Oportunidades de trabalho e altos salários, além de asilo político: depois de 1989 o então presidente George Bush deixou os estudantes perseguidos permanecerem nos EUA (CHIN, 1999). Além dos problemas pessoais que fazem a pessoa emigrar (brigas, divórcio, dívidas, problemas com a lei), há também a chamada extorsão por parte do governo. Na China quem ganha mais dinheiro que os demais sem ser alto funcionário, ou sem ter um bom *guanxi*, acaba sendo extorquido pelo governo ou pela polícia. Muitos também saem da China fugindo de perseguição política. Como por exemplo os que não seguiram a política do filho único, ou que divulgam abertamente opiniões contrárias ao governo. Enfim, há os refugiados econômicos e os refugiados políticos. Além destes, os obsecados pelo Ocidente, mais especificamente pelos EUA (*Idem ibidem*).

Ainda hoje, migrar internamente pela China não é um movimento livre. HAESBAERT (1994: 24) destaca alguns entraves burocráticos para a livre locomoção do chinês. Por exemplo, a existência do *hukou*, ou livreto de residência e do *danwei*, unidade de trabalho. Isto significa que todo chinês continental está de certa forma preso à sua província

natal por meio destes documentos. Assim, para migrar para a cidade grande ou para outra província é preciso ter autorização. Não se pode ir para uma zona que não seja a do *hukou* (ou áreas autorizadas, com carência de mão-de-obra). Este documento acaba funcionando como um tipo de passaporte, porém interno. Curiosamente, nas cidades há migrantes ilegais, mesmo que não sejam estrangeiros. O governo controla todos os passos dos cidadãos como uma forma de impedir o inchaço das cidades pelos deslocamentos do campo à cidade. O controle também se dá pelo *dang'an*, dossiê de “bom comportamento” que é feito sobre o cidadão desde a escola até toda a sua vida profissional. Entretanto, para burlar esse rígido controle, muitos chineses recorrem a meios ilegais para migrar tanto interna quanto externamente.

A perpetuação da imigração clandestina tem gerado o espalhamento das redes migrantes e redes contrabandistas nos EUA, tendo a cidade de Fuzhou a grande exportadora de mão-de-obra ilegal. Muitas vezes os imigrantes são enganados pelos cabeças-de-cobra, por vezes sendo auxiliados a migrarem ilegalmente por familiares já habitando nos EUA. Há uma grande rede de contrabando, crime e tráfico humano. O tráfico aéreo é muitas vezes via Hong Kong, com passagem por Shenzhen (CHIN, 1999). Assim como os vietnamitas que entram ilegalmente na China, os chamados *boat people*, muitos chineses continentais também entram frequentemente ilegalmente em Hong Kong (BUN, 1995).

O caso do famoso barco apreendido em Nova York em 1993, o *Golden Venture*, mostra que o tráfico marítimo é muito mais agressivo do que o aéreo. Além dos abusos sofridos a bordo, não raro os imigrantes morrem afogados nos porões do navio. O tráfico por terra também existe, via México com *coyotes* ou via Canadá. A questão da língua e da comunicação é, sem dúvida, a maior dificuldade dos que chegam. Somada a outros fatores, determina que se tenha apenas empregos de baixa renda, e que muitos enveredem para a prostituição (CHIN, 1999).

O governo chinês quer bloquear o contrabando de chineses. Taiwan não é um dos grandes lugares de trânsito do tráfico, mas seus passaportes são valiosos no processo. Houve já várias deportações e os países do Sudeste Asiático também participam do combate ao tráfico humano. CHIN (1999) sugere que os governos da República Popular da China, de Taiwan, de Hong Kong, do Myanmar, da Tailândia e do México (que, com raras exceções, são lugares de trânsito) trabalhem de forma conjunta para combater o tráfico. Para os EUA, ele sugere uma revisão das políticas migratórias. O potencial do tráfico só piora à medida que os chineses continuam determinados a migrar a qualquer custo, e por isso recorrem aos cabeças-de-cobra. O autor acredita que o fluxo só diminuirá quando a China atingir mais

altos níveis econômicos – o que já está a caminho (CHIN, 1999). Entretanto, o que se vê é que mesmo com a economia melhorando, mais chineses saem.

É fato conhecido que ao longo do tempo a emigração de chineses adquiriu um caráter informal. Na região de Fujian, por exemplo, prevalece a imigração irregular, relacionada ao crime organizado. Ali os “cabeças-de-cobra” têm um papel central no processo, mas não são eles as *causas-raiz*. De certas vilas desta província saem emigrantes para a Europa em larga escala. Entretanto não são estes contrabandistas humanos as causas da emigração. Fatores políticos, sociais, econômicos e históricos do país e da região, estes sim, devem ser levados em conta (THUNØ; PIEKE, 2005).

A mão-de-obra qualificada, por sua vez, tem outros canais para deixar o país. As bolsas de estudos de chineses no exterior também têm sido um importante fluxo de saída do país. Só em 2005 a China planejava enviar mais de 7.000 estudantes ao exterior (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004a). Muitos dos estudantes não retornam, causando a chamada “fuga de cérebros” – que ultimamente tem atingido os mais altos níveis já registrados no mundo: “Cerca de dois terços dos chineses que estudaram em outro país desde a década de 80 escolheram não voltar ao país” - de acordo com um relatório da Academia de Ciências Sociais de Pequim (JORNAL BBC, 2007). Um dos autores do relatório, Li Xiaol diz: “Desde 2002 mais de 100 mil estudantes foram para outros países, mas os números dos que voltaram foi de apenas 20 a 30 mil” (In: JORNAL BBC, 2007). Para o Jornal China Daily, até certo ponto, a tendência é inevitável, pois reflete a crescente integração da China com o resto do mundo. Muitos chineses talentosos emigraram para outros países, pois não conseguiram encontrar oportunidades em seu país. É o momento de promover a migração invertida, afirmou o editorial do China Daily (In: JORNAL BBC, 2007). Essa massa de chineses qualificados compõe o que WANG (1994) chama de *shigen qunzu* – ou “desenraizados”.

A diáspora chinesa é uma realidade. E é cada vez mais organizada, como se pode conferir nos websites das comunidades:

ISSCO (International Society for the Study of Chinese Overseas)

OCRAT.COM (estudo da língua para chineses ultramarinos).

BORDER CROSSINGS (informações sobre as diferentes diásporas, como a africana, a judaica, a chinesa, a mexicana e a irlandesa).

HUAREN.ORG (aqui chineses ultramarinos compartilham pensamentos e preocupações).

CHINESE SURNAME QUERIES

GEOGRAPHY OF CHINESE PEOPLES

GLOBAL DIASPORAS IN SOUTHERN CALIFORNIA

ASOCIACIÓN DE FAMILIAS ADOPTANTES EN CHINA (especial para famílias ocidentais que adotam crianças chinesas).

Além destes, as *chinatowns* pelo mundo têm seus próprios websites:

WORLD CHINATOWN

BOSTON CHINATOWN

CHICAGO CHINATOWN

HONOLULU'S CHINATOWN

SAN FRANCISCO CHINATOWN

PSB CHINATOWN DOCUMENTARY

Alguns dos destinos dos chineses são comentados no capítulo seguinte, sobretudo no continente americano, e dentro dele, o Brasil. Na Australásia, como se viu, a convivência não tem sido muito harmoniosa. Ainda hoje os chineses enfrentam preconceito e duro tratamento, como relatado pelo JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (2005a). Trata-se de uma chinesa de 104 anos de idade que teve seu visto de entrada negado na Austrália. Como a companhia aérea não a queria levar de volta à China pela idade avançada, ela se tornou uma personagem presa no limite da política.

De fato, nos anos 2000 o sucesso econômico da China tem atraído de volta alguns dos migrantes chineses que haviam deixado o país em busca de uma vida melhor no exterior. Os retornados são, em sua maioria, imigrantes com formação superior, que agora vêm sua terra natal como “terra das oportunidades” – o que GUNGWU (1994: 144) chama de *guiqiao* - retornado. O JORNAL BBC (2002) mostra o exemplo de Jim Li, que devido à crise no setor de alta tecnologia nos Estados Unidos, decidiu voltar à China. Conta ele: "As oportunidades nos Estados Unidos nesse ramo estão mais escassas desde que a bolha no setor de alta tecnologia estourou. Aqui, está tudo começando, é a nova terra das oportunidades", disse. Ele havia passado 15 anos na Califórnia e, apesar de ter voltado por vontade própria, contou que

tem tido muita dificuldade de se adaptar à cultura chinesa. "Eu odeio a China. As pessoas são mal-educadas, esbarram em você e não pedem desculpas, jogam lixo no chão. É gente demais para um país só", disse. "Além disso, o governo é autoritário, não representa a população como nos Estados Unidos. Mas sei que é aqui que vou ganhar muito dinheiro e quem sabe arranjar uma esposa chinesa que saiba cozinhar. As americanas são muito independentes e só querem saber de fritar hambúrguer", acrescentou o chinês (JORNAL BBC, 2002).

Não há estatísticas oficiais sobre o número de regressos, mas não é difícil encontrar histórias como a de Jim. Shen Yu, que havia adotado o nome de Sônia para os brasileiros, deixou São Paulo com a família depois de quase duas décadas no Brasil: "Nós deixamos a China em 1986. Naquela época, a situação econômica não era das melhores. Meus pais queriam abrir um negócio aqui, mas isso ainda não era tão simples como hoje por causa do regime comunista", contou Sônia. Depois de viver dois anos no Paraguai, a família se mudou para São Paulo em 1988. "Agora que a China entrou para OMC, vai precisar de pessoas como eu que falem português e chinês, que entendam as duas culturas e que possam servir de ponte entre o Brasil e a China", disse Sônia. Ao retornar, esses chineses encontram um país muito diferente. Observam um bairro em Shanghai sendo todo reconstruído. Casas pobres derrubadas, dando lugar a confortáveis condomínios com apartamentos de classe média alta. "É uma diferença inacreditável. Quando voltei, tudo estava mudado. Parece um outro país. Não reconheço mais as ruas, me perco. Xangai é uma cidade viva. É uma emoção estar de volta", disse Sônia. Do que não sente falta? "Da diferença entre ricos e pobres. Temo que a China esteja seguindo o mesmo caminho", disse (JORNAL BBC, 2002). O país tem atraído mesmo não-chineses em busca de trabalho. Desde 1997 mais de mil brasileiros têm ido à China com este objetivo, especialmente no ramo de calçados na província de Guangdong (SALEK, 2002).

A redução do envolvimento ocidental na China depois dos episódios na Praça da Paz Celestial criou oportunidades e o incentivo para que os chineses de ultramar capitalizassem sobre sua cultura em comum e seus contatos pessoais para investir maciçamente na China. O resultado foi uma expansão espetacular dos laços econômicos em geral entre as comunidades chinesas. Em 1992, 80% dos investimentos estrangeiros diretos na China (11,3 bilhões de dólares) vieram de chineses de fora da China Continental, sobretudo de Hong Kong (68,3 por cento), mas também de Taiwan (9,3 por cento), Cingapura, Macau e outras áreas. Do total dos investimentos estrangeiros acumulados de 50 bilhões de dólares, 67 por cento vieram de fontes chinesas (HUTINGTON, 1997: 213). Para Chu Wan Tai a diáspora chinesa deve controlar aproximadamente um trilhão de dólares no mercado internacional, sendo

atualmente a maior fonte de investidores na China (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 6). Sabe-se que esse desenvolvimento da China está se dando às custas de sua população pobre, que trabalha sem descanso e sem direitos, com salários baixos. Ange ZHANG (2005: 55) lembra a longa história de opressão por que passou o povo chinês; 5.000 anos em que 20% corruptos dominavam os 80% restantes. Talvez a busca por melhores oportunidades e qualidade de vida motive essa emigração. Por outro lado, os países ricos fecham os olhos para a exploração chinesa – e até para violação de direitos humanos – e alegremente abrem na China filiais de suas empresas, fortalecendo os mecanismos de exploração e celebrando os exorbitantes lucros. Além disso, a abertura chinesa permite maior acesso internacional ao chinês.

Pela própria vocação de fornecedora de mão-de-obra – a maior população do mundo -, a China tem seus filhos espalhados pelo mundo, desde antes do desbravador Zheng He na Dinastia Ming. Chineses têm emigrado desde o Império, de diferentes formas e condições. Se antes da República eram majoritariamente os semi-escravizados *coolies* (YANG, 1974), depois cada vez mais a emigração passou a ser uma iniciativa individual ou familiar, e após os anos 1960 os emigrantes adquiriram um perfil mais qualificado (GUNGWU, 1994: 132). Sobretudo em Taiwan, a instabilidade e o medo de guerra na região motivou a emigração no auge da Guerra Fria, quando a China Continental ficou fechada e as emigrações, reduzidas. No período mais recente da globalização a República Popular da China, com sua economia socialista, tem experimentado uma abertura cada vez maior ao mercado e ao mesmo tempo aumenta a quantidade de emigrantes chineses em diversas partes do mundo. Ao mesmo tempo que aumenta a força de atração de capitais internacionais para o país, cada vez mais chineses deixam sua terra natal. Assim, verifica-se a abertura de um país como importante fator de saída. O aumento do grau de liberdade política e de abertura econômica, além de melhorar a vida dentro da China, acabam por ser um motivador da ida dos chineses – fazendo cair por terra a idéia de que saem da China porque a repressão é muita e as oportunidades econômicas, poucas. Justamente quando a primeira diminui e as últimas aumentam, cresce a emigração. “Hoje, todo mundo quer sair de lá” – diz Padre Pedro a CASSIANO (2001). O mítico retorno de que falam SAYAD (1998; 2000) e HALL (2003) acaba ocorrendo – sobretudo na forma de investimentos – o que faz o país crescer economicamente da forma que está se passando.

CAPÍTULO II – O BRASIL ACOLHE

2.1. Mercados em expansão atraem mão-de-obra

O Brasil sempre foi país receptor de mão-de-obra estrangeira. Para Herbert KLEIN (2000) usar a mão-de-obra dos indígenas era inviável por estes serem vulneráveis às doenças dos brancos, daí o seu isolamento. Além disso, por todo o continente, aconteceu um extermínio das populações autóctones, como aponta TODOROV (2003). Foi realmente tentada a escravização dos indígenas, mas esta nunca foi eficaz. A isto acrescenta-se a alta lucratividade da atividade de tráfico negreiro, usada no Brasil até o século XIX. A partir do declínio deste tráfico outras formas de mão-de-obra foram adotadas no continente americano, conforme pode ser verificado adiante.

Para YANG (1974: 18) a mobilidade espacial de grandes contingentes humanos levou a ocasionais desequilíbrios entre a oferta e a procura de mão-de-obra no Ocidente. As colônias foram, assim, condicionadas pelos acontecimentos da Europa. Herbert KLEIN (2000) destaca a economia como importante causa da adoção de braços estrangeiros, fortemente influenciada pelo fator demográfico. Desde o século XVIII na Europa crescia a natalidade e diminuía a mortalidade. Ali as alterações tecnológicas no uso da terra e na produção também contaram muito para isso, à medida que muitos perderam seus empregos. Os camponeses europeus estavam em dificuldade – o continente tinha oportunidades limitadas. “O Hemisfério Ocidental oferecia maiores possibilidades de escapar das crescentes limitações nos mercados de trabalho europeus” (KLEIN, 2000: 15).

Quadro 2.1. relações de atração e repulsão entre mão-de-obra e terra

KLEIN (2000) destaca os seguintes fatores de atração:

	Hemisfério Ocidental (Américas)	Hemisfério Oriental (Europa)
Terra	Abundante	Cara e escassa
Mão-de-obra	Escassa	Barata

Fonte: KLEIN (2000).

Daí a atração entre terras americanas e mão-de-obra europeia.

A escassez de habitantes, a existência de potencialidades econômicas e de recursos naturais ainda inexplorados atraem os imigrantes. Assim, da mesma forma que a superpopulação ocasiona a emigração, a subpopulação ocasiona a imigração (YANG, 1974: 18). “Teoricamente, entre os efeitos das emigrações, os mais ponderáveis são a atenuação das pressões demográficas dos países de origem e conseqüentemente a contribuição para o povoamento dos países de destino é a melhor utilização da mão-de-obra disponível, com

elevação geral da produtividade” (*Idem ibidem*: 34). Isso aconteceu não só na Europa e China, como também no Japão da “restauração Meiji”, que foi a expansão do capitalismo no Japão a partir de 1868, quando muitos deixaram o país. A restauração gerou pobreza e desemprego, que aliados à densidade populacional foram fatores de expulsão (GLAVE; LAURO, 2000).

A produção de um excedente de mão-de-obra na Europa e Ásia respondia às necessidades de recepção da mesma em alguns países da América. Na Argentina (produção de carne e cereais) e no Brasil (cultura de café), especificamente, onde as economias ainda se assentavam em bases agroexportadoras, a recepção dessa mão-de-obra era fundamental. “A complementaridade entre as necessidades de *expulsão* e de *absorção* acabou por promover o maior processo de deslocamento populacional conhecido na história do Ocidente, processo que se estendeu durante boa parte do século XIX e se manteve até a década de 1920” (PAIVA, 2000: 18-19). Inversamente, a ausência de dinamismo econômico de países como a Espanha e Portugal produzia da mesma forma um contexto no qual a falta de perspectiva de melhoria na qualidade de vida levava muitos de seus habitantes a cruzarem o Atlântico (*Idem ibidem*: 17).

Para COSTA (1971: 64) as relações entre o espaço geográfico e o processo da imigração se dão principalmente pela qualificação de áreas geográficas. Ou seja, há regiões onde atuam diferentes forças de atração e expulsão. Os fatores de expulsão que levam às migrações são de dupla ordem, segundo Paul SINGER (1973: 38): os decorrentes da introdução das relações capitalistas no campo, acarretando a expropriação dos camponeses, expulsão de agregados, meeiros etc, e os decorrentes de fatores de estagnação. Esses últimos podem se manifestar sob forma de aumento populacional em áreas disponíveis para o cultivo. Tanto a insuficiência física da terra, como a monopolização de grandes áreas agrícolas podem limitar o seu uso.

Por ocorrerem em sociedades de mercado, na maioria das vezes as migrações têm causas econômicas. As jovens nações americanas – novíssimo continente – são países de imigração. Tanto os governos dos países emissores quanto receptores de mão-de-obra ajudaram na decisão (NUSDEO, s.d.). E a imigração chinesa não era diferente: vinha para suprir uma demanda de trabalho (KWONG, 1997).

As migrações internacionais dos séculos XIX e XX envolveram e interligaram todos os continentes. Haviam ocorrido pelo desequilíbrio causado pelos processos de modernização interna ou expansão estrangeira que afetaram o campo e o emprego nas economias e sociedades, além da persistência do tráfico escravista no século XIX (MORIMOTO, 2004: 2). As maiores migrações da história deram-se na passagem do século XIX para o XX com o

deslocamento de 50 milhões de europeus para a América. De 1821 a 1832 20 milhões de imigrantes se estabeleceram na América Latina e no Caribe, a maior parte deles desta procedência (*Idem ibidem*: 2).

Os países da América Latina e do Caribe, convertidos em provedores de matéria-prima e produtos agrícolas, foram um polo de atração para a mão-de-obra européia e asiática. Mesmo assim, pelo mercado de mão-de-obra local ser reduzido ou mesmo ausente em alguns países, setores sobretudo agrícolas e exportadores recorreram à importação de mão-de-obra semi-escrava ou servil. Foi o caso dos *coolies*, recrutados de maneira forçada e submetidos a regime qualificado como de semi-escravidão. Além disso o retardo na libertação dos escravos africanos estava relacionado à produção para exportação, como ocorreu em Cuba e no Brasil, que emitiram leis pertinentes em 1886 e 1888, respectivamente (MORIMOTO, 2004: 2).

De caráter permanente ou como *sojourners* (temporários), os migrantes se deslocam pelo planeta. E as sociedades receptoras agora têm novos “problemas” a enfrentar: os imigrantes. Estes só passam a ser objeto de estudos das ciências sociais quando “constituem um problema”. Os analistas omitiam as questões sobre as causas e os motivos que poderiam ter determinado as partidas e sobre a diversidade de condições e origem das trajetórias - situação que mudou com os estudos de SAYAD (1998). Segundo BOURDIEU (1998: 11) o imigrante é como um bastardo: deslocado, não classificável, inoportuno: analista das mais obscuras regiões do inconsciente. “A sociedade de imigração, quando inclina-se à análise do fato da imigração, ela o faz por motivos pragmáticos, por questão de ordem pública. Sua análise é indiferente às circunstâncias sob as quais se deu o ato de emigrar” (CASSIANO, 2001: 6). E quando ela é levada a interrogar-se sobre as causas da emigração, ela é envolvida por uma espécie de etnocentrismo de ordem totalmente prática, deixando de lado suas estruturas econômicas, o mercado de trabalho, suas estruturas demográficas, suas estruturas sociais etc. (SAYAD, 1998: 17). Para CASSIANO (2001: 7) a abordagem dos motivos e causas do fenômeno migratório em sua totalidade levaria a ponderações referentes a políticas sociais e, sobretudo econômicas, adotadas por países industrializados em relação aos periféricos, à análise mais aprofundada das conseqüências da relação metrópole-colônia vigente durante o mercantilismo, e à origem da primazia política e econômica de alguns poucos países sobre outros muitos países. Para IANNI (1994) é nas grandes cidades que se verificam os processos da Globalização, através de relações, processos e estruturas. Nos países desenvolvidos, Tóquio, Paris, Nova York e Londres são alguns exemplos. Nos países em desenvolvimento, Cidade do México, Cingapura, São Paulo, Hong Kong e Lagos. São todos espaços de recriação de desigualdade e diversidade, podendo-se definir as migrações como reflexo deste quadro em todos estes lugares.

Ao serem espoliados de seus meios-de-produção e conseqüentemente expulsos do campo, inicialmente os trabalhadores foram obrigados a vender sua força de trabalho nas cidades. O desenvolvimento das forças produtivas na cidade desencadeou os processos de competição e, conseqüentemente, de maior especialização da força de trabalho. “Contudo, o imigrante que não conseguiu se adequar às relações capitalistas no campo, tampouco o conseguirá nas cidades. Essa população constituirá o exército industrial de reserva, sendo acionada somente para assegurar o lucro (trabalho não pago) e as precárias relações de trabalho impostas pelos capitalistas. Vivendo de subempregos, biscates, o acesso aos bens de consumo não lhe será possível” (CASSIANO, 2001: 9). Sobre isto MARX (1985) construiu base conceitual sobre o assunto. O migrante como despossuído aparece também em RAJARAM; GRUNDY-WARR (2004), que o mostram como *Homo Sacer*, conceito de AGAMBEN (2004). O imigrante, sobretudo o de caráter irregular, está numa zona limítrofe da política; um excluído, ainda que previsto.

Além dos fatores de atração e expulsão de populações no nível econômico, há também causas de outras naturezas. Relembremos o destaque dado por YANG (1974: 19-20) às causas de ordem geográfica e cultural para o fenômeno emigratório: atração e expulsão. Geograficamente terremotos, secas, inundações, erupções vulcânicas e a existência (ou não) de recursos naturais. Nas causas de ordem cultural as perseguições étnicas, religiosas e políticas. Inicialmente a emigração e imigração eram, na maioria, movimentos espontâneos. Tornaram-se, porém, cada vez mais controlados pelo Estado, através de políticas migratórias. Causas não econômicas, porém, também sempre influíram na mobilidade espacial, como fatores de ordem política, mudanças de regiões, alterações de fronteiras, perseguições religiosas (como a época da Reforma na Europa), invasões (como as dos bárbaros). Algumas emigrações são organizadas, outras não. Existem as de grupos organizados por iniciativa de empresa ou dos próprios emigrantes. Podem assumir um caráter definitivo, atingindo grandes distâncias, sem que delas resultem, obrigatoriamente, novos centros de povoamento. Incluem-se nesta categoria as correntes que se encaminharam para a América e para a Austrália, procedentes da Europa, mas também da Ásia, a partir do século XVI e particularmente nos séculos XIX e XX, como no caso específico dos *coolies* (YANG, 1974: 21). Espalham-se as diásporas pelo mundo, conforme registram HALL (2003), McKEOWN (1999), SKOGGARD (2006), SAFRAN (1991), TÖLÖLYAN (2004), COHEN (1996; 1997) e outros. No capítulo anterior foi visto o que definia a diáspora de acordo com estes autores. Como característica comum, as diásporas de chineses, judeus, armênios, africanos e outros apresentam um sentimento de exílio e de pertencimento a uma terra natal comum. No caso chinês, a um Estado (o chinês).

De 1880 a 1915 aconteceram as grandes migrações. Pelo mundo proliferavam a industrialização, os meios de comunicação e de transporte, viagens marítimas etc. (KLEIN, 2000; YANG, 1974: 18). O desenvolvimento das Américas foi grandemente baseado nas imigrações estrangeiras. Apenas os africanos foram o único grupo que não alcançou êxito no processo: do trabalho agrícola permaneceu o racismo. Com a I Guerra Mundial tais fluxos entraram em declínio (KLEIN, 2000).

Falar das imigrações é falar da sociedade como um todo: aspectos demográficos, políticos, sociais, econômicos etc. (SAYAD, 1998). “Se a demografia é o destino da História, os movimentos populacionais são o seu motor” (HUTINGTON, 1997: 247-248). Em séculos passados, taxas diferenciais de crescimento, condições econômicas e políticas governamentais haviam provocado migrações maciças de gregos, judeus, tribos germânicas, nórdicos, turcos, russos, chineses e outros. Em alguns casos, esses movimentos foram relativamente pacíficos, mas em outros, bastante violentos. Os europeus do século XIX foram a raça superior em termos de invasão demográfica. Entre 1821 e 1924, aproximadamente 55 milhões de europeus emigraram para o ultramar, dos quais 34 milhões para os Estados Unidos. “Os ocidentais conquistaram e, algumas vezes, obliteraram outros povos, exploraram e colonizaram terras menos densamente povoadas. A exportação de pessoas foi talvez a mais importante dimensão da ascensão do Ocidente entre os séculos XVI e XX” (*Idem ibidem*: 247-248). As migrações são fenômenos recorrentes na história da humanidade. Em geral, elas podem ser classificadas em forçadas ou voluntárias. Estas últimas, por sua vez, sujeitas a contratos ou livres. No século XX as migrações forçadas são as provocadas por guerras, epidemias, perseguições políticas e religiosas, desastres naturais e tráfico de escravos. As migrações voluntárias são as que dependem de decisões pessoais e familiares. Foram massivamente produzidas desde o século XIX e foram determinadas essencialmente por razões econômicas, como a busca de emprego e de melhores condições de vida (MORIMOTO, 2004: 2).

Destes encontros nasce o novo, uma nova sociedade já diferenciada das que a originaram. Como verifica-se no poema abaixo de Rosário Morales, um processo sem volta:

“Não sou africana. A África está em mim,
Mas não posso retornar.
Não sou taína. O taíno está em mim, mas
não há mais volta.
Não sou europeia. A Europa vive em mim,
mas não tenho um lar ali.
Eu sou nova. A História me fez (...)”

“Filha das Américas”, poema da escritora Rosário Morales, porto-riquenha, residente nos EUA, de ascendência judia-europeia⁷.

⁷ *Apud* CASTRO, 2001: 18

Quadro 2.2. Países que mais Receberam Imigrantes no Continente Americano entre o Início do Século XIX até a I Guerra Mundial.

País	Período	N. Absolutos	Total no Período 1881-1914
Estados Unidos	1820-1914	35.052.123	
	1881-1890	5.246.613	
	1891-1900	3.687.564	
	1901-1910	8.795.386	
	1911-1914	4.133.131	21.862.694
Canadá	1820-1914	5.625.147	
	1881-1890	886.177	
	1891-1900	321.302	
	1901-1910	1.453.391	
	1911-1914	1.452.631	4.113.501
Argentina	1854-1914	4.660.539	
	1881-1890	841.112	
	1891-1900	648.826	
	1901-1910	1.764.103	
	1911-1914	966.543	4.220.084
Brasil	1820-1914	3.354.829	
	1881-1890	524.386	
	1891-1900	1.129.315	
	1901-1910	673.294	
	1911-1914	570.650	2.897.645

Fonte: *Boletim do Departamento de Imigração e Colonização*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n. 5, dez. 1950, pp. 139-140 (*Apud* PAIVA, 2000, Quadro 3: 18).

Os países que mais receberam esses imigrantes até a Primeira Guerra Mundial foram, por ordem, os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil (PAIVA, 2000: 17). Atualmente as migrações modernas não mais são européias para ex-colônias, como costumavam ser. São um fenômeno global. Ásia, África e América Latina passam a ser lugares que enviam emigrantes. Europa do Sul, Europa Ocidental e Extremo Oriente, por sua vez, passam a receber imigrantes. *Todos* os países participam da migração internacional (CHIN, 1999). O fim do século XX presenciou uma onda diferente e ainda maior de migrações. Em 1990, os migrantes legais internacionais totalizavam cerca de 100 milhões, os refugiados cerca de 19 milhões e os migrantes ilegais eram estimados em 10 milhões, pelo menos. Esse novo surto de migrações foi, em parte, fruto da descolonização, da criação de novos Estados e de políticas oficiais que encorajavam ou forçavam as pessoas a se mudar. Entretanto, foi também fruto da modernização e do desenvolvimento tecnológico. Como visto, os avanços nos meios de transporte tornaram as migrações mais fáceis, mais rápidas e mais baratas; os avanços nas comunicações aumentaram os incentivos para buscar oportunidades econômicas e promoveram as relações entre os imigrantes e suas famílias nos países de origem. “Além

disso, do mesmo modo que o crescimento econômico do Ocidente estimulou a emigração no século XIX, o desenvolvimento econômico das sociedades não-ocidentais estimulou a emigração no século XX. As migrações passam a ser um processo que se autofortalece” (HUTINGTON, 1997: 248). Os imigrantes costumam habilitar seus amigos e familiares no país de origem a imigrarem, fornecendo informações sobre como imigrar – o que leva a uma crise mundial de migrações.

Com o fim da Guerra Fria surge um novo contexto de migração, em que cresce o impacto dos refugiados e deslocados na segurança e na manutenção da paz. Razões humanitárias passam a não mais ser a justificativa para lidar com estes deslocados (LOESCHER, 1995). Para HUTINGTON (1997) a maioria dos migrantes e refugiados do final do século XX deslocou-se de uma sociedade não-ocidental para outra. O fluxo de migrantes para as sociedades ocidentais, contudo, se aproximou, em números absolutos, da emigração ocidental do século XIX. A proporção de imigrantes no total da população atingiu entre 7 e 8% nos principais países europeus. Nos Estados Unidos, os imigrantes constituíam 8,7% da população em 1994. Em sua maioria, os novos imigrantes teriam vindo de sociedades não-ocidentais. Na Alemanha, sobretudo turcos. Na Itália, sobretudo marroquinos. Na França, muçulmanos “O crescimento natural da população dos Estados Unidos é baixo e praticamente zero na Europa. Os migrantes têm altas taxas de fertilidade e por isso respondem pela maior parte do futuro crescimento populacional nas sociedades ocidentais” (HUTINGTON, 1997: 249-250). Por isso os ocidentais cada vez mais receiam estarem atualmente sendo invadidos, não por exércitos e tanques, mas por migrantes que falam outros idiomas, adoram outros deuses e pertencem a outras culturas. Eles temem que irão tomar seus empregos, ocupar suas terras, viver à custa do sistema de previdência social e ameaçar seu estilo de vida.

A globalização não só é econômica e laboral como também cultural e tecnológica. Por causa das disparidades nas condições de vida e na situação política de muitos países, a procura por uma vida melhor é uma constante, e muitas vezes um ato de sobrevivência – daí a mobilidade populacional. Sobretudo nos países mais desenvolvidos as imigrações impactam fortemente. “Cerca de quatro milhões de pessoas trocaram permanentemente os seus países de origem por países ricos em 2005 – um aumento de 10% em comparação com 2004, segundo o relatório publicado nesta segunda-feira pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)” (JORNAL BBC, 2007a). De acordo com o *International Migration Outlook* os países que receberam o maior número de imigrantes permanentes foram os Estados Unidos, a Espanha, a Grã-Bretanha e o Canadá. Os Estados Unidos foram o destino escolhido por 25% dos imigrantes para os países da OCDE no

período coberto pelo relatório. Cerca de 1,1 milhão de pessoas se transformaram oficialmente em residentes americanos em 2005, um aumento de 17% em relação a 2004. “No entanto, o Brasil sequer entra na lista dos 15 países que mais contribuíram para este fluxo” (*Idem ibidem*).

Considera BERQUÓ (2001) que as baixas taxas de crescimento demográfico nos países ricos ocasionam as modernas imigrações. Alude a “migrações de reposição”. “A preocupante situação demográfica dos países ricos motivou um estudo recente da Divisão de População das Nações Unidas, que mostra que sem migração internacional a perda de população é muito maior, e mais rápido o seu envelhecimento. Um exercício de projeção até 2050 procura avaliar, diante de vários cenários, até que ponto a chamada migração de reposição é uma solução para atenuar essas tendências. Migração de reposição, entendida como a migração internacional necessária para frear o declínio do tamanho total de uma população e seu contingente em idade produtiva, e conter seu envelhecimento (...) Quando os governos falam em migração de reposição, referem-se a migrantes documentados que satisfaçam aos requisitos de cada país, ou seja, trata-se de uma migração internacional seletiva: migrantes em idades mais produtivas e com as habilidades de que precisa o país receptor. Ocorre, porém, que nos países em desenvolvimento a força de trabalho continua a crescer, aumentando as pressões migratórias que levam grandes contingentes não possuidores daqueles requisitos a se arriscarem a entrar de forma irregular nos países desenvolvidos” (BERQUÓ, 2001: 11-12).

O número de imigrações ilegais internacionais indocumentadas atingiu um nível sem precedentes, e a tendência pelo mundo é crescer (HUGO, 1998). Cada vez mais o tráfico ilegal de pessoas se torna um negócio lucrativo (SALT; STEIN, 1997). “Talvez os serviços mais competitivos e lucrativos oferecidos por estas redes tenha sido o movimento de pessoas. Todos os aspectos da migração foram comodizados: passagens de vapor, falsas identidades, acessos a consulados e vistos, bem-sucedidos exames médicos, cidadanias, oportunidades de contrabando humano (...)” (McKEOWN, 1999: 320). São processos marcados pelas crescentes flexibilização e mobilidade.

O inglês Tony Judt comenta a história da Europa desde após a II Guerra: em apenas meio século, o continente devastado pela guerra organizou uma próspera comunidade transnacional, a União Européia. Porém a imigração evidencia o fracasso europeu em integrar as populações estrangeiras. Diz Judt: “A integração de um grande número de imigrantes é o principal problema da Europa hoje, muito maior do que o crescimento vagaroso ou o déficit da previdência social, que, na minha opinião, são um tanto exagerados. Tem-se falado muito

da situação francesa, especialmente depois dos tumultos que abalaram as periferias de Paris no ano passado [2005] (...) Assim como a França não conseguiu integrar os africanos e os árabes, a Alemanha hoje tem um problema real com os turcos, e a Inglaterra, com os imigrantes de Bangladesh e do Caribe. Os ingleses têm um modelo de integração muito diferente do francês e gostam muito de falar em multiculturalismo. O efeito, porém, é o mesmo ressentimento entre as populações imigrantes, o mesmo sentimento de serem excluídas da sociedade (...) Ficou impossível fazer de conta que a imigração não existe: os europeus estão sendo forçados a admitir que este é um problema grave. Mas, há uns dez anos, havia uma mistura de silêncio e arrogância em torno do assunto. A voz corrente, com excessão da extrema direita mais agressiva, era de que a imigração não constituía um problema, que a Europa integrava a todos, que Londres era uma maravilhosa cidade multicultural” – (In: REVISTA VEJA, 2006: 68).

HUTINGTON (1997: 250) analisa vários relatos sobre a França, onde percebe-se uma “hostilidade seletiva”: os poloneses – brancos e católicos –, são tolerados e não constituem fonte de preocupação, ao passo que os muçulmanos são desprezados. “Na Europa Ocidental, o anti-semitismo dirigido contra os judeus foi em grande parte substituído por um anti-semitismo dirigido contra os árabes (...) Esses partidos europeus que se opõem à imigração muçulmana eram, em grande parte, o espelho dos partidos fundamentalistas islâmicos dos países muçulmanos” (HUTINGTON, 1997: 250-251). Tony Judt também observa algo nesse sentido: “Os franceses foram muito bem-sucedidos em integrar imigrantes pobres de Portugal, Polônia, Itália, Iugoslávia” (In: REVISTA VEJA, 2006: 69). “De forma geral, as sociedades européias ou não querem assimilar os imigrantes ou têm grandes dificuldades para fazê-lo, e não está claro o grau com que os imigrantes muçulmanos e seus filhos desejam ser assimilados” (HUTINGTON, 1997: 255). Para Tony Judt o que eles não conseguiram foi integrar pessoas que são pobres e negras, ou pobres e árabes. Isso revela que os europeus simplesmente não encaram as conseqüências, desde os anos de 1970, da combinação de uma população crescente de imigrantes não europeus com uma economia vagarosa. Nas décadas de 1950 e 60 era fácil pagar o salário desses contingentes quando a economia crescia rápido, como na Inglaterra e na Alemanha. No fundo, supunha-se que essas pessoas voltariam para casa quando deixassem de ser necessárias. Os turcos retornariam à Turquia, e os indianos, para a Índia, no momento em que não houvesse mais empregos para eles. Entretanto, a falta de ocupação, porém, atingiu os netos dos imigrantes originais, que não têm mais para onde voltar – diz Tony Judt (In: REVISTA VEJA, 2006: 69). O quadro se complexifica à medida que a Europa aperta o cerco através de mudanças na lei de imigração (NICKERSON, 2006).

Tony Judt acrescenta: “Ninguém hoje na Europa gosta de falar em conflitos de classe. Era moda debater isso nos anos 60, mas hoje em dia todos preferem falar de questões étnicas ou de gênero, e não de classe” (In: REVISTA VEJA, 2006: 69). E o problema com turcos na Alemanha, com bengaleses e caribenhos na Inglaterra e com africanos e árabes na França é que eles estão além da concepção de classe: eles estão desempregados, ou desempenham as funções subalternas que os brancos desempenhavam duas ou três gerações antes. São a classe inferior de uma sociedade que não a reconhece. Além da discriminação racial direta, sofrem a falta de empregos, a vida em bairros decadentes, sem comércio, sem transporte, sem boas escolas. A cor é uma desvantagem adicional. “Mas eles são basicamente uma subclasse, e os europeus não querem pensar a respeito disso” (*Idem ibidem*: 69).

2.2. Chineses por toda parte: em especial, as Américas.

A presença física dos chineses conforma as nações do próprio Ocidente, conferindo-lhes características herdadas da China. Rostos, sobrenomes e expressões culturais de origem asiática não são apenas aspectos da paisagem cotidiana para os numerosos habitantes da América Latina e do Caribe. São também componentes de sua própria mestiçagem racial e cultural. Muitos indivíduos de origem asiática que compuseram a mestiçagem têm conseguido destaque nestas sociedades. A partir de seus desenvolvimentos individuais e coletivos conseguiram dar uma boa imagem às comunidades que representam. Tal fato está vinculado tanto à tradição dos países de origem quanto às oportunidades de desenvolvimento que encontraram nos países aonde foram (MORIMOTO, 2004: 1).

Relembrando: certas emigrações são organizadas, outras não. Algumas se realizam por iniciativa de empresa ou dos próprios emigrantes. Assumem caráter definitivo, atingindo grandes distâncias. “Incluem-se nesta categoria as grandes correntes colonizadoras que se encaminharam, sobretudo, para a América e para a Austrália, procedentes da Europa, mas também da Ásia, a partir do século XVI e particularmente nos séculos XIX e XX, como no caso específico dos coolie” (YANG, 1974: 21). Eram deslocamentos causados pelo êxodo rural e o contexto de desenvolvimento urbano que sacudiu os séculos XIX e XX. No litoral sul da China a navegação facilitava a emigração. Os barcos ocidentais possibilitavam aos chineses sua partida para lugares mais distantes. Os imigrantes inicialmente procuravam chegar à Malásia, Índia e Filipinas, atraídos pelo clima moderado e pela abundância de produtos comercializáveis. A maioria dos imigrantes chineses vinha das províncias da China

do sul, devido ao excesso de moradores e às condições montanhosas do local (YANG, 1974: 23-24).

Hong Kong, Xiamen e Shantou, no sudeste da China, são os principais portos de saída do país. Refletem uma vocação especial da região, que além de costeira, é altamente povoada e tem uma economia altamente complexa, comercializada e voltada para fora, diferente do norte do país, por exemplo. A interação de longa data com não-chineses forneceu aos chineses os meios para aproveitar a economia do Pacífico em transformação. Apesar dos problemas que o país enfrentou, como desordem e pobreza, emigrar, sobretudo numa base familiar, não teria sido possível sem um certo grau de estabilidade, abertura, oportunidade e uma rede organizada. Tudo isso tem sido oferecido pela China meridional desde a segunda metade do século XIX, que foi o início da maior emigração (McKEOWN, 1999: 313; 315). “Conforme exposto encontramos uma conjuntura regional na China francamente favorável à emigração. A crescente urbanização, as lutas internas, os fatores de ordem ecológica e as invasões estrangeiras, submetem o país a toda sorte de adversidades. O resultado é a saída em massa dos chineses. (...) ao mesmo tempo que o comércio de coolie, no início um fator de desenvolvimento das colônias no Ocidente, passou, gradativamente, a se tornar um obstáculo a este próprio desenvolvimento” (YANG, 1974: 38).

Assim, os chineses consolidaram sua diáspora espalhando-se pela região, mesmo. Pode-se falar no sudeste asiático como parte da “Grande China”, como uma zona de influência chinesa já exterior à esfera de atuação do Estado chinês. Nos países próximos habitam muitos chineses, por isso tal influência. Para HUTINGTON (1997) a “Grande China” não é apenas uma concepção abstrata, mas uma realidade cultural e econômica que cresce rapidamente, de modo a se tornar uma realidade política. Os chineses foram responsáveis pelo espetacular desenvolvimento econômico dos anos de 1980 e 90: na China continental, nos Tigres (dos quatro, três eram chineses) e nos países do Sudeste Asiático, cujas economias estavam dominadas por chineses. Em outras áreas do Sudeste Asiático, os chineses de ultramar dominaram as economias de seus respectivos países. No começo da década de 1990, os chineses representavam 1% da população das Filipinas, mas respondiam por 35% das vendas das empresas de propriedade nacional. Na Indonésia, em meados da década de 1980, os chineses eram de 2 a 3% da população, porém eram donos de cerca de 70% do capital privado doméstico. Dezesete das 25 maiores empresas eram controladas por chineses, e consta que um conglomerado chinês respondia por cinco por cento do PNB da Indonésia. No início dos anos de 1990, os chineses formavam 10% da população da Tailândia, mas eram donos de nove dos 10 maiores grupos empresariais e respondiam por 50% do seu

PNB. Os chineses são cerca de um terço da população da Malásia, porém dominam quase totalmente a sua economia. “Fora Japão e Coréia, a economia da Ásia Oriental é basicamente uma economia chinesa” (HUTINGTON, 1997: 212). James Lee Hoi On menciona haver entre quatro e cinco milhões de chineses na Indonésia, e que 90% da população de Cingapura tem origem chinesa. Acrescenta também que na Tailândia há muitos chineses de Fujian trabalhando como joalheiros ou orives (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 15). Segundo LOISKANDL (1995), os chineses são um dos grupos que mais entram ilegalmente no Japão. Dentre os que lá entram legalmente, os chineses são o segundo grupo, depois dos coreanos. Por exemplo, em 1989 estes compunham 681.838 imigrantes, e os chineses eram os próximos atrás, com 137.499 (LOISKANDL, 1995).

Entretanto, como se sabe, nem toda migração chinesa foi voluntária. Como destacam YANG (1974), MORIMOTO (2004) CASSIANO (2001) e outros, muitos chineses foram sequestrados, comercializados e escravizados alhures, sobretudo no continente americano (Peru, Cuba, Estados Unidos etc.). O comércio de *coolies* foi uma realidade na segunda metade do século XIX. Isso diferencia muito a migração chinesa de outras migrações asiáticas, como a japonesa ou a coreana. Estas são normalmente caracterizadas como migrações voluntárias (MORIMOTO, 2004: 2) – embora PASTOR (2004) e CASSIANO (2001) relatem também a presença de escravos japoneses. Mesmo quando a migração é voluntária o emigrante enfrenta sérios problemas, como os contrabandistas de pessoas. Através deles realizam-se travessias ilegais e por causa deles a renda destes migrantes é reduzida, porque estes têm que pagá-los. A mesma China meridional que oferece a abertura, as oportunidades etc. – enfim, as condições necessárias para a saída de pessoas – é o lugar onde ocorriam o sequestro de *coolies* e o contrabando de pessoas atual (KWONG, 1997: 9). O caso do famoso barco apreendido em Nova York em 1993, Golden Venture, mostra que o tráfico marítimo é muito mais agressivo do que o aéreo. Além dos abusos sofridos a bordo, muitos imigrantes morrem afogados nos porões do navio (CHIN, 1999). O tráfico por terra também existe, via México com *coyotes* ou via Canadá (CHIN, 1999; HU-DeHART, 2004a; LEE, 2002; TAYLOR, 1992) – a despeito das políticas do NAFTA, continua a imigração ilegal nos Estados Unidos (MILLER, 1995).

A questão da língua e da comunicação é, sem dúvida, a maior dificuldade dos que chegam. Somada a outros fatores, determina que se tenham apenas empregos de baixa renda, e que muitos enveredem para a prostituição. O governo chinês tem tentado sem sucesso bloquear o contrabando de chineses. Os países do sudeste asiático têm se comprometido a ajudar, tendo já realizado várias deportações. Taiwan, embora não sendo um dos grandes lugares de rota do tráfico, tem passaportes considerados valiosos no processo de migração

ilegal (CHIN, 1999). E como visto, à medida que a China cresce economicamente, mais chineses saem.

Tanto a emigração quanto a imigração chinesas vêm para suprir uma demanda de trabalho. De modo que a migração chinesa não é diferente da de outros grupos que se espalharam pelo mundo: é parte de uma mobilidade internacional mais ampla, consequência de uma economia global determinada a encampar o livre comércio e mercados abertos (KWONG, 1997: 9). Causas econômicas têm um peso preponderante para a emigração dos chineses durante o século XIX e início do século XX. “E essa massa aparece como um contingente facilmente renovável, ante a maior oferta que procura, em vários períodos” (YANG, 1974: 19). KLEIN (2000) havia chamado a atenção para a impossibilidade de se usar mão-de-obra indígena, e os asiáticos têm sido mão-de-obra barata (CHANG, 2006). Vê-se aqui que várias causas podem determinar a emigração, embora segundo YANG (1974: 8) a mais vulgarizada seja a superpopulação.

Com a Revolução industrial na Inglaterra, no início do século XIX, as comunicações contribuíram muito para a imigração de trabalhadores chineses, não só aumentando o número de imigrantes, como também ampliando as áreas necessitadas de mão-de-obra (YANG, 1974: 4). Na Europa, o Reino Unido, a Holanda e a França são os principais destinos de chineses, mas a verdade é que eles estão em todos os lugares (GUERASSIMOFF, 2003). Ásia e América Latina estão ligados há séculos pela constante vinda de asiáticos. Finalmente no século XIX tiveram imigração de forma organizada (YANG, 1974; HU-DeHART, 1995). Para LIU (1995) há um longo hiato entre asiáticos cruzando o estreito de Behring os séculos posteriores ao XVII, quando mais asiáticos foram à América do Norte de forma sistemática.

De forma que, em escala mundial, a mobilidade espacial de grandes contingentes humanos está sujeita, inevitavelmente, à lei da oferta e da procura de mão-de-obra. Daí os aparentes paradoxos: em certas épocas de atividade febril, o mercado de trabalho se revela insuficiente para atender a toda a procura. Assim, por exemplo, em 1834, o comércio de *coolie* se desenvolvia numa época marcada pelas grandes emigrações. Tornando constantemente inútil uma parte dos trabalhadores, a indústria moderna nos países em que estava radicada, estimulava e incitava a emigração para países estrangeiros e sua colonização que se convertiam, enfim, em colônias fornecedoras de matérias primas para a mãe-pátria. Já no século XVII houve iniciativas incipientes no sentido de um comércio do “sistema de *coolie*”. No início deste século já havia fuga de chineses para a ilha de Java onde, enganados, trabalhavam para plantações dos holandeses. Havia chineses que saqueavam navios e vendiam chineses aos holandeses, agiotas chineses que enganavam suas vítimas vendendo-as a ocidentais (YANG, 1974: 80-81).

No século XIX haviam sido descobertas minas de ouro na Califórnia e na Austrália, rumando para aí muitos imigrantes chineses denominados livres. Após sua permanência nesses locais, durante 20 anos, passavam a ser chamados imigrantes contratados. Eram lavradores do governo estrangeiro ou de organização comercial que tivesse sob sua responsabilidade o pagamento de salários e o período de duração dos trabalhos. Esse trabalho, com contratados, possuía grande semelhança com o da escravidão, sendo por isso chamado pelos estrangeiros de “comércio de *coolie*”. Espanhóis e portugueses haviam sido os primeiros a introduzir na América escravos negros da África, processo chamado de tráfico de escravos, com o objetivo de desenvolver a agricultura. Pelo fato de a colônia inglesa da América do Norte ter empregado cruéis tratamentos aos seus escravos, os liberais europeus realizaram um movimento contra a escravidão, somente exitoso após a independência dos Estados Unidos, proibindo-se a utilização de escravos negros e assim terminando, em 1865, durante a guerra civil, a escravidão no país. “Outras nações aderiram a esse movimento, como França e Inglaterra, parecendo ter-se extinguido a escravidão no mundo a partir da última década do século XIX” (YANG, 1974: 4-5).

Com o liberalismo econômico não havia necessidade da presença do escravo. Depois da revolução industrial as potências capitalistas desenvolveram suas colônias, tornando-se necessário o emprego de lavradores com salários baixos. Porém, os escravos já haviam sido libertos. Foi preciso encontrar novos lavradores para os trabalhos. Os imigrantes chineses representavam uma solução, pois, com toda sua paciência, acatavam todas as ordens recebidas, mesmo sendo baixo o seu salário. Além disso, para os brancos, era muito difícil a sua adaptação a esse tipo de trabalho, devido ao clima tropical e subtropical. “Os nativos eram indolentes, segundo os colonizadores e por isso os chineses tornaram-se ideais para os ocidentais, no campo da lavoura” (YANG, 1974: 5). Como visto, em 1865, com a Independência dos Estados Unidos, cessou o tráfico de escravos, também por parte de ingleses e franceses – mas apenas o nome havia mudado para “sistema de *coolie*”. Na realidade tratava-se apenas de uma continuação da escravidão clássica (*Idem ibidem*: 79).

Inicialmente os Estados Unidos utilizaram-se largamente da mão-de-obra chinesa. Não se deve esquecer que o Havaí se utilizou muito de mão-de-obra *coolie* no século XIX. Depois de pagas as dívidas e cumprido o contrato, aí sim, o imigrante “podia fazer fortuna” (McKEOWN, 1999: 316-317). O século XIX foi o ápice da chegada dos *coolie*. Os chineses correspondiam a 4% de todos os imigrantes aos Estados Unidos (LIU, 1995). Como visto anteriormente, na década de 1870 o Império chinês, que antes condenava os emigrantes como traidores, começou a rever tal posição. Nos anos seguintes verá um frutífero retorno

financeiro decorrente desta situação. Os emigrantes bem-sucedidos começaram a investir na terra natal (McKEOWN, 1999). A “alegria” dos chineses, entretanto, estava prestes a acabar. O favorecimento a europeus brancos parecia ser uma tendência no continente e, em 1882, nos Estados Unidos entrava em vigor a Lei de Exclusão Chinesa, que impedia a entrada de chineses. Os que já estavam nos Estados Unidos, por sua vez, tiveram de enfrentar um duro tratamento (FERGUSON, 2006).

Nos Estados Unidos a presença da mão-de-obra chinesa serviu a interesses econômicos ao suprir a demanda laboral (qualificada e não-qualificada) e ao reduzir os níveis salariais e o poder de barganha das organizações trabalhistas domésticas. Assim, pouco a pouco foram sendo eliminadas as proteções ao trabalhador menos qualificado no país como um todo, havendo um favorecimento do trabalho não-qualificado não-organizado. O resultado foi o declínio da mão-de-obra norte-americana e de suas conquistas (KWONG, 1997: 10). Para James Lee Hoi On, Nova York e São Francisco são as cidades com mais chineses nos Estados Unidos, embora mereçam destaque também Miami, Filadélfia e Nova Jersey (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 16). Estas cidades apresentam *Chinatowns* com muitos imigrantes vindos de Fujian, central do contrabando humano. A vida num enclave étnico é reclusa pois pode-se viver sem precisar nunca sair dele, sem falar inglês ou assimilar-se na sociedade de adoção. Embora quem esteja de fora tenha a impressão de que lá dentro vivam livremente, com os privilégios de um mundo paralelo, na verdade trata-se de uma *armadilha*. Raramente os chineses vivendo num enclave étnico saem do sub-emprego, diz KWONG (1997: 12).

Ao longo do século XX nos Estados Unidos a situação dos asiáticos transformou-se bastante. Em 1942, relata AGAMBEN (2003), asiáticos, sobretudo japoneses e *nikkeis* (descendentes) perderam seus direitos. Fala-se em 70 mil *nikkeis* e 40 mil japoneses deportados na ocasião. Já 1965 foi um ano em que os chineses nos EUA aumentaram significativamente (LIU 1995); neste mesmo ano, com o *Civil Rights Act* acabaram as cláusulas restringindo os direitos dos imigrantes “de cor” (KWONG 1997); nos anos 1980 aumentaram as conexões entre América do Norte e Ásia: mais vôos, imigração etc. (SKELDON, 1995); e em 1993 os chineses correspondiam a 25% de todos os imigrantes legais nos EUA (LIU, 1995). Sobre os imigrantes ilegais, escreve KWONG (1997) que nos Estados Unidos existem 5 milhões de imigrantes ilegais. 60% deles, mexicanos e centro-americanos. Os provenientes de Fuzhou são relativamente poucos, mas especiais porque vítimas da rede de contrabando humano. Sob tortura, estupro, sequestro e outros abusos, durante anos trabalham exclusivamente para “pagar” suas dívidas adquiridas na chegada aos Estados Unidos (KWONG, 1997).

No relato ficcional *O clube da felicidade e da sorte*, uma americana *huayi* relata: “Minha mãe acreditava que você poderia ser qualquer coisa que quisesse na América. Você poderia abrir um restaurante. Você poderia trabalhar para o governo e conseguir uma boa aposentadoria. Você poderia comprar uma casa com quase nenhum dinheiro. Você poderia enriquecer. Você poderia ficar famoso instantaneamente (...) A América estava onde apoiavam-se todas as esperanças de minha mãe. Ela tinha vindo para cá em 1949 após ter perdido tudo na China” (TAN, 1989: 132) – o relato, embora ficcional, capta bem o espírito e as expectativas do *huaren* em relação aos Estados Unidos. Como apontado por CHIN (1999), o “Belo País” (*meiguo*, ou EUA) é o depositário da esperança de muitos migrantes chineses, daí eles migrarem para lá a qualquer custo, com uma grande motivação. Mas na travessia algo sempre se perde, como aponta TAN (1989)⁸.

No Caribe, conta HU-DeHART (2004), a população autóctone foi praticamente dizimada já 50 anos depois do primeiro contato com os europeus⁹, daí os esforços de reconstituir a população local com a chegada de milhões de escravos africanos importados para trabalhar nas plantações, sobretudo de açúcar. O número de europeus era bem menor, pois estes tinham a função de administrar a colônia. Durante séculos as colônias enviaram riquezas às metrópoles. Às vésperas da abolição da escravidão, no século XIX, os britânicos já estavam pensando em fontes de mão-de-obra barata, “dócil” e não-qualificada porque não queriam abandonar a produção e exportação dos lucrativos produtos agrícolas. A partir de 1806, encontraram a solução em contratos a longo prazo não-rescindíveis de asiáticos que implementaram com um carregamento experimental de 192 chineses contratados para ir a Trinidad (HU-DeHART, 2004: 16).

Enfatizamos, no começo do século XIX houve o incremento de plantações de algodão, chá, cana de açúcar, exploração de minas de adubos de pássaros no Novo Mundo e, ainda, o desenvolvimento de minas em Sumatra, cultura de arroz na Malásia e açúcar no Hawaí. E posteriormente o serviço militar durante a primeira guerra mundial. Assim tornou-se necessária a utilização de trabalhadores com salários baixos em lugar dos escravos. A denominação *coolie*, segundo Charles Morazé, aparecia como *coles* nos escritos portugueses quinhentistas. O vocábulo originara-se do guzerate. Daí o hindu *kuli*. Inicialmente definia uma casta pertencente à “cor” dos *Sudras* (a quarta “cor” abaixo dos *Vaishyas*, agricultores e

⁸ Em seu romance *The Joy Luck Club* Amy TAN (1989) descreve a travessia de uma chinesa até os Estados Unidos. Nela, ela tem que se desfazer do cisne que queria trazer ao novo país, restando-lhe somente a pena da ave. Seu sonho é poder contar tudo à filha em “perfeito inglês americano”. A filha, por sua vez, “cresceu falando só inglês e engolindo mais Coca-Cola que mágoa”. Ela lhe diria: “Essa pena pode parecer sem valor, mas vem de longe e carrega consigo todas as minhas boas intenções” (TAN, 1989: 17).

⁹ Sobre o massacre, ver TODOROV (2003).

criadores de gado). Do hindu a palavra evoluiu para diversos nomes em diversas línguas, como por exemplo a versão inglesa *coolie*. Ela significa massa móvel de trabalhadores assalariados, indianos ou chineses, que se espalharam pelo mundo (YANG, 1974: 5-6).

Chamado de “sinistro experimento de ‘países civilizados’” por HUI (1995), o comércio de *coolies* durou boa parte do século XIX. Era também conhecido como comércio dos *chu-tsai* (porcos humanos). Colônias sob o domínio europeu usaram deste recurso para serem economicamente vantajosas, à medida que o Tratado de Viena de 1815 não mais permitia escravizar africanos (MORIMOTO, 2004). A decadente dinastia Qing não teve como evitar este comércio – aliás, a frágil situação do país contribuiu para a existência deste tipo de trabalhador (HUI, 1995), como visto no capítulo passado. Para PASTOR (2004) e CHOU (2003) na verdade tratava-se de uma continuação do tráfico negreiro, porém agora se utilizando de mão-de-obra asiática. Para evitar que o comércio de *coolies* se parecesse com o tráfico de escravos, comerciantes europeus recorriam ao seguinte artifício: os trabalhadores assinavam contratos antes de embarcar. Além de chineses, indianos e japoneses participavam desta “nova” modalidade (PASTOR, 2004: 117). Conta KWONG (1997) que o tráfico de *coolies* utilizou-se de muitos dos mesmos navios usados no tráfico de africanos. Entre 1847 e 1874 – ano em que foi encerrado o tráfico – foram levados 125.000 *coolies* a Cuba (MORENO FRAGINALS, 1989; HU-DeHART, 2004) e entre 1849 e 1874 cerca de 100.000 ao Peru. Para STEWART (1976) esta cifra foi de 90.000, embora 100.000 seja o dado mais frequente. O Panamá aparece como o terceiro receptor em volume (MON PINZÓN, 1989).

YANG (1974: 6) estabelece relações entre o comércio de *coolie* dentro da problemática geral das grandes emigrações, ocorridas em toda a face da Terra a partir da arrancada do capitalismo industrial, sedimentado na Inglaterra e a forma anti-humana do tratamento dispensado aos chineses emigrantes como um reflexo da expansão colonialista em direção ao Oriente. No que tange as grandes emigrações e a expansão colonialista, do século XIX até a I Guerra foi o auge do comércio *coolie*. Eles realizaram trabalhos agrícolas e mineração: chá e obras públicas no Brasil, cana no Havaí, tabaco na Sumatra, mineração de estanho em Liliton, coco e borracha na Samoa Ocidental, minas em Transvaal e serviço militar na Rússia. No tocante à demanda de mão-de-obra no Ocidente, procurava-se atrair os trabalhadores estrangeiros habilidosos, muitas vezes valendo-se do rapto (*Idem ibidem*: 11-12).

YANG (1974) descreve a presença *coolie* em várias partes coloniais do mundo e relata diversos casos de golpes, de enganação dos trabalhadores, transformados em *coolies*. Frequentemente o seqüestro e a coerção física eram praticados e as viagens de navio eram em péssimas condições: embarcações superlotadas causavam grande mortalidade. O prejuízo dos

investidores era muito grande e por isso muitos navios passaram a ser fiscalizados, mas só no porto. Quando os navios se afastavam, embarcações menores se aproximavam e despejavam o restante do excedente populacional nele. YANG (1974) demonstra que, em certos navios, cerca de 45% dos passageiros morriam, não chegando ao destino. As viagens mais longas eram para o continente americano, levando cerca de 147 dias para se chegar a Cuba, por exemplo. “Esse navio foi um inferno flutuante” (MORSE, 1910; 170). Nos navios motins eram muito comuns, também, e muitas rebeliões terminavam em morte do dono do navio (YANG, 1974: 46).

Segundo o depoimento do general brasileiro Lima FIGUEIREDO (1941): “o cule (carregador de rua) é um farrapo humano. Nasce como as ervas, vive ao Deus dará e morre como um cão. Não tem vontade própria. É máquina que dá o esforço derradeiro info até a morte. Navios e navios, semelhantes em tudo aos veleiros que conduziam negros, partiam conuzindo levas e levas de chineses pelo mundo afora. E até o nosso Brasil recebeu esses desgraçados quiçá os precursores dos restaurantes a baixo preço” (FIGUEIREDO, 1941: 34). Nas colônias, na plantação e mineração, sofreram maus tratos. No Peru, no Panamá, na Guiana Inglesa, em Cuba e em outros lugares.

Na África do Sul havia rigorosos exames físicos. Jack LONDON (1934) retrata a dívida a que os trabalhadores se submetiam, muito difíceis de serem pagas, além do extenuante trabalho de mineração, os maus tratos dos supervisores brancos (mesmo não falando a mesma língua). Padre Pedro diz que se supõe que das minas deste país tenham vindo grupos de chineses ao Brasil (In: CASSIANO, 2001: 64). Entretanto, num quadro comercial francamente abolicionista, não mais havia condições para a manutenção do comércio de *coolies* no velho estilo. “A posição da Inglaterra, nos últimos anos do século XIX e começos do século XX foi importante neste sentido” (YANG, 1974: 77). YANG (1974: 8) atribui a abolição do comércio *coolie* ao crescimento das pressões humanistas. “Na história humana este comércio foi uma passagem amarga” (*Idem ibidem*: 79). Para este autor o sistema de *coolies* era pior que a escravidão porque o *coolie* tinha que seguir um contrato e era considerado mercadoria. Daí o nome “comércio de *coolie*” (YANG, 1974: 81). As companhias de imigração dos estrangeiros empregavam chineses vadios, aos quais enganavam e recebiam altos lucros, conseguidos por métodos anti-humanos. Graças à opinião pública mundial e européia, havia acabado oficialmente o regime de escravidão. Precisamente no princípio do século XX o “sistema de *coolie*” chegara ao fim. A introdução de novas técnicas à agricultura, nas plantações de arroz, algodão, cana, chá e café, o desenvolvimento de minas, adubos e mesmo prestação de serviço militar durante a I Guerra:

foram estas algumas das contribuições dos *coolies* aos países onde se instalaram (*Idem ibidem*: 81-82).

Pode-se dizer que os chineses encontraram muita resistência onde chegaram. De racismo a restrições legais, como na Austrália do século XIX, por exemplo (WANG, 1971). O racismo persiste até os dias de hoje, como observa COLLINS (1995). Apesar disso, os asiáticos aumentam sua participação na composição populacional da Austrália. Em 1991 contavam-se 687.850 cidadãos australianos nascidos na Ásia. Destes, 199.288 eram da região que inclui China, Japão e Coreia. Cada vez mais asiáticos entram no país, seja como temporários, estudantes ou turistas (COLLINS, 1995) – contudo, como visto no capítulo anterior, contemporaneamente por vezes o país adota medidas severas contra os chineses (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2005a).

Ao contrario da imigração européia, a de origem asiática, em geral, não foi planejada, nem desejada, tampouco esteve de acordo com o ideal racial das elites latino-americanas do século XIX. Experimentou de fato o rechaço e a discriminação na maior parte dos países onde se inseriu. – tendo sido, em alguns deles, excluída explicitamente através de suas legislações. Em Cuba e no Peru, foi promovida por interesses vinculados à exportação e por intermediários que se beneficiavam de comissões provenientes do tráfico e do “enganche”, um sistema estendido na contratação de mão-de-obra local ou importada que implicava na intervenção de um intermediário entre o trabalhador ou agente de tráfico ou imigração e a empresa contratante (MORIMOTO, 2004: 3-4). Por estar ligada à atividade agro-exportadora, o ingresso e o volume desta mão-de-obra dependeram dos vai-véns da demanda mundial de açúcar, algodão e café. No caso do Peru, sua inserção também relacionou-se, entre 1850 e 1870, à extração de guano (adubo orgânico) das ilhas (MÉNDEZ, 1988) e, no caso do Panamá, à construção das estradas de ferro (MON PINZÓN, 1989; SIU, 2004).

Condições desumanas do tráfico, maus tratos e condições opressivas do trabalho tornaram-se motivo de pressão internacional que culminou no fim do tráfico, ao menos oficialmente, em 1874 – embora não-oficialmente tenha continuado por décadas. Houve também a migração de chineses à América Latina e Caribe de caráter livre e os *coolies* liberados incluíram-se entre as ondas de chineses que durante os séculos XIX e XX circularam tanto dentro dos países receptores quanto em outros lugares do mundo, num processo de re-migração (MORIMOTO, 2004: 4).

Já em 1806 começava o que seria um longo processo de imigração no Caribe. Mais de 500 mil asiáticos chegariam à região ao longo do século. Os trabalhadores provenientes de possessões britânicas na Ásia foram levados principalmente às colônias britânicas; os

chineses, a Cuba; e os demais se distribuíram entre possessões britânicas, francesas e holandesas. Assim aumentava a diversidade de raças, etnias, religiões, idiomas e culturas no Caribe. As mulheres eram pouco numerosas em todas as comunidades de trabalhadores imigrantes, principalmente entre os chineses. Tal desequilíbrio entre a população de homens e mulheres traria enormes consequências para a reprodução das comunidades na diáspora e para as gerações nascidas no Caribe (HU-DeHART, 2004: 15-17).

No caso dos chineses, os 150.000 que chegaram ao Caribe não eram parte de um movimento mundial de trabalhadores que emigravam apenas para lá, mas de uma emigração massiva a todas as partes das Américas e, na realidade, a todo o mundo, ocorrida no século XIX. A maioria era originária das províncias de Guangdong (Cantão) e Fujian. Os falantes da língua cantonesa se identificavam a si mesmos como *punti* (locais), para diferenciar-se dos *hakka* (a gente convidada), que haviam vindo do norte gerações antes (HU-DeHART, 2004: 17).

HU-DeHART (2004) mostra dois padrões de atividades e populações chinesas no Caribe: trabalhadores agrícolas como no caso de Cuba, que é o principal exemplo; e burguesia comercial, como no caso da Jamaica – e pode-se dizer o México. Suas contribuições nestes âmbitos estão acompanhadas por notáveis conquistas na produção cultural, o que repercutiu na arte, na literatura, cultura popular e as identidades nacionais no Caribe (HU-DeHART, 2004: 19). Para MOTES (2000) os chineses são a base da sociedade cubana, juntamente com espanhóis e negros.

O Peru é dos países que mais receberam chineses, e já o faz há mais de 150 anos. Estima-se que 100.000 *coolies* tenham chegado ao Peru no século XIX (PASTOR, 2004: 115). MÉNDEZ (1988) e MORIMOTO (2004) haviam destacado a importância da extração de guano na época. Após esses trabalhadores, migraram ao Peru chineses comerciantes e empresários, o que conferiu à comunidade chinesa uma melhoria no seu *status* e uma posição de liderança no Peru (PASTOR, 2004: 116). Os chineses se miscigenaram muito facilmente com os peruanos, tendo ocorrido muitos casamentos mistos (sobretudo de chineses com peruanas), fazendo se fundirem as culturas (PASTOR, 2004).

Já o Chile também utilizou mão-de-obra *coolie* no século XIX. A maior parte deles era de homens solteiros para trabalhar nas minas de Atacama e Coquimbo. Havia cozinheiros, serventes e operários, e um pequeno número de comerciantes. Ao longo do século XX a situação dos que chegavam era melhor, destacando-se comerciantes e investidores, muitos deles taiwaneses. Isso transformou sobremaneira a sociedade chilena, trazendo para ela o confucionismo e vários outros valores e costumes. Para CHOU (2004) da segunda geração em diante a assimilação foi total. Tendo tido acesso à educação formal, esta geração, filha de

coolies ou comerciantes, tornou-se conhecida como “*los hijos profesionales*”. E embora pequena, hoje a comunidade sino-chilena é próspera (CHOU, 2004).

No México, conta HU-DeHART (2004a), os chineses se fixaram sobretudo na fronteira com os Estados Unidos. Com a Lei Americana da Exclusão Chinesa de 1882, muitos deles viram nesta região um bom lugar para se estabelecer para trabalho e comércio. Além disso, coioetes chineses ali começavam a fazer travessias ilegais que continuam até hoje (HU-DeHART, 2004a; LEE, 2002; TAYLOR, 1992). Os chineses viram a proletarização dos camponeses mexicanos, a gerar uma nova demanda por alimentos, roupas e serviços básicos. Surgia um novo mercado em torno da recém criada estrada de ferro e das cidades mineradoras. No começo do século XX os chineses haviam se firmado como burguesia comercial nesta florescente fronteira. Sua presença era especialmente importante na província noreste de Sonora, que fazia divisa com o então território do Arizona, nos Estados Unidos (HU-DeHART, 2004a: 54).

De acordo com o Censo Mexicano de 1900, os 850 chineses que viviam em Sonora representavam apenas um terço de todos os chineses do México. Às vésperas da Revolução Mexicana (1919-1920) que buscava derrubar a ditadura de Porfírio Diaz, que havia aberto as portas do México aos imigrantes chineses, um quarto dos 1.313.000 chineses que haviam migrado para o México viviam em Sonora. Num estado que se caracterizava por sua população estrangeira – norte-americanos, franceses, alemães e espanhóis – os chineses haviam se convertido na maior comunidade de imigrantes. Também haviam conseguido um lugar especial na economia que era reconhecido pelos mexicanos de forma negativa, o que resultou na sua expulsão do estado durante a Grande Depressão da década de 1920. Seus bens foram expropriados para que fossem criadas empresas e fortunas baseadas na infra-estrutura que a comunidade chinesa havia construído e agora se via obrigada a abandonar. Hoje os imigrantes chineses têm apenas uma débil presença no estado. No México, chineses se abriram a todos os estados, exceto a um (o pequeno estado central de Tlaxcala) no século XX. No entanto, para HU-DeHART (2004a: 54), sua experiência no estado de Sonora, na fronteira entre o México e os Estados Unidos, foi a mais comovente e importante do ponto de vista histórico, tanto para os chineses como para os mexicanos (*Idem ibidem*: 54).

Os exércitos revolucionários saquearam estabelecimentos comerciais de chineses e houve grande clima de hostilidade contra eles (HU-DeHART, 2004a: 71). Sonora foi o lugar onde os chineses mais se consolidaram como pequena burguesia, numa posição privilegiada e dominante, ainda que nos séculos XIX e XX tenham se estabelecido como comerciantes onipresentes e bem-sucedidos em todos os países da América Latina e Caribe. Tampouco em nenhum outro lugar tiveram que fazer frente a tantas perseguições que culminaram na

expulsão e perda devastadora de propriedades. Nas Américas, provavelmente a experiência dos chineses na Jamaica tenha sido a mais parecida, mas o exemplo histórico mais comparável talvez tenha sido o da expulsão em Uganda que sofreram os comerciantes asiáticos por parte do regime pós-colonial de Idi Amin, nas décadas de 1960 e 1970. Tais exemplos, em que os asiáticos foram considerados “párias capitalistas”, revelam tanto sobre as condições coloniais e pós-coloniais como sobre as próprias comunidades de comerciantes imigrantes. Assim, estudar o fenômeno dos chineses em Sonora constitui-se num meio para se examinar o surgimento e a construção do Estado pós-revolucionário e do nacionalismo no México moderno. Quando as forças nacionais e estaduais se uniram para expulsar os chineses em 1931, o que havia começado como um problema estritamente regional adquiriu caráter nacional. Neste processo, a burguesia chinesa teve um papel preponderante: contribuiu, ainda que involuntariamente, para a construção do México moderno (GÓMEZ IZQUIERDO, 1991; RENIQUE, s.d.; HU-DeHART, 2004a: 76).

No Panamá, por sua vez, também houve o comércio *coolie* do século XIX. Eles trabalharam na construção da estrada de ferro trans-ístmica, 50 anos antes do Canal, implantada por interventores norte-americanos interessados em conectar Atlântico e Pacífico. Ali as condições de trabalho e vida eram tão insuportáveis que em cinco meses haviam morrido 500 trabalhadores chineses em 1854 (SIU, 2004: 80; COHEN, 1971). Entre a China e o Panamá os deslocamentos sempre foram circulares e contínuos. Essa imigração caracterizou-se sobretudo por homens solteiros que consideravam sua condição temporária, mas que depois acabaram se fixando no Panamá, muitas vezes se casando com mulheres locais. Por isso para SIU (2004) a estimativa de 100.000 chineses no Panamá na verdade subestima o real número, uma vez que a Associação Chinesa do Panamá não considera mestiços, imigrantes recentes e de determinadas regiões (SIU, 2004: 82). O Panamá apresenta uma posição peculiar no continente por não ter tido uma larga economia agrícola como seus vizinhos. O país sempre viveu de sua posição geográfica, que muito interessava aos Estados Unidos, que ali investiu tecnologia. O Panamá era a rota mais popular para se deslocar entre as costas Leste e Oeste dos Estados Unidos (SIU, 2004: 83-84).

Assim como GUERASSIMOFF (2003), HUGO (1995) observa a presença de chineses pelo mundo, mas chamando a atenção para a migração do tipo ilegal. Desde os anos de 1980, esta cresceu muito, tendo a Europa, a América do Norte e a Austrália como os maiores destinos. Apontam-se algumas causas dessa migração:

- mais fluxo de informação para os asiáticos: mais contato com turistas, estudantes, pessoas de negócios e influências estrangeiras;
- mais amigos e parentes nos países-destino, que acabam servindo de âncora;

- em alguns países a oferta de mão-de-obra é estagnada por causa da situação demográfica (crescimentos estagnados ou encolhendo). Os asiáticos vêm, assim, suprir esta demanda;
- os países asiáticos aumentam o nível intelectual. Muitos asiáticos não mais aceitam empregos “3D” (*dangerous, difficult, dirty*). Em outros países tem desemprego, mas continua a necessidade de trabalhadores “3D”;
- recrutadores, advogados, agentes etc. que facilitam legal ou ilegalmente a imigração engrossam a “indústria da imigração”;
- de maneira implicitamente proposital, tanto os governos dos países de origem como de destino fazem um fraco policiamento e uma fraca detecção de ilegais;
- por outro lado, severas leis, fiscalizações e controles acabam forçando os imigrantes a adotarem estratégias ilegais (HUGO, 1995).

Sri Lanka, Filipinas, Paquistão e Bangladesh são alguns lugares com “febre de emigração”, onde aumentam as pressões econômicas e políticas para emigrar. Cada vez mais se considera a emigração internacional como uma alternativa para melhorar as chances de vida (HUGO, 1995). E em alguns lugares, por sua vez, para certos serviços e por certas razões, os imigrantes são preferidos. Conta KWONG (1997) que nos Estados Unidos empregadores acabam preferindo imigrantes a americanos afro-descendentes.

Há que se lembrar que a diáspora chinesa apresenta perfis diferenciados, não só pela sua origem ou vinculação a um Estado (República Popular da China, Taiwan, Hong Kong, Macau, Cingapura, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Brasil etc.). O caráter legal ou ilegal do deslocamento é também importante. E acima de tudo, há as diferenças de inserção no processo produtivo. Como já visto, não se trata apenas de *coolies* ou trabalhadores não-qualificados. Conforme já mencionado, a partir dos anos 1960, como apontado por GUNGWU (1994: 132-133) espalham-se pelo mundo chineses cosmopolitas, com alto nível de escolaridade, o que injetou vitalidade às diásporas, elevando seu *status* nos países de adoção e ajudando a preservar o caráter chinês, ou *Chineseness* – à medida que com essa classe migrava também a cultura letrada da China. Jung CHANG (2004), XINRAN (2003) e Ange ZHANG (2005) são alguns dos exemplos dessa camada social, sem falar nos empresários mencionados em diversos relatos do MUSEU DA IMIGRAÇÃO. Como enunciado, o número exato de chineses ultramarinos, ou *huaren*, é uma incógnita. As estimativas são díspares. Enquanto Chu Wan Tai fala em mais ou menos 50 a 70 milhões (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c), a Academia de Ciências Sociais de Pequim os estima em cerca de 35 milhões vivendo em mais de 150 países (JORNAL BBC, 2007). Para CHIN (1999) eles são 55 milhões. A adoção de uma ou mais nacionalidades dificulta em saber-se

exatamente quantas pessoas de origem chinesa vivem pelo mundo. O que se sabe, entretanto, é que se cria e consolida uma forte cultura diaspórica chinesa, o que começa a ser visto como ameaçador por alguns governos não-chineses (McKEOWN, 1999: 312-313). O vertiginoso crescimento econômico da China tem alimentado esta cultura, oferecendo-lhe entusiasmo, oportunidade e mobilidade econômica (McKEOWN, 1999: 330). Com as colocações de Edward Tachan CHANG (2006), fica claro que esta é uma cultura nova, um processo sem volta. Nos Estados Unidos, *Asian American Studies* já são tidos como algo diferente de Estudos Asiáticos. Este exemplo mostra como a diáspora chinesa já se manifesta como algo diferente da China, estranho a ela e revela certa assimilação, embora em graus e maneiras diversas.

2.3. São Paulo, Brasil: confluência de povos

Brasil

População: 169,6 milhões (2000)

Composição: brancos 54%, pardos 39,9%, negros 5,4%, amarelos 0,5%, indígenas 0,2% (1999)

Idioma: português (oficial)

Religião: cristianismo (católicos 71%, outros 10%), espiritismo, judaísmo, cultos afro-brasileiros

Densidade: 19,9 hab./ km² (2000)

População urbana: 81% (2000)

Cresc. Dem.: 1,6% ao ano (2000)

Fecundidade: 2,3 filhos por mulher (1999)

Exp. de vida M/ F: 64,3/ 72,3 anos (1999)

Mort. Infantil: 33,6‰ (2000)

Analfabetismo: 13,3% (1999)

São Paulo: aglomerado 16.792.000 em 1996; Cidade: 9.393.753 em 1995

PIB: US\$ 595,3 bilhões (2000)

(ALMANAQUE ABRIL, 2002: 179).

Os dados acima mostram que a presença asiática oriental no Brasil não passa de 0,5%, mas que é um país de composição múltipla e complexa. A seguir podemos entender um pouco como vários povos confluíram para o Brasil, especialmente São Paulo.

O latifúndio já era utilizado por Portugal em outras colônias e, pela vastidão do território, foi adotado no Brasil. A escolha por este tipo de propriedade sempre exigirá um tipo de trabalho a ser exercido por trabalhadores dependentes, escravos, assalariados ou formas mistas (CASSIANO, 2001). Segundo PRADO JÚNIOR (1972: 31), as técnicas de exploração tropical favorecem o predomínio do sistema escravista. A grande propriedade tropical, o trabalho escravo e a monocultura são produtos das condições naturais e da política colonial mercantilista. A colonização respondia, assim, aos interesses do capitalismo em formação. Latifúndio, monoculturas para exportação e escravidão moldaram o

desenvolvimento do Brasil. Portugal viu-se obrigado a ocupar o Brasil para, além de proteger-se das ameaças inglesa, espanhola e holandesa, produzir para ressarcir os gastos com as grandes navegações. Inicialmente não encontraram tantas riquezas, por isso ocuparam o país de forma agrícola. Daí o início do ciclo açucareiro com mão-de-obra escrava.

O exclusivo metropolitano, ou seja, monopólio do comércio colonial pela metrópole consistia na reserva do mercado das colônias para a metrópole, isto é, para a burguesia comercial metropolitana. Este foi o mecanismo fundamental, gerador de lucros excedentes nos tempos coloniais; através dele, a economia central metropolitana incorporava o sobreproduto das economias coloniais (NOVAIS, 1979: 70). Só o trabalho escravo geraria acumulação/ concentração de renda – um sistema de acumulação primitiva de capital. Se houvesse trabalho livre, não haveria esta acumulação. A mão-de-obra indígena não geraria lucro para a colônia – e sem retorno financeiro, a segurança das novas terras seria inviável.

Até próximo à Independência, o tipo colonial de exploração do território brasileiro impedia o desenvolvimento de todas as artes, pesquisas e tipos de produção que, por desdobramento, fossem acumulando riquezas culturais definidoras de um novo tipo de nacionalidade. “Com D. João VI, entretanto, e após a abertura dos portos a todas as nações, houve como que o preparo histórico para o irresistível evento da Independência quando o rei voltou a Portugal, ao mesmo tempo que se abriam deliberadamente as portas para a entrada de contingentes humanos de várias procedências” (SILVA, s.d.: XI). Num primeiro momento, os grupos migratórios eram condicionados a áreas específicas de atuação. Somente após a libertação dos escravos e principalmente após a República é que a imigração europeia e asiática veio estabelecer níveis mais influentes nas características atuais da cultura nacional. Das primeiras décadas do século XIX à abolição, a inicial população de 3.500.000 escravos dobrou (SILVA, s.d.: XI).

A partir da década de 1860, a proibição do tráfico negreiro para o Brasil – imposta pela Inglaterra – começou a produzir efeitos. A campanha abolicionista intensificou-se, principalmente após 1868, resultando, por exemplo, na edição da Lei do Ventre Livre em 1872. Com essa lei, todos os filhos de escravos passaram a ser considerados livres. Outro desdobramento foi a mudança de perspectiva com relação à imigração. Esta passou a ser pensada não apenas como colonização, mas, sobretudo, como mudança do perfil da força de trabalho. Essa foi considerada a passagem *do trabalho escravo para o trabalho livre*. Por isso aumentou significativamente o fluxo migratório naquele período, mais particularmente a partir da década de 1880 (PAIVA, 2000: 7). O senador Nicolau Vergueiro em sua fazenda em Itabacaba, a partir de 1840, introduziu imigrantes portugueses, alemães, suíços e de outras nacionalidades, realizando assim, um dos primeiros *ensaios* de transição do trabalho escravo

para o trabalho livre. “Paralelamente a este processo, o término da construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em 1867, demonstrava ao aumento da importância do café na economia da então Província de São Paulo. A necessidade da criação de um meio de transporte mais eficiente para o escoamento da produção cafeeira pelo porto de Santos era imperativa. Se a ferrovia servia para o transporte o café, igualmente contribuiu para facilitar o transporte dos imigrantes até o planalto. Isso fez da cidade de São Paulo um lugar privilegiado para a hospedagem dos imigrantes. A cidade de Santos perdeu este papel” (PAIVA, 2000: 8). Daí ter havido várias hospedarias dos imigrantes na cidade de São Paulo, com destaque para a do Brás, inaugurada em 1888, atual Memorial do Imigrante, ou MUSEU DA IMIGRAÇÃO. De pouco mais de três milhões de imigrantes que chegaram ao Estado de São Paulo até os anos de 1970, a maior parte veio no período entre 1886 e 1915 (PAIVA, 2000: 16).

Quadro 2.3 – Imigrantes Entrados no Estado de São Paulo – 1886-1915 (In: PAIVA, 2000: 16).

<i>Anos</i>	<i>Números Absolutos</i>
1886-1895	1.050.383
1896-1905	750.291
1906-1915	1.002.988
Total	2.803.672

Fonte: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Obras Públicas, ano 17, n. 69, 4º trim. 1929. In: PAIVA, 2000: 16.

Autores como FAUSTO (1991) também investigam a segunda metade do século XIX e a primeira do XX em São Paulo. A imigração e a mobilidade populacional têm sido os fenômenos centrais desde o século XVIII e a mobilidade espacial da população, uma marcante característica da história do capitalismo (BRITO, 1996: 56). Os povos estiveram sempre se movimentando ao longo dos territórios, rios e mares do globo, em deslocamentos contínuos. A existência de novos espaços tem movido o curso da civilização ocidental – a idéia de uma fronteira aberta –, que atraiu e possibilitou a movimentação de grupos que se deslocavam da Europa para Oeste, em direção ao continente americano. “Se isto acontecia desde os Descobrimentos, um período de imigração em massa da Europa para a América aconteceu entre 1870 e 1930. Estima-se que 40 milhões tenham atravessado o Atlântico, migrando do Velho para o Novo Mundo. Outras fontes falam em 31 milhões” (OLIVEIRA, 2001: 11).

Como já assinalamos, embora a migração seja comumente tida como uma expressão da liberdade de movimento, ela é também um produto da escassez resultante, por exemplo do novo arranjo industrial na Europa e partes da Ásia. Ali a grande concentração populacional nas cidades produziu uma população excedente – aquela que vai procurar condições de vida

em outras terras. “Atualmente muitos desses deslocamentos estão sendo identificados como fenômenos de diáspora. Entretanto, este termo está mais ligado a uma identidade garantida por um torrão pátrio ao qual todos devem voltar, o que não tem o mesmo significado para todos os grupos que se deslocaram” (OLIVEIRA, 2001: 11). A este respeito, voltar ao capítulo anterior.

Assim, as Américas, ou o chamado “Novo Mundo”, foram fortemente marcadas pelas migrações internacionais. Povos europeus, africanos e asiáticos para cá confluíram. No Brasil colonial este foi um movimento submetido a um rígido controle. Havia os monopólios comerciais, aos quais o capitalismo inglês se opunha, exigindo a liberdade de comércio (BRITO, 1996). Até 1888 o Brasil manteve a escravidão porque dela dependia a estrutura econômica, mas após esta data cedeu às pressões e a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea.

Como resultado, a partir do fim do século XIX no Brasil houve a preponderância de imigrantes provenientes da Europa Ocidental e do Japão. A modernização da agricultura e outros reflexos do avanço do capitalismo nessas regiões produziram, em países como a Itália e a Alemanha, recém-unificados (a unificação alemã deu-se em 1870 e a italiana, em 1871) e, em menor grau, na Suíça, Bélgica e países do norte europeu, o surgimento de uma mão-de-obra excedente que não foi absorvida pela industrialização. Processo semelhante ocorria no Japão, que foi obrigado a abrir seus portos ao comércio com o Ocidente em 1853. A partir de 1867, com a dinastia Meiji (1867-1912), o país viu-se na necessidade de modernizar-se para não ser transformado em mais uma colônia asiática das potências ocidentais. “Para os governos dessas nações, era de fundamental importância o estímulo à emigração, em virtude da possibilidade de tensão social que desempregados poderiam causar dentro de seus países” (PAIVA, 2000: 16).

No Brasil, o governo paulista, atendendo aos interesses dos cafeicultores, concentrou muitos esforços na captação dessa mão-de-obra, sendo a Hospedaria dos Imigrantes o exemplo mais concreto. Os subsídios à imigração, a propaganda no exterior, a manutenção dos serviços da Hospedaria de Imigrantes e a fundação de Núcleos Coloniais consumiam a maior parte da verba destinada à imigração. O governo estadual pagava a passagem dos imigrantes que tivessem interesse em se estabelecer no Estado. Por isso, não apenas o governo estadual, mas também o governo federal, fazia intensa propaganda do país na Europa (PAIVA, 2000: 19).



Figura 2.1. Hospedaria dos Imigrantes, São Paulo. Receptáculo de mais de 3 milhões de trabalhadores de várias partes do mundo, de 1888 à década de 1970. Foto de Daniel Bicudo Veras, 2006.

Esta colonização serviria como reserva de mão-de-obra para o trabalho nas fazendas de café. PAIVA (2000) chama atenção para algumas imprecisões de dados sobre o período, sobretudo pelo grande número de imigrantes que não se fixaram no país. Por exemplo, a quantidade de imigrantes entrados pelo porto de Santos entre 1908 e 1926. **“De um total de 829.788 entrados, foram registradas 464.856 saídas e um saldo de 364.932 imigrantes fixados.** Assim, os valores absolutos das entradas não só pelo porto de Santos como também por outros portos – como o do Rio de Janeiro, Rio Grande (RS) e Paranaguá (PR) -, devem ser relativizados e sempre considerados como indicativos de entradas, mas nunca como números de fixação efetiva” (PAIVA, 2000: 25).

Após a I Guerra, a configuração da Europa Oriental gerou migração a São Paulo, de outras nacionalidades do Leste Europeu que, até então, tinham pouco peso nas estatísticas. Enquanto isso, em São Paulo ocorreu um grande surto industrial. Entre 1930 e 1945, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas e no contexto da II Guerra Mundial, as mudanças impuseram restrições à entrada de estrangeiros no país. No estado de São Paulo, houve uma política de nacionalização da força de trabalho. Incentivou-se a imigração de brasileiros de outros estados. Núcleos de italianos, japoneses e alemães passaram a ser mal-vistos, não mais festejados como trabalhadores ideais. Entretanto, após a II Guerra, o fluxo de estrangeiros aumentou.

Entre 1872 e 1949 entraram 4,55 milhões de imigrantes no Brasil, sendo 400 mil deles asiáticos, árabes e judeus, considerados não-brancos e não-negros. Justamente a presença deste grupo pôs em xeque as idéias da elite sobre a identidade nacional. Os pensadores brasileiros eram monogenistas e acreditavam na superioridade européia, temendo afastar o Brasil desta identidade. O objetivo era tornar os colonos europeus brasileiros, para consolidar a identidade do Brasil (LESSER, 2001). Para este autor a “mestiçagem”, ao invés de criar uma civilização brasileira nova, acabou sendo entendida como a criação de novas identidades. “A etnicidade, ao que parece, vem-se tornando um tema popular no Brasil de hoje. Embora expressões tão óbvias sejam novidade, a etnicidade foi de importância crítica para a negociação de identidade nacional brasileira nos últimos 150 anos. Essa barganha, sem dúvida, deu-se em todos os níveis da sociedade, mas seu foco será como e por que os imigrantes e seus descendentes entraram em discussão pública com as lideranças políticas e intelectuais do Brasil (...) Eles eram *diferentes*, num país onde o sentido popularmente dado a essa palavra descreve algo que se equilibra na linha divisória entre o aceitável e o inaceitável” - ao mesmo tempo, os imigrantes tornaram-se parte da nação brasileira e desafiavam a idéia de como a nação deveria ser construída e imaginada (LESSER, 2001: 18-19). Esses grupos não se encaixavam nem entre os negros, nem entre os brancos, por isso eram uma incógnita – poderiam ser tidos como “brasileiros”, o que complexifica ainda mais a noção. O que se oculta por trás do termo “brasileiro”? Da identidade “brasileiro”?

Para LESSER (2001: 20-21) a proposição eugênica de que uma única “raça nacional” era biologicamente possível fornecia um arcabouço ideológico conveniente para o apoio dado pelas elites nacionais e imigrantes às políticas que visavam promover o ingresso de imigrantes “desejáveis” que viriam a “embranquecer” o país. Influenciadas pelo ideal de eugenia, as políticas, a princípio, favoreceram a entrada de trabalhadores alemães, portugueses, espanhóis e italianos, como “braços para a lavoura”. No entanto, o medo do ativismo social e trabalhista incentivou o exame da possibilidade de se receberem grupos não-europeus – precisavam de trabalhadores “dóceis” e que aceitassem as condições de trabalho sem reclamar. “As experiências dos imigrantes sírios, libaneses e japoneses e de seus descendentes (conhecidos, respectivamente, como ‘sírio-libaneses’ e nikkeis) demonstram a transformação da brancura como categoria cultural” (LESSER, 2001: 20-21). Se as elites estavam divididas quanto à utilidade da mão-de-obra chinesa, elas aceitavam de forma unânime a escala de beleza racial/física de Blumenbach, que reiterava os asiáticos bem abaixo dos europeus e bem acima dos africanos (*Idem ibidem*: 37-38).

À medida que aumentavam as pressões, tanto internas quanto externas, pela abolição da escravidão, os fazendeiros e os políticos começaram a entender que os tão desejados

centro-europeus não estavam dispostos a imigrar em grandes números. Igualmente perturbadora foi a percepção de que a grande população de ascendência africana, vista como culturalmente degenerada e improdutiva, não desapareceria tão rapidamente da sociedade brasileira. A mão-de-obra chinesa forneceu a solução perfeita para o duplo problema: uma classe servil, embora não-escrava, poderia ser criada, para ajudar na “desafricanização” do Brasil. Uma outra vantagem foi apresentada por intelectuais chineses e brasileiros, que afirmavam que os asiáticos eram do mesmo “grupo racial” que as populações nativas das Américas. A conexão biológica entre os chineses e os índios brasileiros tinha ramificações que iam além da assimilação, e tocavam fundo aquilo a que Doris Summer chamou de “o indigenismo de duas caras no Brasil”: a idéia de que o caráter indígena era um elemento crucial da identidade nacional de uma nação “fundada sobre a exterminação dos índios”. “Ao colocar os chineses na mesma categoria que as populações indígenas que iriam desaparecer com a ‘expansão’ brasileira, um fazendeiro como João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe, pôde facilmente propor que a etnicidade chinesa também seria deixada para trás, à medida que fosse sendo criada uma nova ‘raça’ brasileira” (LESSER, 2001: 39).

Para Lucia Lippi OLIVEIRA (2001: 9-10) a mestiçagem da população brasileira se colocava como um desafio, já que a ciência do final do século XIX considerava a mistura de raças um mal. A produção de seres híbridos – o pior de cada raça – levava à crença de que o Brasil não teria lugar entre as nações civilizadas do mundo. Foi construído um imaginário sobre o Brasil e os brasileiros que afirmava a capacidade plástica (de se moldar, se adaptar), a cordialidade (garantida pela proximidade, pela intimidade) e a democracia racial (pela miscigenação) como ingredientes capazes de garantir a formação de uma grande nação nos trópicos, porém a hegemonia desse processo obviamente caberia ao branco, latino e católico. “Intelectuais brasileiros construtores da teoria do ‘branqueamento’ no início do século XX – processo seletivo de miscigenação que dentro de três ou quatro gerações faria surgir uma população branca – viam a vinda de imigrantes brancos como um bem. O mestiço original poderia ser melhorado caso se introduzisse mais brancos à mistura original. A seleção de imigrantes obedeceu principalmente à demanda pelo branqueamento” (*Idem ibidem*: 10). Desde o Brasil do século XIX a política de imigração visava atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas. O imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades (*Idem ibidem*: 13).

Em São Paulo especificamente, a pujança econômica é associada à contribuição dos imigrantes, desde a economia do café. Entre as décadas de 1930 e 1950, começo da República, um discurso modernizador convivia com relações tradicionais. O afluxo de

determinados grupos como italianos, japoneses, espanhóis ou portugueses – característicos da primeira fase – foi abrindo espaço para outras nacionalidades e etnias, a partir da década de 1920. Mesmo na migração de brasileiros de outros Estados para São Paulo, pode-se perceber mudanças: de mão-de-obra para a agricultura, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, para a inserção como operários nas fábricas e na construção civil, nos anos 1960 e 1970. “A mudança do sentido dessa migração respondia às novas necessidades da economia paulista” (PAIVA, 2000: 48).

A partir da década de 1960 o grande afluxo de migrantes nordestinos para São Paulo fez com que a migração deixasse de ser vista como uma questão de política de mão-de-obra e passasse a ser pensada como um problema de *assistência social*. O crescimento desordenado da cidade e os problemas como a favelização, a falta de moradia e de trabalho geraram um modelo de gestão da questão que duraria até o fim da década de 1980 (PAIVA 2000: 45). Outros autores como IANNI (1994) e BOLLE (1994) trabalham com a complexa questão da desigualdade e decadência na cidade a partir deste período. A questão do outro, do estrangeiro se complexifica à medida que percebemos a sua participação na sociedade brasileira, conforme quadro abaixo.

Quadro 2.4. POPULAÇÃO BRASILEIRA E ESTRANGEIRA: CENSOS 1872-1980

Censos	Pop. Bras.	Pop. Estr.	% Pop. Estr.	Total
1872	9.723.602	388.459	3,84	10.112.061
1890	13.982.370	351.545	2,45	14.333.915
1900	16.364.923	1.074.511	6,16	17.493.434
1920	29.069.644	1.565.961	5,11	30.635.605
1940	39.752.979	1.406.342	3,42	41.159.321
1950	50.730.213	1.214.184	2,34	51.944.397
1970	91.909.909	1.229.128	1,32	93.139.037
1980	118.089.858	912.848	0,77	119.002.706

FONTE: CENSOS 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1970 E 1980 (In: BARRETO, 2001: 66).

BARRETO (2001), Darcy RIBEIRO (1995) e Teresa SALES (1999) destacam o caráter miscigenado da população brasileira. Ao analisar o quadro acima, BARRETO (2001) conclui que o Brasil, por suas razões históricas, não pode adotar uma política imigratória xenófoba. Seria, para ele, voltar-se contra si próprio. Darcy RIBEIRO (1995) aponta o brasileiro, em geral, como resultado da confluência, entrecruze e caldeamento entre o português, o índio e o negro. Matrizes raciais díspares e tradições distintas teriam moldado um povo novo, fortemente mestiçado – com unidade étnica, mas sem uniformidade: o “Novo Mundo”. O autor apresenta um tom entusiasta e otimista sobre essa nova civilização: mestiça

e tropical. Para ele, mais alegre porque mais sofrida. Comentando Gilberto FREYRE (1959) em *Casa Grande e Senzala*, Teresa SALES (1999: 91) frisa que a maior contribuição deste autor foi precisamente apontar a miscigenação como a nossa mais viva contribuição à construção da nacionalidade, respondendo naquele momento à necessidade de um mito nacional fundante. Assim, a miscigenação teria para o brasileiro o *status* de mito fundante.

O Brasil sempre foi tido como o país da concórdia racial – sempre pronto a receber de braços abertos todos aqueles que o buscam – e nunca fugiu às tendências gerais que se impuseram ou às lógicas ditadas pela ordem internacional. Entretanto, o dia-a-dia vivido pelo estrangeiro no país, principalmente pelo estrangeiro pobre, registra muitos processos de estranhamentos, de tensões e violência, tanto maiores quanto maiores são as dificuldades enfrentadas (MENEZES, 2001: 124-125). A autora divide os fluxos migratórios ao Brasil em quatro grandes fases:

1. A fase da Grande Imigração, que corresponde à época áurea do Imperialismo e se estende das últimas décadas do oitocentos à Primeira Guerra Mundial, responsável pelo estancamento dos antigos fluxos;
2. O período Entreguerras, quando, acompanhando a tendência mundial, o Brasil conheceu uma escalada crescente do nacionalismo e acompanhou, de forma geral, as políticas restritivas que se impuseram.
3. O período de alinhamentos que caracterizou o sistema internacional bipolar, cuja expressão máxima foi a Guerra Fria, quando fluxos imigratórios alcançaram o Brasil como parte de uma política ampla tecida no âmbito de dos organismos internacionais, e as primeiras levas de brasileiros deixaram o país em direção ao Primeiro Mundo;
4. A era do Neoliberalismo e da Globalização, quando aumenta a circulação de executivos e técnicos das multinacionais e a tendência dos deslocamentos regionais dos trabalhadores econômicos passa a ganhar visibilidade no país.

Diferentes grupos tiveram diferentes formas de se adaptar à vida brasileira. Conforme Rodrigo ELIAS (2005: 18), quando colocados para trabalhar ao lado dos brasileiros, os estrangeiros, nem sempre de forma pacífica, tiveram que aprender a ser brasileiros. No entanto, por conta da saudade e do apego às tradições (ancestrais ou inventadas), ficaram mais italianos, portugueses, libaneses, espanhóis, japoneses etc. Como aponta BASSANEZI (1996), os governos dos países de origem tiveram importante papel na emigração, sobretudo o governo japonês, um pouco os governos da Alemanha e da Itália. O governo espanhol, por seu turno, não teve participação alguma. A Igreja auxiliou, particularmente, os imigrantes italianos, dando-lhes suporte. Os missionários, por sua vez, eram também italianos. Este é um exemplo de como a religião beneficiou os católicos na adaptação ao Brasil. Houve também

redes de solidariedade com amigos e familiares, concorrência entre as associações de imigrantes, como as cooperativas japonesas desde a década de 1920.

BASSANEZI (1996) ainda realça a bagagem sócio-cultural, alfabetização (ou não), organização, técnicas, religião como fatores de facilitação (ou não) da integração com a nova terra. De maneira geral a economia do café tinha organização familiar, um sistema de colonato que auxiliou os trabalhadores. A língua, um fator que favoreceu a integração dos latinos, dificultou muito para os alemães e japoneses. A prévia alfabetização dos membros da comunidade japonesa permitiu-lhe melhor organização: ter jornais, informações etc. em língua japonesa. Já os espanhóis apresentavam altos índices de analfabetismo, o que lhes dificultou preservar a memória. Outro fator influente foi o grau de expectativa de se voltar enriquecido ao país de origem. Tal expectativa não se concretizou, na maioria dos casos. Mas enauteceu o trabalho árduo e a poupança. Isso foi muito forte entre os japoneses, que decidiram incrementar a agricultura em detrimento do próprio conforto.

Acontecimentos em outras partes do mundo influenciaram indiretamente no Brasil. Por exemplo, o dia 19 de fevereiro de 1942, quando foram deportados 70 mil cidadãos norte-americanos de origem japonesa e 40 mil japoneses que residiam na costa oeste dos Estados Unidos (AGAMBEN, 2003: 38). Na II Guerra Mundial, na Europa havia um contingente de pessoas que não encontravam ocupação: deslocados de guerra ou não. Os Estados Unidos dificultavam a entrada de imigrantes sem recursos, e por diferentes razões, o Brasil acabou sendo um destino possível. Entre os que vieram estava um grande número de chineses. Em 1950, o país iniciava um amplo programa de industrialização e a enorme carência de mão-de-obra especializada iria facilitar a aceitação de imigrantes com formação técnico-industrial, independentemente da nacionalidade (FREITAS, 2001: 115). 340 mil Estrangeiros chegaram ao Brasil entre 1946 e 1953, o que superou em 4,3 vezes a imigração nos oito anos anteriores (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004c).

A economia cafeeira já ocasionara um *boom* na economia de São Paulo, produzindo a necessidade de mão-de-obra. Os asiáticos eram uma possível solução que, apesar de muito mal vista, foi por fim aceita, ainda que a contragosto (BASSANEZI, 1996). E os países asiáticos estavam, como visto, expulsando população. O Japão, por exemplo, tinha fortíssima densidade demográfica: 383,67 habitantes por milha quadrada, ao passo que o Brasil tinha apenas 9, 29 (SAKURAI, 2000). O Brasil era muito atraente. Apesar de muita resistência e debates sobre eugenia abordados por LESSER (2001), o japonês foi um dos grupos mais presentes entre os imigrantes brasileiros. Dos anos 1920 a 1941 houve tutela do governo japonês para a migração, que acabou quando da II Guerra. Neste período, no Brasil, alemães,

japoneses e italianos perderam seus direitos. Não podiam comprar nem vender propriedades, houve muitas nacionalizações (SAKURAI, 2000).

Ao completar 100 anos em 2008, a imigração japonesa é tida como um paradigma da imigração asiática no Brasil, sobretudo pelo volume de pessoas que vieram e pela sua contribuição cultural ao Brasil¹⁰. Desde o começo do século XX entraram no Brasil cerca de 250.000 japoneses. Seus descendentes chegam hoje a 1,4 milhão (Fonte: CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS (2002). “Pesquisa da comunidade nikkei” São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, mimeo In: SAKURAI, 2004: 138). Como na maioria dos imigrantes, a história dos japoneses no Brasil se centra praticamente no Estado de São Paulo. A região de São Paulo se caracteriza pela diversidade étnica e cultural e pela riqueza acumulada desde fins do século XIX graças ao cultivos de café. Todos estes elementos ajudaram a consolidar as mudanças políticas, sociais e econômicas do Brasil (SAKURAI, 2004: 137-138). A presença dos japoneses seria um facilitador da adaptação de chineses no Brasil, a despeito dos problemas históricos entre Japão e China. Desde fins do século XIX até 1972 o Brasil recebeu um total de 5.350.889 imigrantes, entre os quais portugueses e italianos foram os mais numerosos (61,4% do total) (LEVY, 1974).

A seguir, um panorama da imigração na Região Metropolitana de São Paulo em anos mais recentes:

¹⁰ O filme *Gaijin* de Tizuka Yamazaki retrata o duro começo desta trajetória.

Quadro 2.5. População de estrangeiros residentes na Região Metropolitana de São Paulo em 1991

		Municípios de SP		Demais Municípios RMSP		Total RMSP	
Grupo	Nacionalidade	N	%	N	%	N	%
I	Portugueses	79.611	34,07	20.450	26,02	100.061	32,05
	Japoneses	27.942	11,96	13.133	16,71	41.075	13,15
	Italianos	25.113	10,75	6.221	7,92	31.334	10,04
	Espanhóis	18.619	7,97	6.382	8,12	25.001	8,01
	Total	151.285	64,75	46.186	58,76	197.471	63,24
II	Sír.-libaneses	7.322	3,13	993	1,26	8.315	2,66
	Alemães	6.492	2,78	1.756	2,23	8.248	2,64
	Russos	4.238	1,81	1.087	1,38	5.325	1,71
	Poloneses	3.727	1,60	736	0,94	4.463	1,43
	Romenos	3.031	1,30	644	0,82	3.675	1,18
	Estadunidenses	2.864	1,23	272	0,35	3.136	1,00
	Iugoslavos	2.432	1,04	748	0,95	3.180	1,02
	Húngaros	2.351	1,01	461	0,59	2.812	0,90
	Israelenses	1.224	0,52	0	0,00	1.224	0,39
	Total	33.681	14,42	6.697	8,52	40.378	12,93
III	Chilenos	7.018	3,00	3.237	4,12	10.255	3,28
	Argentinos	6.815	2,92	1.206	1,53	8.021	2,57
	Bolivianos	4.518	1,93	727	0,92	5.245	1,68
	Uruguaios	2.305	0,99	484	0,62	2.789	0,89
	Paraguaios	1.430	0,61	506	0,64	1.936	0,62
	Peruanos	1.103	0,47	124	0,16	1.227	0,39
	Outros lat-am.	1.946	0,83	390	0,50	2.336	0,75
		Total	25.135	10,76	6.674	8,49	31.809
IV	Coreanos	7.243	3,10	180	0,23	7.423	2,38
	Chineses cont.	4.379	1,87	529	0,67	4.908	1,57
	Ch. Formosa	1.413	0,60	219	0,28	1.632	0,52
	Outros asiát.	1.077	0,46	154	0,20	1.231	0,39
	Total	14.112	6,04	1.082	1,38	15.194	4,87
V	Egípcios	2.384	1,02	234	0,30	2.618	0,84
	Outros afric.	1.239	0,53	323	0,41	1.562	0,50
	Total	3.623	1,55	557	0,71	4.180	1,34
Outros estrangeiros		3.918	1,68	17.073	21,72	20.991	6,72
Sem declaração		1.890	0,81	328	0,42	2.218	0,71
Total estrangeiros		(A) 233.644	100,00	(A) 78.597	100,00	(A) 312.241	100,00
População Total		(B) 9.646.188		(B) 5.798.757		(B) 15.444.945	
		A/B = 2,42%		A/B = 1,35%		A/B = 2,02%	

Fonte: Censo Demográfico 1991 (In:CASSIANO, 2001: 80, Tabela 1¹¹).

¹¹ Classificação de acordo com a metodologia de VERAS (1999-2001).

Como se pode ver, de acordo com dados oficiais (Censo Demográfico 1991), os chineses pertencem ao Grupo IV, não tão numeroso se comparado aos grupos I, II e III. O Grupo IV compõe cerca de 10% da população de estrangeiros da Região Metropolitana de São Paulo. Chineses do Continente e de Formosa, se somados (6.540, correspondendo a 2,09% da população estrangeira), ainda são menos numerosos que os coreanos na Região (7.423, correspondendo a 2,38%). Em termos numéricos a comunidade chinesa é relativamente pequena, embora se faça cada vez mais presente na vida da cidade de São Paulo, como ver-se-á adiante.

Em 2005 contam-se cerca de 830 mil imigrantes no Brasil. Até esta data, desde 1988 haviam sido contabilizados 1 milhão deles. 94 mil japoneses vivem no Brasil, compondo, de acordo com CAFARDO (2005), a maior população de estrangeiros. Em seguida, viriam os portugueses, com 78 mil. De acordo com este autor 440 mil imigrantes estão no Estado de São Paulo e outros 198 mil vivem no Rio de Janeiro. 50 mil é a estimativa de estrangeiros ilegais vivendo espalhados pelo País (CAFARDO, 2005). Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, 17,9 mil foi o acréscimo de estrangeiros na capital paulista entre 2002 e 2003. 65,4% Dos empregos na capital paulista estão ligados ao setor de serviços, de acordo com informações de 2002 da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004c).

Mais recentemente, cada vez mais imigrantes vêm em caráter temporário. “Em contraste com antigos migrantes, que vinham para ficar, profissionais do setor terciário fazem da cidade destino temporário” – diz o JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2004b) . A cidade atrai pelas suas oportunidades, e muitos voltam à terra natal, como muitos nordestinos, por exemplo (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004d). *Chefs, staff* de hotéis, artistas, músicos de orquestra, garçons, cozinheiros, estudantes universitários e pós-graduados - há profissionais das áreas mais variadas migrando para São Paulo (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004j; 2004k; 2004l; 2004h). Seria a quarta fase de imigração anteriormente relatada por MENEZES (2001).

Em algumas regiões da cidade e ramos de atividade econômica a presença dos imigrantes é bem pronunciada, como na Rua 25 de Março, em São Paulo. Ali se misturam os sotaques de coreanos, chineses, árabes e nordestinos. “Dos 430 mil empregados no comércio paulistano, pelo menos 30% são migrantes e imigrantes. Entre os estrangeiros, a maioria é formada por chineses e coreanos” – a rua movimentada cerca de R\$ 1 bilhão por ano (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004f). Os migrantes e imigrantes ocupam quase um terço das vagas do setor do comércio da região. Mais sobre ela se verá no capítulo seguinte.

O bairro da Liberdade, anteriormente um bairro de predominância japonesa, sofreu uma mudança em sua estrutura. Esta predominância não mais existe. Há também chineses e coreanos – proprietários de armazéns, restaurantes e lojas de importados por todo o bairro (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004f). Segundo o historiador Odair Paiva, esses imigrantes vêm para São Paulo há bastante tempo. O que teria acontecido nas últimas décadas teria sido apenas a intensificação desse fluxo. Desde 1989 no Brasil, o taiwanês Beto Chen tem uma loja de importados no Sogo Plaza Shopping, na Liberdade. Em Taiwan, ele já trabalhava no comércio. Antes de se tornar lojista foi vendedor em outros lugares. A escolha por São Paulo foi óbvia. “Em uma cidade grande a gente tem mais chances”, explica. O Shopping Sogo é um retrato do bairro oriental – das 90 lojas, cerca de 20% são propriedade de imigrantes - para Ricardo Pathá, outra característica desses imigrantes é perpetuar as origens, à medida que os comerciantes empregam pessoas de mesma nacionalidade (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004f). Mais sobre este bairro será contemplado no próximo capítulo.

No que tange a imigrantes de baixa renda, sua vinda gera dois processos: ao chegarem, em busca de emprego, vão morar nas pensões da região central. Quando o dinheiro acaba, vão para o lugar mais barato, onde não há infra-estrutura, que é a periferia, explica Eduardo Alberto Cuce Nobre (In: JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2004g). Para a presente pesquisa foi feita visita ao CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini), em conjunto com a Pastoral do Imigrante, em 20 de janeiro de 2006. A entidade acolhe imigrantes que chegam a São Paulo, basicamente africanos e latinos – a maioria destes bolivianos, havendo também chilenos e peruanos. Orientais, até a data da visita, só haviam sido acolhidos lá uma vez (tratava-se de uma família coreana). Lá eles quase não recebem orientais porque em geral estes vêm com uma rede de relacionamentos própria, não necessitando ficar na Pastoral ou demais entidades caritativas. Ali informou a Sra. Socorro que em 1998 havia tido a Anistia dos estrangeiros ilegais no Brasil. Porém, em geral, custa R\$ 800,00 para regularizar a situação, por isso muitos deles se mantêm ilegais.

Os imigrantes clandestinos são uma realidade na cidade de São Paulo. Sofrem discriminação e racismo (CHADE, 2006), além de exploração econômica. O caso dos bolivianos é dos mais recentes. Fala-se em 60 mil bolivianos indocumentados em São Paulo (GARBIN, 2006; 2006a; 2006b; 2006c). A boliviana é uma das novas levadas de imigrantes, e muitos deles vêm clandestinamente com a ajuda de *coyotes* desde Santa Cruz de la Sierra, semelhante aos mexicanos a entrarem ilegalmente nos EUA (GARBIN, 2006). No Brasil muitos são explorados nos bairros do Brás ou Bom Retiro por coreanos donos de confecções (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004e). A discriminação aumenta ainda mais o

isolamento desta população. No Pari, quando vão esudar, estes bolivianos sofrem preconceitos e gozações (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004i). Entretanto os imigrantes estão lutando por alguns direitos básicos, como o direito à educação - já havendo projetos de lei nesse sentido (CAFARDO, 2005).

Segundo PATARRA & BAENINGER (1996), a migração internacional e clandestina é uma nova etapa do capitalismo. Esta é uma colocação de suma-importância, à medida que se consideram mercados regionais integrados, como por exemplo o Mercosul. Desigualdades e deslocamentos se influenciam mutuamente e permanecem. Novos movimentos internacionais vão rumo a São Paulo, e a clandestinidade é uma característica crescente neles.

A seguir um quadro sobre as 16 nacionalidades mais beneficiadas pela Anistia aos Imigrantes irregulares em 1998. Os chineses ficaram na segunda posição:

Quadro 2.6. ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO IRREGULAR - OS 16 MAIS BENEFICIADOS PELA ANISTIA 1998

1 – Bolívia	14.006	9 – Angola	435
2 – China	9.940	10 – França	289
3 – Líbano	3.091	11 – Portugal	280
4 – Coréia do Sul	2.577	12 – Estados Unidos	250
5 – Peru	2.158	13 – Nigéria	225
6 – Uruguai	1.736	14 – Itália	210
7 – Argentina	1.314	15 – Paraguai	200
8 – Chile	515	16 – Alemanha	188

FONTE: DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL (In: BARRETO, 2001: 65).

2.4. Os chineses chegam a São Paulo

Como visto na seção anterior, as estatísticas oficiais sobre o número de chineses em São Paulo apresentam um número bem inferior às estimativas de entrevistados e pessoas ligadas à imigração. O Censo 1991 estima um total de 6.540 (somando-se chineses continentais e taiwaneses). Entre 100.000 e 200.000 chineses para o Brasil, sendo metade destes estabelecidos na cidade de São Paulo, é a estimativa mais comum (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 25). Para James Lee Hoi On seriam 100.000 no Brasil, destes 80.000 no estado de São Paulo, nas cidades de São Paulo, Campinas, Jundiaí, Osasco e Barueri (In: FREITAS, 2004: 103). “Ninguém sabe quantos [chineses há em São Paulo hoje]! [risos] Nem consulado, nem [...], ninguém. Fala-se em cento e cinquenta mil, cem mil, mas, cem mil tem, cento e cinquenta não sei se tem... Estão espalhado pelo Rio de Janeiro, toda cidade, todo estado tem. São Paulo é [a maior colônia]. [Depois] Rio de Janeiro, depois Curitiba, Belo

Horizonte... Salvador também. Os antigos também, Salvador... Fortaleza, Recife. [o depoente se refere a descendentes dos imigrantes vindos no séc. XIX]” - declarou o Padre Pedro a CASSIANO (2001: 68). O Consulado da República Popular da China bem como o Escritório de Taiwan, ambos em São Paulo, foram procurados pela pesquisa para fornecer dados a este respeito, mas disseram não tê-los. Entretanto o Consulado declarou ao JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (2007) estimá-los em cerca de 200 mil pessoas no Brasil, incluindo descendentes e naturalizados. A capital paulista aparece como o grande centro chinês, com cerca de 90% desta população, seguidos pelo Rio de Janeiro e Curitiba. Como já referido, a dificuldade se deve ao alto número de indocumentados e ao fato de muitos chineses terem adotado diferentes nacionalidades ao longo da travessia até o Brasil.

Como exporíamos adiante, sabe-se que eles não ficaram concentrados em um só lugar na cidade de São Paulo. Liberdade, Aclimação, Cambuci, Santa Cecília, Centro, Bom Retiro, Pinheiros, Santo Amaro e Brooklin são alguns dos destinos na cidade. Entre os que chegaram na década de 1990 é comum se dedicarem ao comércio de eletrônicos, informática, por exemplo no Shopping 25 de Março, Shopping Fashion Brás, Promocenter, Stand Center, entre outros (FREITAS, 2004: 103).

Se formos retroceder alguns séculos, Portugal tivera importante papel para um encontro sino-brasileiro relativamente precoce, em comparação a outras nações ocidentais com a China. A presença de chineses também ocorreu neste encontro. “A fascinação brasileira com a Ásia teve origem em Portugal, que, em 1511, tornou-se a primeira potência marítima européia a estabelecer relações diretas com o império chinês. Essa relação chegou a afetar até mesmo a língua, e a palavra ‘mandarim’, derivada da raiz etimológica ‘mandar’, foi introduzida para designar os integrantes da elite chinesa. Os asiáticos, segundo intelectuais tanto portugueses como brasileiros, eram exóticos que ‘diferiam essencialmente’ dos africanos, pela sua posição superior na hierarquia racial. À medida que outros impérios cresciam à custa da mão-de-obra ‘coolie’, surgiu uma discussão sobre trabalho/cultura, tratando da possibilidade de os trabalhadores chineses virem a enriquecer economicamente o Brasil ou se, ao contrário, eles prejudicariam sua cultura, transformando-a de ‘européia’ em ‘asiática’. A entrada dos chineses nunca pôde ser desvinculada das idéias sobre o futuro do Brasil” (LESSER, 2001: 38). Como já visto, já no século XVII houve iniciativas incipientes no sentido de um comércio do “sistema de *coolie*” (YANG, 1974: 80-81). “Ironicamente, foi a própria Inglaterra que sugeriu pela primeira vez ao Brasil a importação de chineses para a substituição do trabalho escravo. Em 1843, o Congresso Brasileiro indeferiu a sugestão inglesa de importação de 60 mil chins. Contudo, em 1854, o negociante Manoel de Almeida

Cardoso, mesmo sem autorização do governo, deu início ao ‘tráfico’ de trabalhadores ‘amarelos’. Os chins eram recrutados sob todo o tipo de engodos, ou simplesmente seqüestrados. Vinham de Amoy, Hong Kong, Macau e outras paragens da China, (...)” (CASSIANO, 2001: 24-25).

Muitos soldados do Brasil seguiram de Salvador para as mais remotas paragens do Império Ultramarino Português, para reforçar guarnições regionais. Para a Ásia inclusive. Existe a possibilidade de que centenas, talvez milhares de chineses e outros asiáticos, embarcados em naus que faziam o trajeto entre a Ásia Oriental, o Brasil e a Europa, tenham pisado, através dos séculos, em terras brasileiras, embora não tenham ficado narrativas ou descrições dessas viagens. Houve também alguns raros escravos chineses no Brasil de começos do século XVIII. Aliás, escravos chineses (e também japoneses) já existiam em Lisboa por volta de 1578, quando Filippo Sassetti visitou a cidade, apenas suplantados pelos africanos. Parece, aliás, que aos últimos cabia o trabalho pesado, ficando reservadas aos chineses tarefas e funções mais amenas, inclusive a de em certos casos secretariar autoridades civis, religiosas e militares. Muitos desses escravos chineses de Lisboa tinham sido seqüestrados ainda na infância em Macau e vendidos (muitas vezes pelos próprios pais) aos portugueses. Mesmo o jesuíta Matteo Ricci estava a par do comércio de escravos chineses na Europa, já que ele mesmo os vira em Lisboa, onde também se encontrava em 1578; nunca porém o condenou formalmente, até porque também ele possuía escravos (negros africanos). “Numa ocasião comentou inclusive que o fato de tais chins reduzidos à escravidão terem sido submetidos à força ao batismo podia bem ser a maneira que Deus encontrara para os conduzir – por linhas tortíssimas, já se vê – à salvação eterna. É verdade que numa outra passagem dos seus escritos manifestou o padre seu repúdio aos pais que vendiam os filhos por algumas moedas (...) entregando-os a desnaturados que os efeminavam (...) A venda de crianças chinesas aos portugueses continuaria por dois séculos, a despeito de leis, tanto chinesas quanto portuguesas, que de tempos em tempos tentavam impedi-la com severas penas” (CASSIANO, 2001: 17-19).



Figura 2.2. litografia de Angelo Agostini em *Vida Fluminense* número 190, de 19 de agosto de 1871, no qual se vê Mariano Procópio como “Hércules mineiro” usando peles e portando um tacape, importando trabalhadores chineses, reproduzida por LEITE (1999: 115) – reflete a visão que se tinha destes trabalhadores no Brasil da época.

Em 1814, Dom João VI trouxe vários chineses ao Rio de Janeiro para dar início à cultura do chá no Brasil. Logo que chegou ao Brasil, em 1808, havia mandado construir um jardim aclimatado para receber as especiarias das Índias – o Jardim Botânico; que na época se chamava Real Horto. Parece-nos, que os chineses vindos com a incumbência do desenvolvimento do chá no Brasil, não eram, exatamente, especialistas no assunto. Dessa forma, as plantações ficaram abandonadas até 1824” (CASSIANO, 2001: 27-28). Em 22 de abril de 1882 o *Diário do Brasil*, do Rio de Janeiro, publicou que muitos chineses, descontentes com o tratamento que recebiam no Brasil, tinham-se enforcado, aliás a exemplo do que ocorreu em outros países que receberam *coolies*, como o Panamá. Quando em 1881 o Visconde de Indaiatuba decidiu contratar chineses para sua fazenda em São Paulo, enviou à Califórnia um agente, para que ali entrasse em contato com os chineses. Em carta datada de São Francisco, 20 de junho de 1881 e publicada no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o agente prestou contas de sua missão, aconselhando: “se os chins no Brasil forem tratados com a humanidade que caracteriza os nossos patrícios, milhares de outros para lá irão, mas, se outro for o nosso procedimento, *nenhum* mais irá, e 30% das levas recorrerão ao suicídio” (In: LEITE, 1999: 104, nota de rodapé). Os chineses que se suicidavam no Brasil ou em outros

países não buscavam somente, pela morte, escapar de uma existência miserável, mas também – e até quem sabe principalmente -, com o seu sacrifício pessoal, gerar um grave problema moral para os seus gozoes (*Idem ibidem*: 105, nota de rodapé).

Viajantes europeus dão a sua visão sobre a presença chinesa no Brasil. O artista Rugendas, em sua *Viagem pitoresca ao Brasil*, retrata uma plantação de chá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (FREITAS, 2004). Viam-se alguns escravos negros que plantavam, orientados por um chinês; à direita, outro chinês, aparentemente mais graduado, conversava com dois ocidentais. Por trás desse outro personagem sentado estava outro chinês, com um guarda-sol, e ainda outro personagem em traje ocidental, talvez um intérprete (LEITE, 1999: 105). “Não há como ignorar o tom desdenhoso com que Ribeyrolles se refere em seu livro aos chineses. Esse autor, via de regra espirituoso e bem-humorado, perde totalmente o equilíbrio ao tratar da imigração asiática, como se pode ver por mais esse exemplo: ‘Espera-se colonizar com chineses, os *coolies*, os malaios e todas essas raças degeneradas do Oriente, sorte de lepra humana? Já se experimentou a espécie do Celeste Império. Que produziu ela? O Brasil, de resto, já está farto dessas famílias mescladas e bastardas que não constituem um povo. O que lhe falta é o sangue, a atividade, a ciência da Europa!’ Gobineau e os criadores da noção de Eugenia, por volta de 1880, não diriam nada melhor” (*Idem ibidem*: 105, nota de rodapé, sobre Ribeyrolles: v. 1: 207; v. 2: 148).

Em São Paulo o chá se aclimatou melhor que no Rio de Janeiro, ficando o Viaduto do Chá e o Largo do Arouche pontos privilegiados de cultivo – mas não usando mão-de-obra chinesa, mas sim africana (LEITE, 1999: 107). “Pelos meados do século XIX já quase se dissipara o sonho de dom João e seus ministros de o Brasil produzir chá em quantidade e de qualidade capazes de disputar à China os mercados ocidentais: com bom senso, Pedro I e depois dele Pedro II tinham definido o rumo agrícola do país, sustentando ser preferível produzir e vender café e com o dinheiro comprar chá, se assim se desejasse” (*Idem ibidem*: 108).

Como visto, espanhóis e portugueses haviam introduzido na América escravos negros da África, processo chamado de tráfico de escravos, com o objetivo de desenvolver a agricultura. “Por haver a colônia inglesa da América do Norte empregado cruéis tratamentos aos seus escravos, os liberais europeus realizaram um movimento contra a escravidão, somente coroado de êxito após a independência dos Estados Unidos, proibindo-se a utilização de escravos negros e assim terminando, em 1865, durante a guerra civil, a escravidão no país” (YANG, 1974: 4-6). Outras nações aderiram a esse movimento, e no período do liberalismo econômico não havia necessidade da presença do escravo. Depois da revolução industrial tornou-se necessário o uso de lavradores com salários baixos, porém, os escravos já haviam

sido libertos. “A solução estava nos imigrantes chineses” (*Idem ibidem*: 4). Para este autor, contudo, a forma anti-humana do tratamento dispensado aos chineses era reflexo da expansão colonialista em direção ao Oriente.

Talvez a diáspora chinesa tenha começado bem antes do conhecido. “Povos nômades vindos da Ásia, através do Estreito de Bering, teriam sido os primeiros a colonizar o vasto território, em data ainda desconhecida, talvez por volta de 40 mil anos atrás. Um desses povos deu origem aos tupis-guaranis, uma das sete grandes famílias que construíram o grupo linguístico Macro-Tupi” (BUENO, 2003: 15). Como já assinalado, a semelhança física entre os índios brasileiros e os chineses não passou despercebida a bom número de estrangeiros. O mais remoto paralelo esboçado entre chineses e indígenas parece ter sido o de Pero de Magalhães Gandavo na *História da província de Santa Cruz*, publicada em 1576 em Lisboa: “Estes índios são de cor baça, e cabelo corredio; têm o rosto amassado, e algumas feições dele à maneira de Chins” A comparação reapareceria de tempos em tempos, para tornar-se quase lugar-comum em começos do século XIX na pena de diversos viajantes de passagem pelo país – observaram sobretudo os chineses plantadores de chá. “Nem falta, na atualidade, quem reclame, para os silvícolas americanos, origem asiática, rechaçando a teoria da autoctonia sustentada por Ameghino e tantos mais. Vale destacar a tal respeito a opinião de Paul Rivet, para quem o povoamento do Continente Americano deu-se em levas sucessivas – pelo Norte, através do Estreito de Behring (que então, coberto de gelo, unia a Ásia à América do Norte), pelo Sul e pelo mar (povos melanésios e polinésios). Rivet pensa inclusive que os povoadores mais antigos, vindos da Ásia pela língua de terra que deu origem ao se fender ao Estreito de Behring, eram povos mongolóides, caçadores que no encaço de suas presas realizaram a pé a travessia (...) de qualquer modo, que não nos causem espanto a semelhança fisionômica entre índios e chineses ou japoneses ou bom relacionamento que parece ter prevalecido entre as duas raças no Brasil, a ponto de terem ocorrido casamentos inter-raciais” (LEITE, 1999: 253-255).

RAMOS (2000), FREITAS (2001 e 2004), CASSIANO (2001), MENDONÇA (1879) e LEITE (1999) abordaram as discussões acerca da adoção da mão-de-obra chinesa no Brasil. Mesmo MACHADO DE ASSIS (1962: 419-420) em fins de século XIX dá a sua opinião sobre esta questão, comparando os *chins* a chimpanzés. Tais discussões sobre a mão-de-obra chinesa traziam controvérsias sobre como a entrada de um novo grupo étnico viria a afetar a identidade nacional brasileira. Os que eram a favor do ingresso de chineses centravam-se no crescimento da produção econômica, enquanto seus opositores temiam a “poluição” social. Intelectuais, fazendeiros e políticos importantes, como Quintino Bocayuva (que viria a ser o líder do Partido Republicano no Rio de Janeiro), o senador Alfredo d’Escagnolle Taunay

(que mais tarde tornar-se-ia um dos dirigentes da Sociedade Central de Imigração), o empresário e industrial progressista Irineu Evangelista de Souza, barão de Mauá, o político liberal e presidente da Província do Rio de Janeiro, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (que mais tarde seria nomeado primeiro-ministro) e os políticos abolicionistas André Rebouças e Joaquim Nabuco, para citar apenas uns poucos, falavam freqüente e acaloradamente sobre “a questão chinesa”. As posições assumidas por esses políticos nem sempre eram coerentes com sua filiação liberal ou conservadora, e alianças políticas as mais bizarras eram a norma. O grupo contrário reunia os nacionalistas/ racistas ardorosos, que asseguravam que os chineses eram biologicamente degenerados; os abolicionistas, que acreditavam que os chineses viriam a constituir uma classe de neo-escravos; e alguns grandes proprietários de terras, que estavam convencidos de que apenas os africanos eram biologicamente adequados ao extenuante trabalho na lavoura. O outro lado agrupava uma mistura de fazendeiros que queriam substituir os escravos africanos por um grupo mais barato e mais dócil; outros fazendeiros, que acreditavam que os chineses eram biologicamente adequados ao trabalho agrícola, podendo assim contribuir para tornar o Brasil mais competitivo no mercado mundial; e abolicionistas, que viam que os chineses, como mão-de-obra contratada, representariam um passo adiante em direção a um regime pleno de trabalho assalariado. Mas todos estavam de acordo ao ver os trabalhadores chineses como pouco mais que uma mercadoria (LESSER, 2001: 39-40).

Já em 1807 o interesse brasileiro pela mão-de-obra chinesa já podia ser observado na Bahia (LESSER, 2001: 40). “Os trabalhadores chineses, ao que parece, eram igualmente ambivalentes quanto a suas vidas no Brasil. Isso, em parte, se devia às idéias tradicionais de que a América do Sul continha ‘os Estados das Bestas’ [idéia que SOUZA (2005) já trabalhara], habitados por povos ‘mais bárbaros’ que os demais. Esses estereótipos pré-migratórios parecem ter sido confirmados por dois incidentes específicos. Quando dois chineses fugiram do Jardim Botânico, o filho de Dom João caçou-os com cavalos e cães. Além disso, o diretor do Jardim Botânico tratava os trabalhadores de forma severa, suspeitando de que eles, propositalmente, mantinham segredo sobre suas técnicas mais sofisticadas de processamento do chá” (LESSER, 2001: 41). Muitos chineses fugiam do Jardim Botânico, estabelecendo-se como vendedores ambulantes e cozinheiros. Como observado, os que não fugiam, reclamavam dos maus tratos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999a). Conta o Padre Pedro a esta pesquisa que, por causa dos suicídios e fugas dos chineses, além da instabilidade da Dinastia Qing (que não mais podia se ocupar da emigração), a vinda de chineses foi interrompida – e os japoneses passaram a ser a mão-de-obra asiática preferida no Brasil.

Com a aprovação da Lei Aberdeen, em 1845, a marinha britânica podia tratar como navios-piratas quaisquer embarcações de tráfico negreiro, o que levou alguns comerciantes brasileiros a considerar a possibilidade da migração chinesa em massa. Além disso houve notícias de participação chinesa da expansão das economias do Peru e de Cuba. Por fim, em 1854, o governo imperial determinou que sua delegação em Londres enviasse ao Brasil seis mil trabalhadores chineses, contratando a firma Sampson & Tappan, de Boston, para transportá-los. Esta companhia trouxe poucos chineses ao Brasil, mas o anúncio do contrato reacendeu o debate (LESSER, 2001: 42). A vinda de G.C. Butler e Tong King-sing ao Brasil para tratar da vinda de imigrantes chineses foi um fracasso. O primeiro, um afro-americano muito educado, e o segundo, um chinês refinado, mas que usava roupas chinesas, acabaram eles próprios sofrendo preconceitos por parte das elites brasileiras – e partiram (LESSER, 2001).

Os chineses eram vistos como degenerados e temia-se a união deles com os negros (LESSER, 2001: 43) – fato que estranhamente veio a se concretizar, a despeito do preconceito que o chinês tinha em relação ao negro. Além disso, muitos chineses se converteram ao catolicismo (LEITE, 1999). Alguns fazendeiros do café não acreditavam que a mão-de-obra escrava pudesse ser substituída pela assalariada. Já mencionados estereótipos preconceituosos e ofensivos sobre os chineses eram propagados nos meios de comunicação. Principalmente a idéia de que eram enganadores. Sem falar dos incontáveis debates raciais abordados por LESSER (2001), LEITE (1999), MACHADO DE ASSIS (1962), CASSIANO (2001), MENDONÇA (1879), RAMOS (2000), ALONSO (2000), FREITAS (2001 e 2004), Lilia Moritz SCHWARCZ (1993) e PESSANHA (2005). “Os positivistas enviaram ao embaixador chinês em Paris e Londres, uma cópia do texto *Trabalhadores Asiáticos* e encomendaram a tradução das *Considérations générales sur l'ensemble de la Civilization Chinoise et sur les relations de l'Occident avec la Chine*, para que os brasileiros pudessem aquilatar a importância da milenar civilização chinesa (...) O texto de Salvador Mendonça, de 1879, constitui-se em uma propaganda da imigração chinesa no Brasil, a exemplo das experiências nos Estados Unidos da América. O autor refere-se aos chineses como ‘máquinas de produção mais baratas’, entre outros adjetivos” (CASSIANO, 2001: 27; MENDONÇA, 1879). No que tange à política, consolidou-se o Estado Brasileiro. No que tange aos costumes, pode-se dizer que o país tenha se “ocidentalizado”, “afrancesando-se e inglesando-se da noite para o dia, arrependido de ter permanecido por tanto tempo índio, africano, negro e amarelo antes de tentar ser branco” (LEITE, 1999: 11). “Os debates sobre a mão-de-obra chinesa foram importantes, ao determinar as maneiras pelas quais a etnicidade viria a se entrecruzar com as questões de identidade nacional. Pela primeira vez, as elites passaram a

expandir o panorama daquilo que o Brasil poderia vir a se tornar, levando em conta o impacto de imigrantes que não eram nem pretos nem brancos (...) A questão social não mais se ligava ao desaparecimento dos africanos, revigorando o debate quanto a se o crescimento econômico valia o ônus de um Brasil não-europeu” (LESSER, 2001: 69).

O primeiro ingresso *oficial* de chineses a São Paulo se deu em 15 de agosto de 1900, quando um grupo de 107 pessoas foi levado à Hospedaria dos Imigrantes. Vinham de Lisboa, a bordo do barco Malange. Agricultores, fazendeiros, pintores, ferreiros, carpinteiros, trabalhadores ferroviários, entre outros estavam entre estes chineses. De lá seguiram para Matão, interior de São Paulo, onde haviam firmado contratos de trabalho com certo Cel. Paulino Carlos, engenheiro dedicado à construção de vias férreas (FREITAS, 2004: 101). O que teria acontecido aos poucos chineses que permaneceram no Brasil? Pouco se sabe, mas informa-se que muitos haviam fugido e desaparecido no século XIX, outros foram encontrados na cidade, conforme comentários do famoso ensaísta João do Rio, publicados na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro “Ao visitar um antro de ópio no Rio de Janeiro, em 1905, João do Rio encontrou os descendentes daquela ‘famosa imigração... vendem peixes na praia’ e, além disso, transformando em viciados ‘niilistas rumaicos, professores russos na miséria, anarquistas espanhóis, ciganos deboxados’ (...) A presença dos chineses era como um dobre fúnebre: ‘Vão embora, ou eu morrerei’, gritava João, mal sabendo que centenas de milhares de outros não-europeus estavam-se preparando para vir, cada um deles pronto para lutar por um nicho na nação brasileira” – em “Visões d’ópio. Os chins no Rio” In: *A alma encantadora das ruas* (Apud: LESSER, 2001: 70). Especialmente os cantoneses iniciaram e desenvolveram o ramo da pastelaria não só em São Paulo, como também em todos os lugares do Brasil em que estiveram. As cidades, portos e barcos eram os pontos de venda. Além do pastel, ofereciam o caldo de cana (FREITAS, 2004: 101).

1945 foi um ano em que aumentou muito a entrada de chineses em São Paulo, com o advento do fim da II Guerra Mundial. 1949, entretanto, quando os comunistas assumem o poder, é o marco da entrada mais massiça de chineses, também atraídos pela industrialização brasileira dos anos 1950 (FREITAS, 2004: 101). A partir desta época imigram chineses com o objetivo de criar raízes no Brasil (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). A maioria dos imigrantes chineses que chegou a São Paulo após 1949 partiu da China pelo porto de Hong Kong, a bordo de navios holandeses como o Tegelberg, o Tjitjalenka, o Boissevain, o Tjisadaney e o Ruys. Devido à distância e às várias escalas para abastecimento, a viagem até Santos durava cerca de 50 dias. O trajeto e o desembarque na nova terra eram marcados por grandes esperanças e incertezas. Estas viagens continuaram até 1967. Mais tarde, a partir dos

anos de 1970 e 1980 alguns chineses entraram no Brasil pela rota do Paraguai, às vezes clandestinamente, com visto ou passaporte falso. Para obter um novo passaporte, apresentavam uma solicitação ao consulado alegando a perda do documento (FREITAS, 2004: 101).

Christine Yufon, figura de destaque na cidade de São Paulo, nascida em Pequim, também veio refugiada do comunismo. Diz amar a China e ser apaixonada pelo Brasil. Ela morava em Shanghai com seu marido, o francês Georges Collet, quando, com a tomada da cidade pelos comunistas, em 1949, tiveram de abandoná-la. Todos os bens do casal, incluindo propriedades agrícolas e uma fábrica de cigarros, foram confiscados pelo regime. Passaram dois anos em Paris para, em 1951, vir ao Brasil. Na cidade de São Paulo, ela iniciou carreira de manequim nos anos de 1960 e agora, retirada das passarelas, dedica-se a formar manequins e dar cursos de boas maneiras no estúdio que mantém em sua casa, em Higienópolis. Ela diz sua opinião sobre a imigração forçada: "Aprende-se uma lição em busca do desconhecido", diz ela, "e a sobrevivência acaba sendo o maior prêmio" (In: REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1986). Ela é um exemplo de como acontecimentos da China do meio do século XX refletiram diretamente na entrada de chineses na sociedade brasileira. Declara Gao Xingjian: "Depois de 49 veio uma porção de gente, algumas famílias tinham empresas financeiramente muito fortes na China e as trouxeram para cá. Moinho de trigo, fábrica de química, fábrica de papel, indústria de papel (...) Imigração de 49 para 60... (...) O tipo de imigração chinesa é bem diferente da japonesa. A imigração de japonesa é organizada, financiada pelo governo ou, governo japonês, subsidiado. Mas o chinês veio para cá individual, individual (...) Logo depois de 1960, a imigração parou porque o visto de entrada para o Brasil ficou muito difícil. Depois 60 era um tempo difícil, então parou. Também na China, também a China estava fechada. A gente chamava Rússia como cortina de ferro, e China como cortina de bambu. Depois chinês veio de Taiwan ao Brasil (...) Depois de 60 [foi o grande fluxo de chineses de Taiwan], não tem estatística. Agora tem bastante, logo depois a imigração continental parou, porque governo chinês comunista fechou, então veio gente de Taiwan. Eles vêm porque governo chinês comunista fechou, então veio gente de Taiwan. Eles vêm para o Paraguai e depois entram no Brasil. Do Paraguai para o Brasil muita gente vem, é só passar aquela ponte da Amizade. [risos] Não tem muito problema" (In: CASSIANO, 2001: 65). Percebe-se na fala de Gao Xingjian uma correlação entre o grau de abertura da política chinesa e a emigração neste país. Para o cônsul chinês em São Paulo em 1997 – Zhu Ting Zhong – entre os primeiros chineses que vieram ao Brasil no século XIX e

os que vieram a partir da década de 1950 houve um grande intervalo. Em todo caso, sabe-se que esta é uma imigração que continua nos dias de hoje (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h).

As expectativas e motivações foram as mais variadas na escolha do Brasil como destino. Como já relatado, o famoso pintor Chang Dai-Chien, já antes da Revolução Chinesa de 1949, procurava um lugar seguro para viver. Passou por vários países, decidindo-se pelo Brasil em 1953 por ser uma região de bom clima onde era possível comprar terras por um preço conveniente – mudando-se para Mogi das Cruzes (FREITAS, 2004: 112). Para o diplomata Zhu Ting Zhong a escolha pelo Brasil não era algo muito comum, pois o país é muito distante da China. Chineses gostam de “chegar logo”, pôr os pés em terra firme e já se reunir com aqueles com quem compartilham língua e costumes (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Chow Chin Chien acredita que muitos dos chineses em São Paulo vieram a partir da década de 1950 porque então as pessoas já não estavam agüentando a situação, as guerras e suas complicações. O Brasil era tido como um lugar livre de tensões (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 24). “Escolhemos o Brasil porque era a terra da paz” – diz Feng Hsueh, fugido de Taiwan em 1969 (BRUM, 2001), como visto.

“Em 51, meu pai fez uma viagem... O projeto era uma viagem ao mundo, mas ele foi pra os Estados Unidos e desceu pra o sul, pra o Brasil. O objetivo era ir pra Argentina, depois pra África e depois retornar à China, mas quando ele parou em São Paulo, ele gostou muito da cultura, do clima, da afabilidade da população, onde ele se sentiu muito à vontade, mesmo porque não tinha nem um pouco de discriminação racial. E, por esse motivo, ele resolveu se erradicar (*sic*) no Brasil e chamou a sua família, que era minha mãe e duas irmãs, e eu. No início de 1952... ao redor do dia 25 ou dia 27 de janeiro de 52, nós chegamos em São Paulo” – conta Lawrence Phi (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 3-4).

Joseph Chung Chien Liao veio ao Brasil em 1956, influenciado pelo seu amigo brasileiro, o diplomata Josias Leão, que sempre o tentou convencer a vir ao Brasil. Ele então fez uma pesquisa e decidiu pela vinda. Esse amigo foi importante para a tomada de decisão, não só pelas coisas que contava, mas por ser considerado um homem direito por Joseph. Ele se interessou pelo clima bom, abundância de recursos naturais e paz na convivência que encontrou no Brasil. “Eu posso ir pra América do Norte, mas eu não fui”. Joseph acredita que o Brasil tem melhor futuro que a América do Norte. Os Estados Unidos, por exemplo, para Joseph vão envelhecer, enquanto o Brasil será ainda novo. O bom clima, ausência de terremotos e tornados põem o Brasil em vantagem. “E em todo lugar tem, China também tem terremoto, mata até milhão” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 11).

Che Wing Chue veio em 1956 e Antonio Phee veio em 1960, ambos influenciados por amigos que diziam boas coisas a respeito do Brasil (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a; 1997). Amigos e parentes já habitando no Brasil também foram uma motivação para as entrevistadas Yan Liang e Sandra. No caso da primeira, seu irmão estudava na USP e outros parentes moravam aqui. Ela veio vê-los e acabou migrando para cá, inicialmente para estudos. Por causa de seus parentes já vivendo aqui, já na China ela começou a pesquisar sobre o país em livros, jornais, revistas e televisão. Ela não tinha medo de vir, mas estava ansiosa. Parecia tudo “um outro mundo”, diferentes modos de vida e pensamento – um desafio grande, porém compensador. Apesar de ser “um país de pobreza”, o clima e as pessoas são agradáveis, a natureza bonita, o solo rico – tudo muito conveniente – um lindo país, com qualidade de vida.

No caso da segunda, relatos de amigos influenciaram. Sandra conta que decidiram vir ao Brasil para ver como era: “*kan yi kan*” (ou “olhar um pouquinho”). Tinham curiosidade, porque um amigo de Gaoxiong, Taiwan, já morava aqui e achava muito bom. Pouco sabiam, mas havia vários motivos para achar o Brasil muito bom: também o clima maravilhoso, temperatura agradável (principalmente), um grande território, pessoas muito comunicativas, ausência de terremotos, tufões ou grandes ventos de inverno. “Deus cuidou muito bem daqui”. Como seus filhos estavam começando os estudos, Sandra e Mateus queriam que eles já se acostumassem na nova terra, com a educação brasileira. Ela acrescenta que os taiwaneses continuam vindo ao Brasil, à medida que sabem cada vez mais coisas daqui.

Lawrence Koo conta-nos que o Brasil representava uma alternativa de vida diferente para sua família. Freqüentador das altas rodas e festas em Taiwan, após uma experiência religiosa cristã, seu pai decidiu afastar a família deste estilo de vida. Um novo ambiente contribuiria para esta mudança. Como já visto, as motivações não foram econômicas. O pai de Lawrence partiu, então, para a prospecção de outros países, um criterioso estudo, decidindo-se enfim pelo Brasil, para onde a família migrou em 1958. Uma das razões era que a sociedade brasileira era bem diferente da chinesa, ideal para se construir algo diferente. “Realmente o Brasil era o lugar do futuro, né?” Ele observa, entretanto, que sua família é exceção. Para ele as motivações econômicas são as mais fortes para trazer os chineses ao Brasil, como melhores oportunidades e mais alto nível de vida. A família também já tinha parentes vivendo no Brasil.

Muitos chineses, em conversas informais, relataram sempre ter ouvido falar do samba e futebol brasileiros, além do café (como no depoimento de Yan Liang e outros). Por ser considerado um luxo na China, o café transmitia uma idéia de sofisticação. Descreveram também que muitos chineses vêm ao Brasil na verdade visando os Estados Unidos. Este país

dificulta muito a imigração, sobretudo para quem não tem recursos. O Brasil é, para muitos, um estágio intermediário, um ponto de passagem de onde é mais fácil tentar entrar em países desenvolvidos. Alguns, entretanto, acabam por fim fixando raízes aqui. Além do clima agradável, frases como “Aqui não tem racismo” foram ouvidas como razões para ficar. Muitos chineses relataram sentir um preconceito muito maior contra asiáticos na Europa e Estados Unidos, seja diretamente ou por relatos de parentes e amigos que vivem nestes lugares. Daí não haver *Chinatowns* no Brasil.

Para o Padre Pedro, a imigração chinesa ao Brasil só tenderá a crescer à medida que o Brasil se tornou um país aberto ao turismo de chineses. Aos chineses não é permitido fazer turismo em qualquer país. A partir de 2004, durante a visita do presidente Lula a Beijing, foi firmado um acordo que passou a incluir o Brasil entre os países a serem visitados por chineses – desde que em excursão e sob a responsabilidade de uma empresa de turismo. Com isso, crê o Padre, a imigração aumentará: “Chega aqui, não sai mais (risos) (...) China tá melhorando, mas ainda falta muita coisa. Tem muita gente, a vida na cidade melhorou muito, tem muito dinheiro...” Mas ele diz haver ainda muita pobreza. Os chineses saem de lá, e quando chegam aqui querem ficar, acrescenta.

A travessia ao Brasil não se deu da mesma maneira para todos os depoentes. As formas e a duração foram diferentes. Até vir definitivamente ao Brasil em 1956, por exemplo, Che Wing Chue passou três anos no Japão. A viagem de navio de lá até o Brasil foi de dois meses – não havia muito o que fazer a não ser dormir. Em Cingapura pararam cerca de três dias. Lembra haver umas 400 pessoas a bordo, todas asiáticas. Ao chegar a Santos um primo o esperava – e ele logo começou a trabalhar em restaurantes (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a).

Joseph Chung Chien Liao veio ao Brasil em um navio holandês da International Royal Ocean Line, a única empresa a fazer o percurso entre Hong Kong e o Brasil direto. A viagem levou 45 dias e dela Joseph ainda guardava um papel quando da entrevista. Ele trouxe várias coisas da China, incluindo um baú, a carteira da IRO (*International Refugee Organization*), além do passaporte internacional da ONU (dado pela IRO), que lhe permitia ir para qualquer lugar do mundo, mas que ele teria que devolver posteriormente ao término de seu trabalho. “Viagem tava bom, porque criança gosta, porque ele tem... como chama Deck. Deck em inglês é aquele lugar no fim ou na frente, onde tem um espaço vazio, ele pode brincar lá, sai do quarto brinca, tem bastante criança. No mesmo... mesmo navio tem refugiado japonês, tem russos, tem tudo, nós saímos juntos de lá. Não conhece muito mas já tem bastante refugiado, tem bastante criança, tudo brinca no navio.” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 13). De

Hong Kong o navio foi a Cingapura, depois África do Sul e Moçambique (*sic*), e enfim Santos (*Idem ibidem*: 14).

Já Antonio Phee só chegou ao Brasil nove meses após sair das Filipinas, onde nasceu – ele nasceu como “chinês ultramarino”, mais especificamente *huayi*. Estes meses ele passou no Japão para juntar dinheiro e conseguir os trâmites para o visto para o Brasil. Na sua primeira vinda ao Brasil, do Japão embarcara num navio holandês, numa viagem que durara 60 dias, com a passagem mais barata – por isso ficou a maior parte do tempo no porão, comendo peixe. Disse ter US\$ 5,00 apenas no bolso. O navio passou pela Coréia, Hong Kong, Malásia, Ilhas Maurício e África do Sul. Sua primeira parada brasileira foi em Vitória-ES. Depois, Rio de Janeiro e por fim Santos. Ele diz ter pago a própria passagem, mas também menciona um certo chinês que o recepcionou em Santos, que havia patrocinado a sua vinda (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997). A vinda de Padre Pedro também não havia sido fácil. Em 1957, quando veio, a bordo do navio, ele conta ter pedido dinheiro para ajudar a inteirar a quantia da passagem. Chegando sem dinheiro, começou a trabalhar assim que veio.

A família de Lawrence Koo veio de navio, em 1958. Este era o único meio, conta ele. Saíram, então, de Formosa, parando em Hong Kong, Cingapura, indo depois pelo Oceano Índico, em seguida circundando a África rumo ao sul, passando pelo Cabo da Boa Esperança, atravessando o Atlântico até o Brasil, em 46 dias de viagem. “Eu lembro bem, muito bem. E a passagem do Cabo da Esperança realmente era... uma tormenta incrível... navio... praticamente parece que vai virar esse negócio aí, né, quando vinham ondas e só via céu, outra onda e só via mar...” - disse-nos Lawrence Koo. Mas para um garoto de dez anos, ele lembra ter sido uma experiência muito interessante para ele e seus irmãos.

No mesmo ano vinha Chu Wan Tai e sua família em um navio holandês a partir do Japão, pegando passageiros em Hong Kong, vindo pelo Oceano Índico e depois pelo Atlântico. Quando veio ao Brasil, Chu nada sabia sobre o novo país. Aliás, como criança de 9 anos ele não se preocupava muito. “Quer dizer, é sempre uma coisa aventureira, sempre é muita coisa diferente; nunca passou na minha cabeça que eu iria sair da escola, eu nunca iria mais ver meus amigos, que eu nunca iria mais na escola né?, naquela escola especificamente. Que para uma criança de nove anos era um... uma carta de alforria né?, e viajar 45 dias num navio era... uma aventura e tanto né? Ver um pai que eu não tinha visto faz 5 ou 6 anos, perfeito!, e numa terra desconhecida chamado Brasil. Mas as dificuldades...” A única coisa que ele sabia é que o Brasil era muito longe. “Mas os 45 dias no navio pra uma criança passa rápido né?” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 9-10).

Não fez muitas amizades no navio porque havia poucas crianças. “E naturalmente devido a... formação chinesa, minha mãe e a mãe dessa outra criança fizeram com que a gente

estudasse português né?, no navio porque tinha um chinês de Macao, perfeito! Então eu e a minha relação com a língua portuguesa foi extremamente árdua porque esse professor que era chinês, utilizado o método extremamente tradicional né?, ou seja castigo corporal plenamente justificado e apoiado pelas nossas mães (risos). E se eu errasse uma palavra eu era obrigado a escrever quinhentas vezes a palavra... quer dizer, um método bem tradicional. Então a minha... a minha ligação com língua portuguesa não foi das melhores no seu início” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 10).

Chu lembra-se bem do seu desembarque em Santos. Na década de 50 não havia muitos chineses aqui, e por isso havia uma espécie de solidariedade. Como este navio da linha holandesa só vinha uma vez a cada 30 ou 40 dias, alguns chineses já instalados no Brasil alugavam carros (já que o transporte era incômodo), davam hospedagem, alimentavam – enfim, ajudavam no necessário a estes imigrantes que chegavam sem dinheiro e sem conhecer ninguém. “(...) arrumavam serviços de uma forma que eles possam... persistir né?, possa sobreviver economicamente” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 10-11). Quando subiu a Serra do Mar, Chu ficou fascinado. “Eu acho que a fascinação é típica de uma criança de 9 anos né? Nós estamos falando década de 50 que entrar num carro já era uma fascinação. Quer dizer, não vou dizer nem subir a serra, o fato de estar dentro de um veículo num país distinto mas... não senti tanto porque era uma criança, não havia essa noção. Quer dizer, talvez... não sei se seria correto dizer, dizer que uma criança de 9 anos não sente saudade, não sente nostalgia, mas a coisa passava tão rápido, era tão veloz que não dava tempo pra você sentir saudade, vamos chamar assim né? então, eu me lembro da subida da serra com táxi, chegar aí eu morei na Rua Estados Unidos (risos), o.k. Era um regime completamente diferente, o pai dava todas aquelas restrições ou instruções, tome cuidado com isso e aquilo...” (*Idem ibidem*: 11). A família morou numa casa que o pai alugou na Rua Estados Unidos. A casa ainda existe, mas a rua se modificou bastante. Chan Kowk Wai e Wong Sun Keung também embarcaram em Hong Kong em navios holandeses (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g; 1997j).

Muitas famílias vieram separadamente, às vezes com intervalos de anos entre a vinda de um membro da família e a de outro. Assim, muitos tiveram que enfrentar períodos de solidão e saudade. Che Wing Chue veio antes, em 1956, e só depois trouxe a esposa. E por fim os filhos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a). Ho Ning Yet, por sua vez, veio com mulher e filhos no mesmo ano, numa viagem de 56 dias a bordo de um navio holandês, tendo deixado o mais novo em Hong Kong durante anos, criado pelos avós. O navio passou por Cingapura, Cidade do Cabo e terminou em Santos. A comida era congelada e tinha muito peixe. A sua esposa enjoou muito na jornada. Quase todos os passageiros eram japoneses,

mas 90% da tripulação era chinesa. Eles vieram sem saber muita coisa sobre o país e em Santos um amigo de seu pai o veio buscar, e eles foram trabalhar em Mogi das Cruzes com granjas. O tal filho mais novo, Marco (em homenagem ao italiano Marco Polo) só veio em 1959, de avião, trazido por um amigo da família, numa viagem de sete dias (considerada já “longa” por ele), parando pela Europa em razão de negócios. Aos seis anos de idade, sentiu muito a falta dos avós, que é quem considerava os verdadeiros pais (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i). O mesmo se deu com Chow Chin Chien, mas em seu caso ele foi primeiro sozinho, e depois trouxe a família (mulher e filhas). Também veio num navio holandês (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b). Mesmo em famílias vindas na década de 1990 isso ocorreu, conforme relatado em conversas informais.

Não só travessias mais recentes foram feitas de avião, como as relatadas por Sandra (1997) e Yan Liang (1989) – mas também as de Marco em 1959 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i) e Lawrence Phi (1952). Este conta sua viagem de avião. De Tóquio a família foi a Honolulu, e de lá a São Francisco. Depois, Chicago, Nova York, Miami e por fim São Paulo. Lawrence recorda: “E um dos episódios interessantes é que pegou fogo numa das turbinas [risos] a caminho de... saindo do Japão para Honolulu e fomos obrigados a voltar e o piloto tinha que despejar todo o combustível [risos] no mar e eu era muito pequeno e não sabia do perigo, mas minha mãe ficou muito assustada [risos] com esse pequeno incidente” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 5). A rota relatada por Yan Liang foi diferente. Primeiro de Beijing a Bangkok, depois para a África do Sul e por fim São Paulo.

Antonio Phee foi recepcionado em Santos por um chinês, o tal que havia patrocinado a sua vinda, que o levou à pensão de um japonês. Até se estabelecer definitivamente no Brasil, teve que sair daqui quando expirou seu visto de permanência. Passou seis meses viajando pela Europa até achar uma embaixada ou consulado que lhe desse o visto. Ele conta que curiosamente foi na Espanha que lhe concederam o visto – só porque o funcionário do consulado torcia para o Corinthians, como ele próprio. Ou seja, não foi uma travessia fácil. Ao chegar, não falar a língua dificultou, embora falar espanhol tenha ajudado. O que mais estranhou foi a instabilidade climática (“quatro estações num único dia”), a falta de pontualidade dos brasileiros e as pulgas (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 14, 15). Conta Chu Wan Tai: “quando eu cheguei nesse país em 1958 esse país era uma província. Eu me lembro (...)” – era muito difícil completar uma ligação telefônica interurbana. Ele usa este fato para exemplificar o quanto o país mudou desde então (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 24). Quando chegou o seu pai já o estava esperando no porto, já estava no Brasil.

“Eu não trouxe dinheiro, não fala nenhuma palavra português, aí pega qualquer emprego (...)” – diz Joseph Chung Chien Liao (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 21). Estas

são das dificuldades mais comuns por que passam os chineses que falaram diretamente à pesquisa e ao Memorial do Imigrante. Mesmo assim, Joseph já tinha alguém esperando por ele no Brasil, um amigo, o que facilitou as coisas. Esse amigo já tinha arrumado uma casa alugada no Jabaquara para ele. Mas nem todos os recém-chegados podiam contar com ajuda. Entretanto o Padre Pedro desempenhou um importante papel: “Toda vez que chegava o navio em Santos, cada mês chegava um navio, com uns trinta, quarenta, até sessenta chineses. Descendo, não tinham amigo, não sabiam para onde ir, não sabiam como... Nada mesmo! Só o padre, eu e um outro padre, padre Hernando, íamos a Santos... Descendo, todo mundo ficava sabendo. ‘Olha o padre, o padre chinês!’ [diziam] Então orientávamos como passar alfândega, onde tomar ônibus para São Paulo, chegando São Paulo, onde tem que morar, escola, quando doente, hospital, tudo isso... Tudo de graça, tudo de graça, durante vários anos, vários anos. [Dessa forma] quando nós compramos o terreno e lançamos a campanha, ganhamos bastante dinheiro, bastante. Com esse dinheiro construímos a igreja, acabou o dinheiro. Começamos desse jeito, começamos desse jeito (...) [Quando eu cheguei aqui], (...) falava-se em três mil, três mil [chineses], a maioria de Cantão, do sul. Depois foi chegando de Formosa, do [...], do outro lado da China, do norte, do sul...” (Padre Pedro, in: CASSIANO, 2001: 67). Isso ocorreu de 1959 a 1965. Neste tempo os padres gastavam o próprio dinheiro pagando refeições aos recém-chegados.

“Naquele tempo nós éramos muito raros aqui no Brasil.” – Lawrence Koo se refere à imigração chinesa na década de 1950. Comparativamente, a imigração japonesa já estava mais estabelecida. “Mas chinesa, não.” Apesar de não tão bem estabelecida, conta ele, a imigração chinesa era mais antiga, como visto. Havia chineses vindos antes. Seu tio viera um pouco antes, em 1950, logo quando a Revolução Comunista estourou na China. Como já observado, para o Sr. Gao Xingjian havia grandes diferenças entre as migrações chinesa e japonesa. Por exemplo, a de que muitos dos japoneses vieram por vontade própria e financiados, trabalhando por contrato vários anos no campo. A este respeito, ver SAKURAI (2000; 2004). Para Gao Xingjian, os chineses vieram ao Brasil em iniciativas individuais, desorganizados, a partir dos anos 1950 e 1960, com “nível de cultura” superior, o que significa donos de empresas, engenheiros etc. “Sobre a imigração, no ano de 49 até 60 tem bastante chinês, família chinesa vindo para São Paulo, eles tinham cultura superior. São engenheiros, químicos, ou donos de empresas. Naquela época uma porção de chineses veio para cá, eram culturalmente muito elevados. Por causa da mudança da política na China. A maioria veio de Shanghai. Tem poucos que vieram de fora de Shanghai” (in CASSIANO, 2001: 63-64). Isso corrobora o que disse GUNGWU (1994) sobre o perfil dos imigrantes

chineses no Ocidente a partir dos anos 1950 – mesmo que a imagem do “pasteleiro” tenha durado no Brasil, como ver-se-á adiante.

O Memorial do Imigrante levanta a documentação existente da imigração chinesa e constata que entraram muito poucos chineses nas décadas de 1910, 1920 e 1930 – “Legalmente!” – observa Chow Chin Chien. E acrescenta que muitos dos que aqui chegaram e não conseguiram entrada legal foram para o Paraguai. De lá, por fim, entraram aqui. “Aí sempre periodicamente sem registro, como estrangeiros, aí registra ali e fica aqui legalizado” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 24). Como visto, muitos entram via Paraguai (onde as entradas são abertas) e comunicam perda do passaporte à polícia brasileira. “Aí ele fazem denúncia no jornal, com o nosso jornal né? Aí fazem requerimento tudo de novo, tem que saber onde você quer... recebida o passaporte na china, que ano, que mês você recebeu esse. Fazer tudo declaração, entregar pra consulado, consulado manda fax pra lá pra informar, se lá confirmou: é verdade, foi assim aí... na troca se tira outro passaporte novo pra ele, pra ele poder legalizar, pode ficar... fazer um requerimento... pode ficar aqui legalmente né? Aí o nosso, algumas vezes o consulado que o nosso... provar conhece essa pessoa pra uma garantia a China né?, a pessoa é boa na China, nunca... fez alguma coisa errado (...) Então aí junta alguma coisa pra ajudar pra... os documentos, pra eles” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 22). CASSIANO (2001: 113) identificou entre seus entrevistados a tendência de o homem anteceder sua família no processo de imigração – trazendo-a posteriormente ao seu estabelecimento na sociedade adotiva; e o número de casamentos mistos na colônia, entre descendentes de segunda geração, é significativo.

Na travessia, muitos chineses, assim como outros grupos, acabam por ficar presos nas zonas fronteiriças. MANSO (2005) e RAMOS (2005) relatam o caso de chineses que, juntamente com bolivianos e imigrantes de outras nacionalidades, acabaram ficando detidos na zona internacional do Aeroporto Internacional de Guarulhos, no estado de São Paulo – popularmente chamada de “limbo”. Lá viveram por varios dias, numa situação semelhante à mostrada no filme *O terminal* de Steven Spielberg, por não terem sua documentação regularizada. Nesse momento, estes chineses se apresentam, também no Brasil, como *Homo Sacer*, conceito de AGAMBEN (2004) referindo-se a pessoas excluídas da política, numa posição no limite. A vida na fronteira como condição contemporânea de populações é ressaltada por BHABHA (2003).

No município de São Paulo, os imigrantes chineses estão distribuídos por toda a extensão oeste, sudoeste, e região central. Os bairros da Liberdade, Santo Amaro, Lapa, Sé,

Moema, Cambuci, Morumbi, Jardim Paulista, Vila Mariana e Itaim-Bibi têm os maiores contingentes. Os bairros das regiões oeste e sudoeste são ocupados por chineses que chegaram por volta da década de 1960, em sua maioria, profissionais liberais e grandes investidores. “O distrito da Liberdade ainda abriga a maior e mais antiga concentração chinesa de São Paulo” (CASSIANO, 2001: 112). A autora considera dados oficiais. Não existe uma *Chinatown* em São Paulo, um bairro específico. Em geral, a distribuição espacial de chineses acompanha a dos japoneses. Juntam-se aos bairros acima a Aclimação e a Vila Olímpia (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). James Lee Hoi On acrescenta ainda os bairros de Pinheiros, Santa Cecília, Brooklyn como lugares de concentração de chineses (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 29). “Na região metropolitana, os municípios de maior concentração chinesa são Santana de Parnaíba e Mogi das Cruzes, sendo que a maioria desses imigrantes trabalha em atividades rurais, como criação de galinhas. O município de São Paulo abriga a maior colônia do Brasil; conta com mais de cem mil chineses, muitos não-documentados, ou clandestinos. Entram no país via Uruguai, Paraguai e Bolívia, ou com visto temporário” (CASSIANO, 2001: 112). Campinas, Jundiaí, Barueri e Osasco são também pontos de concentração no estado, segundo James Lee Hoi On (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 29). Em outros estados, ainda que em volume muito menor, On destaca as cidades de Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, cidades do Maranhão, Recife, Fortaleza e Salvador: “é, todo lugar tem” (*Idem ibidem*: 30). “Conforme ocorre com outros fluxos imigratórios, os chineses se configuram no espaço urbano conforme a localização dos patrícios que os antecederam na grande ‘viagem do dragão’, ou segundo sua condição econômica” (CASSIANO, 2001: 113).

Os chineses ouvidos direta ou indiretamente apresentam perfis de trabalho, educação e moradia bem diversos, seja pela origem, estrato social ou mesmo idade. Ao chegar, a família de Shilon Wang morou no Paraíso, mas depois se estabeleceu no Tatuapé, onde vivia até o momento da entrevista. Ele diz gostar dos dois lugares. No momento ele morava com os pais. No Paraíso era um imóvel alugado, escolhido por um amigo da família. Em seguida a família escolheria o lugar onde queria ficar. A casa era boa, mas o Paraíso era muito agitado para eles. Então foram para o Tatuapé. Seu pai veio transferido pela Ajinomoto, empresa japonesa em que trabalhava, de Taiwan. Por isso a família não enfrentou dificuldades. Hoje em dia não mais trabalha, mas continua no Brasil. “Brasil muito bom para descanso!” Ele conta que, quando veio ao Brasil, passou a estudar no Roldão, colégio público da Vila Mariana, onde cursou até a oitava série. Em seguida, estudou no Colégio Rodrigues Alves, na Av. Paulista. Shilon parou seus estudos no segundo ano do ensino médio. Ele diz ter perdido o interesse

nas aulas porque o conteúdo que estava vendo não era novo em relação ao que já tinha visto em Taiwan. “A gente tem mais avançado materiais, então quando chegou aqui (...) tudo coisa repetido para mim (...)” No futuro, ele pretende dar prosseguimento e concluir um MBA. Possivelmente no exterior, mais especificamente nos Estados Unidos. Mas pretende voltar. “Aí sim, né, aí tem matéria nova, muito mais interessante”. Ele tem a intenção de voltar a Taiwan, porém mais por causa dos familiares (tios e avós) que lá habitam. Não é uma intenção de voltar a morar ou se estabelecer lá, mas só de visitar. “Brasil é um país bom”. Depois de um tempo trabalhando em escritórios de importação e exportação, houve chance de trabalhar na joalheria Amsterdam Sauer. Lá ele desenvolveu o *marketing* internacional da empresa, mais especificamente em relação à China. Isso lhe deu oportunidade de estar na delegação que acompanhou o Presidente Lula em viagem à China em 2004. Sua irmã mais velha trabalha numa importadora, na parte financeira, e ele próprio quer abrir uma companhia nesta área.

Antes de vir ao Brasil, Yan Liang era professora universitária e trabalhava na *Overseas Chinese University*, no sul da China, em Qianzhou, província de Fujian – como visto, província de origem de muitos chineses ultramarinos. Era uma universidade dedicada a ensinar língua chinesa aos chineses ultramarinos, principalmente àqueles do sudeste asiático (Filipinas e Indonésia, por exemplo). Porque eles falavam de maneira diferente e precisavam aprender a escrever, também. Alguns nem conseguiam falar chinês, sendo necessário o inglês para se comunicar. Nascida em Jilin, antes de vir ao Brasil tinha sua família morando em Beijing. Terminados os estudos na USP, ela foi trabalhar na Câmara de Comércio Brasil-China. Lá ela assumiu uma posição importante, a de gerente de mercado internacional, então estava sempre presente em eventos e reuniões envolvendo Brasil e China. Ela também recebia muitas delegações chinesas. Voltou à China algumas vezes, cerca de quatro, só para visitar. Ela se recorda de ter ido em 2000 ver os pais, da última vez. Ela se diz contente de ter vindo ao Brasil, porque gosta muito daqui. Ela se dedica a ensinar chinês aos brasileiros, o que considera extremamente importante. Não é como ensinar inglês na China. Em São Paulo, diz ela, faltam muitos professores de chinês. Por isso a importância de ter fundado a CHINBRA, escola de chinês que ensina não só a se comunicar, como também a entender a cultura e a história chinesas. Isso tem muito significado em São Paulo, diz ela. Não teve grande dificuldade em se comunicar quando veio. Ela falava inglês, e muitas das pessoas com quem se relacionava falavam inglês. Pouco a pouco, começou a falar português, mas era muito difícil. Além de trabalhar na Câmara de Comércio Brasil-China, fazia muitos serviços de tradução e interpretação. Um deles era acompanhar um grupo de jovens jogadores chineses no São Paulo Futebol Clube. Participava também de um estudo sobre literatura

chinesa. Fez um concurso numa universidade pública brasileira para lecionar em Letras, no qual obteve o primeiro lugar. Mas por motivos políticos ela acabou não tendo o emprego, deram para outra pessoa. Ela ficou chateada, mas diz que não tem importância, porque ficou feliz com o alto nível de sua preparação e de sua apresentação. Seu marido Alexandre veio depois dela. Talvez em 1995, ela não tem certeza, mas eles se conheceram em São Paulo. Em 1999 e 2000 o casal foi convidado a ministrar um curso de chinês nos Estados Unidos, em São Francisco. E lá acabaram tendo uma filha. Apesar de terem uma filha que é cidadã norte-americana, ela e o marido não pensam em morar lá. Eles preferem a vida aqui, pela abundância da natureza e dos recursos naturais, a liberdade, as pessoas agradáveis. Não sabem o que a filha vai decidir no futuro, mas acreditam que ela é muito mais brasileira do que outra coisa, por ela falar português bem, gostar de música brasileira, de comida brasileira, feijão etc.

“Imigrantes sempre têm muitos sofrimentos e dificuldades” – contou a formosina Sandra. Sair de um país, de um trabalho ao qual se está acostumado e ir para um novo lugar onde não se pode falar ou trabalhar é difícil. Mesmo os filhos também sofreram muito, pois não entendiam nada na escola, não conseguiam ler os livros etc. Os colegas caçoavam deles, e eles se sentiam fisicamente muito diferentes dos colegas. Quando voltavam para casa, choravam. Principalmente os três primeiros anos foram de muito sofrimento. Os amigos taiwaneses foram muito importantes para a família de Sandra nesta fase, e também ajudaram muito para que a situação mudasse. E a situação melhorou quando ela e o marido começaram a trabalhar no Brasil. Eles só começaram a trabalhar aqui quatro anos depois de virem, em 2001. Até este período, só conseguiram viver no Brasil porque moraram na casa dos amigos em Suzano (que trabalhavam em um restaurante). Mas ela conta que ajudava muito na casa e no restaurante, e assim a vida corria sem problemas. Logo depois, ela começou a trabalhar como vendedora e seu marido Mateus, consertando televisões. Depois, quando aprendeu um pouco mais de português, começou a ensinar chinês, na Escola Santo Confúcio, por volta de 2003. Entre seus alunos, havia tantos brasileiros quanto chineses. Mas quando começou, ensinava crianças taiwanesas ou descendentes de taiwaneses. Depois, começaram mais e mais brasileiros. Quando veio, a maioria das amigas de Sandra era de taiwaneses. Pouco a pouco, foi conhecendo mais gente, e há cada vez mais brasileiros entre as suas amigas. Hoje muitos de seus amigos são japoneses, também. Conseguiram, então, sair da casa dos amigos em Suzano e se mudaram para Taubaté. Lá também tinham amigos, e gostavam da cidade. O marido consertava eletrônicos e ela ensinava chinês. Ficaram uns três anos, mas lá não havia tanto trabalho para Mateus, então decidiram voltar para Suzano (ficar perto de São Paulo era melhor), mas desta vez não mais morando com os amigos. Quando perguntada se

está satisfeita com a vida no Brasil, ela diz “mais ou menos”. Há os fatores positivos, sobre os quais já falou (clima bom, pessoas comunicativas, grande território etc.) – e destaca a ausência de pressões no Brasil. Tanto em Taiwan quanto no Japão, “países de progresso”, o tempo de trabalho é muito longo, sobrando muito pouco para descansar. Mas isso é uma coisa própria da cultura oriental - “*hen nuli*” – levada muito a sério, com muito esforço. Levantar muito cedo para trabalhar, só voltar para descansar bem tarde. Para os estudantes a vida é também sacrificada. Eles próprios são orientais, mas acharam que este modo de vida era demais, não sobrava tempo para nada, nem para estudar, por exemplo. Eles estavam à procura de uma cultura diferente, como a brasileira, por exemplo. Dentre os fatores negativos do Brasil destaca a violência e a falta de segurança. Alguns amigos já foram assaltados. Sandra acha que mesmo no Brasil, trabalhar não é muito fácil. Aqui os salários são muito baixos. Em Taiwan, diz ela, são mais altos. Os meios de transporte, em compensação, no Brasil são muito melhores e mais convenientes que em Formosa. Aqui há variedade de ônibus, trens, táxis etc. Em Taiwan, não. Lá grande parte das pessoas anda de motocicleta, porque é o melhor meio. Cada família tem uma ou duas em casa, e as ruas são próprias para andar de moto, diferentemente daqui, onde isto é perigoso.

Ao chegar aqui, Lawrence Koo já havia feito até o quarto ano do primário na China. “Mas cheguei aqui zerado”. Levou dois anos para que ele recuperasse o que perdera por não saber nada de português. Quando entrou no Ginásio, já estava dois anos atrasado. Coursou o Ginásio Costa Braga, em Santo Amaro por um ano. Depois a família se mudou para Suzano, onde estudou no Ginásio Estadual de Suzano, onde concluiu o ginásio. Depois voltou a São Paulo, a Santo Amaro, onde fez o colegial no Colégio Estadual Alberto Conti, “que era um bom colégio, boa escola. Aquele tempo escola pública era as melhores”. Fez cursinho junto com terceiro colegial e logo passou na Faculdade. Logo que a família Koo veio, não conseguiu alugar casa, e por isso os membros da família se espalharam. O próprio Lawrence teve que morar na casa de amigos da família na Liberdade. Os irmãos ficaram em Curitiba com os tios cerca de dois ou três meses. Assim que o pai conseguiu alugar uma casa, a família pôde finalmente reunir-se. Aí ele começou a estudar em Santo Amaro. Ele diz que, pessoalmente, nunca teve dificuldade em fazer amigos aqui. Mesmo porque, fala português. E fala porque este foi um dos princípios da família Koo quando se estabeleceu no Brasil. “A gente veio aqui para aprender a língua, para (...) *nos* estabelecer aqui, como cidadão do país (...) Nós nos envolvemos, assim, dentro do conceito da *cidadania* do país, né, não sou participante de política partidária, né, mas eu sou envolvido politicamente, assim, tenho minha visão política... voto, né? Tudo isso, eu me envolvo, né? Tenho minhas idéias, né, tenho minhas ideologias, né, como cidadão do país, né? Então eu tenho uma visão de que a

nossa imigração para cá foi uma imigração de certa forma (...) com uma visão permanente, não temporária, né? Por isso que a gente veio para *nos* estabelecer aqui. Assim como minha irmã casou com um brasileiro, né, e embora eu tenha casado com chinesa, mas, minha filha tá casando com brasileiro, né? Então, na verdade, a gente não tá (...) pensando ser como um chinês, né? Nós nos pensamos, nós nos consideramos, neste instante, já brasileiros.” A esposa de Lawrence nasceu na China, mas eles se conheceram ainda crianças aqui, cerca de 1959, 1960, participando da mesma igreja, perto da Al. Jaú. Não é a mesma igreja que freqüentam hoje em dia, na região do Aeroporto de Congonhas, mas ainda têm conhecidos da que freqüentavam. Ela fala cantonês, por ter nascido numa província próxima do Cantão e ter crescido em Hong Kong. Eles começaram o namoro quando ela tinha 16 anos, e até casarem-se foram cerca de sete anos – “São 40 anos de história”. Seus irmãos continuam aqui com ele. No início, a vida no Brasil foi muito difícil. Língua, dinheiro e adaptação foram algumas dificuldades. “Eu me lembro que no começo a gente contava com uma casa lá em Santo Amaro, a gente não tinha mesa para comer, a gente comia na escada.” Compraram um fogão, panelas e comiam na escada. “Era essa a vida que a gente tinha...” Para a mãe dele isso foi muito difícil, porque ela vinha de uma família que tinha duas empregadas, conforto. Conseguir formar um novo círculo de conhecidos, “prospectar o futuro” era muito difícil. Os pais conseguiram alguns empregos, mas em determinado momento decidiram sair da cidade e ir morar em Suzano, montar uma granja lá com alguns sócios chineses. Mantiveram esta atividade do início dos anos 1960 até o início dos anos 1970. No sítio ele ajudava, “enxada,né?”, cuidava das galinhas etc. Depois ele veio à cidade, trabalhou em posto de gasolina, como garçom no Restaurante Sino-Brasileiro das Perdizes – tudo isto para conquistar sua autonomia financeira em relação aos pais. Quando Lawrence entrou na Faculdade, começou a trabalhar mais na sua área de estudo, em monitoria, aulas etc. Ele e seu irmão fizeram engenharia no ITA, na USP. “ITA foi uma mão na roda.” – porque além de não pagar os estudos, ele tinha garantido alojamento, refeições, livros e um estipêndio. Como ele fazia CPOR recebia um soldo do exército. Como monitor de atletismo, ganhava também como instrutor. Para desfrutar tanto do ITA, quanto para servir o exército, foi exigido que Lawrence se naturalizasse brasileiro. E foi isso que ele fez. Ele conta que hoje em dia, para entrar no ITA, tem que ser brasileiro nato, não podendo mais naturalizados se candidatar. Em tese, diz ele, o fato de se naturalizar brasileiro não implica em perder a cidadania da República da China. Mas ele não está interessado em resgatar sua cidadania chinesa, a esta altura da vida. “Na verdade, eu sei que para a China, uma vez nascido, com os pais chineses, você é considerado chinês acho que automaticamente, tá? Não é uma cidadania que você abre mão, porque você tem a etnia chinesa, vamos dizer. Eu creio que na China isso é conhecido.”

Ho Ning Yet, ou André, se recorda que seu pai lhes comprara um sítio. Começaram a trabalhar em granja. No começo, Dalva tinha medo de morar lá, no meio do mato. Era isolado e não havia parentes. Ela não gostava de ficar isolada com o filho e tinha medo de ser morta por índios. Naquela época todos tinham facas, para andar no mato. Ela demorou muito a se adaptar ao Brasil, especialmente por ter deixado um filho em Hong Kong. Ela descreve o período inicial como de choro e trabalho: “eu falo não é vida mesmo, mas a gente já tá aqui né?, não pode reclamar, então baixa a cabeça pra trabalhar, acostumar”. Criando os pintinhos, fazendo comida, cuidando das crianças, enfrentando as dificuldades (falta de amigos, falta de colegas) – esta situação durou 10 anos. Com o choque, Dalva teve problemas de estômago e perdeu peso (cerca de 30 kg). Fez tratamento em São Paulo e voltou, fazendo uma dieta especial – que incluía 4 ovos ao dia, justamente o que não faltava em sua casa. Comiam muitos vegetais, também. Enfim, Marco, o filho mais novo que estava em Hong Kong, chega em 1959. Aí a mãe se tranquiliza, pois já eram os quatro juntos. Com a reunião familiar, ficou mais fácil se acostumar com o sítio e as tarefas, não havendo mais o medo de entrar no mato cerrado. Quando desembarcou no aeroporto do Brasil em outubro de 1959, Marco não reconheceu os pais. Março seguinte começaram as aulas e, apesar de não falar português, foi aprendendo pouco a pouco. Teve que reaprender a se relacionar com os pais e a se adaptar a um país estranho. Ele lembra de estranhar o fato de comer galinha todos os dias. Em Hong Kong, frango era só para ocasiões especiais. Aqui ele não entendia. André lembra de Marco falando: “Pai! Você estão ricos, todo dia comer frango...” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i: 40). Marco se adaptou bem ao Brasil porque havia outras famílias chinesas, com filhos com quem ele poderia brincar e jogar bola, como por exemplo a família do pintor Chang Dai-Chien, que vivia a 1 km dele. Eles brincavam no sítio (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i).

Para Joseph Chung Chien Liao não houve muitas dificuldades ao chegar ao Brasil pelo fato de já falar inglês (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f). Para Gao Xingjian isso também foi um facilitador. Saber inglês, por incrível que pareça, facilitou-lhe o aprendizado do português (In: CASSIANO, 2001: 63). Voltando a Joseph, a adaptação foi fácil. Uma coisa que estranhou foi o clima, as estações do ano. Porém no geral não teve reclamações. Em várias partes do mundo brigam por causa de religião. “Mas aqui tá todo mundo amigos” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 15).

De maneira geral, quem começou a falar logo o português teve menos dificuldade de adaptação. Este foi o caso de Lin, que veio em busca de novas oportunidades nos anos 1970. Dominava uma técnica, consertava relógios, o que lhe permitia exercer a profissão em qualquer lugar. Estabilizado economicamente, logo pôde começar a frequentar uma escola de português – com muito bom humor, aumentou seu círculo de amigos, o que facilitou a

assimilação. Muitos dos que não falavam a língua revelaram se fechar e entrar em depressão no começo, situação que mudou com o aprendizado do idioma. A chinesa Helena conta ter estudado português num curso quando chegou – isso ajudou muito, mas tudo é ainda muito frustrante à medida que ela não entende mais de 70% dos conteúdos da televisão, jornais e revistas (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997d). Nem todas as histórias caminharam no sentido do aprendizado e da comunicação em português. No caso de Tang Tong Chin Hwa isso é uma dificuldade até hoje, apesar de ter vindo em 1968. Para compras, consultas médicas, ir ao banco etc. precisa dos filhos. Ela veio acompanhando o marido que veio trabalhar num estaleiro em Angra dos Reis. O marido só via a mulher e filhos nos fins de semana. Como Tang tinha uma irmã em São Paulo, isso facilitou a vinda ao Brasil (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999). Diferentemente, amizades brasileiras ajudam na assimilação, como no caso do Sr. Huang-Di: “[Meu grupo de convivência era formado por] chineses, é, mais chineses, brasileiros. Mas, na época da infância, mais chineses (...) A dificuldade foi a língua, [a principal dificuldade logo que cheguei aqui]. Falava um pouquinho inglês. Era mais chinês. Mas o que ajudou foi que eu acabei indo numa escola britânica, aí, conseqüentemente conversava mais em inglês, (...) a gente tinha aula de português como se fosse uma língua estrangeira. Então a gente aprendeu, pelo menos eu aprendi, aprendi o português como uma língua estrangeira numa escola inglesa. (...) O resto a gente aprendeu na rua, normal, na convivência, no dia-a-dia (...) Nesses últimos seis, sete anos vieram realmente muito chineses de Hong Kong, de Taiwan, da China Continental mesmo, então eles estão em, basicamente, comércio. Importação, exportação, tem, bom, têm alguns que têm lojas, por exemplo. Indústria por exemplo tem pouco, mas têm alguns (...) [Voltei à China] duas vezes, recentemente. Morar lá? Não, estou mais ‘abrasileirado’ já. Na época me casei com uma brasileira, tenho filhos brasileiros, então...” (In: CASSIANO, 2001: 66-67).

Vale lembrar o estranhamento da chegada de Lawrence Phi: “É... foi bastante rica em experiência. Nós viemos de uma cultura chinesa, muito diferente da cultura latina e... eu mal falava português e minha família também mal falava português. Eu falava muito, muito, muito pouco inglês, eu estudava um pouco de inglês ainda na escola, mas era... obviamente não era nem uma 2ª língua, era algumas aulas de inglês só. Então, cheguei no Brasil, com 9 anos de idade, me deparei com um... uma língua diferente, com fisionomia de pessoas totalmente diferentes, né, do que eu estava acostumado e pra mim foi um choque cultural mesmo, com 9 anos idade. Alguns fatos interessantes é que, quando eu ouvi a locução de um jogo de futebol, eu falei pra o meu pai: ‘- Pai, eu não vou conseguir entender essa língua nunca, jamais vou conseguir falar essa língua!’. Rapidez que o locutor descrevia as jogadas de futebol [risos], foi o primeiro susto que eu tomei. Depois, nas ruas, eu via todo mundo

com bigodinho, né, os brasileiros, aquela época, tinha... o hábito e também de usar bigodinho, né, e pra mim parecia tudo igual, como tenho certeza também nós chineses, pra eles, são todos iguais também. É só com o tempo que eu comecei a discernir as fisionomia, as feições das pessoas” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 5).

McKEOWN (1999: 317) refere-se a uma rede que recruta chineses pelo mundo para suprir demandas de trabalho. As redes são organizações transnacionais e conexões pessoais que transformaram a migração em uma estratégia econômica visível e um sistema estável para a circulação de mercadorias, pessoas, informações e lucros. Força, escala e resiliência são as características mais marcantes das redes construídas pelos chineses. Tais redes são dependentes da contínua geração movimento como fonte de lucro. Como disse CASSIANO (2001: 8), a existência do imigrante chinês no Brasil está condicionada à existência de trabalho. “Onde chinês pode fazer comércio, pronto” – ele se dá bem, diz Padre Pedro. E ele se dá bem com negros e brancos. Às vezes são chamados de japoneses, mas não se importam, acabam por deixar. “O que quer é fazer negócio. Se quiser chamar japonês, pode chamar, não tem problema”. Para Antonio Phee a profissão de comerciante é tida como nobre. Ele lembra que muitos que têm diploma acabam ficando sem emprego, o que não ocorre com comerciantes (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 27). “Chinês dá bons negociantes também, né? Então, eles também são muito comerciantes... Cara que nem eu, assim, professor, engenheiro, assim... nós somos meio raros (risos).” – diz Lawrence Koo.

No Brasil, não é à toa que se cunhou a expressão “negócio da China”. Trata-se do reconhecimento da habilidade deste povo em fazer negócio, e da marca que a atividade econômica deste grupo imprime no Brasil. *A imigração chinesa no Brasil tem um caráter predominantemente urbano*. A maioria se dedicou ao comércio abrindo pequenos bazares, bares, restaurantes e pastelarias (FREITAS, 2001; 2004). Em certas zonas como a Rua 25 de Março e região há muitos chineses dominando (estimam-se entre cinco e seis mil por ali) – além do domínio de moinhos de trigo (Sr. Huang-Di, in: CASSIANO, 2001: 74-75). Há também chineses em profissões liberais (FREITAS, 2004) – sobretudo na segunda geração. Esta geração, diz James Lee Hoi On, tem um perfil mais arrojado (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e). O chinês é famoso também pelo seu caráter pragmático. Lawrence Phi, hoje à frente dos Moinhos Pacífico, conta da sua dificuldade frente a seu pai quando decidiu estudar filosofia existencialista de Sartre. Sua decisão não foi facilmente aceita na família (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003).

Segundo Zhu Ting Zhong, não há um registro sistemático sobre os chineses em São Paulo, porque só foi criado um conselho para isso em 1985 no Consulado. Daí não haver

registro completo e total dos chineses e descendentes. O fato de haver famílias com pais chineses e filhos brasileiros é visto como uma dificuldade. De acordo com dados do Consulado, entre os chineses as principais ocupações são:

- agente de comércio (importação e exportação);
- donos de restaurante (que são numerosos em São Paulo);
- empresários grandes e famosos que frequentemente são visitados pelo presidente da China quando este visita o Brasil (rotina repetida em toda parte do mundo). Zhu destaca Lawrence Phi, Linda do Rio Grande do Sul e outros desta região, muitos deles atuando no ramo da soja, importando e exportando desde os anos 50 e agora diversificando atividades;
- pintores;
- cientistas;
- “e até profissões né?” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h: 7) – o que inclui advogados e camponeses (flores), mas estes não muito.

Enfim, a grande maioria é comerciante. Zhu também dá exemplo de alguns criadores do bicho da seda, mas que não são muitos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h).

Diz Chu Wan Tai: “Conforme eu falei os chinês entram basicamente no comércio que é o bazar, comida, o restaurante ou a pastelaria; durante muito tempo havia piada sobre chinês pasteleiro e lavadeira. E durante muito tempo eu me perguntei porque quê os chinês entraram nesse ramo, e não entrou na agricultura como o japonês? A explicação eu acho que é relativamente simples, pelo menos pra mim. A agricultura é extremamente trabalhosa, e o chinês que já trabalhou tantos anos com agricultura com condições tão precárias na China, diz que: já que nós vamos tão longe pra um país, não quero fazer a mesma coisa, quero fazer coisas diferentes né? E o segundo se você analisar bem, bazar, dono de restaurante e pastelaria e lavanderia, não precisa haver o domínio correto da língua, porque o pastelaria normalmente você vai lá e compra uma ficha; o restaurante pra quem se recorda, os antigos restaurante chinês aqui tudo eram numerados, tinham número (...) Você escolhia... apontava né?, o garçom que não sabia falar o chinês ou o português anotava o número e... a lavadeira naturalmente eu não preciso saber ler o Camões na integralidade pra trabalhar na lavadeira, perfeito! E ademais os chinês não quiseram creio eu, ir para a agricultura porque agricultura jamais ficaria no centro urbano como São Paulo. Os japonês que vieram tiveram que ir pra interior, tá certo! E os chinês sempre fizeram muita questão que os filhos tivessem uma educação, e as escolas estavam nos centros urbanos. Então está também, acho eu uma razão porque quê os chinês ficaram nos centros urbanos, preferindo ficar no comércio” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 13-14) – há que se considerar, sobretudo, que os chineses vieram

individual e desorganizadamente, não com contratos de trabalho em fazendas, com a participação dos governos brasileiro e de origem, como foi o caso dos japoneses .

CASSIANO (2001: 113) diz que quanto à estrutura produtiva, os chineses encontram-se, principalmente no setor terciário – prestação de serviços; são médicos, professores, engenheiros, políticos, em sua maioria, profissionais liberais. A contribuição chinesa no Brasil é marcante no que se refere ao desenvolvimento de tecnologia – telecomunicações e pesquisas espaciais. Há também grupo notável de professores chineses locados na USP, nos departamentos de economia, administração, letras orientais e institutos de física e química. “No que tange à vida associativa, destacam-se dois núcleos principais de sociabilidade na colônia: o Centro Social Chinês do Brasil, na Liberdade, e a Igreja Católica chinesa, no Itaim-Bibi. Os imigrantes chineses também se reúnem em templos budistas, localizados, sobretudo, em Santo Amaro, Lapa e Vila Mariana, e em restaurantes. A exemplo dos italianos e japoneses, os chineses formam associações segundo a região de origem. A mais conhecida, é a associação cantonesa, localizada na Liberdade” (CASSIANO, 2001: 113).

Para Shilon Wang, há muitas diferenças entre os perfis ocupacionais de taiwaneses e chineses continentais no Brasil. Para ele os taiwaneses teriam vindo como trabalhadores qualificados ou empresários, diversamente dos chineses continentais – ao contrário do que diz o Sr. Gao Xingjian (In: CASSIANO, 2001). Há que se lembrar, entretanto, das mencionadas famílias de empresários da China continental que se estabeleceram em São Paulo. Quando ganham dinheiro, os taiwaneses frequentemente vão para os Estados Unidos, diz Shilon. Na verdade vão para todos os lugares, para onde puderem expandir seus negócios, não se prendem a um lugar. “Qualquer lugar”. Lawrence Koo, por sua vez, sente que embora haja pessoas que escolheram ficar no Brasil, estas pessoas não têm um projeto mais amplo de construção. “Têm mais um projeto de sobrevivência ou de crescimento... em termos de *status* na sociedade...” Mas ele acredita que as gerações seguintes, se permanecerem no país, vão ter uma “cor muito mais verde-amarelo do que quando vieram”. Lawrence Phi sente que atualmente há vários empresários de Taiwan que investem no Brasil. Principalmente na área de tecnologia, como o Grupo Ace, por exemplo. Neste caso, entretanto, é o *capital* que vem de lá, só para investir aqui, como no caso dos coreanos. Não é imigração (de pessoas). Não são pessoas que vieram/vêm construir (n)o Brasil. É apenas a filial de uma multinacional (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003).

YU (1996) traçou um perfil do empresariado chinês no Brasil. Quanto à educação, mais de 6% dos empresários possuíam nível universitário. Quando comparados os níveis de instrução entre as pessoas de imigração mais antiga, de 1950 a 1969, e as de imigração mais recente, 1970 a 1989, observou-se um contingente maior de universitários entre o grupo mais

antigo. Cerca de 74% dos empresários chineses do grupo pesquisado nasceram em Taiwan, 17% na China Continental, e 3% em Hong Kong. Verificou-se, também, que 40% dos empresários chineses vieram para o Brasil na década de 1970, e somente 10% vieram nos anos 1950. Nota-se também que os taiwaneses imigraram mais cedo. Pouco mais da metade deles chegou ao Brasil durante a década de 1950 e os chineses continentais chegaram nos anos 1970. Do total das empresas pesquisadas, 56% atuam no setor industrial, 25% no comércio, 18% em serviços, e somente 1% no setor agropecuário. As indústrias chinesas atuam principalmente nas seguintes atividades: alimentação (16%), plástico/borracha (16%), informática (9%), autopeças (9%) e confecção/ calçado/ couro (9%). Registra-se a presença de empresas chinesas ligadas à higiene/ beleza, máquina/ equipamento, têxtil, química/ petroquímica/ metalurgia, construção civil e madeira e imóveis (YU, 1996).

Para Gao Xingjian, há ainda muitos chineses chegando, sobretudo vindos da China Continental. “Hoje, todo mundo quer sair de lá, mesmo falando, tem muito [...] na parte material, na construção... Todo mundo quer sair. É muito complicado. [Hoje, os chineses vêm da] China continental. Formosa é muito rico, ninguém quer sair de lá. Lá [na China] já está bem, mas tem muita gente sando de lá por causa da política, tem medo de guerra, guerra” – diz padre Pedro – “[Trabalham na] indústria, comércio, muita gente em importação e exportação, isso tem, importação/ exportação. Esse é o único jeito. Tem muita gente que tem dinheiro. Gente que veio de Formosa e trouxe dinheiro como antigamente. Naquele tempo, sessenta e poucos, trouxeram muito dinheiro, muito dinheiro... Agora a pessoa também chega com dinheiro, muito dinheiro” (CASSIANO, 2001: 69).

Lawrence Koo divide os imigrantes chineses em duas categorias: “um grupo realmente veio como pioneiro, explorador e sem nada, quer dizer, com uma mão na frente e outra atrás, né, para tentar construir; outro grupo de imigrantes naquela época são grupos de pessoas fugidas da guerra, mas com bastante posse (...) Então vieram aqui em São Paulo, Rio Grande do Sul, estabelecendo fábricas, fazendas, né? Então já vieram com uma base relativamente boa, né?” Para Lawrence, o estranho é que sua família não se enquadra em nenhuma das duas categorias: vieram como *professionais liberais*. O pai era engenheiro, e isto era difícil porque não havia esta categoria. Ele veio e conseguiu trabalhar como engenheiro em algumas empresas, mas foi difícil para ele porque seu diploma não era reconhecido aqui. Recebia, assim, a remuneração de técnico, não de engenheiro. Ele não veio com emprego, deixou para procurar depois que chegasse ao Brasil. Lawrence se lembra desta época como sendo muito difícil. “O dinheiro foi indo embora.” – ele se refere às economias trazidas de Taiwan pela família. Acabaram gastando o dinheiro porque não falavam nada de português, e por isso era difícil trabalhar. Eles falavam inglês, mas aqui era muito raro

encontrar alguém que falasse na época. A família, então, teve que começar a estudar “do zero”. A família havia trazido US\$ 3.000 em 1958, o que não era muito. Logo acabou. “É dinheiro que foi muito rápido, né?”. Um problema recorrente – não só na colônia chinesa – é o do **subregistro**. Registra-se um funcionário por R\$ 300,00 ao mês, embora pagando-lhe R\$ 1.000,00. Mas na hora que esse funcionário é demitido, o é como se ganhasse R\$ 300,00. Antonio Phee reclama da alta sonegação – que no fim prejudica o trabalhador, e o imigrante se encontra em posição desprivilegiada (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 27-28). Alguns entrevistados destacam a aproximação entre Brasil e China como um fator que favorece sua atividade econômica – seja em negócios, seja em ensino de língua chinesa para brasileiros.

2.5. O Brasil expulsa/ os chineses voltam

O Brasil como país de emigração tem sido assunto de cada vez mais autores nas últimas décadas, como abordado pela TRAVESSIA – REVISTA DO MIGRANTE (1995), SALES (1998; 1999), entre outros. O Brasil tem apresentado uma trajetória de exclusão e falta de garantia de cidadania (VERAS, 2004), além de problemas econômicos. Para SALES (1999) na década de 1980 os brasileiros saem para fugir da “década perdida”, preferindo se sujeitar a trabalhos não-qualificados no exterior. Estados Unidos, Portugal e Japão são alguns dos maiores destinos dos emigrantes brasileiros. De acordo com levantamento da OCDE, os brasileiros são o povo ocidental que mais migra para o Japão – formando uma comunidade que já reúne 313 mil brasileiros nesse país (JORNAL BBC, 2007a). Em 2002, só nos Estados Unidos havia 783.602 brasileiros; no Paraguai, 378.247; em Portugal, 85.567; na Itália, 67.187 – todos dados do Ministério das Relações Exteriores. Em 2003 contava-se um êxodo de 2 milhões de brasileiros, sendo um terço destes em situação clandestina. 100 mil brasileiros deixam o país a cada ano e os brasileiros no exterior enviaram ao país US\$ 4,6 bilhões em 2002 (1% do PIB brasileiro) (JORNAL INTERNATIONAL PRESS, 2004: B8).

O brasileiro nos EUA, mesmo que em situação irregular, se vê com mais direitos do que no Brasil. Se vê com mais acesso a saúde, educação e mais altos salários (SALES, 1998). Muitos acabam, assim, legitimando a sua própria condição clandestina. CHAGAS (2005), MEDEIROS (2005), GREENHALGH (2005) também discutem a situação dos brasileiros nos Estados Unidos. Em linhas bem gerais, o brasileiro, ao lá chegar, encontra-se na base da hierarquia social, abaixo dos afro-americanos. Fazem o trabalho que estes não fazem mais.

Com o crescimento econômico, a China tem sido cada vez mais o destino de brasileiros. Como mostra SALEK (2002), gaúchos que trabalham com calçados têm sido atraídos para a região de Guangdong. Os chineses, por sua vez, vêm nos brasileiros

importantes elementos de transferência de tecnologia – assim como outros grupos de estrangeiros, em outras áreas. Os brasileiros estão também no norte da China, trabalhando pela Embraer. No país como um todo somam-se mais de 1.200 brasileiros (JORNAL INTERNATIONAL PRESS, 2004: C7).

E como consequência desse mesmo processo, não se deve esquecer o retorno de chineses, como os casos relatados pelo JORNAL BBC (2002), em que eles voltam após décadas no Brasil, abordados no capítulo anterior. Em seus depoimentos eles revelam um certo desapontamento com o que esperavam do Brasil em termos de oportunidades econômicas e qualidade de vida. O maior desafio desses *guiqiao* é se readaptar à China, visto que culturalmente eles já carregam consigo muitas características brasileiras. Em seu depoimento, a taiwanesa Sandra diz não ter se desfeito de sua casa em Formosa, o que leva a crer na existência da expectativa de retorno, identificada por SAYAD (1998; 2000) e HALL (2003) como característica do imigrante.

CAPÍTULO III – UM BRASIL CHINÊS: COMUNIDADES DE SINO-BRASILEIROS

3.1. O Brasil como espaço privilegiado do encontro com a China.

Em relação a outros lugares do continente americano, o Brasil foi um lugar onde o contato com o Oriente, em especial a Índia e a China, foi mais intenso. Contudo, coloca CASSIANO (2001: 28), entre a década de 1560 e a década de 1850, o Brasil, “paraíso perdido”, não sem traumas, transformou-se em país “ocidentalizado”. O termo merece atenção quando consideramos algumas características coloniais abordadas por SCHWARZ (1988), que identificou um discurso modernizador europeu convivendo com uma prática arcaica escravista – ou, as “idéias fora de lugar”. Além disso, há que se considerar que o território aborígine recebeu influências lusitanas, conseqüentemente semitas e negras, indianas e chinesas. O elemento semita constituiu, tanto pelos árabes como pelos judeus, povos que “plasmaram” o povo lusitano. “Há de se mencionar, ainda, a importância do povo africano na constituição do povo português, pois a miscigenação desses povos não teve origem no Brasil, mas em Portugal, onde já existiam mulatos desde o fim do século XV” (CASSIANO, 2001: 28-29). LEITE (1999: 11) destaca a ponderável influência chinesa que atingiu o Brasil, assumindo formas específicas e conotações inconfundíveis, que se traduziriam no devido tempo em hábitos, modos de viver e fazer que mesmo hoje longe estão de se terem esgotado, profundamente arraigados. Não se trata de *chinoiseries* ou chinesices, “China de fantasia” ou “de mentira”, invenção de europeus que de fato houve em dado momento, mas de autêntica influência chinesa sobre o Brasil Colonial ou já em termos do Império. Para este autor, o Brasil constitui caso único no mundo ocidental. Assim, cabe perguntar-se o quanto as pretensões “ocidentais” ou “ocidentalizantes” condiziam com a realidade.

LEITE (1999: 11-13) elenca uma série de exemplos que demonstram que, no século XIX, o Brasil foi fortemente influenciado pela China:

“No período considerado, os homens de posses, cuja riqueza apoiava-se no braço escravo, distraíam sua indolência assistindo a brigas de galos, empinando, comenetrados, papagaios de papel ou queimando a qualquer pretexto fogos de artifício que mandavam buscar do outro lado do mundo: muitos faziam questão de mostrar extravagantemente crescidas as unhas das mãos, para ficar bem claro aos olhos de todos que, como mandarins, não precisavam usa-las para ganhar a vida. Nas cidades e nos arrabaldes nobres, prelados e ricos faziam-se conduzir-se em palanquins e serpentinhas de forma e colorido extremo-orientais, ornados com motivos chineses de dragões e flores e carregados aos ombros de escravos em vistosos trajes. As vestimentas luxuosas que os membros das camadas ricas envergavam eram de seda chinesa e multicoloridas, como chineses eram os guarda-sóis que os escravos distendiam sobre as cabeças dos senhores-de-engenho, produtores de açúcar e tabaco, para os proteger do clima. Os pais tinham direito de vida e até de morte sobre mulheres, filhos e escravos, todos aterrados sempre, e a obediência e o respeito aos mais velhos, e por extensão à hierarquia e à autoridade, concretizavam-se, como na China, num código severo de medidas, rapapés e ademanos, que não se dirigiam apenas às pessoas gradas presentes, mas também, na ausência delas, a símbolos e emblemas que as representassem, hábito que entre nós se chamou salva-Paço, ou salva-Palácio (...) Numa sociedade tão marcada

pela Ásia, era natural que as mulheres, do mesmo modo que as chinesas, passassem a existência eclausuradas em casa, onde não recebiam ninguém, e de onde só saíam, dizia-se, em três ocasiões: para o batizado, o casamento e o enterro. Seres subalternos, nem mesmo lhes era permitido, nos primeiros séculos, sentar-se à mesa com os maridos, tendo de se satisfazer com os sobejos de suas refeições e de levar o alimento à boca com as mãos, já que as facas e garfos só homens podiam usar. Casando-se meninas, aos 14, 13 e menos anos, com maridos que nunca tinham visto e portanto não podiam amar, maridos da mesma idade de seus pais e não raro de seus avós, enchiam-se cedo de filhos entanguidos, contando-se entre os raros prazeres que se podiam permitir o de poder aspirar-lhes a tenra epiderme em longos, delicados 'cheiros', beijando-os (como as chinesas) com o nariz; isso, antes de morrerem, velhas precoces de 25, 30 anos (...) A morte era aliás presença habitual, e não só entre mulheres e crianças, mesmo porque para mantê-la à distância só se contava com os recursos da velha medicina lusitana, fortemente eivada de elementos asiáticos; medicina de essência simbólica, mais próxima da simpatia ou do feitiço do que da ciência, apoiando-se em receitas que nada ficam a dever às do antigo Ban Tsao chinês, com suas repugnantes combinações de ossos triturados, sangue, fezes humanas, gordura de cadáveres, minhocas, pó de corujas e de gatinhos recém-nascidos, moscas trituradas, trapos de camisa de defunto, baços de carneiro e outras, tão ou mais terríveis, que podem ser encontradas nos tratados setecentistas luso-brasileiros, como o *Erário Mineral* ou o *Governo de Mineiros* (...) Em ocasiões festivas, ao cabo das refeições reforçadas de trinta e mais pratos ou cobertas podiam ser ouvidos retumbantes arrotos, prova de que os convivas tinham sabido apreciar as iguarias e assim, como os chins, demonstravam aos anfitriões sua satisfação. Atributo da beleza feminina que exercia sobre a imaginação dos bons homens irresistível fascínio eram os pés pequeninos, fetiche sobre o qual ainda escrevem babando, em fins do Oitocentos, Alencar, Machado ou Raimundo Correia. Enfim, como já desde o século XVI se jogara com cartas imitadas das chinesas, apostava-se no jogo do bicho, as mulheres escondiam-se por trás de seus leques (que manipulavam um código sutil de comunicação à distância) e não dispensavam ao sair diáfanos sombrinhas de seda de Tonquim. Quanto às crianças, quase no século XX ainda vestiam, para dormir, o velho timão ou quimão de chita ou fustão, estampado com dragões chineses em amarelo e vermelho (...) Móveis, lacas, têxteis, marfins, brinquedos, jogos, enorme quantidade de porcelana (de que o Brasil foi um dos primeiríssimos importadores ocidentais, ainda no século XVI [– e que JYE (2002) aponta como forte evidência do intercâmbio China-Brasil no século XIX]) e até pinturas, tudo trazido através de Goa e em certos casos direto de Macau ou de outros portos da China, compunha o refinado emolduramento da nossa sociedade colonial, cenário que se completava com casas rurais de traçado regular, dotadas de telhados acachapados que se arrebentavam com elegância às quinas, como os pagodes, telhados sustentados aos beirais por cachorros em riquíssimo trabalho de marcenaria e cobertos de telhas envernizadas, para serem vistas di sotto in sù, ou zoomórficas, lembrando os dragões e outros animais reais ou míticos que os chineses punham no alto de suas casas como vigias contra os maus espíritos; sem falar nos jardins vagamente chineses, em que a natureza parecia ter sido reconstruída artificialmente (...) Até as igrejas acusavam às vezes uma inconfundível presença chinesa: nos olhos amendoados de algum São Francisco ou São Bento, na confuciana serenidade de certos Cristos, na atitude e na postura impassíveis de certas imagens em marfim da Virgem com o Menino ou de Nossa Senhora do Rosário – Maria sempre tão parecida com a Guanyin budista, também ela Mãe da Misericórdia e Refúgio dos Aflitos...-, na forma e no corte de determinados altares, enfim nos leões funerários do Embu ou nos cães de Fo que estranhamente montam guarda junto à cruz, nos adros franciscanos de Recife, João Pessoa, Buda a se insinuar, sorrateiro, na própria casa de Cristo” (LEITE, 1999: 11-13).

FREYRE (1951) identifica semelhanças entre o retrato que europeus como Pyrrard de Laval e John Fryer traçam da Índia portuguesa nos séculos XVII e XVIII e o Brasil durante o inteiro período de organização patriarcal de vida. Por exemplo, os mesmos palanquins fechados, o mesmo luxo de prata nos arreios dos cavalos, os mesmos rosários de ouro nas mãos das mulheres, a mesma ostentação de sedas, de veludos e de jóias nas ruas e nas igrejas. “Os mesmos chapéus-de-sol de seda anunciando fidalgos. O mesmo excesso de zumbaias entre pessoas de qualidade. As mesmas senhoras peritas no preparo de doces e de conservas. Os mesmos mantos ou mantilhas guardando-as do olhar dos estranhos. Também o mesmo respeito da gente servil à senhoril. Os mesmos senhores armados de espada ou de bengala com as quais às vezes obrigavam servos ou párias a se curvarem nas ruas à sua passagem de brancos, de senhores, de fidalgos arbitrários” (FREYRE, 1951: 810).

Como as influências chinesas teriam chegado ao Brasil? a explicação está no fato de os portugueses terem chegado à China e ao Brasil quase ao mesmo tempo, e as experiências colonizadoras colocadas em prática aqui e lá eram cotejadas. Além disso, houve a *mobilidade espantosa do colonizador português* (CASSIANO, 2001: 31). “Os indivíduos de valor, guerreiros, administradores, técnicos, eram por sua vez deslocados pela política colonial de Lisboa como peças num tabuleiro de gamão: da Ásia para a América do Sul ou daí para a África, conforme conveniência do momento. Uma mobilidade espantosa. O domínio imperial realizado por um número quase ridículo de europeus correndo de uma para outra das quatro partes do mundo então conhecido” (FREYRE, 1959: 10). Para Gilberto FREYRE (1953), o “Brasil era a China da América”. Este autor desafiava seus sucessores a tentarem compreender e conhecer os aspectos centrais da cultura e da civilização chinesas para integrá-los ao universo de conhecimento brasileiro (CABRAL FILHO, 2002: 26). “O rodízio dos funcionários portugueses entre as paragens do Império Lusitano, Índia, China, Molucas e Timor, durou os séculos XVII, XVIII, e adentrou o século XIX. Importantes figuras estiveram aqui e acolá, exercendo eminentes papéis, como foi o caso de Martim Afonso de Souza, Brás Cubas, Vasco Fernandes Coutinho, Jorge Menezes e Duarte Coelho, este, estava em Cantão no ano de 1517, vindo ao Brasil após ter sido embaixador na França, para assumir a capitania de Pernambuco e fundar a cidade de Olinda” (CASSIANO, 2001: 32). Bispo Sardinha, Pedro Antônio de Noronha, Lourenço de Almeida, João Maia da Gama, além de outros militares e clérigos. “Além de eminentes figuras, há de se mencionar o trânsito de solitários viajantes, tripulação e guarnição, nem sempre formada por militares, mas também, por camponeses, aventureiros, e em casos extremos, gente ‘vagabunda e perdida’, ou mesmo criminosos, recolhidos em prisões. O fluxo dava-se, ainda, no sentido inverso: inúmeros brasileiros, famosos ou clandestinos compuseram a história das paragens indianas e chinesas” (*Idem ibidem*: 32). Neste intercâmbio desenvolve-se o Orientalismo português, com estereótipos apresentados pelos portugueses a respeito do Oriente¹².

Para LEITE (1999: 22-23), as influências chinesas no Brasil decorreram, sobretudo, de dois aspectos: o trânsito de chineses e brasileiros entre os dois países, e a introdução, no Brasil, de mercadorias chinesas desde o período colonial até as décadas iniciais do século XIX. Segundo o autor, entre 1610 e 1799, vieram aos portos brasileiros mais naus procedentes de Goa, do que de Lisboa, 45 contra 16 no século XVII e 99 contra 37 no século XVIII. Pode-se dizer que a porcelana era a mercadoria mais apreciada pelos brasileiros. Estima-se que entre o século XVI e meados do século XIX, dez milhões de peças tenham

¹² Sobre a questão do Orientalismo e estereótipos ocidentais sobre o Oriente, conferir SAID (2003).

entrado no Brasil. As mercadorias chinesas eram trazidas, tanto por naus de bandeira portuguesa, como por embarcações estrangeiras que aportavam em Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Era comum a troca de tecidos orientais por produtos da terra, como o tabaco e o açúcar. Todavia, raras eram as embarcações portuguesas procedentes diretamente de Macau, porque Portugal proibira durante muito tempo qualquer relacionamento comercial entre suas colônias (CASSIANO, 2001: 32-33). “Mercadorias chinesas – *fazendas*, para utilizar a terminologia usada em tempos coloniais nos mapas ou nas relações de carga das embarcações – eram já relativamente numerosas no Brasil da segunda metade do século XVI (...) Durante o século XVII e de modo especial no século XVIII elas se tornarão abundantes, e assim continuariam ainda no começo do século XIX, quando cedem vez no gosto do público aos produtos ingleses, franceses e de outras origens ocidentais” (LEITE, 1999: 22). Do início da colonização até fins do século XVI, numa fase por assim dizer primitiva do seu desenvolvimento, pode-se sustentar que todo o comércio realizado entre portos brasileiros e a Ásia Portuguesa efetuou-se à margem da lei. A não ser durante curtos períodos em que esteve autorizado em caráter excepcional, era proibido às colônias negociar entre si sem a anuência, supervisão, interferência ou estrito controle da metrópole. Isso incluía mercadorias produzidas na China, Japão, Índia, Molucas, Timor, Sumatra e demais regiões asiáticas com as quais os lusos negociavam. Em fins do século XVII esse comércio (ilegal) entre Brasil e Ásia era intenso, a ponto de embarcações asiáticas serem vistas no Brasil com naturalidade, atestando a prosperidade da colônia (*Idem ibidem*: 81-83). Em meados do século XIX as importações de fazenda orientais quase se resumiam a miudezas e quinquilharias, objetos de adorno pessoal ou doméstico trabalhados manualmente em materiais raros, preciosos e por isso mesmo fora do alcance de muitos. Ao mesmo tempo, porém, começavam a chegar em quantidade produtos industrializados da Inglaterra, da França, da Alemanha, muitos deles imitando os manufaturados do Oriente, que ainda atraíam tantos compradores, imitando tartaruga, marfim e seda, e a preço baixo, acessível às camadas menos ricas da população (*Idem ibidem*: 89).

O Oriente ativou entre os brasileiros formas senhoriais, servis, hierárquicas na família e em sociedade – um soberano paternal, devoção filial etc. – idéias confucionistas, presentes havia séculos na China. “Entre os séculos XVIII e XIX, no Brasil, como em nenhuma outra paragem americana, conviviam-se com os perfumes do Oriente, o tecido e a louça da China e da Índia, a cânfora de Bornéu, o chá da China, a canela de Ceilão, o arroz-doce com canela, o coqueiro e a mangueira da Índia, a telha côncava, a rótula ou gelosia de madeira, o xale, o leque – insígnias de casta, o beiral de telhado arrebicado, o chafariz, o palanquim, a gameleira, a seda, a jaqueira, as zumbaias (prostração de joelhos entre iguais na classe, raça

ou cultura e a superiores hierárquicos), a porcelana, comidas avivadas por temperos fortes etc.” (CASSIANO, 2001: 33). Para FREYRE (1951: 770), as leis brasileiras, ao defender o direito à propriedade de homens por homens, a subordinação feminina ao homem, a religião etc. – guardavam semelhanças com as leis orientais. Do mesmo modo, a importação de becas para magistrados correspondia a profunda afinidade entre os dois sistemas sociais e de cultura. CASSIANO (2001: 34) assinala que o Brasil e o Oriente aproximaram-se através do comércio, legal e ilegal, porém as transações desenvolviam-se à sombra do comércio de escravos africanos; e continuava a depender desse tráfico e da estabilidade do sistema agrário, patriarcal e escravista brasileiro, para sua conservação. Quiosques, palanques de praça, a palavra “mascate”, bater plamas à porta das casas, fogos de artifícios, a presença de castrados em corais de igrejas, coçadores de marfim etc. – todos estes são costumes orientais presentes entre nós.

A chegada da família real ao Brasil, em 1808 – dominada por ingleses, foi marcada pela já referida “ocidentalização” da sociedade brasileira. “O país deveria ascender à condição de Nação sob os olhos do ‘estrangeiro’ – sob olhos ingleses; o processo ‘civilizatório’ seria para ‘inglês ver’. O parâmetro de sociedade civilizada era francês e inglês, principalmente, inglês. Obviamente esse parâmetro foi estabelecido por interesses econômicos ‘bilaterais’...” (CASSIANO, 2001: 34). A partir de então, mudanças na arquitetura, nos costumes e no próprio modo de vestir-se, afetaram-se no sentido de fazer a sociedade brasileira mais ocidental, embora com as já referidas características apontadas por SCHWARZ (1988) e CHALHOUB (1990). Algumas mercadorias orientais acabaram se democratizando, como conseqüência, também, como o pente, a navalha etc. “Contudo, o esforço de resistência do Oriente ao Ocidente é notado até os dias de hoje, em sobrevivências na cultura e na moral do Brasil; país religioso e secular, familista e estatista, patriarcal e também burguês” (CASSIANO, 2001: 35).

CABRAL FILHO (2002: 14-15) destaca também uma outra fonte de costumes, crenças e saberes oriundos da Ásia nas estruturas sociais e culturais que produziram o nascimento do ser nacional brasileiro: os jesuítas. “É conhecida a participação jesuíta na construção de um padrão educacional das populações indígenas brasileiras desde o século I da história do país. Este fato, contudo, encontrava-se vinculado a outro de enorme importância (...) Tratava-se do fato de que a guerra religiosa que dividira a cristandade europeia no século XVI sofrera uma reviravolta com as decisões tomadas no Concílio de Trento, que deram início à Contra-Reforma comandada pela Igreja Católica. Entre essas decisões encontrava-se a da criação da Sociedade de Jesus (...) O empreendimento jesuíta surgia num contexto em que a batalha pela fé cristã transcendia o mundo europeu, como

resultado das grandes navegações ibéricas, que abriram as rotas oceânicas mundiais. Com isso, os novos soldados da fé puderam criar uma visão global do fato religioso, que culminaria num projeto grandioso de expansão da fé católica na América e na Ásia” (CABRAL FILHO, 2002: 15).

As civilizações da Índia e da China apresentavam as marcas de esplêndidas criações do engenho e arte humanos. Elas interpelavam os jesuítas, impondo-lhes um grande desafio: o de oferecer uma nova crença que representasse algo de novo a um mundo espiritual tão complexo e completo. Os sábios da Companhia de Jesus muito influenciaram os usos e costumes da Europa ao introduzirem elementos de conhecimento da cultura e civilização oriental. O mundo europeu de a partir da Renascença foi fortemente marcada pelo intenso serviço de tradução dos clássicos chineses nas línguas de culturas européias. Nomes da cultura e da civilização européia, como Leibnitz e Voltaire, refletiram essa influência e importância, ao reintroduzirem em suas concepções as visões dos filósofos chineses sobre o Estado e a sociedade. Foi grande a irradiação dessas idéias para a Ibero-América, inspirando muitas das realizações do novo mundo. “A visão de hoje mostra que parte da construção da nação brasileira decorreu do entrelaçamento de interesses produzido pelo empreendimento colonizador português em terras americanas, que gerou o surgimento de uma civilização tropical, dotada de características próprias, diferentes da sua matriz européia, por assimilar aspectos da cultura dos povos ameríndios e africanos. E como recentes estudos têm comprovado, o Brasil também recebeu em sua formação a influência da cultura e da civilização chinesa” (CABRAL FILHO, 2002: 16).

José Horório Rodrigues e Ricardo Joppert são exemplos de estudiosos brasileiros interessados em pesquisar a presença chinesa no Brasil em formação. Segundo CABRAL FILHO (2002: 17), muito se tem estudado sobre o intercâmbio cultural sino-europeu, mas pouco se tem estudado sobre a influência chinesa sobre a formação cultural brasileira e latino-americana. Os dois autores acima referidos são dos poucos que estudam a questão. Ricardo Joppert estudou a experiência do jesuíta Charles Belleville (1675-1730) que, depois de servir na China durante o governo do Imperador Kangxi, veio residir na Bahia, metrópole cultural e administrativa da colônia, em início do século XVIII.

A grande potência hegemônica, a Inglaterra imperial, impôs ao Brasil e à China sérias restrições de soberania. A Guerra do Ópio representou para a nação chinesa o começo de um período de humilhação com os chamados “Tratados desiguais”, que impuseram perda de territórios (Hong Kong) e ameaça de quebra da unidade nacional e da independência política da China imperial. No caso do Império do Brasil, o poder hegemônico mundial veio impor inúmeras restrições à soberania e ao desenvolvimento independente. No entanto, as relações

entre a China e o Brasil tiveram incentivos. Por fim, depois de várias tentativas, os dois países estabeleceram o tratado de amizade sino-brasileiro de 1881, que iniciou a relação oficial entre os dois Estados (CABRAL FILHO, 2002: 18- 19).

A China encontrava o Brasil também através das primeiras tentativas de cultivo de chá, como visto. O futuro rei dom João VI, então príncipe regente, buscou concretizar essa velha aspiração portuguesa, para o que contribuiu de modo preponderante o conde de Linhares, Rodrigo Domingos Antonio de Souza Coutinho. A introdução do chá no Brasil deu-se por volta de 1810, quando foram plantados em terras do Jardim Botânico, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, cerca de seis mil arbustos. Pouco depois a Fazenda de Santa Cruz e a Ilha do Governador foram também incluídos como locais de plantio. Pela mesma época chegavam ao Brasil centenas de chineses – uns afirmando 200, outros 500. Esperava-se que fossem técnicos experimentados (LEITE, 1999: 98-99) – o que não eram, como viu-se aqui anteriormente.

3.2. Um Brasil também asiático: identidades reformuladas

“Essa busca [da identidade] é um território de equívocos, de certezas falsas. Na maior parte das vezes perseguimos miragens, quer se trata da ilusão de se encontrar uma identidade individual ou coletiva. Essa identidade é, geralmente, construída e apresentada, depois como algo de essencial, da ordem da natureza. Acreditamos viver mais seguros se nos conformarmos a uma identidade sexual, racial, nacional. E isso é, quase sempre, um fabricado jogo de ilusões. A fabricação de identidades é, afinal, uma obra literária feita por milhares de autores anônimos e manipulada sob interesses políticos de cada momento”

Mia Couto, autor moçambicano¹³.

Os asiáticos tiveram que definir seu lugar na identidade brasileira – em meio a reações negativas. Para LESSER (2001) os debates sobre a mão-de-obra chinesa teria criado o paradigma abrangente contra o qual todos os grupos não-europeus teriam que lutar. Os debates refletem e recriam o discurso das elites sobre a etnicidade não-européia no século XIX. “A etnicidade, ao que parece, vem-se tornando um tema popular no Brasil de hoje. Embora expressões tão óbvias sejam novidade, a etnicidade foi de importância crítica para a negociação de identidade nacional brasileira nos últimos 150 anos. Essa barganha, sem dúvida, deu-se em todos os níveis da sociedade, mas seu foco será como e por que os imigrantes e seus descendentes entraram em discussão pública com as lideranças políticas e intelectuais do Brasil (...) Eles eram *diferentes*, num país onde o sentido popularmente dado a essa palavra descreve algo que se equilibra na linha divisória entre o aceitável e o inaceitável” - ao mesmo tempo, os imigrantes tornaram-se parte da nação brasileira e

¹³In: BRASIL (2006).

desafiavam a idéia de como a nação deveria ser construída e imaginada (LESSER, 2001: 18-19)¹⁴. Na década de 1950, teóricos como Gilberto FREYRE (1953a), reformulando velhas idéias, saudaram a “democracia étnica” do Brasil, que supostamente oferecia às culturas minoritárias espaços sociais não encontráveis nos Estados Unidos e na Europa. Isto nunca levou ao desaparecimento do preconceito popular ou oficial, mas vale observar que, após 1945, muitos integrantes das comunidades sírio-libanesas e os *nikkei* alcançaram sucesso nas arenas econômica, política, militar e artística (LESSER, 2001: 294).

No Brasil, os termos “árabe”, “turco” e “japonês” continuam a ser aplicados a pessoas de ascendência não-européia, quer tenham eles posições influentes no país ou propriedade do comércio local. Isto é mais visível no caso dos *nikkei* que dos árabe-brasileiros, pela razão de que a fisionomia muitas vezes permite uma categorização estantânea. Muitos árabe-brasileiros simplesmente mudam seus nomes (ou dão nomes “brasileiros” a seus filhos), mas, entre os *nikkei*, a sensação de que eles só poderão se tornar brasileiros mudando sua aparência fez que muitas mulheres apelassem para a cirurgia plástica nos olhos. Um alto índice de casamentos inter-étnicos (quase 46%, em geral, chegando a 60% em algumas regiões do país) é também um fato na comunidade *nikkei* (LESSER, 2001: 296). Por outro lado, publicações para os nipo-brasileiros, ou descendentes fazem constante referência a um “Japão brasileiro”. Ensinam a ser japoneses, a culinária japonesa (numa constatação de que esta não mais existe). Um professor universitário brasileiro, descendente de japoneses, aos 37 anos migrou ao Japão em 1991, relata a WATANABE (1995) as típicas dificuldades da identidade dos descendentes de asiáticos: “No Brasil eu sou estrangeiro. Apesar de gostar do Brasil, eu sinto que eu não tenho nacionalidade e me sinto como um cigano. Eu quero me

¹⁴ SEYFERT (2005) chama a atenção para a complexidade do conceito de etnicidade: “Sem esquecer o nacionalismo e a existência do Estado, agente consciente das etnicidades de suas populações constitutivas, conforme observação de Banks (1996) [BANKS 1996]. No caso da imigração, a etnicidade é melhor compreendida em relação ao Estado e no confronto com o princípio de nacionalidade, quase sempre incompatível com a idéia de pluralidade cultural” (SEYFERT, 2005: 5). “Desde o surgimento, como neologismo da língua inglesa, etnicidade é um termo que sugere ubiquidade, onipresença, continuidade – e, conseqüentemente, problemas de definição (...) Por outro lado, pode ser conceituada, simplesmente, como qualificadora de grupos ou, conforme especificação de Glazer e Moynihan (1975: 1) [GLAZER & MOYNIHAN (1975)], um termo novo que designa ‘o caráter ou qualidade de um grupo étnico’ (...)” (SEYFERT, 2005: 5). “Assim, ‘eticidade’ refere-se à diferenciação cultural – a identidade como dialética entre similaridade e diferença -; é concernente à cultura e enraizada na interação social; não é nem mais fixa ou constante do que a cultura da qual é produzida e reproduzida; como identidade social é coletiva e individual externalizada na interação social internalizada na auto-identificação pessoal (...) a etnicidade é um modelo sócio-cultural de organização e comunicação; ela é, principalmente, mítica e simbólica, porque mito, símbolo e memória são seus atributos permanentes” (SEYFERT, 2005: 6). “Segundo Cohen [COHEN, A.P. (1985)], etnicidade é um tipo de identificação internamente construído, e a cultura local (ou da comunidade), na forma simbólica, é considerada uma expressão da diferença dentro do Estado-nação. A comunidade, portanto, aparece como um local territorialmente circunscrito expressando etnicidade em oposição ao que é nacional” (SEYFERT, 2005: 6-7). “Tal como a comunidade, etnia é outra palavra carregada de significados simbólicos e seu entendimento passa pelos mesmos critérios de definição pois denota uma identidade comum, memórias compartilhadas, uma noção de cultura, um sentido de solidariedade” (SEYFERT, 2005: 7).

tornar um brasileiro perfeito, mas isso é impossível. Mas, no Japão, eu me sinto como estrangeiro, também” (In: LESSER, 2001: 297). “Mais estrangeiros do que os outros?” – a pergunta de SAKURAI (2002) resulta do reconhecimento do componente étnico na relação dos *nikkei* com o Brasil, e do peso que ele acaba tendo. No caso da China, neste país mesmo um ocidental que tenha ancestrais orientais, por ter feições orientais, é tratado como chinês (e é classificado como *huayi*, como visto), e eventualmente briga-se com ele se não se comporta da maneira esperada, se não conhece a língua etc. Por outro lado, uma pessoa de feições européias ou africanas, mesmo que tenha nascido e sempre vivido na China, será sempre um estrangeiro, *laowai*.

Para LESSER (2001: 300), sempre foi da mais profunda ironia o fato de que as políticas de imigração, concebidas para refazer o Brasil tornando-o mais “europeu”, tenham, na verdade, criado uma sociedade imensamente multicultural, onde as negociações sobre a identidade nacional permanecem em andamento.

Aliás, branco, no Brasil, é difícil,
porque no Brasil somos todos mestiços.
Se você discorda, então olhe para trás.
Olhe a nossa história. Os nossos ancestrais.
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto.
Nascemos da mistura, então, por que o preconceito?

- Gabriel, o Pensador, em um sucesso de 1993, “Lavagem cerebral” do disco *Gabriel, o Pensador*.¹⁵

A identidade nacional brasileira inclui os de ascendência não-européia? Para LESSER (2001) a resposta é um sim condicionado. Alguns grupos de imigrantes foram capazes de ampliar o estreito paradigma nacional de um Brasil “branco” ou “europeu”, enquanto outros insistem, com algum êxito, em que a “brancura” não é um componente necessário da cidadania brasileira. Isso aconteceu num contexto de preconceito e discriminação, muitas vezes escancarados. A ampliação da identidade nacional para incluir os sírio-libaneses e os *nikkei* permitiu que a elite brasileira fosse enriquecida, ao custo de enfurecer alguns ideólogos abertamente racistas. Como visto, à medida que certos grupos acenderam socialmente no Brasil, foram mais aceitos. Sírio-libaneses e *nikkeis* parecem estar mais integrados à nação brasileira que os pobres de ascendência polonesa do Paraná. Juntamente com os palestinos e os habitantes de Okinawa, vieram também dezenas de milhares de imigrantes chineses e coreanos, que ficaram surpresos ao perceberem que, no Brasil, eles eram transformados em “japoneses”. Apesar de não haver estatísticas confiáveis sobre o número de chineses residindo do Brasil, sabe-se que a população coreana é de cerca de 100 mil, vivendo

¹⁵ In: LESSER, 2001: 293.

principalmente em São Paulo. Muitos integrantes de ambas comunidades trabalham no setor de vestuário popular, como produtores, revendedores ou ambos. Também para os descendentes de coreanos e chineses, as negociações sobre o que significa vir a ser brasileiro já estão em curso (LESSER, 2001: 293-295).

Ainda assinala LESSER (2001): “se a nova imigração do Oriente Médio e da Ásia representou um desafio para a identidade brasileira a partir do escalão intermediário, a migração de milhões de brasileiros vindos do Nordeste pobre para as cidades do Sul amedrontou tanto a elite quanto as classes médias, como uma ameaça vinda de baixo. Embora a maioria dos nordestinos pareça representar a tão aclamada mistura racial brasileira, eles são também a antítese do imigrante branco ‘desejável’. Em São Paulo, os nordestinos viram-se transformados de brasileiros em estrangeiros: o nome de um viaduto localizado na avenida que passa pela Estação Rodoviária é ‘Viaduto do Imigrante Nordestino’. O Brasil ainda é um destino desejável, e a identidade nacional continua em negociação” (LESSER, 2001: 296). Surgimos da confluência, entrechoque e caldeamento entre o português, o índio e os negros (RIBEIRO, 1995: 19). Matrizes raciais díspares e tradições distintas moldaram um povo novo, fortemente mestiçado. Há uma unidade étnica, mas sem uniformidade: o “Novo Mundo”. RIBEIRO (1995) tem um tom entusiasta e otimista dessa nova civilização: mestiça e tropical. Para ele, mais alegre porque mais sofrida.

Destaca SEYFERT (2005) que o processo constitutivo das identidades culturais é um fenômeno observável em contextos migratórios, particularmente aqueles relacionados à imigração, pois o princípio de nacionalidade (muitas vezes descolado da cidadania) que rege o ideal de “comunidade nacional” unívoca – vinculada por RENAN (1990) ao ideal de pátria, língua e território estatal – não comporta etnias múltiplas e as identidades que têm por base a distintividade étnica e cultural. O nacionalismo brasileiro foi bastante influenciado por esta concepção de nação e, portanto, assumiu o ideal de assimilação dos que participaram do processo de colonização. Em grande parte, as etnicidades surgidas nesse contexto imigratório foram construídas em oposição ao ideal assimilacionista, reivindicando pluralismo cultural (SEYFERT, 2005: 7-8). HOBBSAWN (1990) e outros já haviam chamado a atenção para a artificialidade dos nacionalismos.

Os povos latinos, os colonizados em geral, sofrem o imperativo de ter que responder sobre sua identidade, de preferência de forma original (BACKES, 2000). O Brasil busca sua identidade, ao mesmo tempo que tenta se livrar de modelos discriminatórios – o que já resultou na exaltação ufanística do exotismo, da originalidade e da miscigenação, em oposição à condição colonial anterior. Há uma relação entre identidade e narrativa, na busca do “quem sou”. BACKES (2000) dá exemplo das cidades de Nova Bréscia, Nova Trento e

Nova Friburgo como tentativas de serem novas, mas que não se realizam – porque já estão “contaminadas” pelo que já foi visto. O Brasil se constrói como um novo lugar: não Europa, não Paraíso. Mesmo assim, seriam os brasileiros meras e débeis cópias do europeu? Na dicotomia entre original e cópia, recorre-se à Alegoria da Caverna de Platão, a relação entre os objetos e suas imagens (BACKES, 2000). Reduzir São Paulo à ocidentalidade é uma ilusão. Cópia de Nova York? Tem pedaços da Europa? Reduzí-la a isto é ignorar a herança dos africanos e índios, como observaram LAPLANTINE e OLIVENSTEIN (1993). Autores como SCHWARCZ (2006) e outros assinalam a diversidade como destino.

Diz Shilon Wang: “Eu tô procurando própria cultura do brasileiro. Porque eu não vi uma cultura brasileiro, própria. Porque ele sempre veio com uma mistura, com inglês, com Alemanha, Inglaterra, tem Itália, tem um mistura. Então não tá, não vi uma cultura próprio brasileiro. Estou tentando, procurando (...) Porque viajo pro sul, norte, nordeste, São Paulo, né, e o interior, né. Eu vi cada um estado ter seu próprio cultura. Aí sim, tem. Porque ele misturando com outro país. Mas formando o Brasil inteiro – não tem!” O Brasil, que ainda tanto atrai, conforme visto no capítulo anterior, torna-se pouco a pouco um polo de expulsão de população, fenômeno também estudado por SALES (1998; 1999) e outros. VERAS (2004) destaca o Brasil com sua longa trajetória de exclusão e ausência de cidadania nas cidades. Para IANNI (1994) os signos da diversidade podem se transformar em estigmas da desigualdade. Por exemplo, cor, sexo, idade, religião, etnia, raça, condição social, ideologia política etc. – outrora indícios de diversidade, tornam-se estigmas do diferente, do outro, do estranho, idesejável, inferior, exótico – inimigo. Daí explode a violência urbana.

3.3. Territórios: o espalhamento dos chineses em São Paulo

As estimativas da quantidade de chineses no Brasil ainda são muito diferenciadas, com uma larga amplitude entre uma e outra. Lawrence Phi acredita haver entre 100 e 150 mil chineses no Brasil (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003), estimativa semelhante à de Wong Sun Keung (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g) e James Lee Hoi On, que estima viverem no Brasil cerca de 100.000 chineses, 80.000 dos quais vivendo no estado de São Paulo, nas cidades de São Paulo, Campinas, Jundiaí, Osasco e Barueri (FREITAS, 2004: 103). As estimativas são as mais díspares, principalmente se formos comparar esta com a da Revista Ponte¹⁶, publicação sino-brasileira de Campinas-SP, que os estima em 150 mil famílias em São Paulo, 600 famílias em Campinas e 200 famílias em Mogi das Cruzes e Suzano.

¹⁶ www.revistaponte.com.br/quemsomos.htm acessado em 18 de outubro de 2007.

Entretanto, estimativas não-oficiais levantadas por BELLINI (2006) falam em torno de 250 mil chineses e descendentes no Brasil, dos quais 190 mil estariam em São Paulo.



Figura 3.1. Exemplos de famosas zonas de comércio de chineses em São Paulo. Foto superior, à esquerda: a Rua 25 de Março; Foto superior à direita: a Galeria Pagé; Foto inferior à esquerda: o Stand Center, à Avenida Paulista; Foto inferior à direita: o Promocenter, à Rua Augusta. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.

Conforme já visto, os chineses em São Paulo e região metropolitana não se concentram em territórios fechados ou estão restritos a zonas de gueto ou enclaves étnicos, como as *Chinatowns* de outros países. A cidade de São Paulo é o grande centro da comunidade chinesa no Brasil (DIAS, 2004). E assim como os japoneses, eles ocupam Liberdade, Vila Mariana, Cambuci, Aclimação e Vila Olímpia (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007), além dos que vivem e trabalham na Rua 25 de Março, Brás e região (cônsul Zhu Ting Zhong, In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Padre Pedro concorda que os chineses não estejam restritos a certas áreas da cidade. Estão em todas elas. “Se tem dinheiro, mora no Morumbi, nos Jardins.” – o território estaria mais ligado à classe social que ao caráter chinês.

O chinês vive onde pode fazer comércio, diz o padre. Não se agrupa etnicamente, mas economicamente, assim como os coreanos.

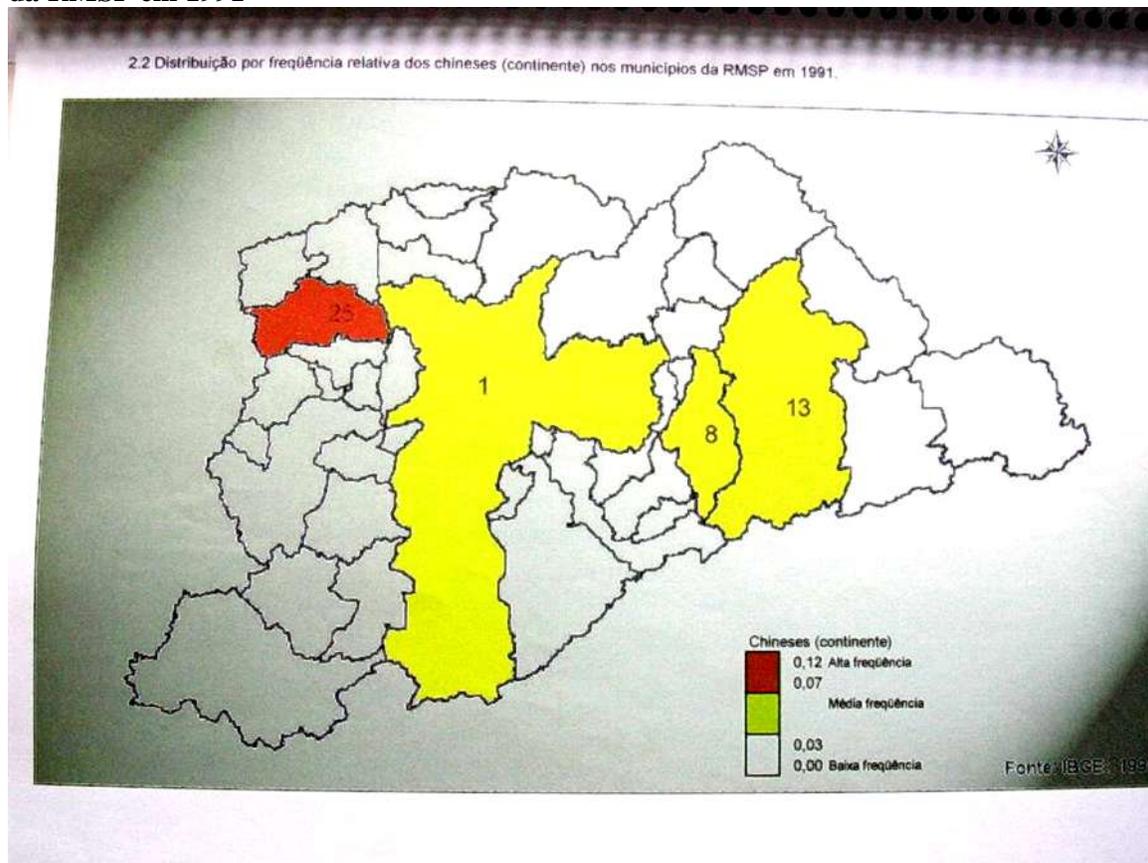
De acordo com o capítulo anterior, os chineses pertencem ao Grupo IV dos imigrantes de acordo com a classificação de VERAS (1999-2001). Isso quer dizer que, pelos dados oficiais, trata-se de um grupo numericamente menos expressivo que outros que compõem a população de São Paulo, conforme visto no capítulo anterior. Entretanto, é um grupo numericamente crescente, e que se faz cada vez mais presente. Na região metropolitana de São Paulo, conforme a tabela abaixo, os municípios que apresentam maior frequência relativa da presença de chineses são: Santana do Parnaíba e Mogi das Cruzes, perfazendo, respectivamente, 0,12% e 0,09% da população de cada município. Em seguida, encontram-se Poá, com 0,08%, e São Paulo, com 0,06%. (CASSIANO, 2001: 101).

Quadro 3.1. Distribuição percentual dos chineses nos municípios da RMSP em 1991 (municípios mais representativos dos chineses)

Município	População total em 1991	China (cont.)		China (Taiwan)		Total Chineses	
		No. Ab.	%	No. Ab.	%	No. Ab.	%
Santana de Parnaíba	37.762	45	0,12	0	0,00	45	0,12
São Paulo	9.646.188	4.379	0,05	1.413	0,01	5.792	0,06
Mogi das Cruzes	273.175	106	0,04	134	0,05	240	0,09
Poá	76.302	20	0,03	40	0,05	60	0,08
Total Geral	15.444.945	4.908	0,03	1.632	0,01	6.540	0,04

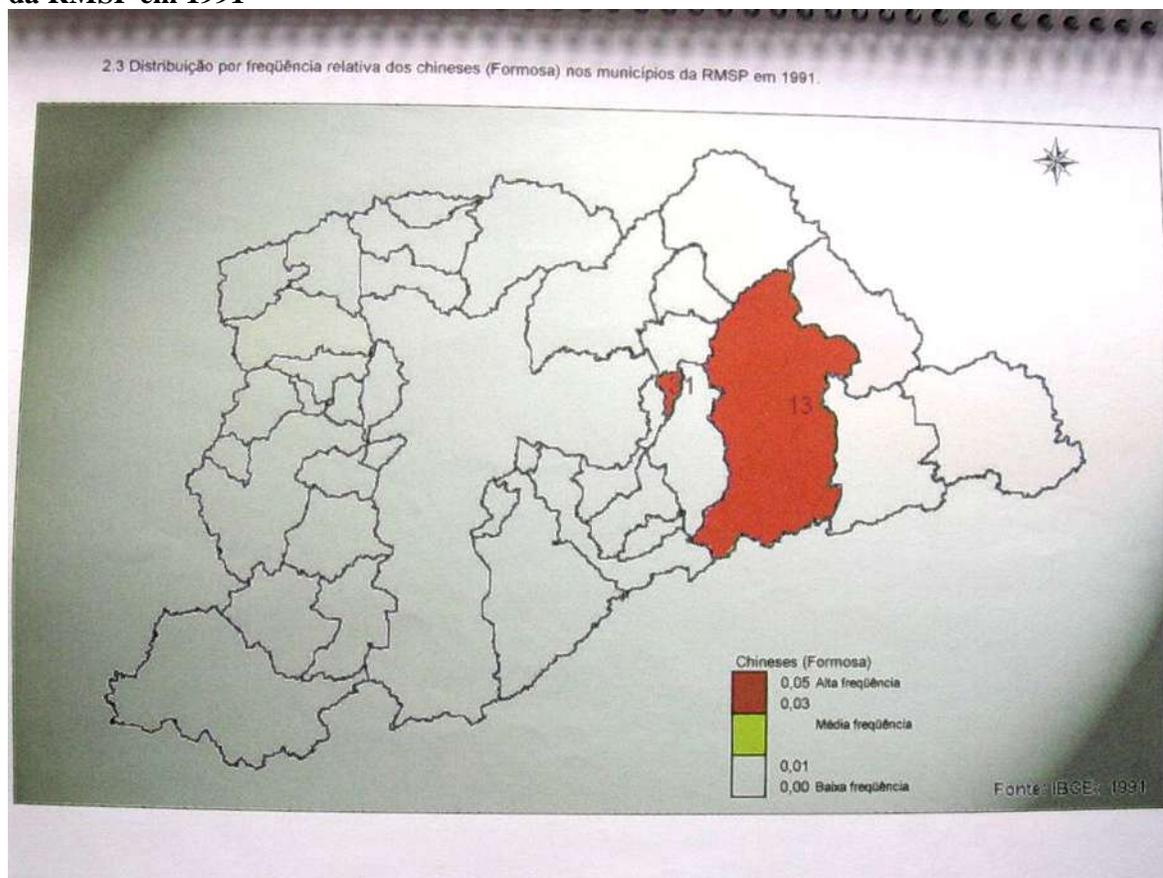
Fonte: IBGE Censo Demográfico, 1991 (In: CASSIANO, 2001: Tabela 4)

Mapa 3.1. Distribuição por frequência relativa dos chineses (continente) nos municípios da RMSP em 1991



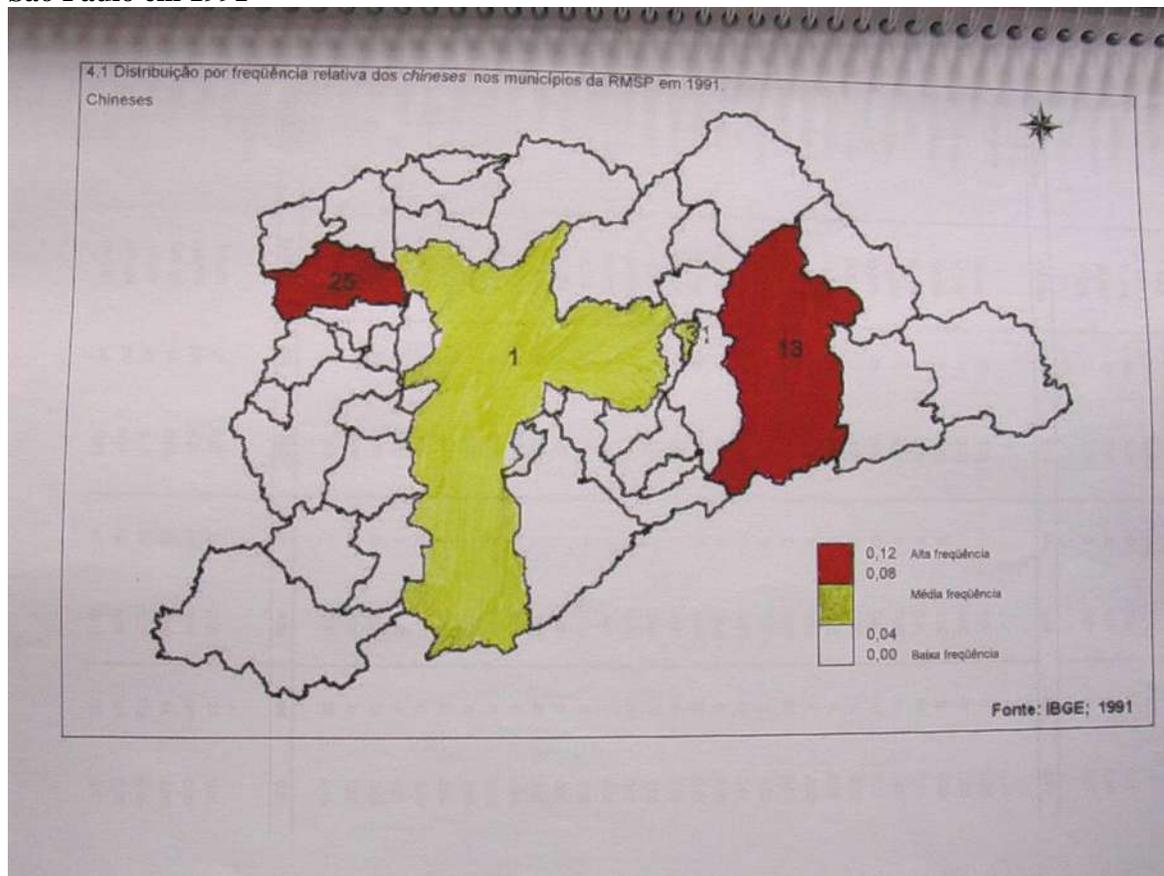
Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

Mapa 3.2. Distribuição por frequência relativa dos chineses (Formosa) nos municípios da RMSP em 1991



Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

Mapa 3.3. Distribuição por frequência relativa de chineses em municípios da Grande São Paulo em 1991



Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

A tabela a seguir aborda o município de São Paulo, e permite verificar a concentração original de imigrantes chineses no bairro da Liberdade, o que apresenta maior frequência relativa (0,89% de sua população), e o deslocamento desse grupo em direção a porção sul e sudoeste da cidade. Em seguida encontram-se os seguintes distritos com as respectivas porcentagens de chineses sobre o total de suas populações: Santo Amaro (0,42%), Lapa (0,45%), Sé (0,43%), Moema (0,38%), Cambuci (0,36%), República (0,36%), Morumbi (0,35%), Jardim Paulista (0,31%), Saúde (0,30%), Vila Mariana (0,29%) e Itaim-Bibi (0,20%). Estes bairros poderiam ser definidos como territórios chineses. Restaurantes típicos, templos religiosos, lojas, pastelarias e mesmo os próprios chineses ou seus descendentes podem ser avistados por ali (CASSIANO, 2001: 101).

Em 1991 era a Liberdade que apresentava a maior concentração de chineses: 0,56% (428 pessoas). A Sé, por sua vez, apresentava 0,43% de sua população como tendo origem chinesa. Santo Amaro, 0,37% (282 pessoas). A República, 0,36%. Vila Mariana e Jardim Paulista apresentavam, respectivamente, 299 e 239 chineses. Em 1991 os taiwaneses se concentravam da seguinte forma: Liberdade: 0,33% (251 pessoas). Bom Retiro: 0,25%.

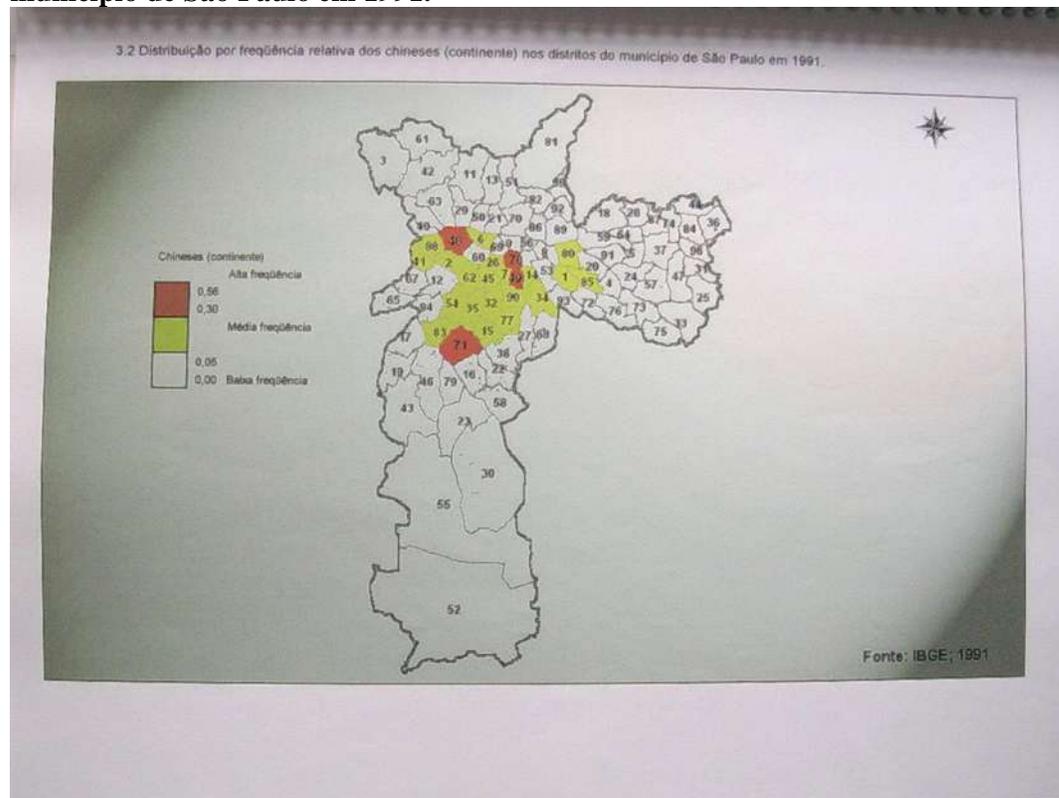
Cambuci: 0,17% Moema: 0,17% (133 pessoas). Saúde: 109 pessoas. Ipiranga: 94 pessoas (VERAS, 2003).

Quadro 3.2. Distribuição percentual dos chineses nos distritos do município de São Paulo em 1991 (distritos mais representativos dos chineses)

Município	População total em 1991	China (cont.)		China (Taiwan)		Total Chineses	
		No. Ab.	%	No. Ab.	%	No. Ab.	%
Liberdade	76.245	428	0,56	251	0,33	679	0,89
Santo Amaro	75.556	282	0,37	32	0,04	314	0,42
Sé	27.188	116	0,43	0	0,00	116	0,43
Itaim-Bibi	107.495	169	0,16	47	0,04	216	0,20
Lapa	70.320	317	0,45	0	0,00	317	0,45
Moema	77.340	163	0,21	133	0,17	296	0,38
Cambuci	37.070	68	0,18	64	0,17	132	0,36
República	57.796	206	0,36	0	0,00	206	0,36
Morumbi	40.032	112	0,28	28	0,07	140	0,35
Jardim Paulista	103.138	239	0,23	84	0,08	323	0,31
Saúde	126.595	270	0,21	109	0,09	379	0,30
Total Geral	9.646.188	4.379	0,05	1.413	0,01	14.112	0,15

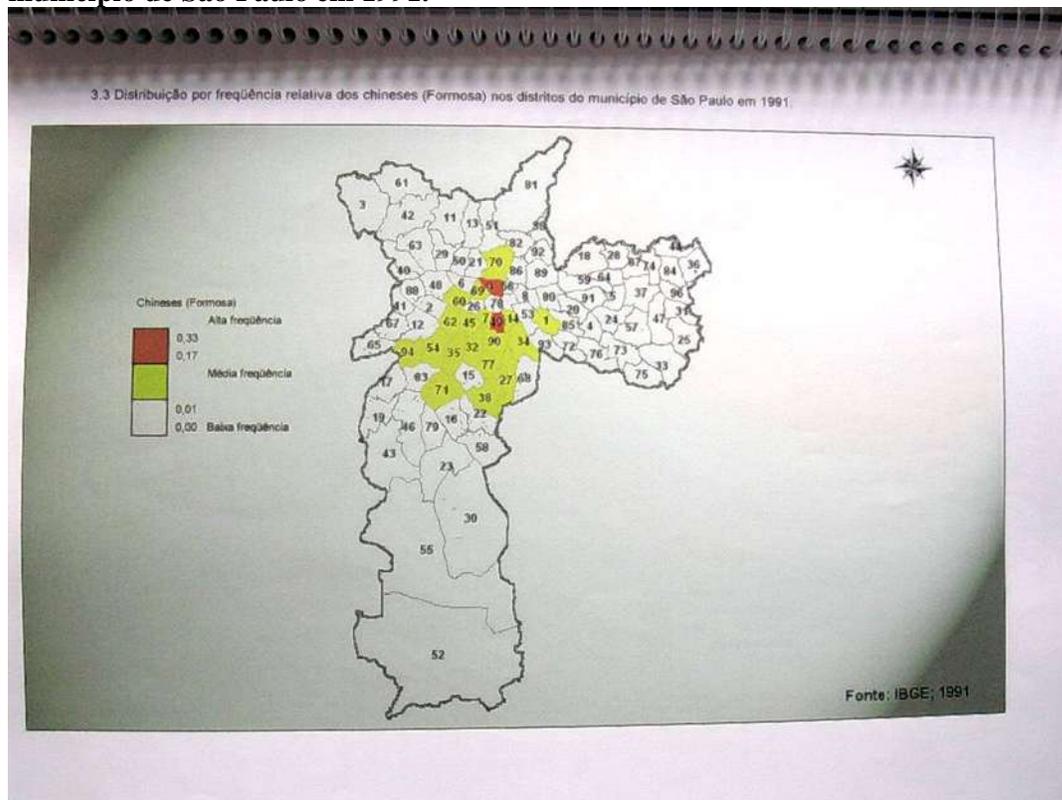
Fonte: IBGE Censo Demográfico, 1991 (In: CASSIANO, 2001: Tabela 5).

Mapa 3.4. Distribuição por frequência relativa dos chineses (continente) nos distritos do município de São Paulo em 1991.



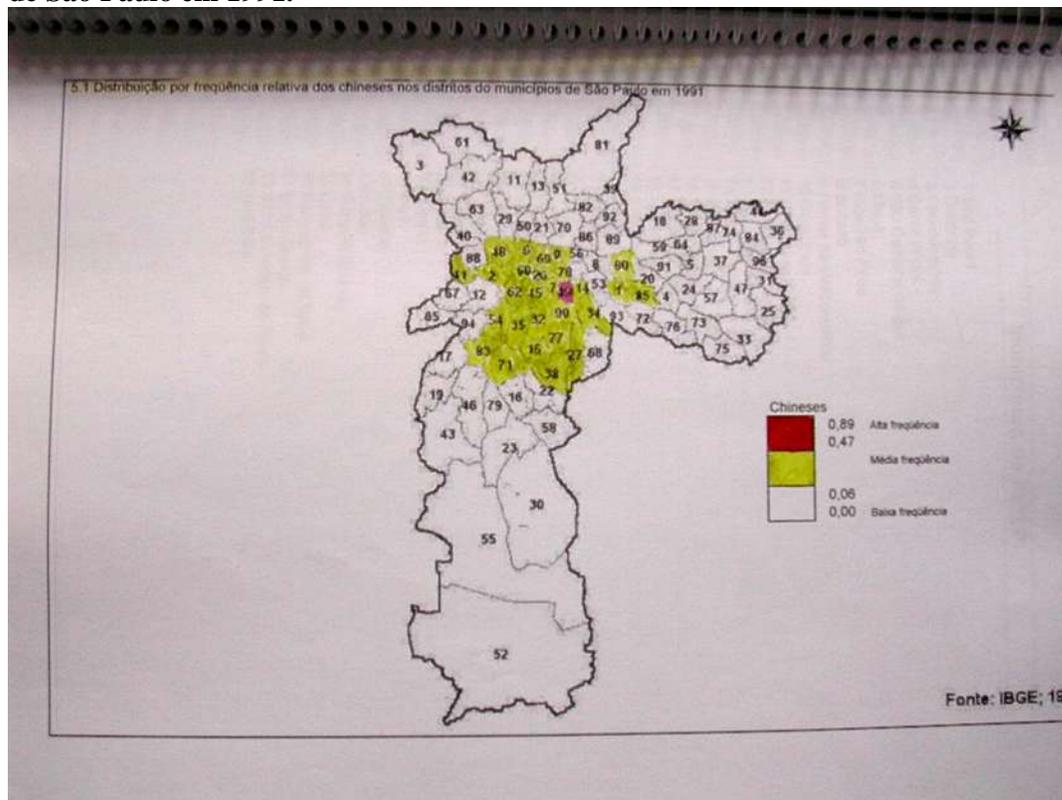
Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

Mapa 3.5. Distribuição por frequência relativa dos chineses (Formosa) nos distritos do município de São Paulo em 1991.



Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

Mapa 3.6. Distribuição por frequência relativa dos chineses nos distritos do município de São Paulo em 1991.



Fonte: IBGE, 1991 (In: CASSIANO, 2001).

A partir do Censo 2000 do IBGE, conclui-se que o distrito com mais concentração de chineses é o da Sé. Eles, no total de 496 pessoas, compõem 2,47% da população do distrito. Em seguida vem a República, onde 1,15% são chineses, contando com 551 membros da colônia. 0,55% dos moradores da Liberdade são chineses, num número absoluto de 343 habitantes. Na Vila Mariana, 0,36% dos habitantes são chineses, num absoluto de 443 pessoas. Há também uma contagem em separado dos formosinos: Liberdade: 0,64% do total de moradores, em termos absolutos 396 pessoas. Saúde: 0,27% (322 pessoas). Campo Belo: 0,21% (138 pessoas). Vila Mariana: 0,20% (248 pessoas) (VERAS, 2003). Diz William Woo: “Hoje a maior concentração de chineses está na região central. Na Aclimação se concentra muitos chineses e também na Vila Mariana. Há uma concentração de coreanos muito grande na Aclimação e também no bairro do Bom Retiro. A comunidade japonesa, que hoje estamos chegando há quase 1 milhão de descendentes, está em toda a cidade de São Paulo. Temos a concentração da comunidade japonesa tanto na zona leste, tanto na zona sul e na região central também (...) A gente tem estatísticas aproximadas. A gente acredita que em termos de coreanos chegamos a uma população de 25 mil, de chineses quase 100 mil e descendentes de japoneses na grande São Paulo há quase 1,2 milhão” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 12).

Por que as Chinatowns existem nos Estados Unidos, Canadá etc.? Shilon Wang responde que, diferentemente do Brasil, os chineses em outros países têm uma ligação muito mais forte. Lá os chineses chegaram na mesma época, muitos com capital, podendo comprar áreas. Os chineses do Brasil, entretanto, chegaram de maneira independente um do outro, não combinada. Outra característica dos chineses do Brasil é a *desunião*: “É que todos chinês do Brasil não é reunido. Veja uma coisa. O Câmara de Comércio da China: existe 14 no São Paulo. Imagina um país ter 14 câmaras de comércio, um país! Então você já vê na própria pele já – então pessoal não tá reunido. Então quando não tá reunido não tem ‘Chinatown’. E taiwanês tinha uma plano, de fazer uma comércio, uma zona taiwanês no norte... Só não consegue porque... ninguém vai lá! Então... não é tão fácil reunir numa... Chinatown, assim.” A estes motivos o cônsul chinês em São Paulo Zhu Ting Zhong acrescenta que em São Paulo, assim como no Brasil como um todo, há comparativamente poucos chineses. E quando vieram já havia muitos outros grupos estabelecidos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Quando perguntado do motivo pelo qual no Brasil não havia Chinatown, Wong Sun Keung diz que aqui ele pode conversar com as pessoas, brincar etc. e pode trabalhar em qualquer lugar. Em contraposição, nos Estados Unidos, quem não fala inglês tende a se isolar dos anglófonos e agrupar-se à parte. Aqui este fenômeno não acontece. Os chineses estão em qualquer lugar. Chow Chin Chien acrescenta: “Aqui não existe discriminação” – e ele completa: “Esse muito bom, então pessoa fica tranquilo vai em qualquer lugar” - e arremata: “Que não precisa ficar grudado.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g: 15). James Lee Hoi On responde à pergunta na mesma linha: “Porque... eu acho é, Brasil é muito livre, não tem discriminação social... racial (...) É muito livre... então... não tem aquele pressão né?, então ele pode viver qualquer lugar. Na China... nos Estados Unidos é diferente né? Quando vê chinês tem algum cidade... outro centro melhor lugar que é mais nobre, você não consegue viver lá. Então eles vão ficar na Chinatown” – James comenta que com os latinos o mesmo acontece, nos Estados Unidos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 16).

Lawrence Koo comenta as especificidades de um bairro oriental brasileiro e de ser um chinês do Brasil: “Mas eu acho que chinês é um pouquinho diferente de brasileiro.” Além de não haver tantos brasileiros fora do país como os chineses, “algumas etnias, eles, ao sair do seu país, começam a construir seu gueto”. “Você vai perceber que a comunidade chinesa nos Estados Unidos tem muita gente que vai lá, e que não precisa saber falar inglês e não vão falar o resto da vida. Estes ficam na Chinatown, né, porque na Chinatown, nos Estados Unidos tem uma política que até policial da Chinatown é chinês, né? (...) Vai na São Francisco, vai na Chinatown, que o policiamento é feito por chineses (...) Quer dizer chinês-

americano, né, ou americano-chinês, sei lá (...) Que falam chinês, que tem toda a cultura chinesa etc. porque faz parte de um... serviço comunitário que pudesse comunicar com pessoa lá que não está nem interessada em aprender inglês, né? Então é interessante que quando eu tô nos Estados Unidos, por incrível que pareça, eu me sinto mais chinês do que aqui. Porque lá as pessoas olham para mim... não me vêem brasileiro, me vêem chinês. Porque, para começar, tenho cara de chinês, né? Fazer o que, né? (risos) (...) Aqui eu acho o Brasil um país peculiar nesse sentido. Um país que me recebe como sendo... fazendo parte.” “Eu me sinto brasileiro aqui. Nos Estados Unidos, eu acabo (...) me sentido chinês.” “A discriminação lá é maior do que aqui... Eu percebo que eu sou lá, eles falam ‘aquele chinês...’ não faço parte da comunidade americana.” Não adianta ele falar que é brasileiro. Continuam o achando chinês. Mesmo em termos do governo americano é assim. Se ele quisesse se candidatar à emigração para os Estados Unidos, eles não aceitariam a candidatura como brasileiro, mas como chinês. Ele não tem certeza, mas acha que talvez não haja uma Chinatown da mesma forma que a americana, aqui no Brasil, porque não há economia de escala para isso. “Cê vai na Liberdade, cê fala ‘É Chinatown?’ – é, *pero no mucho*... Por que? Porque tem japonês, tem coreano, tem... todo... ‘orientada’ tá lá, né? Porque se fosse só chineses, seria um... duas esquinas, né? Mas pela quantidade de orientais que tem lá, ganha força maior.” Para ganhar escala, é vantajoso para os orientais viverem juntos. É uma questão econômica. Lojas japonesas e chinesas estão juntas, mas pode-se verificar que muitos dos produtos são semelhantes. É mais conveniente encontrar tudo junto. E ele fala que há até misturas. Cita como exemplo a Comercial Marukai, na Galvão Bueno, que tem nome, estilo e produtos japoneses, mas os donos são chineses. E fala que ainda são mantidos a arquitetura, os produtos e nomes japoneses por *marketing*. A maioria dos *compradores* ainda é japonesa, mais que compradores chineses. Ainda continuam muitos japoneses como donos de comércio na região. Para a taiwanesa Sandra os orientais, mesmo que de nacionalidades diferentes, preferem estar juntos na Liberdade para, no caso de haver um problema, ajudarem-se mutuamente.



Figura 3.2. Imagens do bairro da Liberdade, famoso como “bairro oriental de São Paulo” – reunindo chineses, japoneses e coreanos – na ocasião em preparação às comemorações do Ano Novo Chinês. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.

Shilon Wang fala do bairro da Liberdade. Inicialmente, era um bairro japonês. Depois vieram os taiwaneses na década de 1980 e “depois veio chinês” por volta de 1996, 1997 – referindo-se aos chineses continentais. “Agora virou um bairro chinês”. Desde a década de 1960 haviam vindo os chineses e coreanos dividir o espaço com os japoneses (NEGAWA, 2000). Para Shilon, os japoneses saíram de lá porque começou a misturar. “Virou bagunça, então japonês saiu. Taiwanês entrou, eles achando é ‘casa deles’, todo mundo taiwanês tal... Depois chinês entrou, bagunçou, então taiwanês saiu também (risos).” Como exemplo do aumento de chineses, Shilon dá o aumento do número de restaurantes chineses na região. Tais ondas coincidem com os acontecimentos políticos da China. As décadas apontadas como de maior vinda de taiwaneses são as que testemunham o maior fechamento político da China Continental. A partir dos anos de 1990, chineses continentais imigram para cá como sinal da maior abertura política e econômica do país natal.

Assim como as *Chinatowns* de diversos países, o bairro oriental de São Paulo se transformou em atração turística, re-construído artificialmente como “nova terra natal” para os japoneses – um palco de teatro, um simulacro do Oriente (NEGAWA, 2000). A Liberdade realmente conta com cada vez menos *nikkeis*, mas este autor atribui isto à ascensão social japonesa, além do crescente número de chineses e coreanos, que passaram a usar o idioma japonês para se comunicar no bairro. Este se caracteriza cada vez mais como espaço de japoneses, chineses e coreanos. O autor também elenca algumas características predominantes nos grupos do bairro:

- O japonês: mais sedentário porque tem pensamento de agricultor;

- O chinês: mais móvel porque mais comerciante com mais contatos com o mundo;
- O coreano: também comercial, mas menos móvel porque seus contatos são limitados.

3.4. novas identidades: recriação e negociação

Uma diáspora não o é até que haja uma consciência a seu respeito. Tal consciência se dá no confronto com seu “duplo”: membros de outra comunidade ou da terra de origem. Familiares, mas diferentes. O duplo efeito se faz sentir, e o impacto é diferente em membros de diferentes gerações (SKOGGARD, 2006). Como identificado por HALL (2003), a diáspora gera uma concepção binária de diferença:

- exclusão;
- construção de um outro;
- oposição dentro/ fora.

A política não é utilizada para apenas servir aos próprios interesses, mas também para definir identidades. Nós só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos, destaca HUTINGTON (1997: 20). “Hegel define a identidade *contra* a identidade dos outros. Onde quer que esteja ontologicamente realizada, a consciência do eu pleno implica a submissão, e talvez a destruição, de outro. Todo reconhecimento é agonístico. Nomeamos nosso próprio ser, tal como o Anjo fez a Jacó, após a dialética da agressão mútua” (STEINER, 1991: 62). Além de um impulso auto-destrutivo, o ódio pode passar também pela identificação de classe. Em várias sociedades, os “de baixo” são alvo de ódio. Principalmente imigrantes. Fazendo uma comparação com a Alemanha da II Guerra, na África, os “judeus” seriam os comerciantes indianos; na Indonésia, os comerciantes chineses; e, em Los Angeles, os comerciantes coreanos (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2006a).

O conceito de FREUD (1974) do “narcisismo das pequenas diferenças” oferece uma maneira de compreender como a fronteira que assegura os limites coesos da nação ocidental pode facilmente transformar-se imperceptivelmente em uma liminaridade *interna*, que oferece um lugar do qual se fala sobre – e se fala como – a minoria, o exilado, o marginal e o emergente (BHABHA, 2003: 211). FREUD (1974) usa a analogia de rivalidades que prevalecem entre comunidades com territórios próximos – os espanhóis e os portugueses, por exemplo – para ilustrar a identificação ambivalente de amor e ódio que une uma comunidade. Podem-se unir pessoas no amor, desde que restem outras pessoas para merecer o ódio.

A alteridade constitui-se num desafio: deparar-se com o estrangeiro, o outro, o “estranho”. A tentação da identificação binária está presente: “Nós” e “Não nós” – sempre diferenciando o negro, o “carcamano”, o favelado, o judeu, o capira, o nordestino, o “brega”, o índio, o homossexual – o nome pode mudar, mas a rejeição é a mesma. A Globalização também pode ser compreendida como “espetáculo das diferenças” ou “afirmação da etnicidade”, mas a compreensão do outro sempre carrega valores. Para Miriam Chnaiderman o racismo não é questão da diferença. É justamente da possibilidade de se ter a identidade confundida. Daí pôr-se a “estrela de David” no outro (VERAS, 2004a). O outro está sempre presente, seja na proximidade, seja na distância (SIMMEL, 1984). Assim, não é o totalmente diferente que provoca o choque. É aquele com quem se tem proximidade suficiente. Entre os entrevistados e em algumas experiências informais foi notado este tipo de comportamento na fala dos taiwaneses quando se referiam aos chineses continentais. O pesquisador certa vez comentou com uma taiwanesa sobre um chinês que teve seu visto de trânsito para os Estados Unidos negado, ao que ela respondeu:

- Ai! Esses chineses do continente!
- Não era do continente, era de Taiwan.
- Ah! Então aposto que tinha cara de chinês do continente.

Como identificado por SALES (1999: 203-204), o imigrante sempre cria um “outro” para inferiorizar. Ser chinês, principalmente do continente, certas vezes é mal visto. No bairro da Liberdade já foram vistos chineses que passam gel no cabelo, andam “arrumados” – “para passar por japoneses” – como eles mesmos declararam. Por vezes a identidade do Outro é internalizada.

Shilon Wang diz conhecer pessoas de Hong Kong, mas que não têm muita relação com taiwaneses. “O próprio Hong Kong tem mais ligação com brasileiros”. “Chinês [continental] que veio fazer pastelaria, então taiwanês não quer chegar muito perto porque ele acha classe é mais baixa, né. Porque todos trabalhadores. E pessoal veio de Hong Kong, tipo, ele veio com um nível alto, empresário, ele fala inglês... ele fala cantonês, chinês... Então ele tem uma vida bem diferente, chinês aqui no Brasil. Porque ele fala inglês, bem avançado. E ele sempre tem comércio, né, porque a... Primeiro comércio da China sempre veio por Hong Kong, então pessoa bem mais avançado.” Assim, taiwaneses e chineses de Hong Kong são vistos como sofisticados e elevados, e a imagem do chinês continental como pasteleiro, classe baixa, é difundida. ELIAS (2000) alerta para o perigo dos sonhos das nações e outros grupos: “Um ideal de *nós* hipertrofiado (ou atrofiado) é sintoma de uma doença coletiva” (ELIAS, 2000: 43).

Orientais e brasileiros de origem oriental ainda sofrem hostilidade por parte dos de origem não-oriental. Como já visto, nos meios universitários, são tidos como ameaça, como se fossem “tirar as vagas dos brasileiros” (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004i). Aqueles mesmos desvalorizados que são vistos como pasteleiros ou classe baixa conseguem garantir os estudos dos filhos. “À medida que os imigrantes coreanos e chineses ascendem na escala social, e impulsionam a integração de seus filhos por meio de educação universitária, uma feia anedota começa a circular entre a elite de São Paulo: ‘Para conseguir uma vaga na Universidade de São Paulo, você tem que, primeiro, matar um japonês’.” (LESSER, 2001: 295). Quando da morte do estudante Edison Hsueh na piscina da USP devido a um trote violento em 1999, um estudante veterano gabava-se em um vídeo: “Eu matei o japonês” (BRUM, 2001). Edison era brasileiro como ele.

William Woo revela ter crise de identidade: “Eu acho que sempre temos, todos nós, não só de identidade, mas profissionais, dúvidas com coisa que acontece na vida. Mas meu pai foi criado num regime forte, de muito trabalho. A Ásia sempre foi uma coisa muito distante e cara para nós conhecermos. Então toda vez que a família, tínhamos uma oportunidade de viajar, a gente falava para os nossos pais irem. Porque lá estava a saudade deles, os familiares. Eu somente tive a oportunidade de ir para a Ásia depois que ingressei na política. Por convites dos órgãos governamentais a me custearem a ir para lá. Então eu fui com uma idade muito avançada. Quando eu cheguei na Ásia sem falar nada, muito pouco, dos idiomas locais. Principalmente quando cheguei num país e vi todas as pessoas com traços parecidos ao meu, traço oriental, eu me senti como se estivesse no Brasil, na minha casa. Mesmo eu falando em português, ninguém entendo nada. Parecia que eu estava na Av. Paulista. Então me senti realmente identificado com os meus ancestrais. Isso é muito gostoso. Uma sensação diferente de um jovem que vai com 10, 15 anos. Eu já fui formado, de repente eu me senti em casa num país em que eu não conseguiria comunicar, nem encontrar por acaso o centro de Tóquio. Se eu não achasse alguém que falasse bem o inglês para se comunicar de alguma forma, me senti em casa. Estando na avenida principal ou de Tóquio, ou da China ou de Seul, como se estivesse na Avenida Paulista. Foi uma sensação muito boa, uma sensação diferente” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 6).

A naturalização como brasileiro é, para Chow Chin Chien, o elemento de passagem que o tornou brasileiro: “(...) estamos aqui naturalizado, somos brasileiro”. Ele conta que tem um perfil diferenciado de outros chineses que aqui chegaram porque já veio atrabalhando para uma firma americana, diferente de outros que chegam e têm que “se virar”. E por ter esse caráter de “se virar”, não são unidos como coreanos e japoneses. “Em parte é um pouco... quando há possibilidade de procurar saída, individualmente eles preferem fazer isso

ao invés... ah! um ajuda outro, não tem nada disso. Por que ao fim depois sair brigas, sair problema, mais complicado né? Se fosse sozinho, tem uma solução... melhor fazer sozinho. Eu acho que a maioria tem esse tipo de pensamento, de nossa classe vamos dizer, nossa classe” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 22-23). Para Lawrence Koo, a naturalização como brasileiro constituiu um importante passo, sobretudo na aquisição de direitos, como visto.

Sobre a relação com os nipo-brasileiros, coloca Joseph Chung Chien Liao: “Não, nós também somos amigos, eles são brasileiros, nós também somos brasileiro, não tem mais... nada, mas China e Japão sempre tem conflito. China tem recursos natural, japonês não tem. Japonês tem uma ilha pequeninha, mais perto é China tem tudo, claro! Quando um país é mais forte, mais é perto... é pegar da China, aí sem dúvida entra lá. Nós chegamos aqui, japonês, chinês tudo... somos brasileiro né?, não tem mais nada. Por isso Brasil é bom. Ele também não... não conseguiu como o (...) Eles também não... não conseguiu como o japonês, maioria somos brasileiro.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 34-35). Lawrence Koo comenta que, de maneira geral, é mais fácil chineses se relacionarem com japoneses do que com ocidentais, tanto em amizades como em casamentos. “Tem uma semelhança, né? Eu diria que existe uma força de barra por parte dos pais... Para que não tenha uma cultura muito diferente em casa... esse negócio de uma família patriarcal, né, que sempre foi... Queira ou não, japonês também é patriarcal, né? Como chinês, né? Então tem certa parte de cultura, que realmente japonês é bem semelhante à chinesa, do que com alemão, por exemplo.” Ele conta que sua irmã se casou com um descendente de alemães. “De repente tem que se adaptar à cultura alemã, né?” Enquanto a sua geração se adaptou mais facilmente à cultura local, para seus pais foi mais complicado. Daí a primeira geração insistir tanto na “força de barra”. “Para que os filhos se misturem mais com os orientais, e talvez tivesse alguma coisa, assim... automática e intrínseca de você olhar para o oriental, né, e achar mais pontos semelhantes nele, né, tanto fisicamente etc. que acaba complementando, né? Mas eu acho que isso vai começar a ficar menos patente na segunda, terceira geração... Eu acho que na quarta, realmente a pessoa já liberou geral... (risos)”.

O filho de James Lee Hoi On fez Engenharia Mauá e se casou com uma descendente de portugueses. Frequentando ambientes tão diferenciados, não havia como manter as tradições chinesas. Nem a língua chinesa ele fala. James comenta que antigamente os pais mandavam nos filhos, e agora é o contrário. Ele sempre falou para o filho se casar com uma chinesa ou japonesa, mas ele escolheu se casar com uma ocidental. Mas no fim até comprou uma casa no Paraíso/ Aclimação para o filho morar com a esposa. James tem duas netas mestiças (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 28).

Sobre casamento, Shilon Wang declara que se casaria com uma mulher que seu pai aprovasse. Muito dificilmente seria com uma brasileira de origem ocidental, porque seu pai não aprovaria. “Meu geração, acho que é difícil.” O casamento com ocidentais é anda difícil. Mas ele diz que aprovaria um casamento misto de um eventual filho seu. Quanto a si próprio, submeter-se-ia à vontade do pai. Mas tudo depende, diz ele, do nível de educação da noiva (tanto no caso dele quanto do filho). Precisaria ser um alto nível. “Vai ser tudo igual, porque família tudo fechado” – percebem-se aqui traços de devoção filial, ainda fortes, mesmo no Brasil. Uma herança confucionista que será comentada adiante. Percebe-se, entretanto, um certo grau de flexibilidade em outros casos. A entrevistada Sandra, por exemplo, preferiria que seus filhos se casassem com taiwaneses, mas apoiaria um casamento com ocidentais – e diz que adoraria ter netos mestiços.

Yan Liang acredita que as novas gerações de chineses (ou descendentes) estão cada vez mais integradas à cultura brasileira. Além de falar o português muito bem, eles gostam muito mais do português do que da língua chinesa. E não gostam de estudar chinês, mas isso depende da família, diz ela. Se os pais falam mandarim em casa, a criança vai ter “estas duas educações nas línguas”. Mas além de falarem português com amigos e colegas, todos os mídia são em português, rádio, TV, revistas etc. Tudo isso cria uma forte entrada do português no ambiente oriental. Mas ela acredita que se os pais falam mandarim, isso é muito útil para o futuro das crianças, porque no Brasil hoje muito poucas pessoas falam chinês. E isso cria novas oportunidades. Entre as novas gerações de descendentes, é mais comum o casamento com não-orientais, à medida que a barreira da língua já não existe nas gerações nascidas aqui. À medida que se fala bem o português, podem se fazer mais amigos sem dificuldade.

3.5. A complexidade das identificações sino-brasileiras: inserção no processo produtivo, diversidade de origem, identificações com o nível local e a participação estatal na construção do caráter chinês.

Como se pode ver, as identidades diaspóricas são as mais variadas, seja porque já partem da China com caráter diverso, seja porque se desdobram em ilimitadas formas nos países de destino. WANG (1994), por exemplo, lista alguns tipos de identidade encontrados entre os imigrantes chineses nos Estados Unidos:

Luoye guigen: a mentalidade do trabalhador temporário

O chinês discriminado e visto como o Outro: “*alien*”. Sua motivação para ir ao Ocidente é financeira e não há intenção de fixar raízes ali. A mentalidade do trabalhador temporário é atada às raízes culturais chinesas e é a base sobre a qual muitos chineses ultramarinos têm estruturado sua existência e identidade. Tal mentalidade é também reforçada pela discriminação racial que eles encontram. Originalmente era puramente cultural, mas com o tempo adquiriu novos significados com consequências legais e políticas. O sentido de *gen* muda de época para época, assim como a específica resposta ao objetivo de retornar à China (WANG, 1994: 201).

Zhancao-chugen: assimilação total

Chineses que tiveram educação típica ocidental, vivendo em total assimilação. A assimilação levou a comparações e juízos de valor. Ódio de si mesmos, vergonha da aparência – foram as consequências de se viver numa sociedade de domínio de herança européia. Isso não gerou aceitação. Mesmo após gerações e esclarecimento da sociedade, o progresso social foi lento. Só após a década de 1960 houve associações para ajudar a comunidade a enfrentar a discriminação, no caso dos Estados Unidos (WANG, 1994: 201-204).

Luodi shenggen: acomodação

Por causa da Guerra Fria, muitos *sojourners* (temporários) chineses tiveram que mudar os planos e deitar raízes nos países onde estavam (Estados Unidos, por exemplo). Isso se aplica especialmente aos chineses que estavam no exterior em 1949, com a tomada socialista e colapso do projeto nacionalista de Chiang Kai-chek. Muitos deles seguem vivendo em *Chinatown*s de diversos países (WANG, 1994: 204-206). “O seu grau de sucesso em fazer a transição tem dependido amplamente da receptividade das sociedades receptoras e das mudanças relações em transformação entre as sociedades receptoras e a China” (*Idem ibidem*: 206).

Xungen wenzu: orgulho e consciência étnicos

Tomando de empréstimo as táticas do movimento negro por direitos civis, os asiáticos americanos organizaram-se socialmente, num movimento político, para exigir um lugar para si na sociedade americana. O engajamento se dava em torno do orgulho étnico e da consciência (WANG, 1994: 206-208). “Comprometem-se a construir uma comunidade sino-

americana baseada não numa sociedade chinesa transplantada, mas em experiências passadas nos Estados Unidos e em princípios de justiça e igualdade” (*Idem ibidem*: 208).

Shigen qunzu: os desenraizados

O êxodo de intelectuais de elite da China Continental, Taiwan e Hong Kong. Inicialmente mandados ao exterior para estudar, encontram no Ocidente um ambiente mais aberto para fazer ciência, além de melhores salários e perspectivas profissionais. Isso ocorre desde o século XIX, na Dinastia Qing. A elite intelectual perdera a fé na capacidade de a China se modernizar, principalmente após os eventos de Tian’anmen em 1989 (WANG, 1994).

No caso do Brasil não há semelhante classificação, que é adequada ao que se deu nos Estados Unidos. Entre os entrevistados não se encontrou alguém que se encaixasse inteiramente nos perfis acima. Aqui os descendentes mais novos dos imigrantes chineses se sentem totalmente integrados ao Brasil e a São Paulo, como explicou o representante da comunidade chinesa no Conselho Estadual das Comunidades de Raízes e Culturas Estrangeiras (Conscre), Pedro So Kwan Keung, que também realizava atividades com jovens descendentes na Associação Cultural Chinesa. Ele destaca que a cultura chinesa os fascina. “A gente percebe que existe uma separação. O pessoal mais novo está totalmente integrado, estuda por conta própria – independente da orientação dos pais –tem vontade própria e procura uma profissão que interessa realmente a eles. Mas, quando estudam um pouco a história dos pais, dos avós, a gente sente que percebem o valor da cultura das gerações anteriores. Quando visitam a China, a gente sente que a emoção deles é grande, de ver as coisas que fazem parte da cultura dos pais e dos avós”, disse (In: PEREIRA, 2004).

Como havia assinalado HUTINGTON (1997: 211), o governo chinês vê a China continental como o Estado-núcleo de uma civilização chinesa na direção da qual todas as outras comunidades chinesas deveriam se orientar. Para o governo chinês, as pessoas de ascendência chinesa, mesmo que cidadãos de um outro país, são membros da comunidade chinesa e, portanto, estão em alguma medida sujeitas à autoridade do governo chinês. A identidade chinesa vem, assim, a ser definida em termos raciais. Os chineses da diáspora, ou seja, os *huaren* ou pessoas de origem chinesa, por diferenciação dos *zhongguoren* ou pessoas do Estado chinês, cada vez mais articulam a concepção da “China cultural” como uma manifestação de sua *gonshi* (percepção em comum). A identidade chinesa, sujeita a tantos ataques do Ocidente no século XX, está atualmente sendo reformulada. A noção de “Grande China” é presente, um unificador a todos de identidade chinesa: chineses continentais,

taiwaneses, sino-malaios, sino-indonésios, sino-tailandeses. Nestes casos, dominando as economias dos países de adoção (HUTINGTON, 1997: 211-212). No Brasil, ainda que se verifique um alto grau de assimilação e sentimento de pertencimento ao Brasil, a “Grande China” é ainda forte.

No Brasil os *huaren* tendem a se agrupar e a se associar de acordo com a província ou cidade natal, como observa William Woo: “As entidades chinesas temos a Associação Cultural Chinesa que é muito forte, representativa, que congrega todas as entidades chinesas, todas a elas são ligadas. Sempre que temos comemorações, várias entidades estão presentes. Cada província ou suas cidades acaba fazendo a sua associação. Porque na China também há os dialetos de sua região. Por exemplo, o pessoal de Beijin (*sic*), de Xangai que acabam fazendo as suas próprias associações. (...) Acho que o oriental também tem uma prática muito grande de ter várias associações” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 12- 13).

O cônsul chinês em São Paulo, Zhu Tingzhong, diz haver em São Paulo cerca de 20 associações regionais chinesas. Dentre elas, a Associação de Cantão, a Associação de Fujian, a Associação de Shandong e de outras demais regiões. Estas associações sempre reúnem pessoas nos dias de festas tradicionais chinesas, comemorando, cantando e dançando (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Há também na cidade as Casas de Macau, presentes também em várias partes do mundo (Califórnia, Vancouver, dentre outros lugares). Os macaenses também têm organizações como a Diáspora Macaense (macanesdiaspora.org), Mermória Macaense (memoriamacaense.org), algumas delas presentes em São Paulo e Rio de Janeiro.

Entre si os chineses não têm harmonia. A relação entre eles é complicada, de acordo com Antonio Phee. Ele próprio fala isso por ser uma pessoa extremamente desconfiada, por causa de traças sofridas por outros chineses. Entretanto, ele aponta, facilita muito se os chineses são da mesma região, falam o mesmo dialeto. Caso contrário, são como nações diferentes. Antonio cita um exemplo que ocorreu com ele. Uma vez negaram-lhe um emprego por ele não falar o mesmo dialeto que o dono do estabelecimento. E mesmo quem conseguiu o emprego posteriormente nunca recebeu um salário. Trabalhava em troca de comida, apenas (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 24-25). Em outras vezes, ocorre um pouco no Brasil o que ocorre nos Estados Unidos, como apontado por TAN (1999): “Aqui todos são da mesma vila mesmo que venham de diferentes partes da China” (TAN, 1999: 263). Ou seja, fecham-se os olhos para algumas diferenças para um melhor entendimento no Brasil (língua, culinária etc.).

O maior exemplo de relação não-harmônica verifica-se entre as entidades ligadas à República Popular da China (sediada em Beijing) e as ligadas à República da China

(estabelecida em Taiwan). Aqui, além da questão do narcisismo das pequenas diferenças, ocorre um problema político herdado da China na época da Guerra Fria. No nível da imprensa, existem dois jornais na colônia: o Jornal Americana (posicionado pró Taiwan), e o Jornal Chinês para a América do Sul (posicionado pró China socialista) (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i). Este jornal, conta James Lee Hoi On, foi fundado por ele em 1985 para unir a comunidade chinesa. O jornal fornece notícias sobre a República Popular da China, mas dedica uma página às notícias de Formosa, e um suplemento à província de Cantão. Em 1997 a tiragem do jornal era de 2.000 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 30-33). Segundo ele as entidades culturais chinesas não são muito unidas. Existem muitos conflitos internos da colônia. Algumas delas são em favor de Beijing, outras são em favor de Formosa. No evento de 30 de junho de 1997, quando da devolução de Hong Kong à China, foi visível a separação das entidades de acordo com o governo que apoiavam (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 23).





Figura 3.3.

Página anterior e atual: cenas da comemoração do Ano Novo Chinês no Bairro da Liberdade, São Paulo, em 2006, evento que contou com o apoio do Centro Hakka, Câmara Júnior de Comércio Brasil-China, Schincariol, dentre outras organizações e empresas. O evento teve uma resposta bastante positiva do público em São Paulo, tendo as ruas do bairro ficado cheias de gente participando, assistindo às performances no palco, comendo os pratos típicos nas barracas de comida e vendo a dança do dragão. Foto: Daniel Bicudo Veras, fevereiro de 2006.

Os chineses continentais têm as seguintes datas comemorativas. 1º de maio, o Dia do Trabalho; 1º de outubro (Dia da República Popular da China), o Dia Nacional; entre janeiro e fevereiro, o Ano novo Lunar, ou Ano Novo Chinês (na China é celebrado tanto quanto o Natal no Ocidente); 15 de agosto; 5 de maio, o Dia da Corrida do Barco Dragão, em que se homenageia o poeta patriota que se suicidou num lago, atirando doces à água (cônsul Zhu Tingzhong In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Segundo Shilon Wang, estas datas são também motivo de atrito entre República Popular da China e Taiwan, mesmo no Brasil. A representação de Taiwan realiza comemorações no dia 10 de outubro como o Dia Nacional, o que ofende ao Consulado Chinês em São Paulo. Este também não gosta quando a representação de Taiwan organiza festas de destaque, como a do Ano Novo Chinês no bairro da Liberdade em 2006. Na ocasião, os chineses continentais ficaram bravos com os taiwaneses por problemas políticos “entre os dois países”. “Chinês não quer Taiwan fica assim, né, bem vivendo no palco a exteriores. Fazer o festa, o palco...” Porque, segundo Shilon Wang, quem organizou a festa foi a Associação Câmara de Comércio Taiwan-Brasil, o Centro Hakka, a Câmara Júnior e outras entidades. “Então chinês ficou chateado, né, porque – é uma coisa – China não quer Taiwan aparecer... relações exteriores. E ela tá aparecendo, né, e isso vai ter um problema, né. Ele não gosta disso. Ele não quer

independência de Taiwan. Só que Taiwan é um país já quase independente. A gente tem passaporte próprio, a gente tem presidente próprio, né, a gente paga imposto para o governo, nosso governo, a gente construiu nosso país Taiwan, ilha mesmo, né. E China não tem construção, ele não deixou nada, entendeu? Então ele não tem esse virtude, coração de taiwanês – e como que ele conseguiu pegar de volta? Ele não tem como, porque a gente, taiwanês, o povo é que construiu nosso país. Como se fosse o caso de Israel (...) judeu não tem país, mas ele tá tentando construir o país deles, é a mesma coisa. E esse é problema antigo, né, veio com... Na verdade o China, antigamente tudo igual. Mas depois surgiu dois partidos fortes, né? Um da militar e outro da população. E a gente perdeu, fugiu para Taiwan, e tá pensando de voltar, né, (...) só que com o tempo tá difícil mais, né.”

James Lee Hoi On conta que a associação que preside, por exemplo, comemora o Dia da República Popular da China, no primeiro de outubro. É realizada uma festa, um jantar, todo ano em espaço cedido pela Associação Cultural Japonesa do Brasil, na Rua Barão de Iguape 381. Mas quem apóia a China Nacionalista comemora o dia 10 de outubro, que é o dia nacional de Taiwan, o dia de fundação da República da China. É celebrado por outro grupo de chineses, na Rua Conselheiro Furtado, próximo à Rua dos Estudantes, num certo “Centro Sócio Chinês”, de maior importância aos que apóiam Taiwan. O centro, entretanto, inicialmente foi construído e financiado por cantoneses, lembra James. Ele conta que ao decorrer do tempo foi havendo um afastamento contínuo (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 24-25). Por isso em meados de outubro sempre há um mal estar na colônia por conta disto, acrescenta o Padre Pedro.

Padre Pedro esclarece que a sua paróquia, a Missão Católica Chinesa da Rua Santa Justina não tem uma maioria taiwanesa ou chinesa continental. Aliás, a Igreja foi construída com a ajuda de pessoas de várias origens e religiões – chineses católicos (correspondiam a um terço da colônia), budistas, sem religião, protestantes (CASSIANO, 2001: 68). Eles precisam de serviços. Se há chineses que querem colaborar prestando serviços, são bem-vindos. Eles precisam de muita ajuda na busca por hospitais, escolas etc. A colônia em São Paulo “bem unida não é.” A Missão Católica procura prestar serviços a todos, sem distinção de origem. Mas a Igreja Presbiteriana, diz Padre Pedro, não. Eles claramente defendem a independência de Taiwan (*taidu*). Mas Padre Pedro diz atender a todos que o procuram, e usam os serviços da escola.

Ser chinês e ser taiwanês são coisas diferentes, diz a taiwanesa Sandra. Ela não sabe muito sobre “chineses” e sua cultura. Conhece chineses aqui, mas não os entende. Nunca foi à China (continental) e, portanto, prefere não comentar. Mesmo seus pais já são nascidos em

Taiwan. Mas para ela ser taiwanês é ser esforçado, previdente. Ela reconhece que chineses e taiwaneses têm o mesmo sangue, os mesmos antepassados, mas já estão separados há muito tempo, mais de 50 anos, não têm mais contato. As guerras impossibilitaram este contato. Na sua fala Shilon Wang também diferencia China de Taiwan, tratando-os como coisas distintas. “Hoje em dia no Brasil tem mais chinês do que taiwanês” – principalmente após a abertura chinesa. Os chineses vieram, sobretudo, para ganhar dinheiro. Ele ressalta que muitos taiwaneses têm negócios de importação e exportação. Cita a empresa Mônica Flautas como um exemplo. Conforme visto, segundo Shilon, os “chineses” (continentais) vieram como trabalhadores, menos qualificados. Para eles fazer uma pastelaria já seria suficiente. Para os taiwaneses não. Segundo o entrevistado estes vieram como empresários – “os *patrons*”. Por isso o perfil das migrações seria diferente.

A despeito dos problemas políticos que migram ao Brasil e de algumas visões enviesadas a respeito do Outro, há quem veja a convivência entre chineses continentais e chineses taiwaneses em São Paulo como boa. A entrevistada Yan Liang é uma dessas pessoas. Muitos de seus próprios amigos são formosinos. O que há, diz ela, é diferenças na língua, na escrita (continentais usam a escrita simplificada, e os de Taiwan, a complexa). Ela, entretanto, não vê hostilidades entre os grupos. Ela se diz uma pessoa não muito politizada, mas que entende que Taiwan é uma província chinesa, pertencente à China. “Mais cedo ou mais tarde retornará à China”. Ela dá um exemplo. Mesmo que um parente, irmão, por exemplo, esteja no exterior, não deixa de ser irmão porque está longe. Chineses continentais e chineses taiwaneses são “irmãos e irmãs”. Nas comemorações do Dia Nacional da China (01 de outubro), muitos taiwaneses são convidados, ela exemplifica. Nada impede de serem amigos. Mas ela não sabe se os taiwaneses, em geral, pensam da mesma forma. Como budista, Yan entende que a essência de todos os seres humanos é semelhante, não importando a nacionalidade. Ela volta a ressaltar que talvez os taiwaneses não concordem com ela, mas acredita ter já havido muitas mudanças na concepção dos taiwaneses, devido ao grande crescimento econômico chinês continental. Isso tem aumentado o intercâmbio entre as duas regiões. Taiwaneses visitam o continente e ficam surpresos com o nível de desenvolvimento, a grandiosidade, a beleza do lugar, enfim, surpresos ao encontrar coisas boas. Talvez tamanha surpresa resulte de uma baixa expectativa construída ao longo das décadas.

Mesmo Shilon Wang, que identifica problemas políticos na relação entre pessoas dos dois lados do estreito, encara a vida no Brasil como um fator muito positivo para a melhoria da convivência. Para ele, a convivência de todos os chineses, vivendo no Brasil, fez aliviar muito as tensões entre taiwaneses e continentais. Melhorou a situação em relação a Taiwan, Shilon diz. O Ocidente acaba por conhecer chineses com uma mentalidade diferente da do

chinês continental. Enquanto o nível federal faz mais acordos com a China continental, os estados e municípios fazem mais acordos com Taiwan. “Por que? Porque Taiwan tem maior avanço tecnologia (...) Hoje em dia todo mundo quer pegar China. Porque? Porque ele tem produtos baratos, mão de obra barata, só isso. Ele não tem nada de qualificado ainda. Mas mais pra frente consegue. Mas até agora não tem. E Taiwan um país pequeno, então a gente escolhe alguns focos só (...). A gente não tem tanto população, mão-de-obra caro, também. Só que o pessoal tem cabeça (...) A gente procura coisas mais avançadas, alta tecnologia (...) a gente ganha crédito mundial” Ele cita uma parceria na área agrícola, entre Brasil e Taiwan, em torno de máquinas que plantam, já em 1986. Shilon também cita uma variedade de arroz geneticamente modificada, que pode ser cultivada no deserto, desenvolvida em Taiwan como exemplo de avanço da ilha.

Assim, a migração veio acompanhada de problemas que tornaram a questão complexa. “O fechamento das fronteiras da China após o estabelecimento da República Popular da China em 1949 enfraqueceu seriamente os laços das redes dos migrantes com suas aldeias natais. A divisão de governo entre Beijing e Taiwan também criou grande confusão e incerteza entre os proponentes do nacionalismo diaspórico” – o que o fez declinar (McKEOWN, 1999: 329). Apesar de nascido na China, Lawrence Koo se considera brasileiro em primeiro lugar. “Tá certo que eu ainda conservo muita coisa da cultura, da minha família, né? Mas eu nunca (...) pensei me restabelecer de novo lá na China (...) Aliás, eu fiz minha vida aqui, gosto daqui, para mim é o meu país.” Chineses de Taiwan podem gozar de dupla cidadania, ao passo que chineses continentais têm que fazer a opção, já que não lhes é permitido ser chinês e mais outra coisa. Isso certamente influi no grau de assimilação, e na visão que têm de si próprios. Como visto anteriormente, fazer a opção se constitui num momento de agonia para os chineses continentais – mas devido à forte influência do Estado chinês, continuam sendo *huaren* (como visto em HUTINGTON, 1997). Reforça Chu Wan Tai: “Nacionalidade de acordo com o governo chinês é uma, nós somos sempre chineses. O fato de estar no Brasil com passaporte brasileiro não exclui creio eu a minha situação de ser um chinês. Quer dizer, se eu voltar na China apesar de eu não dominar a língua eles sabem que eu sou um chinês ultramarino. Eu acho a situação idêntica mais ou menos com relação aos judeus, quer dizer eles podem ter várias nacionalidades mas eles não deixaram jamais de serem judeus. Muitas vez apesar de não falarem a mesma língua né?, o Iídiche ou o Hebreu” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 7).

3.6. Os brasileiros aos olhos dos chineses

Conforme observado por SAID (2003), é difícil para o Ocidente parar de ver o Oriente com um filtro ocidental. Para muitos chineses, por sua vez, deixar de ter uma visão enviesada sobre o Ocidente ainda é um difícil exercício. Entretanto, os chineses fazem apontamentos interessantes sobre o mundo ocidental, mais especificamente o Brasil. Coloca Chu Wan Tai: “Bem, eu acho nós temos que ter uma visão histórica né? Segundo um historiador europeu, a China é o único país e a única civilização que pode questionar a maneira de pensar e a maneira de agir do Ocidente nos últimos 500 anos. Porque a civilização e a cultura chinesa é milenar e já achou resposta pra muitas coisas. Então a China vai ser um modelo a ser analisado do ponto de vista histórico, tá certo. Não devemos esquecer que durante muitos séculos a China não foi para... fora, para o Ocidente não porque ela não quis ir, porque chegou a conclusão que não havia nada no Ocidente além dos bárbaros” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 23). “As sementes plantadas há séculos na Europa, sementes levadas primeiro da Ásia e depois para o Novo Mundo, estão começando a florescer frutos nesta era – a maior que a humanidade já presenciou (...) Essas sementes, muitas delas vieram da China. A idéia de soberania do povo, e do dever que os governos têm de servi-lo, é tão velha quanto o próprio Confúcio” (BUCK, 1981: 12). Muitas vezes, ao ver o Ocidente com os próprios olhos, chineses se surpreendem e mudam concepções que tinham a seu respeito¹⁷.

Em conversas informais muitos chineses revelaram haver muitas diferenças entre Brasil e China, sobretudo na duração da história. Um país com 5.000 anos de história tem que ser muito diferente de um país de 500 anos. Além de ser um país muito mais novo, o Brasil passou mais da metade da sua história como colônia. Em conversa informal no Centro Hakka, no bairro da Liberdade, em janeiro de 2006, um senhor chinês afirmou: “Brasil não é Ocidente! Alemanha sim, é Ocidente! Bem diferente”. Como exemplo, ele relatou um episódio em que o Consulado da Áustria em São Paulo ofereceu palestras sobre Mozart – mas ninguém foi e as palestras foram canceladas. Detalhe: as palestras realizar-se-iam ao lado de um Conservatório. Tal história foi utilizada como justificativa para o não-enquadramento do Brasil no “Ocidente”.

A diferença de cultura chamou a atenção dos recém-chegados chineses. Inicialmente, ao chegar, Chow Chin Chien não estranhou o Brasil, as diferenças nos códigos, os valores

¹⁷ Como no caso de XINGHUA (2007), estudante chinesa que relata suas experiências na Universidade de Iowa, Estados Unidos. “Todos escutam os que a cultura chinesa é coletivista e a cultura americana é individualista: ironicamente as atividades de lazer dos estudantes americanos são muito mais ‘coletivistas’ [festas e bebida] que as da China [onde os estudantes se isolam com seus *videogames* e computadores]” (XINGHUA, 2007).

etc. Diz ele: “Tudo tem a sua razão, tudo tem a sua razão” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 31). Ele acredita que uma das grandes diferenças é o fato do Brasil nunca ter sofrido em guerras – ao menos não tanto quanto a China (*Idem ibidem*: 31). Mas ressalta que os costumes são muito diferentes. “é, principalmente essas novas gerações, os papais dá o máximo possível para os filhos. Você quer isso? Muito bem!, faz tudo pra dar isso, prestações, dois anos, não sei o quê, não tem problema compra!, porque nunca sofreu brasileiros. Realmente sofrer na guerra esse tipo de coisa, na _____ mesmo, nunca sofreu...(...) é, tem muita sorte. É por isso que é mais relaxado. Trabalhei 7 anos no Rio, gostei dos cariocas... (...) Mas também quando trabalhar, trabalhar mesmo, eles também...(...) Relaxado é uma maneira de enfrentar a vida, porque lá é assim mesmo, não precisa preocupar (risos).” (*Idem ibidem*: 32). Como muitas pessoas de sua geração, Chow não tem religião. Ele confirma que na China existam várias religiões, mas ele não gosta porque as considera por demais fechadas. Porque cada um diz que a sua própria religião é a melhor. Ele diz ter sido educado em escola cristã, mas a família sempre teve influências confucionistas e budistas. Quando perguntado se ele se reencontrou no Taoísmo, ele explica que Taoísmo não é religião, mas sim filosofia. Ele explica um pouco o I-ching, e as palavras de Lao-tsé (*Idem ibidem*: 27).

A mistura brasileira impressionou Gao Xingjian: “[Meus pais] era chineses. Na China, a raça é quase uniforme, não tem estrangeiro. Não, quase nada. Por isso, a raça chinesa é muito pura, não é como aqui, mãe italiana, pai inglês, americano, não é assim” (In: CASSIANO, 2001: 56). Ele comenta: “Logo depois de 1960, a imigração parou porque o visto de entrada para o Brasil ficou muito difícil. Depois 60 era um tempo difícil, então parou. Também na China, também a China estava fechada. A gente chamava Rússia como cortina de ferro, e China como cortina de bambu. Depois chinês veio de Taiwan ao Brasil” (*Idem ibidem*: 65).

A família do Sr. Huang-Di veio por medo do comunismo, em 1956. Como veio com oito anos de idade, lembra pouco da China “[Meu grupo de convivência era formado por] chineses, eh, mais chineses, brasileiros. Mas, na época da infância, mais chineses (...) A dificuldade foi a língua, [a principal dificuldade logo que cheguei aqui]. Falava um pouquinho inglês. Era mais chinês. Mas o que ajudou foi que eu acabei indo numa escola britânica, aí, conseqüentemente conversava mais em inglês, (...) a gente tinha aula de português como se fosse uma língua estrangeira. Então a gente aprendeu, pelo menos eu aprendi, aprendi o português como uma língua estrangeira numa escola inglesa. (...) O resto a gente aprendeu na rua, normal, na convivência, no dia-a-dia” (In: CASSIANO, 2001: 66-67). Padre Pedro comenta um movimento de isolamento da China entre os anos 1960 e 1970.

“Naquele tempo, da China continental, não tem ninguém. Ninguém podia sair, a China estava fechada. Ninguém entrava, ninguém saía!” (*Idem ibidem*: 67). Vir de um país mais fechado com certeza gerou um choque maior na chegada de muitos chineses.

Não dominar o português influenciou negativamente no contato inicial de muitos chineses com o Brasil. Quando chegou, Antonio Phee não falava o português, mas o fato de saber espanhol ajudou. O que também ajudou foi o caráter receptivo dos brasileiros daquela época. O que mais estranhou foi a instabilidade climática (“quatro estações num único dia”) e as pulgas (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997: 14). Uma coisa que o incomoda no brasileiro é a falta de pontualidade - fator, entretanto, que não impediu fazer amizades. Ele não se isolou na colônia, o que lhe possibilitou uma melhor assimilação no Brasil (*Idem ibidem*: 15). Seus filhos são, em sua visão, muito mais brasileiros que orientais. Ele já os levou para as Filipinas, mas eles não querem saber de nada referente à Ásia, China ou Filipinas “NADA, NADA, NADA, NADA (...) nada de Chinês, não quer nada de Filipino” - Antonio conta que isso se deve à história de um outro asiático que o quis prejudicar, e que por isso os filhos ficaram com má impressão e não quiseram ter nada associado a asiáticos (*Idem ibidem*: 22-23). Por não ter se isolado na colônia, teve uma melhor assimilação no Brasil.

Conta Chu Wan Tai: “É, eu acho que... a adaptação foi um pouco... difícil né?, porque a mentalidade chinesa e a mentalidade brasileira ou ocidental é completamente diferente. Eu dou um exemplo, o chinês foi treinado a nunca dizer a palavra não, porque *não* é considerado desonroso, falta de educação né? Então eu me lembro que eu apanhei muito por causa disso, porque as criança brasileira, meus colega chegava: me dá essa caneta!, eu não podia dizer não!, eu fui treinado e dizia sim naturalmente, e eles levavam minha caneta ou lápis e ia embora né? Eu acho que essa foi uma grande dificuldade. A segunda dificuldade como eu já tinha aprendido falar inglês, para uma criança sempre se relaciona o masculino, feminino com sexo, então eu nunca entendi onde estava o sexo da mesa né? então eu cometia muitos erros chamado minha... meu mesa e a classe inteira morria de gargalhada, em vez de ser minha mesa ou meu lápis ao invés da minha lápis (...) Eu acho que outra... grande diferença que eu senti é que nós como imigrantes, sempre viveu muito com penúrias. Quer dizer chinês quase não joga nada fora, tudo é muito difícil, sabe, não se sabe o dia de amanhã. Há sempre esse perigo de que pode faltar alguma coisa e naturalmente os meus companheiros eram pessoas um pouco mais felizes não é?, havia mais abundância. Quer dizer, sempre tinha dinheiro pra comprar um pirulito, um sorvete e a gente não tinha nem dinheiro pra pegar as vezes o ônibus né?, tinha que ir em casa a pé (...) E no mais eu acho que... não tive tanta dificuldade como outras pessoas porque eu comecei no primeiro ano primário. Então eu já era super dotado, já que eu tinha feito dois ou três anos de escola básica. E outra que eu... quer

dizer, na matemática eu ia muito bem, eu mal em português, história, geografia né? E... eu também achava muito curioso como os meus colegas na ocasião estudavam pouco, porque eu venho de uma tradição que havia o castigo corporal. Quer dizer eu tinha que me esmerar pra ter boas notas, e eu sempre achei muito curioso no Brasil tomar pau!, para uma criança parecia um sinônimo de machismo (*sic*). Tomei pau olha, fui repetente, a professora me chamou a atenção não é?, então isso me... me perturbou um pouco, mas como eu comecei desde criança a freqüentar a colônia brasileira, então isso foi adaptação fácil, tão fácil que depois eu também tomei pau. (risos) Adaptei-me tão bem que... comecei cabular aula né?, ir pra cinema, essas coisas de... criança.” Para Chu o chinês não é muito flexível. Sua geração ainda sofreu com o costume dos casamentos arranjados (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 17-18) – começar a cabular aulas e a desviar-se do caminho usual passa a ser visto como “tornar-se mais brasileiro”.

A entrevistada Yan Liang é chinesa, claro, mas por estar aqui há mais de 15 anos já não se pode dizer que seja totalmente chinesa, ela observa. Ela se vê como misturada. De certa forma, seu modo de pensar mudou. E ela exemplifica as diferenças entre os dois países através de uma história que sempre conta aos seus alunos do curso de chinês. Para ela é muito importante estudar a cultura, além da língua. A história é de duas senhoras que morrem e se encontram no Paraíso. Uma é chinesa e a outra é brasileira. A brasileira diz: “Graças a Deus que agora fecho meus olhos. Não mais preciso me preocupar com pagamentos e prestações. Eu paguei uma só e já chega. Que bom!” E a chinesa diz: “Graças a Deus! Eu finalmente paguei tudo do meu apartamento” – porque normalmente o chinês paga à vista, diz Yan. Ela comprou um apartamento também para filha, e agora está tranqüila. Ela sofreu muito em vida, mas agora ela deu conta de tudo, já, e pode fechar seus olhos em paz, já. “*Did you get the idea?*”

Com esta história Yan quer dizer que uma característica muito forte do chinês é a de se preocupar muito com as gerações anteriores e futuras, ilustrada por esta história. E com as obrigações que advêm destas relações. O chinês vive de uma maneira dura, ela coloca. Você pode até viver sua vida bem, mas então começa a se preocupar com os descendentes. É diferente do brasileiro, que segundo ela demora muito a se preocupar com o passo seguinte, a etapa seguinte, após uma conquista. De maneira resumida, enquanto o brasileiro vive para o momento, o chinês vive para o futuro. É uma temporalidade diferente. Outra diferença que chama a sua atenção é o fato do brasileiro estar sempre alegre, não importando se tem motivo ou não. Mesmo quem não tem muito dinheiro é feliz, diz ela, o que não ocorreria na China. O chinês vive para trabalhar (muito), diz Yan. Ele está acostumado a este ritmo devido às

dificuldades da vida na China. Por isso o trabalho para ele não é um sofrimento, é algo natural.

Novamente o Brasil aparece como “terra sem discriminação” – desta vez na fala do Padre Pedro. “Tem distinção, mas obviamente o chinês (...) se dá bem. Não tem aquela característica discriminador. Chinês não sentimos discriminação. Alguma coisa, assim... Não tem a grande discriminação” – diz o Padre Pedro, assim como outros chineses ouvidos. Apesar disso, ele não se considera um brasileiro. “Nacionalidade é brasileira, mas não sinto é brasileiro.” Ele conhece os brasileiros pelo contato na Igreja. “São bonzinhos... bonzinhos... brasileiros se dão bom com chineses...” Ele já trabalhou em Mairinque, Alto do Ipiranga, Alumínio, por anos, e nunca sentiu discriminação. Pelo contrario, via que até gostavam do seu trabalho. O único problema é que, para ele, o brasileiro devia trabalhar mais. Mas em todo lugar que trabalhou, deixava saudade quando saía. Para ele, o que é mais característico do chinês do Brasil é que a maioria não fala bem português. Falam mandarim, cantonês, dialetos etc. É uma grande dificuldade falar português. A juventude, sim, esta fala de tudo, fala bem o português. Para o chinês a comunicação é suficiente quando já dá para se fazer negócios. Aparentemente, por não falarem a língua os chineses não conseguem fazer amizades com os brasileiros. “Não! Os brasileiros gostam os chineses (risos).” Os brasileiros gostam muito de ajudar, diz Padre Pedro. Os dois se dão bem mutuamente. Não tem problema se não falar bem o português.

Aqui, chegar e se relacionar com descendentes de várias etnias não é difícil. Na verdade não existem grandes diferenças, diz Yan Liang. Relacionar-se é fácil, especialmente falando uma língua comum. Uma coisa que chamou a sua atenção quando chegou ao Brasil foi, ao pegar um ônibus, ver sentadas nos bancos pessoas de cores de cabelo tão diferentes. Na China, por exemplo, viam-se apenas cabelos pretos (pelo menos na época em que ela vivia lá). No começo ela sentia esta diferença, como estrangeira. Agora, entretanto, não consegue ver mais. Quanto mais pessoas ela conhece, menos estrangeira se sente. É como se a própria cidade diminuísse também.

Lawrence Phi vê o Brasil ainda como um lugar que precisa se transformar muito. A seu ver, até 1990 era um monopólio para produtores privilegiados, e não um capitalismo. Porém hoje a população mais pobre sofre as consequências brutais deste capitalismo. Identificando-se com uma tendência de esquerda, empenhou-se na eleição de quadros do PT em décadas anteriores (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003).

Nos últimos 50 anos em que ele e sua família passaram aqui, Lawrence Koo viu a construção de um país, diferentemente da China, que está sendo re-construída. O Brasil está

num processo de construção, diz ele. “O Brasil ainda tem que estabelecer suas raízes mais claramente. O fato de eu... ter nascido chinês... me permite ver os dois lados. Então o fato de o Brasil ser um país com várias etnias diferentes, e com uma história relativamente curta... se temos 500 anos de história, eu vivi 10% dessa história. Os últimos 10 talvez sejam os mais significativos (...) Então me permite ter uma visão bastante objetiva, não tanto subjetiva, do país... Eu acho que o país tá evoluindo, eu acho que o país vai levar mais três, quatro gerações para ser um país realmente (...) um país com sua identidade, com suas regras muito bem definidas. Eu acho que tudo que tá acontecendo ultimamente faz parte do Brasil... do mensalão... é um processo que pode não dar em nada, mas faz parte do processo. E isso são coisas que estabelecem mais claramente valores de um país, que estabelece mais claramente sua cultura e sua tradição... E a gente tá ajudando isso... a gente tá participando. Então ser brasileiro autêntico... é aquela pessoa que não se aliena desse processo e participa desse processo.” Quem não participa é mero espectador, não um “brasileiro autêntico”. Tem gente, diz ele, cujos pais e avós nasceram aqui, mas que continuam espectadores. “Eu acho que brasileiro autêntico é aquele que está participando desse projeto-Brasil de construção da marca-Brasil... entendo que estou participando. Nesse sentido, me considero um brasileiro.” Ele já está com quase 60 anos de idade e continua participando, isto faz parte de seu projeto de vida. Ele prossegue: “Não quero filosofar aqui, né, mas... (...) se nós tivéssemos emigrado para os Estados Unidos, há 40 anos (...) quase 50 anos atrás (...), se a gente pensar, nos Estados Unidos a gente talvez teria construído um patrimônio, né, talvez a gente tivesse financeiramente melhor, ou pior, não sei, né, mas a gente estaria num país, vamos chamar assim, do primeiro mundo, né – mas isso tudo é especulativo, né? Mas acho que a gente está relativamente bem dentro da sociedade brasileira. Temos reclamação? Necessariamente ninguém vai achar tudo perfeito, né? Eu acho que nos Estados Unidos a gente teria entrado um país que, usar uma expressão chinesa, já estava no trilho há muito tempo... O Brasil é um país que *ainda* está entrando no trilho... Tem vantagens e desvantagens. Vantagem: você ajuda a colocar a locomotiva e os vagões no trilho, eu faço parte deste projeto. Lá simplesmente você estaria montado em cima do... vagão e indo embora, né? Então eu acho que nós aqui estamos ajudando a construir, de certa forma, esse país. Esse é o desafio. A gente tem o ônus da construção, a gente também tem a recompensa de estar construindo (...) A contribuição é ínfima mas nós fazemos parte desse projeto... (...) um projeto de estabilização política, econômica, social, né? E desde que nós chegamos até agora, diria, que o Brasil mudou muito nos últimos 50 anos.” Principalmente considerando que estavam em pleno governo de Juscelino Kubitschek. “De lá para cá houve mudanças, né, e nós participamos delas.”

Antes de vir, Shilon Wang e sua família nada sabiam sobre o Brasil. Só que se tratava de um país pobre. Muito pobre. “Quando chegou aqui, tuda diferença, né. Brasil tem tudo, também. Não é tão pobre assim (risos).” Como razão do desconhecimento, Shilon aponta a grande distância entre Brasil e Taiwan. Além disso, a ausência de ligação entre os dois lugares. Agora, entretanto, tem mais. “Pessoal conhece mais a Argentina do que Brasil” – porque segundo ele a Argentina tem irmandade com Taiwan. Ele confirma que o Paraguai tem maiores relações com Taiwan. Mais taiwaneses vieram assim que o Brasil foi incluído entre os “quatro tijolos” – referência aos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) – economias promissoras do século XXI. O Brasil, para Shilon, é um país com grande capacidade. Inclusive, seu povo tem capacidade de trabalho como poucos. Por exemplo, o Japão contrata os brasileiros que são descendentes de japoneses porque trabalham melhor do que os próprios japoneses, diz ele. O Brasil tem todas estas capacidades, mas a seu ver, está ainda muito devagar. O Brasil ainda é para os chineses apenas um ponto de passagem. Shilon fala das histórias que conhece: “Taiwanês sempre veio aqui ganhar dinheiro e vai para Estados Unidos. Aqui como fosse um ponto de transferência.” Diz sempre ter sido assim.

Shilon ressalta algumas características do brasileiro:

Shilon Wang - “Brasileiro sempre é feliz, né, alegre, quente. Brasil tem um pouquinho de defeito. Defeito... todo mundo tem (risos). Brasileiro ele não tem aquele muito... lealdade. Brasil tem pouca disso, de lealdade. Ele pode ser hoje em dia muito bom seu amigo, só que outro dia ele pode virar a cabeça. Os chineses não fazem isso. Lealdade é uma coisa que não pode perder, e Brasil tem pouco disso”

O pesquisador – “Mas você não falou, por exemplo, que nos orientais é comum passar a perna um no outro? Qual a diferença desta falta de lealdade para outra?”

Shilon Wang – “Sim... Porque você tá um grupo de taiwanês ou chinês, você tá um grupo. Você conhece todo mundo... tudo conhecido, mas não quer dizer amigo. É diferente. E quando o chinês classifica como você amigo, já é outra coisa. Onde tem dinheiro ele vai te avisar, como que vai fazer, ele vai te avisar, todo mundo tem uma parceria, entre amigos (...) Mas brasileiro aceita tudo muito, né, fala “tudo bem”... chega a hora e vira a cabeça (risos).” Ele dá sua visão geral sobre o Brasil: “O Brasil é bom, o único problema é político. Até brasileiro sabe (risos). Pra gente são estrangeiros, a gente acha estranho, né, porque um país, ninguém quer cuidar ele. Tudo fica largado, meio estranho, né... Pra todos estrangeiros. Porque os estrangeiros que vê outros países, o país sempre fica encaminhando, tem comando. O Brasil tá meio vazio, devagar”. Shilon não pode votar aqui, e se pudesse, confessa não saber em quem votaria. Ele diz se sentir mais brasileiro e pretender fazer sua vida aqui. Diz já estar acostumado.

Chow Chin Chien revela ter aprendido o português bebendo cachaça com os mecânicos da oficina. Ele diz ter uma visão diferenciada de certos assuntos, uma visão não enviesada por nacionalismos. Esta visão é decorrente do fato dele ter vivido no Japão por quatro anos e ter servido na força aérea com educação de estudantes de aviação. “Porque eu sei que os japoneses, chineses a mesma coisa, é tudo é... são seres humano, tudo tem mesmo tipo de sentimento. O que que está causando tudo isso? São os governos, políticas. Chega no Brasil também acha... muita magoa todos os brasileiros, seja de classe de baixo ou de cima, quando você tem comunicação você começar conhecer pessoa...” Como dito, ele acredita que uma das grandes diferenças é o fato de o Brasil nunca ter sofrido em guerras tanto quanto a China. Na sua opinião, se quiser progredir, o país tem que ter disciplina (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 31). Por ter filhos altamente graduados em universidades de destaque no Brasil, considera o sistema educacional do país bom – não admitindo que se fale mal dele. Já para Sandra os brasileiros são gentis e divertidos, de maneira geral. Os chineses, por sua vez, são bem reservados. Os seus filhos, embora taiwaneses como ela, por estarem no Brasil desde muito jovens, são brasileiros em todas estas características. Assim como ela e o marido, os filhos têm amigos de várias origens e nacionalidades.

Ho Ning Yet, ou André, conclui: “Eu pensar Brasil é uma coisa... grande país, é muito bom pra mim (...) Se agora volta pra China, é quase não dá pra viver mais (...) Eu agora fica 99% de brasileiro.” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i: 45). A família de André diz não entender nada de carnaval e futebol, mas assistem bastante a novelas. Começam na das seis e vão até a das nove. De vez em quando saem, ou quando um raio cai e atinge a antena, não assistem. Já no Brasil adotaram a religião católica e seu filho Marco gosta de futebol. Este diz considerar sua cabeça como ocidental, já que mora aqui desde os seis anos. Fala chinês, mas coloca: “minha linguagem é uma linguagem de uma criança de seis anos né?, porque foi esse período que eu aprendi o chinês né?, quer dizer eu não desenvolvi um chinês de adulto, eu vim pra o Brasil tinha seis anos de idade, depois eu nunca mais falei, então todo o meu linguajar é um linguajar... linguagem de criança” (*Idem ibidem*: 44).

O Brasil aparece como terra da paz e da esperança. Onde se pode ficar livre das tensões políticas da terra de origem. Como já visto no capítulo anterior, Feng e Yen Hsueh, pais do aluno de medicina Edison Hsueh, morto em 1999 num trote violento na USP, haviam escolhido o Brasil por considerá-lo "a terra da paz". Vieram como imigrantes. Engenheiro civil, Feng ajudou a construir hidrelétricas aqui. Nas horas de folga, costumava levar o caçula Edison para passear na USP. “Achava-a tão linda, tinha tanto respeito.” Quando o filho passou em medicina, não enxergava apenas a aprovação. Via a conquista completa da pátria

eleita: “Meu filho era paulistano”. Agora o que Feng e sua esposa esperam do Brasil é que se faça justiça e que a USP se pronuncie sobre o assunto. Para que depois possam voltar a Taiwan. “Devotos da doutrina de Buda, os pais de Edison acreditam que a alma do filho seguirá presa a este mundo enquanto não se fizer justiça” (BRUM, 2001). Ele lamenta haver tantas diferenças entre as culturas chinesa e brasileira. “Feng atormenta-se por ter desvendado tarde demais a alma da pátria que adotou. ‘Criei um tigre dentro de casa. Não sabia caçar. Se eu tivesse ensinado um pouco de malandragem, ele teria sobrevivido’, flagela-se. ‘Criei o Edison para respeitar o coração dos outros. Queria ensinar o jeitinho, mas como ensinar o que não sei?’” (*Idem ibidem*). Teria sido a incompreensão entre as culturas a responsável pela tragédia? Mesmo sendo brasileiro, Edison é visto como estranho à cultura brasileira.

A China, por sua vez, não é uma entidade estática e livre de influências externas. Muitos chineses enxergam que, com a abertura econômica, ela estaria “ocidentalizada”. Ao mesmo tempo, a presença chinesa está modificando os valores daqui. Conforme visto, também observado por LEITE (1999), a presença chinesa vem modificando a cultura brasileira há séculos. Segundo Shilon Wang, para ser chinês “precisa cabeça”. “Porque China sempre fica amarrando, então busca uma livre. Uma liberdade Só que quando você procura uma liberdade, você perdeu o seu próprio coração (...) Porque você nunca liberou. Como você vai saber depois da vida de liberado? É diferente. Brasileiro faz mais livre aí. Pessoa perdeu muito... não sei, nem sei... perdeu o gosto da vida, também. Perdeu tudo. Não valorizar a sua vida...” Joseph Chung Chien Liao tem um sentimento de gratidão para com o Brasil: “Eu acho que nós está... querendo alguma coisa pra... Brasil, quem aceita muito... aceita nós como imigrante, né?” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 41). Em retribuição à acolhida, planejava ensinar tai chi chuan de graça para quem quisesse aprender na rua.

Diz William Woo: “O Brasil é um país, eu acho que atípico, porque aqui, realmente, a globalização, pelo menos humana, é o que dá mais certo. Um bairro típico que eu falo é o bairro do Bom Retiro. Lá encontram-se árabes, judeus, bolivianos, italianos, coreanos, chineses, japoneses, brasileiros e o povo nordestino, que é muito forte no centro da cidade (...) É, lá a gente vê uma convivência muito boa. Então hoje no Brasil a gente vê uma facilidade muito grande. Um exemplo que eu dou: acabamos de passar por uma Copa do Mundo, e pela primeira vez na história da copa, a copa é realizada em dois países, há cooperação de dois países Japão e Coréia. Nessa copa do mundo, vários eventos de divulgação da copa foram feitos pré-copa do mundo. Somente no Brasil, em todo o mundo houve um evento que teve o apoio dos dois governos e a participação junta em um evento só. Porque a divulgação em outros países foi feita paralelamente. O governo coreano fazia um evento e o governo japonês fazia outro. No Brasil eles fizeram juntos. Isso se vê como é fácil

aqui a gente ter uma ligação nesse país. Por isso, acho que foi sorte minha meu pai ter emigrado para o Brasil que nunca senti nenhum tipo de preconceito ou rejeição e tenho muito orgulho de ser brasileiro.” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 11). Ele concorda que povos que em outras partes do mundo estão em conflito se entendem bem no Brasil. “Aqui no Brasil... um exemplo muito claro é a 25 de Março, onde tem uma presença forte da comunidade judaica e comunidade árabe. O Oriente Médio pode estar estourando, mas aqui no Brasil a gente toma o café todos juntos, no barzinho da esquina sem problemas. Realmente, miscigenação aqui é muito grande” (*Idem ibidem*: 12). O Brasil é visto como terra da amizade, e à medida que se aproxima da China espera-se que se cumpra a previsão do Primeiro Ministro chinês Zhou Enlai de que o Oceano Pacífico um dia se torne uma ponte de amizade a unir chineses e latino-americanos (CABRAL FILHO, 2002: 26).

Para Lawrence Koo, em primeiro lugar, para ser um brasileiro tem que gostar de futebol. Brincadeiras à parte, ele considera difícil responder à pergunta “O que é ser brasileiro?” “O fato de você ter estudado aqui no Brasil desde o início, conhecido sua história, respeitar sua história, entender a sua cultura... Eu acho que ser brasileiro é, antes de mais nada, é entender que esse país é um país que tem suas raízes multiétnicas... em fase de consolidação... Eu ainda acredito que o Brasil é um país em busca de uma identidade.” Nos últimos 50 anos em que ele e sua família passaram aqui, ele viu a construção de um país, diferentemente da China, que, como já dito, está sendo re-construída. O Brasil está num processo de construção, diz ele. “O Brasil ainda tem que estabelecer suas raízes mais claramente. O fato de eu... ter nascido chinês... me permite ver os dois lados. Então o fato de o Brasil ser um país com várias etnias diferentes, e com uma história relativamente curta...”. assim como Shilon Wang, ele ainda tem dificuldade em encontrar uma cultura própria do brasileiro.

Liu Chih Ming, como acupunturista, percebe que o brasileiro tem dificuldade em incorporar o tratamento oriental. Volta sua vida ao material, não valorizando o espiritual, a filosofia dos cinco elementos – até que sua saúde esteja comprometida. Aí sim procuram ajuda quanto a isso. Mesmo assim, a maior parte dos pacientes de Liu é brasileira, não oriental (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002a). De maneira geral, o brasileiro é visto como povo pacífico, amistoso, cordial, amigável. Entretanto, quando (mesmo em si) são percebidas algumas características negativas (preguiça para o trabalho, cabular aulas, etc.) – estas são lidas como “coisa de brasileiro” ou eles estariam “se abrasileirando”.

Sobre a imagem do imigrante chinês no Brasil, Chu Wan Tai identifica uma recente mudança: “... filhos de imigrantes e netos de imigrantes voltar a aprender essa língua, porque há um efeito econômico e há também um pouco do orgulho. Porque dez anos atrás... (...) ... se

“você falar: você é chinês!, o cara fala ah! então você é pasteleiro né?. Tá certo! Quer dizer, eu... da minha geração lutamos contra muito isso. Nós que fomos nas escolas prestigiosas né?, que trabalhamos em empresas multinacionais, tivemos que lutar contra esse estigma, como outros povos também lutaram” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 20). Racismo e exclusão: a sensação de que “não tem preconceito” não é compartilhada por todos. McKEOWN (1999: 307) tem denunciado a idéia do imigrante chinês como construção orientalista, para usar o termo de SAID (2003).

3.7. Marcas da presença chinesa em São Paulo



Figura 3.4. O taiwanês Lin exerce seu ofício (reparo de relógios) com muito bom humor na Rua Augusta, em São Paulo. Vindo ao Brasil nos anos 1970, ele logo se integrou no novo país, tendo de início se empenhado a estudar português – e conseguido com isso vários amigos brasileiros. Tem destaque na comunidade, cantando em eventos, como o Dia Nacional da China (01 de outubro). Ele se diz “chinês anarquista” – uma rara combinação. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.

VERAS (1999-2001) e CASSIANO (2001) realizaram pesquisas conjuntas sobre os movimentos imigratórios (estrangeiros) mais expressivos de 1880 a 1980 para a Região Metropolitana de São Paulo. Para as autoras, pesquisar o fenômeno migratório implica em observar não somente o deslocamento de pessoas num espaço que é físico, mas num espaço que é social, política e economicamente qualificado. O espaço dos deslocamentos no processo de imigração também é cultural. Por isso o conhecimento da língua e da religião, como realizações culturais, é de suma importância para a apreensão desse processo em sua totalidade, pois a primeira é suporte de representações sociais, políticas e culturais de um povo, tanto no âmbito individual como coletivo; e a segunda, um dos principais eixos de sociabilidade (CASSIANO, 2001: 3). Como visto, há ausência de territórios exclusivos, mas identificam-se suas marcas significativas, arquitetura, tipo de habitação, participação na estrutura produtiva, formas de lazer, hábitos religiosos, tipo de contato com país de origem, com conterrâneos, relacionamento com vizinhança, redes de sociabilidade, percepção do

imigrante a respeito de suas condições de vida na metrópole, no bairro – enfim, manifestações culturais.

Mesmo após o estabelecimento das relações entre o Brasil e a China na década de 1970, a cidade de São Paulo não contava com um consulado chinês. Sem uma representação oficial que cuidasse dos seus interesses – pois o tal consulado só seria criado em São Paulo em 1985 –, os imigrantes aqui radicados criaram a Associação Cultural Chinesa do Brasil em 1980 (FREITAS, 2001: 118). “Com aqueles homens do outro lado do mundo, desembarcou no Brasil uma cultura milenar que indiscutivelmente contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento das medicinas alternativas, com as técnicas de utilização das ervas, da massagem e da acupuntura. Com eles chegaram as artes marciais através da popularização do Kung Fu e do Tai Chi Chuan. Na cidade de São Paulo encontramos alguns verdadeiros mestres e centenas de academias e associações dessas modalidades” (*Idem ibidem*: 123-124). Trouxeram consigo antigos conhecimentos humanos. Com eles vieram novas influências no pensamento, na poesia e nas artes. Chegavam técnicas da pintura e da arte da caligrafia chinesa. A relatada história do famoso pintor chinês Chang Dai-Chien, que chegou a Mogi das Cruzes no final de 1953, ali permanecendo por mais de 20 anos, é pouco conhecida pelos brasileiros (*Idem ibidem*: 124). Lawrence Koo comenta tê-lo conhecido e ter uma de suas obras.

Além da vinda de importantes artes e saberes chineses ao Brasil, comporta menção a vinda de empresas de capital chinês para o Brasil após a II Guerra Mundial. “Nesse período, fugindo do comunismo, muitos empresários chineses transportaram suas empresas e seus técnicos para o Brasil. A chegada dessa primeira leva de capital chinês, foi sucedida nas décadas de sessenta e setenta por investimentos vindos de Taiwan, Hong Kong e outras regiões do Sudeste Asiático, como Indonésia. A abertura econômica da China Continental, nos anos oitenta, marcou a imigração de mais investidores rumo ao Brasil” (CASSIANO, 2001: 45). Consta que quatro dos 300 maiores grupos privados do Brasil são controlados por chineses que vieram após a II Guerra.

Liu Chih Ming acredita haver cerca de 500 profissionais exercendo a medicina chinesa em São Paulo (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002a: 17). Seu pai, Liu Pai Lin, com sua popularidade na cidade, procurou representar a harmonia dos dois lados de cultura ocidental e oriental (*Idem ibidem*: 6). Wong Sun Keung, como professor de tai chi chuan, percebe que a arte só cresce no Brasil, tendo sobrevivido ao modismo dos anos de 1970 e 80. Por ter dado aulas por muitos anos a ocidentais e orientais, não percebe que haja culturas e objetivos diferentes no aprendizado: “Não, todo mundo é igual” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g: 13). Na saúde, os chineses contribuíram introduzindo novas técnicas

que o Brasil não conhecia: “eu acredito que, até podemos dizer que, de alguma forma, introduziu uma pequena... gota de cultura oriental no Brasil, que hoje você vê em muitos lugares, né, que a... que existe clínicas de acupuntura etc. né?” – diz Lawrence Phi ao MUSEU DA IMIGRAÇÃO (2003: 21). Calcula-se que 4 milhões de brasileiros recorram a alguma forma de terapia alternativa. A Associação Brasileira de Medicina Complementar diz haver cerca de 50.000 terapeutas alternativos em atividade em todo o país. Entre as terapias alternativas, a acupuntura e a homeopatia são as únicas modalidades consideradas especialidades médicas pelo Conselho Federal de Medicina. As terapias chinesas têm cumprido importante papel no combate ao *stress* e no reestabelecimento do equilíbrio perdido na vida moderna (FREITAS, 2004: 109).

A prefeitura de São Paulo organiza homenagens a membros de destaque da comunidade chinesa, como o Mestre Chan – que já ensinou kung fu a mais de 50 mil pessoas –, ou a Chan Xian Kai, do Instituto Buda Light, que fez trabalhos sociais. O empresário Chang, da empresa Brasfanta, também contribuiu com o governo de São Paulo, como destaca William Woo (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002). Na política, brasileiros de origem chinesa já tem destaque, como no caso dos vereadores William Woo do PSDB (*Idem ibidem*) e Roger Linn do PPS (CASSIANO, 2001: 49). No catolicismo, além do Padre Pedro em São Paulo, na Amazônia há um bispo chinês, o Dom Song, conforme relatado pela CNBB (2007).

São muitos os intelectuais chineses e descendentes radicados temporária e permanentemente na cidade de São Paulo. Isso inclui estudiosos, eruditos, e profissionais especializados, como engenheiros, cientistas, médicos, economistas e professores de escolas em nível superior. A Universidade de São Paulo é um reduto de intelectuais chineses. Atuam nas mais diversas áreas – ciências humanas, médicas e tecnológicas. O primeiro curso de língua chinesa do Brasil e da América Latina foi organizado pelo Prof. Dr. Sun Chia Ching, pintor e historiador da arte. O Prof. Dr. Alexander Chung Yuan YANG (1974)¹⁸, por seu turno, encarrega-se da direção desse curso, organização de congressos nacionais e internacionais, bem como, da edição da revista *China em Estudo*, das poucas publicadas no Brasil sobre sinologia, e quiçá a única (CASSIANO, 2001: 47). O Prof. David Jye Yuan SHYU (2000) leciona chinês no Departamento de Letras Orientais da USP e no Centro Social Chinês. Neste mesmo departamento, o brasileiro Mário Sproviero estuda a tradição e a religião chinesas.

¹⁸ Na USP, o professor Alexander Chung Yuan Yang ensina História e Literatura chinesas. É pai de dois filhos chineses e três brasileiros. Ao chegar a São Paulo, decidiu plantar cogumelos, trabalhou duro dois anos para isso. Porém, sem compradores e sem falar português, quase faliu. "Só não voltei à China por orgulho" (REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1986).

É significativa a presença chinesa na academia brasileira. No meio universitário eles contribuem no ensino e pesquisa. Fundada em 1986, a Associação Chinesa de Acadêmicos e Profissionais do Brasil, presidida pelo Professor Dr. Tsen Chung-Kang e o engenheiro Chang Shin Min, congrega cerca de 35 doutores, 4 doutorandos, 12 mestres e 6 bacharéis. Muitos deles obtiveram seus títulos de doutorado em universidades dos Estados Unidos (Stanford, Harvard, Cornell, Austin, Missouri, Arkansas e Massachussetts) e Grã-Bretanha (Cambridge, Lancaster e Reading) (FREITAS, 2004: 110). Hoje estes professores integram o quadro docente de universidades como a USP, UNICAMP, UNESP, Universidade Federal de Minas Gerais, Paraná, São Carlos e Santa Catarina. Além disso, estão presentes em importantes centros de investigação do país, como o Instituto Nacional de Investigações Espaciais (INPE), o Centro Técnico Aeroespacial (CTA) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), parte deste último. Os 61 chineses que participam na Associação atuam em cerca de 20 áreas de diferentes, sendo as de maior concentração as de Engenharia (17), Ciência da Computação (7), Pesquisas Aero-espaciais (4), Economia (2), Biologia (3), Geologia (2), Matemática (2) e Administração (2) (FREITAS, 2004: 110-111).

Já CASSIANO (2001: 48) destaca a marcante atuação dos seguintes profissionais: Prof. Dr. Abraham Yu, da Faculdade de Economia e Administração; Prof. Dr. William Tse Horng Liu, do Departamento de Ciências Atmosféricas, do Instituto Astronômico e Geofísico, que trabalha com aplicações dos dados AVHRR do satélite NOAA tipo orbitapolar, para quantificar e monitorar os parâmetros de superfície terrestre; Prof. Dr. Chiu Ping Wang, famoso cardiologista do Brasil, professor da Faculdade de Medicina da USP, entre outros. Além daqueles que se dedicaram integralmente ao ensino, à pesquisa e às atividades comerciais, há os que estiveram em São Paulo temporariamente, como Lin Yu Tang, filósofo moderno; Dom Nanqing, único cardeal chinês; Bispo Yu Ping, maior responsável pela consolidação da comunidade católica chinesa de São Paulo, que visitou a cidade em 1961; Wu Chuen Sem, grande pintor chinês que visitou o Brasil no ano de 1984; e, Dr. Yang Chen Ling, ganhador de um Prêmio Nobel de Física, esteve em São Paulo no ano de 1960. Estes são alguns dos vários chineses e seus descendentes que vêm contribuindo para o desenvolvimento brasileiro nas mais diversas áreas do conhecimento, contrariando a crença comum de que chineses só atuam no comércio.



Figura 3.5. Imagens de *van* de chineses vendendo *yakissoba* em frente à PUC-São Paulo, na Rua Ministro Godoy. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.

William Woo de certa forma tornou-se porta-voz da comunidade. “Sim. Com grande alegria a comunidade....., eu fico muito feliz que quando eles têm algum problema ou precisam de algum apoio sempre têm nos procurado, têm nos convidado para eventos. Isso é muito gratificante e é o nosso trabalho” (In: MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 7). Para ele a contribuição chinesa para a cidade de São Paulo é muito grande. “A influência deles, especificamente a São Paulo, eu acho que também é na cultura. A influência chinesa na cultura é mundial. É uma história milenar. Diferente do Brasil que estamos em 500 anos de história. Nosso país é muito novo. Os chineses, principalmente, trouxeram para o Brasil, uma mão-de-obra no começo que era o cultivo de chá e depois vieram várias pessoas que atuaram na área de comércio, lanchonete, restaurante, modalidades diferentes. Há anos atrás, tinha vários chineses que atuavam no ramo de pastelaria. Hoje temos chineses com grandes empresas que geram grandes negócios aqui no Brasil. Empresas de absorventes, adoçantes, firmas concessionárias, indústria de autopeças, indústria injetora de plásticos. Então cresceu muito essa demanda. Eu acho que a contribuição de todo povo asiático, maior é na sua cultura. Realmente o povo asiático tem uma coisa que é muito bela que todos nós temos que aprender a cada dia que o mundo não é feito de direito e sim, de deveres. O asiático pensa primeiro quais são seus deveres junto à sociedade, porque os direitos acabam vindo automaticamente. A mentalidade do asiático não é cobrar os direitos, eles são muito cobrados pelos seus deveres. Então, automaticamente, o direito vem. Quando a gente... Vou dar um exemplo, por exemplo, do silêncio: quando você tem o dever de fazer silêncio, para quê você vai buscar o direito de ter o silêncio em sua região. Então essa questão da comunidade asiática, de luta, qualquer imigrante, não somente asiático, mas imigrante brasileiro, que também vai vencer fora do Brasil, é uma história de luta. Todos os imigrantes que vieram foi uma questão, não maioria, de opção. Uma questão difícil em sua vida de buscar uma oportunidade maior em outro país. Se a gente vir a influência dos brasileiros que estão em outro país, que é uma influência de luta, de muita garra e conquista. Jamais alguém gosta de

sair da sua própria casa, do seu lar, de sua família, de seus amigos. Eles vêm na busca de uma oportunidade maior, de um país que possa dar uma maior abertura. Então os imigrantes é uma raça forte, pela própria formação, é um povo forte. Todo imigrante, independente, se o italiano, comunidade árabe. Sempre são histórias bonitas que a gente vê de pessoas que venceram no país” (*Idem ibidem*: 8). Ele também diz: “Mas, principalmente, todos os meus projetos são para a cidade de São Paulo. A maioria de meus projetos vem a beneficiar a todo o município de São Paulo. Hoje não podemos ter projetos específicos, pois também a globalização fez todas as raças se igualarem. Cada vez mais as distâncias raciais vão terminar. Existe mais uma questão de nacionalismo e uma questão maior, que é humanitária. Ninguém fica pensando muito na nação. Todo mundo está pensando num mundo melhor, numa paz melhor. Porque a pessoa já recebeu minha mensagem, de a gente estar comunicando, o mundo virou um ambiente só. Cada vez mais o ser humano vai buscar uma convivência maior entre todos os povos” (*Idem ibidem*: 7).

Para incrementar as relações comerciais entre o Brasil, a China Continental, Hong Kong e Taiwan, em 1991, foi criada a Associação Chinesa das Indústrias e Comércio do Brasil (ACICB). Além de realizar missões de empresários brasileiros ao Oriente, essa entidade visa a criação de um banco de investimento e uma *trading company* para o favorecimento do comércio bilateral. Os resultados dessa Associação puderam ser vistos um ano após sua criação, quando o número de empresas da China Continental, com filiais em São Paulo, passou de 5 para 14 (CASSIANO, 2001: 46). Os dados de YU (1996) permitem identificar setores de atividade em que atuam os empresários chineses no Brasil: entre as empresas pesquisadas, 56% atuam no setor industrial, 25% no comércio, 18% em serviços, e somente 1% no setor agropecuário. Segundo a pesquisa do autor, é possível que os setores de comércio, serviços e agropecuário estejam mal representados porque pequenos bazares, restaurantes e produtores rurais (como os cultivadores de cogumelo de Mogi das Cruzes e donos de avícolas) não se associaram à ACICB. YU (1996) ainda indica que as indústrias chinesas atuam principalmente nas seguintes atividades: alimentação (16%), plástico/borracha (16%), informática (9%), autopeças (9%) e confecção/ calçado/ couro (9%). Registra-se a presença de empresas chinesas ligadas a higiene/ beleza, máquina/ equipamento, têxtil, química/ petroquímica/ metalurgia, construção civil e madeira e imóveis (CASSIANO, 2001: 47).

No que tange às atividades industriais, comerciais e agrônomas, muitos são os expoentes de origem chinesa. Lin Chiun Ming, um dos pioneiros da plantação de soja, chegou ao Brasil em fevereiro de 1951, radicou-se em Porto Alegre, e trabalhou durante dois anos numa fábrica de óleo de soja para que a matéria-prima pudesse ser adquirida. Em 1955,

juntamente com Chu Kong Hwei, na cidade de Santa Rosa, comprou uma fábrica de óleo que em pouco tempo tornou-se a maior exportadora e produtora de óleo de soja. Além destacam-se Joseph Sieh, fundador do Grupo Sinasa, que inclui empresas como a Minasa S.A., a Sinatex Indústria e Comércio Ltda., Laticínio Amparo Ltda. e Têxtil Tapeacol S.A.; Daniel S. C. Wei, presidente da Braswey, fundada em 1957, que até 1970 industrializou produtos agrícolas, tinha um moinho, passando, posteriormente, para a cafeicultura; Chang Sheng Kai, do Grupo Brasfanta, produtor de alimentos dietéticos sob as marcas Kenko, Vepê e outras; e Phi Hao Ming, fundador do Moinho Pacífico, atualmente administrado por Laurence Phi, fabricando farinha de trigo para consumo nacional e exportação (CASSIANO, 2001: 48). Além deste, havia também o Moinho Progresso, o Moinho Água Branca (que era uma grande empresa) e o Moinho Jundiaí. Havia também o Moinho Universal, mas já havia sido vendido entre as décadas de 1960 e 70. Em 1952 a família Phi optara por moinhos de trigo porque alimentos não sofreriam a volatilidade que sofrem produtos não essenciais. Lawrence Phi destaca os empregos gerados pelos comerciantes e indústrias chineses em São Paulo. Lig-lig e China-in-Box, redes de entrega de comida chinesa, pertencentes a imigrantes e descendentes, proliferam na cidade, assinala ele (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003).



Figura 3.6. Igreja chinesa na Rua Pamplona, em São Paulo.

Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.

Como já visto, a vida em associações é forte entre a comunidade sino-paulistana. CASSIANO (2001) trata os movimentos associativos dos imigrantes (associações, festas, igrejas, restaurantes, clubes, etc.) como manifestações identitárias e culturais. Além de suas funções culturais e sociais – organização da comunidade e manutenção de tradições, o associativismo é uma marca “estrangeira” no espaço urbano. A vida associativa possibilita ao imigrante a (re)elaboração de suas práticas sociais de origem na sociedade receptora. É uma das maneiras de enfrentar as dificuldades do (des)enraizamento do processo migratório – luta para obtenção do conforto psicológico e material. Nos momentos de tensões sociais, violência, alto índice de desemprego, baixa qualidade de vida, os critérios segundo os quais se estabelecem as alteridades dos grupos étnicos (culturais e religiosos) são exaltados e novas

fronteiras entre “nós” e “eles” são evidenciadas. As fronteiras (re)estabelecidas nesses casos reforçam a discriminação e os rótulos entre grupos étnicos, mas por outro lado, os fortalecem através de seus signos identitários – origem comum, vestuário, lembranças, mitos etc. Assim, a vida associativa permite também a manipulação estratégica de traços étnicos nas interações sociais (CASSIANO, 2001: 37). Segundo levantamento realizado por SHYU (2000) em 1998, há cerca de 115 instituições chinesas em São Paulo, das quais 72 são institutos de educação, sociedades acadêmicas e as demais de caráter cultural. Como assinalado, muitas delas têm identificação com a província natal. Os chineses têm, então, alguns espaços onde podem manter tradições da terra de origem. Dentre eles se destacam a Missão Católica Chinesa, onde trabalham o Padre Pedro, o Padre Ho, Tang Tong Chin Hwa (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999), o Centro Cultural Chinês na Rua Galvão Bueno, na Liberdade, o Centro Hakka no mesmo bairro, templo e escolas do idioma. “O Centro Social Chinês, na cidade, na Rua Conselheiro Furtado [é outro ponto de encontro dos chineses]. Tem muitos clubes de província, província do sul... Cada província forma um grupo” – diz o Padre Pedro (In: CASSIANO, 2001: 72). Este centro promove cursos de chinês para filhos de imigrantes, informática para a terceira idade, publicações e divulgação de eventos (CASSIANO, 2001: 39).

Modificam-se hábitos alimentares entre diferentes etnias, pela falta ou restrição quanto à disponibilidade da matéria-prima, modo de fabricação, gosto, aparência etc.¹⁹ A aceitação da culinária chinesa no Brasil se deu de forma generalizada, visto que tanto brasileiros quanto chineses são adeptos de massas, verduras, legumes, frutas, peixes etc. A dieta já era variada -, e novos pratos e chás foram incorporados nos países que receberam os chineses. A fidelidade às origens fez com que os chineses mantivessem sua tradição alimentar, ensinando aos povos sua milenar arte culinária. Os países que receberam os chineses, tanto nos canteiros de obras da ferrovia Pacífico-Atlântico (Estados Unidos e Canadá), como nos campos agrícolas (Cuba e Peru), ou mesmo como ponto de passagem rumo ao sul (Argentina, Bolívia e Paraguai) conheceram e apreciaram a cozinha chinesa. Mais que uma necessidade diária para os chineses, a prática da alimentação é baseada na concepção filosófica do *yin* e do *yang*, pólos opostos que se juntam para formar uma unidade harmoniosa. E a dieta é uma das principais formas que os chineses têm tido, há milênios, de equilibrar essas duas forças dentro do corpo, pois a desarmonia na combinação dos alimentos frequentemente causa doenças (CASSIANO, 2001: 39-41).

¹⁹ Certos chineses donos de restaurantes, às vezes “inventam” pratos chineses, só acrescentando molho de soja para que os brasileiros acreditem que a receita tenha vindo da China (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a).

Em breve levantamento da localização e origem dos principais restaurantes na cidade de São Paulo, assinala-se que a maioria está nos seguintes distritos: Moema (5), Pinheiros (5), Jardim Paulista (3), Liberdade (3), Butantã (1), Higienópolis (1), Itaim Bibi (1), Morumbi (1), Paraíso (1), Perdizes (2), Santo Amaro (2) e na Vila Mariana (1). No entanto, pelos distritos que compõem o eixo sul da cidade a partir da praça da Sé (Liberdade, Vila Mariana, Moema etc.) facilmente se nota uma enorme quantidade de restaurantes, bares e supermercados chineses menores e menos famosos, mas que atende um grande público (CASSIANO, 2001: 41).

Quadro 3.3. Espacialização dos restaurantes chineses na cidade de São Paulo segundo o distrito

DISTRITOS	RESTAURANTES	DISTRITOS	RESTAURANTES
Butantã	Ton Hoi	Moema	Jardim de Lótus
Higienópolis	Cantina da China	Morumbi	Golden Plaza
Itaim Bibi	Gweilo	Paraíso	South China
Jd. Paulista	Crystal Jade	Perdizes	China Esmeraldo
Jd. Paulista	Kin Kon	Perdizes	Heavenly
Jd. Paulista	Shian San	Pinheiros	China Massas Caseiras
Liberdade	Banri	Pinheiros	Genghis Khan
Liberdade	Taizan	Pinheiros	Shian San
Liberdade	Loon Hwa	Pinheiros	China Kown Min
Moema	Golden Fish	Pinheiros	Restaurante China Town Ltda.
Moema	Golden Star	Santo Amaro	China Garden
Moema	North China	Santo Amaro	China Lake
Moema	Hi Pin Shan	Vila Mariana	Lótus Inn

Fonte: CASSIANO, 2001: 41.

Merece menção o antigo restaurante *Sino-Brasileiro*, localizado em Perdizes, na Rua Alberto Torres, 39, um dos principais pontos de encontro da colônia chinesa nas décadas de 1950 e 60. Sra. Betty Ong e seu marido, logo que chegaram no Brasil, em 1950, abriram uma pensão. Em 1954, ao lado da pensão, montaram o tal restaurante. Em 1960 abriram outro, o Kin Kon, desta vez, na Rua Peixoto Gomide. Durante trinta anos Sra. Betty contou com a arte do cozinheiro Shu Shang Yor, que acabou por abrir seu próprio restaurante no bairro do Morumbi, o *Golden Plaza*. (CASSIANO, 2001: 41-42). Diz o Padre Pedro: “[O restaurante Sino-Brasileiro] talvez tenha sido o primeiro restaurante, o primeiro restaurante. No começo era uma pensão. Depois, com uma senhora, virou, mudou para restaurante. Funcionou mais de vinte anos aquele restaurante. Quando cheguei [1957], esse era o único restaurante.” (In: CASSIANO, 2001: 72). A tal pensão que deu origem ao restaurante *Sino-Brasileiro* recebeu muitos imigrantes chineses sob indicação do Padre Pedro, que, nos anos de 1960, os buscava

no porto de Santos, e os encaminhava para a cidade de São Paulo. A pensão e o restaurante foram fechados há mais de 20 anos (CASSIANO, 2001: 42). Lawrence Koo relata ter trabalhado lá em alguns fins-de-semana na década de 1960. "No início os brasileiros não freqüentavam restaurante chinês porque achavam que tinham de sentar no chão e comer peixe cru", explica Betty Ong, a proprietária. Agora, depois de ter aberto um caminho por onde avançaram com êxito também restaurantes orientais de outras nacionalidades, ela admira-se com o caminho percorrido. "Tenho clientes que começaram a vir aqui recém-casados e hoje trazem os netos para apreciar a cozinha chinesa", observa, e acrescenta: "No começo, pensava-se na cidade que comida chinesa era pobre, e cardápio chinês numa festa era capaz de fazer faltar convidado", lembra. "Mas é porque ninguém ousava passar do cardápio básico - camarão empanado, pastel primavera e frango xadrez. Hoje todo mundo sabe o quanto a cozinha chinesa é rica" . Seu encontro com a gastronomia foi casual. Ela é formada em Sociologia pela universidade de Xangai, e seu marido, economista. Este veio para São Paulo representar uma empresa de fiação de Hong Kong, onde haviam se instalado ao deixar a terra natal quando da revolução maoísta (REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1986).

Na década de 1950, existiam inúmeras pastelarias em São Paulo, segundo os entrevistados por CASSIANO (2001), mais de duzentas. Nenhuma restou. Quanto ao tipo de pratos chineses em São Paulo, há especialistas em iguarias de todas as regiões. Como os primeiros imigrantes a residirem na cidade eram provenientes de Cantão (ao sul), os primeiros restaurantes seguiam um paladar suave, fresco e criativo. Mais tarde, com a vinda de chineses do norte, principalmente de Shanghai, foram abertos restaurantes de comida costeira, especializada em pratos com frutos do mar. A popularização da comida chinesa entre os brasileiros possibilitou a abertura da rede de entregas *China in Box* e outras marcas do ramo *fast food* em vários bairros da capital paulistana; inclusive restaurantes que de "chineses" nada têm, a não ser os "pauzinhos" e o famoso *chop sui*. O budismo não é a religião com mais adeptos entre os chineses da colônia paulistana, mas o fato de ser sua comida vegetariana, ensejou a abertura de restaurantes para esse público na cidade de São Paulo (CASSIANO, 2001: 42).

Conforme levantamento realizado por SHYU (2000) em 1999, existem 16 escolas/cursos de chinês no estado de São Paulo, cuja maioria está na cidade de São Paulo. "Essas instituições atendem vários níveis de conhecimento, do primário ao primeiro ano do ensino médio. As aulas, em geral, são realizadas nos finais de semana em igrejas e templos religiosos, e dirigidas, sobretudo, aos descendentes de imigrantes chineses. O material didático utilizado, em sua maioria, é doado pela Overseas Chinese Affairs Commission da

República da China. Em 2000, havia cerca de 1.400 alunos atendidos por 90 professores. Cabe ressaltar que os professores não são profissionais de ensino, mas membros da comunidade que dispõem de tempo para ensinar” (CASSIANO, 2001: 38).

Na cidade de São Paulo encontram-se, também, inúmeras instituições que oferecem cursos de caligrafia, pintura, jogos tradicionais como *Weiqi*, música, ópera, acupuntura, medicina chinesa e artes marciais. No campo da literatura, a comunidade abriga ainda a Associação dos Escritores Chineses, e conta com dois jornais, dez boletins semanais e mensais, e uma biblioteca fundada em 1957 pelo Padre Ho, da Missão Católica Chinesa. Seu acervo, com mais de 60.000 livros, encontra-se na Rua Santa Justina, 290, no Itaim-Bibi (CASSIANO, 2001: 38). Reconhece-se que tal biblioteca é a maior da América Latina em títulos chineses (*Idem ibidem*: 43). O Padre Ho, que trabalhava com o Padre Pedro, vinha organizando a biblioteca, contando com funcionárias bibliotecárias vindas de Taiwan. “Essa é a maior biblioteca de livros chineses da América Latina, tudo classificado. Aqui funciona domingo e quarta feira, todos são voluntários, trabalham lá, de voluntário. Toda quarta-feira (...) cada um traz um prato, nós comemos juntos” – diz o Padre Pedro (*Idem ibidem*: 71-72).

Na figura dos padres Pedro e Ho, a Igreja Santa Justina compõe a trajetória de muitos chineses desembarcados em Santos no final das décadas de 1950 e 60. Padre Pedro recebia os recém-chegados e os trazia para São Paulo. A exemplo do que ocorre com os latino-americanos na Igreja Nossa Senhora da Paz, a Igreja Santa Justina vem desempenhando há décadas o papel de pastoral do imigrante através de serviços médicos, odontológicos, apoio espiritual, educação e abrigo. Além de tudo isso, a Missão tem auditório para a realização de encontros e festas (CASSIANO, 2001: 43).

Curiosamente, ali os chineses, ao mesmo tempo em que praticam uma religião do Ocidente, podem também reavivar tradições orientais, publicar jornais em língua chinesa, estudar chinês, reunir-se, participar das Olimpíadas Chinesas em São Paulo (interna à colônia). Constitui-se, assim, num rico e complexo espaço de encontro (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999). A filha de Tang Tong Chin Hwa explica que a escola começou porque os padres chegaram no Brasil e, na época, os imigrantes chineses eram muito poucos. Eles então sentiram a necessidade dos descendentes de aprender a falar chinês. “Porque os pais trabalham, as vezes não tem tempo. Então, os padres tiveram a iniciativa de começar uma escolinha muito pequenininha, modesta. Com o passar dos anos, aumentou a quantidade de chineses aqui em São Paulo, aqui no Brasil. Os padres deram muita assistência ao pessoal novo que chegou aqui no Brasil, então, ele começou a ter cada vez mais serviços, e a escola começou aumentar também. Então ela, nós chegamos aqui no Brasil, resolvemos ajudar os padres. Ela [Tang] entrou na escola, no começo lecionou um pouquinho, mas ela ajudou mais

na parte administrativa mesmo. Desde 1968 que nós chegamos no Brasil, começou a frequentar a Igreja, a escola até hoje” (*Idem ibidem*: 6-7).

Padre Pedro conta: “Eu comprei esse terreno em 1964, depois da Revolução, depois da Revolução, Março, né. Comprei mais ou menos em Outubro ou Novembro. Naquele tempo, todo mundo... O dono desse terreno era uma construtora, ele falou ‘agora sim, agora o Brasil vai bem, não tem mais problema de João Goulart, esquerdista, comunismo, tudo isso, agora vai, vai ficar melhor’ (...). Ele queria vender esse terreno” (In: CASSIANO, 2001: 73). Ele já realizou todos estes grandes projetos tendo começado “do zero”. Inicialmente, mal tinha dinheiro para o transporte. Seu último projeto é fundar a já referida casa de repouso para a colônia chinesa. Já foi doado pela colônia um grande e belo terreno (60 km quadrados) às margens da Represa de Guarapiranga. Ele quer assistir aos chineses idosos que não falam português, que muitas vezes têm seus filhos morando no exterior, e que ficaram no Brasil. Ele acredita que a demanda será grande. Ele próprio pensa em ir para lá morar quando se aposentar. Mas ainda falta tempo para o funcionamento da casa, pois está tudo por fazer, por projetar, por construir – e, sobretudo por financiar. “Graças a Deus. Deus me abençoou muito.” – ele comemora ter ganho o terreno: “caiu do céu.” Ele fala que isso ocorre porque da mesma forma que o cidadão comum trabalha pela sua família, o padre trabalha pela comunidade. Ele não tem uma família particular sua; a família do padre é todo mundo. A sua família é a comunidade. E ele só conseguiu uma doação destas porque sempre fez o bem para a colônia, diz ele. A sua trajetória de muito trabalho o fez conquistar a confiança da colônia. “Meu trabalho é esse! (...) A minha vida é esse!” Em 2007 Padre Pedro comemoraria 50 anos no Brasil e a comunidade já planejava uma festa.

A escola de chinês da Missão Católica funciona apenas aos domingos, na parte da manhã. Depois das aulas tem as atividades extras, tais como danças folclóricas, grupos que se inscrevem, violão, basquete, futebol, flauta, escotismo, coral de pais e professores, dentre outras. A escola é voltada ao ensino da língua e das tradições culturais chinesas. Ela pertence à Igreja Católica e não paga aluguel, luz ou água. Os alunos em 1999 pagavam mensalidade de R\$ 30,00. Nos casos de filhos de chineses recém-chegados, sem emprego, não pagam mensalidade. “É mais um serviço para a comunidade chinesa.” – diz a filha de Tang Tong Chin Hwa. Em 1999 a escola contava com cerca de 560 alunos, desde o pré até o fim do ginásio (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999: 7). A escola também contava com voluntários, além dos professores pagos.

“(…) Nós, uma igreja católica [...] iniciamos um movimento ecumênico, para aceitação da religião de todos, budistas... Quem ajudou na construção da igreja foram budistas... Protestantes que ajudaram... Nós não perguntamos se é católico ou não católico, se

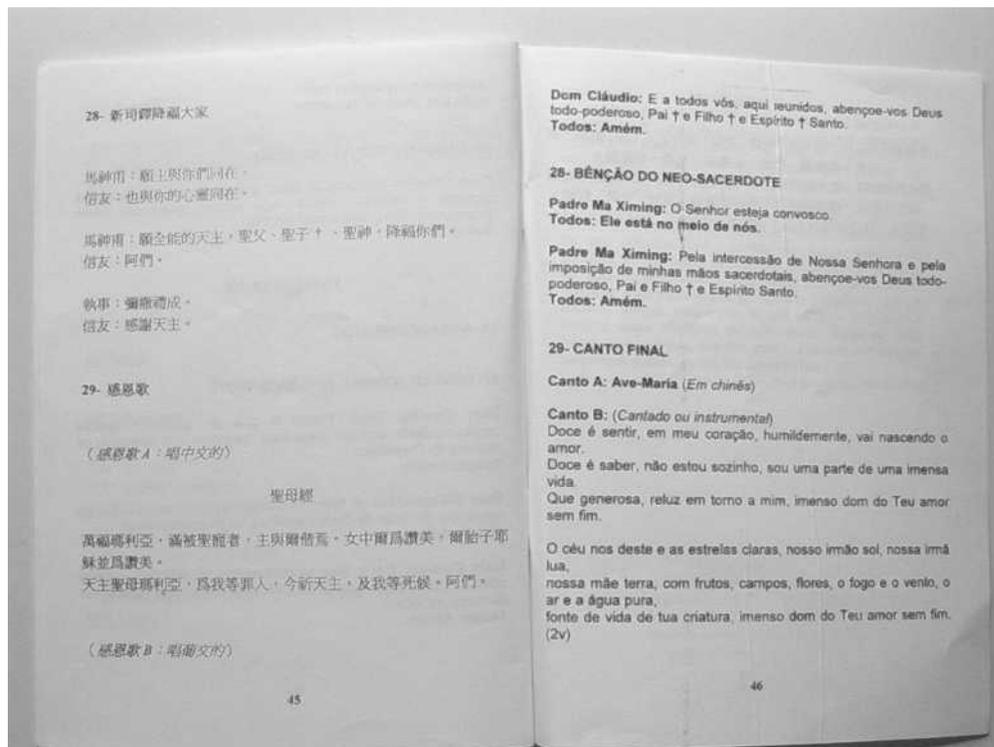
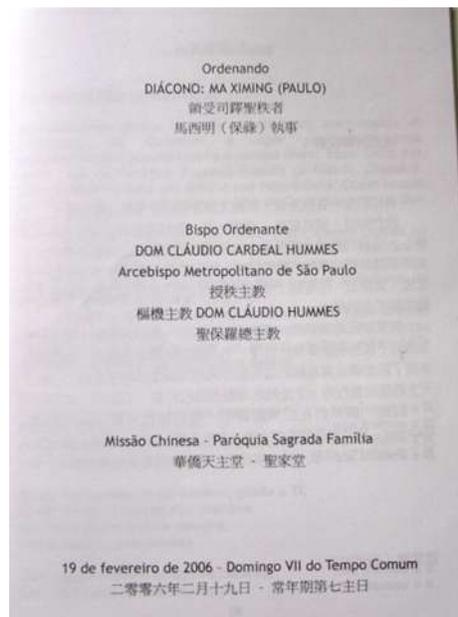
é chinês, nós prestamos serviços. Sem distinção, sem distinção. Aqui, igreja não tem partido, é suprapartidária. Não falo ‘sou nacionalista ou sou comunista’... Eu sou chinês, sou chinês. Eu sou aquele chinês da China tradicional [...] Nós temos o espírito mais aberto” – diz o Padre Pedro (In: CASSIANO, 2001: 72). Ali convivem pacificamente budistas, protestantes e católicos. O local pode ser considerado como um dos maiores eixos de sociabilidade dos chineses em São Paulo.



Figura 3.7. A Missão Católica Chinesa, localizada na Rua Santa Justina, no Itaim-Bibi, na capital paulista, reúne chineses de diversas origens (Republica Popular da China, Taiwan etc.) e religiões (budistas, católicos, sem religião e outros). É um importante ponto de encontro da colônia, tendo servido de ponto de apoio para muitos desamparados chineses recém-chegados, sendo hoje auxiliado pelos que prosperaram. Na foto da esquerda, a igreja. Na foto da direita, barracas de comida vendem comidas chinesas do lado de fora da Missão, aos domingos. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.



Figura 3.8. Imagens de Missa na Missão Católica Chinesa de São Paulo, de ordenação de um padre chinês. Na foto superior à direita vêem-se à frente do altar, da esquerda para a direita, os Padres Ho, Pedro e o então Arcebispo de São Paulo, D. Cláudio Hummes. As fotos superiores mostram a missa bilíngue, celebrada e cantada em português e chinês e frequentada pela comunidade chinesa e pelos brasileiros em geral. Na foto inferior, o churrasco de comemoração que se seguiu à missa, no andar de baixo. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 19 de fevereiro de 2006.



Figura

3.9. Material bilíngue (português-chinês tradicional) distribuído em missa especial da Missão Católica Chinesa de São Paulo, para cantos e orações. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 19 de fevereiro de 2006.

Importado da Índia, o budismo teve grande expressão na China e chegou a São Paulo por volta da década de 1960 através do monge Jiming, responsável pela construção do primeiro templo chinês na cidade, no bairro da Vila Mariana. Segundo CASSIANO (2001), São Paulo contava com templos budistas nos seguintes bairros: Vila Mariana (2), Lapa (2), Aclimação (1) e Santo Amaro (1). Há dois templos na cidade de Cotia, na Grande São Paulo. A maioria deles foi construída nas décadas de 1980 e 90, por imigrantes taiwaneses. Além

dos trabalhos religiosos oferecem cursos sobre o budismo, aulas de chinês, promovem atividades esportivas, dentre outras (CASSIANO, 2001: 43). Merece destaque o Templo Zulai, um dos maiores da América Latina, situado em Cotia-SP. Em 1992 o empresário Chang Sheng Kai doou sua chácara nesta cidade ao Monastério Fo Guang Shan (o referido Buda Light), que tinha já vários templos espalhados pelo mundo. A construção reuniu o trabalho de técnicos japoneses, taiwaneses e brasileiros. A colônia de Formosa teve participação central no projeto, inclusive financeira. Ali realizam cursos, palestras, publicações (Blii) – além de organizarem festas como a de Ano Novo Chinês e o concurso de música budista – segundo o Monge Moacir Mazzariol houve até sambas que foram concorrer na final em Formosa. Ali também serve como depositário das cinzas de budistas falecidos e lugar de oração e meditação. Como já dito, é um monastério, além de centro de preparação para novos monges – onde eles ficam internos, e alguns deles complementam seus estudos em Taiwan. O templo conta também com museu, restaurante vegetariano e loja de livros sobre o budismo. Nos fins de semana fica repleto de visitantes, muitos deles sem origem oriental, vindos de ônibus que parte da Liberdade, onde há uma subsidiária do Templo (no Centro Hakka).



Figura

3.10. Imagens do Templo Zulai, situado em Cotia-SP, obra da iniciativa da comunidade formosina em São Paulo. É um dos Monastérios Fo Guang Shan. Além de templo, é aberto ao público também para visitas, cursos (idioma chinês, culinária vegetariana, meditação, entre outros) e refeições vegetarianas. É extremamente visitado nos fins de semana pela população em geral, não ficando restrito à colônia chinesa. Fotos: Daniel Bicudo Veras, 2006.

As sedes dos jornais e boletins chineses estão alocadas nos distritos da Liberdade, Pinheiros, Jardim Paulista, Vila Mariana e Itaim-Bibi, bairros de maior incidência de imigrantes chineses, segundo o censo demográfico de 1991 (CASSIANO, 2001: 38).

Quadro 3.4. Espacialização das publicações chinesas.

Distritos	Publicações chinesas
Butantã	China em Estudo (USP)
Cotia	Bliá América do Sul
Itaim-Bibi	Boletim Mensal da Paróquia de Sagrada Família (Missão Católica)
Itaim-Bibi	Literatura Sul-Americana
Jabaquara	Tzu-Chi
Jardim Paulista	Ciao
Liberdade	Taiwanês
Liberdade	Informativo Semanal da Igreja Evangélica de Formosa
Liberdade	Jornal Chinês ‘Americana’
Liberdade	Hua Kuang – Boletim do Centro Social Chinês de São Paulo
Pinheiros	Jornal Chinês para América do Sul
Santo Amaro	Hakka
Vila Mariana	Chongguan

FONTE: CASSIANO, 2001:39.

A articulação chinesa também produz outras publicações, além dos referidos jornais da cidade de São Paulo. Em Campinas-SP, a colônia chinesa edita a Revista Ponte (www.revistaponte.com.br). Há também um sítio criado por um sino-brasileiro, chamado www.arquivochina.wordpress.com. “O professor David Jye Yuan Shyu destaca que os chineses de São Paulo mantêm meios de comunicação próprios, mesmo que em sua maioria (95%) falem o português. ‘Em São Paulo estão sediados dois jornais chineses diários, cerca de dez boletins semanais ou mensais, três sites e uma biblioteca que funciona num anexo de uma igreja católica freqüentada por chineses’, revela” (BELLINI, 2006). Trata-se da já referida biblioteca da Missão Católica Chinesa. Além desta, o cônsul Zhu Tingzhong diz haver outras cinco ou seis escolas chinesas em São Paulo (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Dentre elas, destaca-se a Escola Santo Confúcio na Vila Mariana, na Rua França Pinto, que é pré-escola regular para crianças *huaqiao*, além de centro de ensino do idioma chinês. Ali também mantêm-se vivas as tradições chinesas, por exemplo na celebração do Ano Novo Chinês.

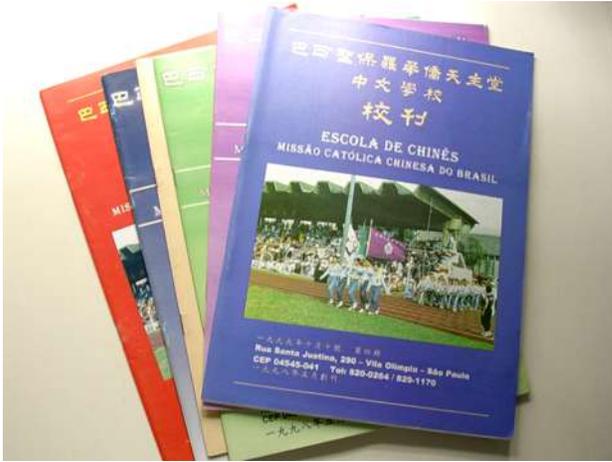


Figura 3.11. Publicações regulares em língua chinesa são produzidas em São Paulo, como este Boletim Mensal produzido pela Missão Católica Chinesa de São Paulo. Nele, assuntos de interesse da comunidade são abordados, como as Olimpíadas Chinesas de São Paulo, além de artigos produzidos por personalidades da colônia, professores e alunos de chinês da escola. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.



Figura 3.12. O taiwanês Li Chih Meng e sua escola, a Escola Santo Confúcio - estabelecida na Vila Mariana, à Rua França Pinto, como espaço educacional e de manutenção das tradições chinesas. A escola tem pré-escola bilíngue português-chinês, além de oferecer cursos de chinês para a população em geral. A escola ensina o idioma que se fala e escreve em Formosa. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.



Figura

3.13. Imagens da comemoração do Ano Novo Chinês na Escola Santo Confúcio, na Vila Mariana, em fevereiro de 2006. A escola reúne alunos de pré-escola de origem chinesa, sobretudo de Taiwan. Na escola eles podem manter as tradições dos familiares chineses. Foto: Daniel Bicudo Veras, fevereiro de 2006.

O Colégio Sidarta se destacou como a única escola regular que ensina na língua portuguesa a oferecer o idioma chinês como disciplina opcional. Idealizada e implantada por professores da Faculdade de Educação da USP, a escola está localizada na Estrada Municipal Fernando Nobre, 1332, Cotia, São Paulo (FREITAS, 2001: 122). Fica em frente ao Templo Zulai, tem vários alunos brasileiros e ensina sobre o budismo e características da cultura chinesa. Apesar de se sentir integrado ao Brasil (“99% brasileiro”), o chinês André acha de suma importância que o idioma chinês seja preservado e transmitido às gerações seguintes na família (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i)



Figura 3.14. O Colégio Sidarta, em Cotia-SP, em frente ao Templo Zulai, oferece aos seus alunos o idioma chinês como disciplina opcional a seus alunos. O colégio tem a proposta de incorporar temas orientais em seus conteúdos, como o budismo e cultura chinesa. Muitos dos alunos não têm origem oriental. Foto: Daniel Bicudo Veras, 2006.

3.8. O que permanece chinês no Brasil?

Alguns entrevistados afirmam que quase nada se mantém da cultura original. Principalmente se comparando a própria cultura à dos filhos, já brasileiros. A língua é algo que se perde rapidamente (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997d). Entretanto, muito da organização social e costumes dos chineses ultramarinos foi trazido da vida rural da China, como identificam KWONG (1987), McKEOWN (1999) e HUANG (1993). “A longo prazo, a transmissão e preservação da cultura chinesa construiu o mútuo desenvolvimento de uma sociedade chinesa ultramarina e a terra natal chinesa num relacionamento indestrutível” (HUANG, 1993: xi-xii). Entretanto, apesar do peso da herança cultural, as sociedades de chineses ultramarinos se constituem em algo novo: “(...) comunidades chinesas que se desenvolveram na América não eram de modo algum réplicas daquelas encontradas na China” (CHAN, 1986: 369). O mesmo vale para a comunidade chinesa no Brasil.

Segundo o cônsul Zhu Tingzhong, no Brasil os chineses preservam muitas festividades e datas comemorativas. Alguns fortes símbolos são também herdados, como o dragão, porque acredita-se que o Imperador seja descendente do dragão, que venha de sua linhagem. Outros animais mitológicos, como por exemplo o fênix, são importantes também. Em geral, o homem chinês é trabalhador e dedicado à família. Respeita os velhos e antepassados, porque na cultura chinesa a tradição oral é fundamental na transmissão de conhecimentos (do velho para o jovem). Zhu considera boa essa tradição. O respeito aos pais é também muito forte na cultura chinesa. Quando um filho adquire coisas, oferece aos pais. É também comum que faça aquilo que os pais querem. Sobre o futuro da China, Zhu acredita que será brilhante, com rápido desenvolvimento, o que causa entusiasmo nos chineses do Brasil. O Consulado tem ajudado a manter as tradições chinesas em São Paulo. Auxilia as escolas e as associações de artistas, fornecendo livros e trazendo anualmente grupos de teatro acrobático. Em 1996 organizou exposição de arte no MIS, além de exposições de pinturas e

fotos comemorativas da volta de Hong Kong à China. Para Zhu a relação entre comunidade e Consulado é boa (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997h). Percebe-se, assim, uma forte presença do Estado chinês neste sentido. Para a REVISTA VEJA SÃO PAULO (1986), o consulado acabou simbolizando o espírito conciliador do atual regime de Pequim com os chineses espalhados pelo mundo na diáspora, curiosamente definida pela revista como “diáspora anti-comunista”²⁰. O vice-cônsul da China em São Paulo em 1986, Liu Chang Xiao, declarou: "Nós acreditamos que todos os chineses, respeitadas as diferenças ideológicas, poderão viver sob a bandeira da República Popular da China" (In: REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1986)

Além de HUTINGTON (1997), HAESBAERT (1994: 9; 15) já havia destacado a impotência do Estado na construção da unidade chinesa, através da qual um vasto território foi produzido com pretensões de hegemonia no bloco oriental e dotado de uma rica cultura que muito tentou resistir em meio às redes de modernização capitalista (e “ocidental”). Uma longa história de repressão não pode ser facilmente apagada. “A China semifeudal e despótica não foi de todo abalada pelas reformas ditas socialistas” (HAESBAERT, 1994: 16). Aliás, há marcas muito difíceis de apagar. O regime não é rígido porque é socialista, mas a rigidez do socialismo seria adequada à cultura oriental. De qualquer forma, CRANE (1994) ressalta haver a construção artificial de um nacionalismo, fenômeno também identificado em outros lugares, como na Europa do século XIX (HOBSBAWN, 1990). Para este autor a identidade nacional é um fenômeno dual:

- de cima para baixo (administradores estatais);
- de baixo para cima (forças sociais e movimentos).

Coloca-se que nem sempre é a nação que faz o Estado, mas Estados e Nacionalismos podem fazer nações, adotando ações de valor simbólico.

Joseph Chung Chien Liao destaca tradições como a ligação com a família, aos ancestrais mortos, a presença do budismo, crença na reencarnação, entre outras, como presenças chinesas ainda fortes no Brasil. A tradição oral é muito forte na China. Os mais

²⁰ A revista define praticamente a totalidade dos chineses paulistanos como sendo ferrenhamente contra o comunismo e contra o regime que governa seu país de origem. Mas já na década de 1980 já havia uma arrefecimento do clima e a militância de antigamente havia praticamente desaparecido – “e, se para muitos chineses da cidade a existência da representação oficial é objeto de indiferença, também não há a recusa de tratar com ela”. Mesmo os móveis do consulado haviam sido fabricados por chineses residentes em São Paulo, boa parte deles refugiada do continente. “Com exceção do grande salão de recepção, decorado com objetos trazidos de Pequim, Cantão, Xangai e outras províncias da China continental, todos os jarros, quadros, jades e porcelanas que adornam o consulado foram doados por chineses paulistanos” (In: REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1986).

velhos sempre têm muito a passar para os mais jovens, mas o modo oral de transmissão se dá pelos altos índices de analfabetismo da população. Não há escola, não há igreja em todo lugar, embora os monastérios e templos sejam comuns, segundo Joseph – mas de certa forma esta tradição migrou para o Brasil. Na China, o teatro é também um importante e tradicional instrumento de conhecimento. É usado para ensinar as pessoas, e é itinerante, de cidade em cidade, com apresentações de peças e óperas. Por um lado, os artistas têm tanta mobilidade porque de modo geral a população chinesa tem pouca mobilidade. “Muito tradicional, porque tem muito lugar afastado, não tem teatro. Chineses são assim, você não precisa viajar, ele nasceu lá ele morre lá. Nasceu ele trabalha, morreu ele fica como poeira também daquele lado, nunca sai”. Joseph também destaca que na China, a pessoa que estuda e tem conhecimento é respeitada. Sobretudo os professores (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f: 36-37).

Assim como Chu Wan Tai, James Lee Hoi On já há muito tempo não se restringe a frequentar espaços de chineses em São Paulo, o que o tornou mais integrado à sociedade brasileira (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c;1997e). Para ele as novas gerações de origem chinesa estão perdendo hábitos e tradições chineses. É muito difícil para a segunda e a terceira geração manterem um modo de vida da Antiga China “Tá perdendo, tá perdendo (...) Também nosso também não tá forçando também né?, porque ambiente é diferente, educação é diferente né? Ele vivendo, convivendo pessoa é diferente, convivendo com brasileiro, com japonês com coreano, tudo misturado na escola né? Porque nosso não tem... oficialmente não tem mais escola, é só... pra chinês não é? Então, como meu filho né?, já não fala chinês. Por isso sente... eu tava querendo ensinar chinês pra segunda ou terceira geração. Meu filho não fala chinês. Quando ele estudar sempre estudando escola brasileiro, pra Bandeirantes, escola Americana (...)” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 27).

Apesar disso, ainda há muitos chineses que se isolam. Isolar-se, contudo, não é exclusividade dos chineses. Diz William Woo: “Eu acho que a tendência [ao isolamento, à auto-preservação] não é da comunidade [chinesa]. A tendência é do imigrante. Quando você chega num país desconhecido, você não domina o idioma local, você acaba ficando com as pessoas que já têm o seu costume, que fala o seu idioma e te compreende. Um exemplo da integração muito grande é o da comunidade japonesa, que hoje estamos chegando a 100 anos de imigração e a integração é total. A gente vê descendentes de japoneses em todos os setores. Acho que com isso acaba caindo essas barreiras com o decorrer dos anos” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2002: 15). Como brasileiro de pais orientais (pai taiwanês e mãe japonesa), William sentia um grande contraste entre os costumes, a moral e a educação que tinha em casa e a cultura da sociedade de fora. A educação oriental era, a a seu ver, muito

rígida, sempre cobrando resultados, respeito aos mais velhos etc. Mas pouco a pouco valores ocidentais foram incorporados, sobretudo o catolicismo e a alimentação brasileira. Mas nos fins de semana a culinária asiática predominava na casa (*Idem ibidem*: 4). A família de Tang Tong Chin Hwa também adotou a alimentação brasileira – sendo já “abrasileirada” em muitos aspectos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999).

Nenhum dos três filhos do professor de tai chi chuan Wong Sun Keung fala chinês ou sabe tai chi chuan. Ele, por sua vez, não fala português (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g), assim como a chinesa San-sa – ela lamenta o fato, pois isso impede sua integração à sociedade brasileira (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a). Tang Tong Chin Hwa diz que filhos de chineses relutam muito em aprender e falar chinês. No seu caso, ela depende dos filhos para qualquer tarefa do dia-a-dia, porque ela própria não aprende o português. Seu filho conseguiu ingressar em engenharia mecânica na Poli e a filha fez computação na USP. Seus cinco netos estão estudando da Missão Católica Chinesa (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1999). “Para a criança nascida no Brasil aprender chinês é muito difícil porque ela convive todos os dias com criança brasileira falando o português”, observou Yuan Yi Ping. De acordo com esse jornalista, há muitas crianças que só escutam e falam chinês, mas não lêem e nem escrevem o idioma. Quando os pais falam em chinês, entendem, mas não respondem em chinês (FREITAS, 2001: 120). Em conversas informais alguns chineses relataram que descendentes de chinês que são filhos únicos aprendem melhor o idioma dos ancestrais que aqueles que têm irmãos. Além disso, como identifica SHYU (2000), o idioma chinês sofre um “aportuguesamento”, o que o faz enfraquecer dentro da colônia.

Já vimos que o imigrante chinês sempre pôs muita ênfase nos estudos dos filhos. Ho Ning Yet, ou André, avisou aos filhos: “você tem que estudar bem; se você não estuda bem volta pra o sítio e trata galinha”. E hoje fala com orgulho das boas colocações dos filhos, como engenheiros politécnicos. “Ele tá na escola sempre primeiro lugar, segundo lugar, nunca atrás.” André conta que os filhos têm que ser bem sucedidos, porque ele não entende muito o português e não tem tempo livre (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i: 42). Ele conta também que logo aprendeu o português motivado pela necessidade, como por exemplo ao pedir dinheiro no banco: “Você chega lá não fala, gerente não dá dinheiro (risos)” (*Idem ibidem*: 23). Vivendo em sítios na região de Mogi das Cruzes e Suzano, a família trabalhou com granjas – as atividades sendo, em momentos específicos de enfermidade de André, lideradas por sua esposa Dalva, contrariando o que manda a cultura chinesa. “É mulher trabalha dupla que homem, é falar a verdade” – diz André (*Idem ibidem*: 35). Apesar de haver muitos taiwaneses na região, a família diz não ter muito contato com chineses – só quando vão à igreja protestante da região. Segundo André, 70% dos cogumelos plantados no Brasil

são cultivados por chineses. Em Mogi das Cruzes eles vieram em fins dos anos 1950 para este fim, organizando a empresa Luca. Ele estima haver cerca de 200 famílias de chineses nesta cidade (*Idem ibidem*). Padre Pedro diz: “Brasileiro já acostumou com esses... orientais.” Os brasileiros comem em restaurantes orientais, fazem compras na Rua 25 de Março – “tudo barato”. As novas gerações já são brasileiras em seu modo de vida, para ele. Mas ele ressalta: “O pai trabalha, o filho tem que estudar. O filho estuda. A maioria manda o filho para os Estados Unidos, o Canadá (...) Muitos pais não estudaram, mas os filhos têm que estudar. Engenheiro, médico, tudo isso...”

Joseph Chung Chien Liao fala que chineses, incluindo os pasteleiros, fazem o sacrifício que puderem para conseguir dar aos filhos educação superior – isso é muito forte na sua cultura (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997f). Isso é confirmado também por James Lee Hoi On, que destaca a segunda geração de chineses como a que se compõe de profissionais qualificados (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e). Chu Wan Tai concorda que, sem dúvida, a segunda geração está bem colocada no mercado de trabalho, por ter havido efetivamente um investimento por parte dos pais. “Eu acho isso também é uma herança confucionista né? Quer dizer, os pais se sacrificam e esse sacrifício só quem viveu pode... senti-lo né? Muitas vezes não comendo direito ou não vestindo bem né?, passando problema de saúde ou trabalhando com grande sacrifício, mas que eu me lembre nós nunca tivemos problemas pra pagar uma escola ou comprar um livro. Quer dizer os pais sempre se empenharam pra educar seus filhos.” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 14).

A cultura dos chineses combina modernidade e tradição. Para CHUNG (2005), os chineses são pessoas com fortes tradições e complexos valores tribais, isto é, todo o seu conhecimento tecnológico é adquirido por meio de estudos e especializações nas melhores universidades do mundo, e toda sua estratégia sofisticada no comércio internacional contém fortes diretrizes baseadas em sólidos valores familiares e no sistema de crenças do seu clã, com os seus complexos códigos de conduta e protocolos sociais. “A nossa [ocidental] filosofia descende dos antigos gregos, judeus e católicos. Graças às nossas características sociais, a mídia e a ampla comunicação têm ensinado muito mais sobre o nosso raciocínio e hábitos negociais aos chineses do que os deles para nós” (CHUNG, 2005: 24). Para se entender a cultura chinesa deve-se compreender os valores culturais de Confúcio (551-479 a.C.), que definiram os principais padrões de conduta e de relacionamento entre os chineses, desde 450 a.C. “Só assim você poderá compreender e lidar com as características psicológicas deles. Respeitar o valor pelos mais velhos, pela hierarquia, pelo cuidado compulsivo de preservar a ‘face’ das pessoas e lidar adequadamente com o poder da rede de

relacionamento e de influências (*Guanxi*). O grande risco aqui é tentar entender esses assuntos com os nossos próprios filtros e achar que não são tão diferentes assim. Quando o nosso velho modelo mental não respeita a diversidade, passamos, então, a julgá-la como aberração” (*Idem ibidem*: 24-25). Dentre os valores que o Ocidente ainda tem dificuldade de entender, estão os de Sun Tzu: o poder da dissimulação. Muitas vezes quebra-se o vínculo da confiança e a situação degenera em conflito (*Idem ibidem*).

Manter a continuidade da sociedade é a função dos códigos e etiquetas sociais. “A sociedade chinesa é caracterizada por elaborados protocolos de rituais e cortesias sociais. Mas isso não é característica de pessoas extrovertidas; pelo contrário, os chineses têm uma personalidade mais internalizada, isto é, são pessoas que obtêm satisfação pessoal com a sua própria existência, e não com relacionamentos calorosos e amigáveis entre várias pessoas, como se faz aqui no Brasil. Os rituais formais de etiqueta e de conduta social chineses disfarçam ou atenuam a necessidade real de envolvimento interpessoais” (CHUNG, 2005: 93-94). O autor destaca a Face, ou *mianzi*, juntamente com o Dinheiro e o Poder, como os principais motivadores da sociedade chinesa, principalmente no século XXI (*Idem ibidem*: 95). A Face, em termos gerais, consiste em consideração, reverência e apreciação (respeito) do grupo. É algo a ser protegido e preservado. A temida Perda da Face pode se dar por:

- gozações
- erros de etiqueta
- contradizer ou criticar alguém em público
- aceitar um convite ou proposta rápido demais
- recusar um convite ou proposta sem razão apropriada
- falar um “não” direto, a um pedido (preferem “pode ser... é difícil”/ “talvez não haja conveniência”)
- descontrole emocional
- maus sentimentos
- dirigir-se ao intérprete em vez de ao líder presente
- ignorar o líder chinês ou cumprimentar primeiro um subordinado
- dar um presente barato ou feito na China
- rebaixar alguém de posto, mesmo que esteja com baixo desempenho
- anular uma ordem (significa mudar decisão, fraqueza, ceder a pressões)
- organizações têm “Face” também (ministérios, corporações etc.)
- admitir ignorância ao responder sobre um assunto. Quem pergunta também deve simplificar as perguntas, para evitar o constrangimento

- mesmo o ato de dar *feedback* é considerado uma ameaça à Face, por ser um ato de franqueza direta, evidenciando as falhas do interlocutor

- excessos (álcool etc.) (CHUNG, 2005: 95; 97).

Para se preservar a Face tolera-se reter informações, evitar assumir compromissos, distorcer os fatos, não fazer nada. Na China a “Verdade” é relativa, condicionada à preservação da Face. “A necessidade inevitável de preservar a harmonia das aparências ou a ‘face’ a toda hora é a principal responsável pela propensão chinesa em *usar intermediários* para levar notícias desagradáveis (...) Mas o que parece covardia a um ocidental pode, na verdade, ser visto por um chinês como gentileza. No modo de pensar dela, poupá-lo da humilhação direta era, também, um modo de preservar a ‘face’ dele” (CHUNG, 2005: 96). Continua o autor: “Dessa longa história de avanços e retrocessos, os chineses acabaram desenvolvendo uma cultura consistente utilizando-se de etiquetas e condutas ritualísticas para aumentar a integração social. Eles criaram uma macrorrelação social pelo cuidado e respeito com as microrrelações. As macrorrelações incluem as camadas organizacionais e sociais definidas desde as hierarquias dos tempos feudais. As microrrelações envolvem as etiquetas e deveres interpessoais entre superior-subalterno, marido-mulher, mais velho-mais jovem etc.” (*Idem ibidem*: 83).

Certos comportamentos sociais e profissionais são muito fortes entre os chineses. Por exemplo, o relacionamento profissional só vem depois do pessoal. Amizades são formadas lentamente, mas são duradouras. São essenciais para se estabelecer uma relação profissional. Há também alguns valores que se chocam com os valores ocidentais:

- Os comportamentos são baseados na forma de condução da dinâmica, não em princípios morais.
- Os chineses são pragmáticos. Evitam ações que não se alinhem aos interesses de seu grupo.
- Chineses buscam a aprovação do grupo. Trabalho em equipe é uma realidade.
- Chineses tratam funcionários como membros da família. Nepotismo é comum (CHUNG, 2005: 176).
- “Os chineses não costumam demonstrar emoções negativas nem raiva. O autocontrole é uma das virtudes confucianas que eles fazem questão de praticar. No entanto, eles são vingativos. Como confrontos com superiores são considerados inaceitáveis a um homem civilizado, a resistência ou a agressão passiva é uma alternativa válida. Os chineses, na verdade, são mestres na arte da dissimulação, que tem uma grande variedade de formas, mas a essência é sempre a ‘incapacidade’ de realizar as coisas

que eles sabem que são importantes para você, ou ausentar-se nos momentos mais críticos da operação. Mas em momento nenhum, como você poderá observar, a etiqueta é violada” (CHUNG, 2005: 180) – fato este último não necessariamente verdadeiro ou verificado.

A referida rede de favores e inter-relações pessoais são uma forte característica do ambiente chinês. Esse modo de se relacionar é conhecido como *guanxi*.

- “Às vezes, quando uma pessoa está em busca de um favor, poderá aproximar-se de outra com um presente. Embora isso não seja a intenção oficial, a implicação indireta é que, se a pessoa aceitar o presente, terá a obrigação de atender ao favor. Se não quiser se comprometer, deverá recusar gentil, mas firmemente, o presente” (CHUNG, 2005: 181).
- Presentes, propinas – tudo isso é praticado por empresas multinacionais ou locais. Investimentos na criação e manutenção de amizades com pessoas influentes no governo e conglomerados estatais. “Os ocidentais dependem do *Guanxi* de um representante chinês para se livrar dos problemas burocráticos e prejuízos decorrentes das constantes mudanças e ambigüidades das leis chinesas.” Chineses investem pesadamente em cultivar novas amizades, especialmente em posições elevadas ou estratégicas que possam vir a ser úteis no futuro. Os ricos e influentes são alvos desse “recrutamento”. Poder do *Guanxi* é real. Criam-se “consultorias” para comercializar influências. “Até os descendentes de líderes do governo que já não estão mais no poder conseguem faturar em cima do nome famoso, agindo como intermediários nas negociações internacionais” (CHUNG, 2005: 184).

Tratar a política (e negócios) como assunto privado, de família, é uma forte característica, presente tanto na China quanto nas comunidades chinesas no exterior. São alguns dos valores tradicionais que migram para sociedades modernas junto com os chineses. Conforme visto, o *guanxi* reflete esta concepção de mundo: “A democracia chinesa é e tem sido sempre simbolizada pela família. O conceito chinês sobre as relações do povo com o chefe do governo e seus conselheiros é o mesmo que existe na família entre o pai, o irmão mais velho e os outros membros” (BUCK, 1981: 11). Como identifica KWONG (1987) permanecem estruturas da China feudal nos enclaves étnicos no exterior. Família, vila e sociedades secretas comandam os trabalhadores – não raro resultando em conflito entre elite chinesa e trabalhadores chineses. “Toda cautela é pouca, no entanto, quando se pensa em chegar a conclusões sobre realidades tão complexas quanto as da China e da Ásia. Considere-se, por exemplo, esta análise do poeta e ensaísta russo Joseph Brodsky, Premio Nobel de Literatura de 1987, no livro *Menos que um*: ‘(...) Por mais extrema que seja a idealização do

Oriente que possamos cultivar, nunca conseguiremos atribuí-la à menor aparência de democracia” (DRUMMOND, 1994: 90).

O referido *guanxi*, ou “conexões” interpessoais, são de suma importância nas relações chinesas. Os ocidentais sempre tiveram dificuldade de se relacionar com os chineses também por ignorarem este fato, e não conseguir jogar de acordo com as mesmas regras que os chineses. O *guanxi* é um complexo conceito. “Metaforicamente, é como investir na conta emocional para depois retirar os dividendos” (CHUNG, 2005: 99). Poderia ser definido como um tipo de *Networking*, mas com características peculiares, uma ampla rede de relacionamento (*guanxiwang*) no sentido de abrir fronteiras. A palavra *guan* significa alfândega, barreira. Entender o *guanxi* é fundamental para quem quer entender qualquer coisa relacionada à cultura chinesa. Essa complexa teia de relacionamento se baseia em trocas de favores e obrigações sociais sem que haja ameaça legal implícita. Ela se alimenta de demoradas atividades sociais, discussões periféricas antes de entrar no assunto e uma constante avaliação do interlocutor. São os espaços informais de negociação, que envolvem a hora de lazer, beber álcool junto etc. – mas que na China têm importância central. Os chineses não se envolverão com quem não valha a pena (sem caráter, posição social, “face”). “Para os chineses, cada membro do *Guanxi* tem o direito de pedir favor aos outros, e todos têm a obrigação de atender aos pedidos. Negar significa que a pessoa não tem relacionamentos importantes suficientes para atender às necessidades do grupo, ou não tem prestígio suficiente junto à sua área de influência, sinais para que eles terminem a relação com a pessoa. É importante, também, manter essa rede de conexões viva, isto é, você tem de solicitar favores para que os outros possam pedir favores a você” (CHUNG, 2005: 100). Mesmo sendo visto como obstáculo à modernização da China, o *guanxi* continua forte lá e nos ambientes de *huaqiao*. Ele permite às pessoas conseguir o que lhes é usualmente negado pelos canais normais (KING, 1994: 126). Na China a competência tecnológica não tem prioridade sobre experiência e *Guanxi* (CHUNG, 2005: 190).

Chineses e brasileiros não são tão diferentes “O ‘jeitinho brasileiro’ não é prerrogativa nossa” (CHUNG, 2005: 188). Se lembrarmos o quanto a cultura política brasileira é influenciada pelo clientelismo e a lógica do favor, como apontado por FAORO (2006), identificam-se algumas semelhanças com a relação do *guanxi*, obviamente guardadas todas as especificidades do Brasil e da China. HAUTER (2007), ao comentar o *guanxi*, identifica muitas similaridades entre China e Brasil, sobretudo no que se refere ao caráter do favor e informalidade. Ainda que nos países ocidentais se ouça um discurso de cidadania e direitos, conforme apontado anteriormente os privilégios e favores grassam em comunidades chinesas

e enclaves étnicos, muitas vezes conflitando com a lei – o que é visto como ameaça nos países receptores de chineses.

Em alguns casos, nos territórios chineses pelo mundo identifica-se uma economia subterrânea – e em São Paulo não é diferente. Caracterizada como “paraíso da ilegalidade” (FERNANDES; ROLLI, 2005), a região da 25 de Março apresenta pirataria, sonegação e um firme crescimento econômico, devido ao crescente sucesso de vendas. A região é área de ação da máfia chinesa e do contrabandista Law Kin Chong, que esteve preso em 2004 e teve suas mercadorias apreendidas e sua família investigada pela Polícia Federal (DANTAS, 2004; JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2004a; 2005e; 2006a; SPITZ, 2006). Na ocasião a Polícia Federal desbaratou o braço da máfia chinesa responsável pelo fornecimento de mão-de-obra barata utilizada no comércio de produtos piratas na rua 25 de Março, em São Paulo, e em Miami. O grupo também tinha ramificações na China, na Bolívia, no México e nos Estados Unidos. Foram também apreendidos documentos falsos (passaportes, vistos, carimbos) para a vinda de chineses ilegais. Enfim, o grupo estava também envolvido no tráfico ilegal de seres humanos (TOMAZELA, 2005; SPIGLIATTI, 2006; ACEITUNO, 2005)²¹. “Portanto, quebrar leis que não atendam seus interesses não chega a ser imoral para os chineses” (CHUNG, 2005: 203). “O que é o caos para a nossa sensibilidade, é apenas um meio de vida para os chineses” (*Idem ibidem*: 209).

Para os chineses é nítida a separação entre o “nós” privilegiado e os “outros” que não merecem ajuda. “Princípios sociais e naturais de bom relacionamento, harmonia e reciprocidade e respeito pelo outro ser humano são usados pelos chineses somente com aqueles em quem confiam” (CHUNG, 2005: 203). O *guanxi* permanece também como uma forma de se relacionar com a terra natal (STORY, 2004).

- | “A ética confuciana tende a legitimar o paternalismo nos lares e o patrimonialismo no Estado e fornece uma justificativa moral para a hierarquia, ressaltando as obrigações verticais e recíprocas.
- | A civilização chinesa é baseada em indivíduos sendo socializados na crença da necessidade da conduta adequada nos interesses da harmonia, sempre dentro de uma estrutura estatal dominante com um mandato para preservar a ordem.
- | Dada a confiança limitada entre pessoas, e entre pessoas e funcionários públicos, na China, a arquitetura da ordem horizontal é baseada na identidade com a *família* como principal unidade social.

²¹ CHIN (1999) descreve a rede internacional envolvida com a questão.

I O partido-Estado é tanto beneficiário desses antigos valores patrimoniais, como garantidor de uma certa ordem, e uma importante fonte de *insegurança*, em razão de seu histórico como força revolucionária na busca de desarraigar tradições e negar às famílias seus direitos de prosperidade” (STORY, 2004: 34).

“Para os chineses, cada membro do *Guanxi* tem o direito de pedir favor aos outros, e todos têm a obrigação de atender aos pedidos. Negar significa que a pessoa não tem relacionamentos importantes suficientes para atender às necessidades do grupo, ou não tem prestígio suficiente junto à sua área de influência, sinais para que eles terminem a relação com a pessoa. É importante, também, manter essa rede de conexões viva, isto é, você tem de solicitar favores para que os outros possam pedir favores a você” (CHUNG, 2005: 100). Para o autor, chineses não são prestativos, não ajudam desconhecidos. Há dois grupos de pessoas:

1. Com as quais há *Guanxi* – bem tratadas;
2. As outras – tratadas com rispidez (*Idem ibidem*: 101).

Como identificou ELIAS (2000), há os eleitos para serem “nós” – pertencentes -, e os escolhidos para serem *outros*, “eles”.

Além disso há formas diferentes de se lidar com as emoções e se relacionar entre si.

- Os chineses desenvolveram um sentimento de desconfiança em relação aos que não conhecem bem. Todos se vigiam mutuamente (como na Revolução Cultural, onde se denunciavam mutuamente). Não há privacidade. Os espaços são compartilhados, todos sabem da vida de todos. Autocontrole: forma de preservar “privacidade” de emoções e sentimentos (CHUNG, 2005: 182).
- Para os chineses é fácil ler as emoções e intenções dos ocidentais, demonstradas por sinais não-verbais e expressões faciais. Espontaneidade e a sinceridade não têm utilidade na condução de relacionamentos com chineses. “Para eles é mais importante manter as aparências que a substância” (CHUNG, 2005: 182).

“O nosso costume de pedir *feedback* é considerado uma atitude grosseira, por obrigar o parceiro chinês a passar pelo constrangimento de falar a verdade e fazer você perder a ‘face’” (CHUNG, 2005: 104). Ocidentais são mal vistos por serem espontâneos demais, ou quando não fazem parte da “família”.

CHUNG (2005: 109) identifica em geral as seguintes influências filosóficas presentes:

- Misticismo chinês.
- Devoção aos ancestrais.
- Budismo.
- As Quatro Verdades Divinas e os Oito Caminhos.
- Zen-budismo.

- Taoísmo.
- Confucionismo.

Vale lembrar o que dissera JULLIEN (1998) sobre o pensamento chinês: “Ora, eis, descobrimos mais além, na China, uma concepção da eficácia que ensina a deixar advir o efeito: não visá-lo (diretamente), mas implicá-lo (como consequência); ou seja, não a buscá-lo, mas a recolhê-lo – a deixá-lo resultar. Bastaria, dizem-nos os antigos chineses, saber tirar proveito do desenrolar da situação para se deixar ‘portar’ por ela. Se não nos empenhamos com algo, se não penamos nem forçamos, não é porque pensávamos em nos desligar do mundo, mas para termos mais êxito nele. Essa inteligência que não passa pela relação teoria-prática, mas se apóia apenas na evolução das coisas, chamá-la-emos *estratégica*” (JULLIEN, 1998: 9-10) – estas são fortes características que tendem a se manter em comunidades de *huaren*. A mentalidade pragmática advém de uma concepção de mundo que leva em consideração as condições existentes – uma visão onde a resignação é valorizada, muitas vezes não havendo espaço para utopias, sujeito ou vontade.

Assim, a atividade econômica na terra de origem imprime sua marca na sociedade de destino. “A China é um país agrícola, e a gente que forma seus alicerces vive do produto de sua terra” (BUCK, 1981: 7). Cerca de 75% da população chinesa vive no campo, o que faz o chinês trazer consigo muitos valores rurais – ainda que, conforme visto, a imigração chinesa seja predominantemente urbana (FREITAS, 2004). Os valores herdados pela sociedade rural são também identificados por McKEOWN (1999) e KWONG (1987). A terra ainda exerce um fascínio entre os *huaren*. A ligação com ela não pode ser desfeita facilmente. Como aparece num dos romances de Júlio VERNE (1889), também os chineses que moram no exterior precisam voltar, mesmo depois de mortos – daí a presença de tantas funerárias chinesas encarregadas de repatriar os corpos dos nascidos chineses para a terra natal. Daí Pearl BUCK (1981) escrever romances sobre esta ligação entre o chinês e a terra.

Certos apelos, como por exemplo o de origem comum, constroem uma herança cultural. McKEOWN (1999:330) ressalta que se tem apelado para o fato de serem todos os chineses filhos do imperador amarelo. “Nós somos chineses étnicos. Nós compartilhamos de certas características através de uma ascendência e uma cultura em comum (...) As pessoas sentem uma empatia natural por aqueles que compartilham de seus atributos físicos. Esse sentimento de proximidade é reforçado quando elas também compartilham de uma base para a cultura e o idioma (...)” – lembrando o que disse Lee Kuan Yew (In: HUTINGTON, 1997: 213). “No mundo sínico, como em outras áreas, os aspectos culturais em comum promovem o engajamento econômico” (HUTINGTON, 1997: 213).

Em seus *Analetos*, Livro I, Confúcio destaca a importância da *benevolência* como uma importante virtude. O homem bom serve sua família e luta pelo país. A piedade filial é a base da bondade. Tais pontos são também abordados por ELVIN (1994) e GAARDER; HELLERN; NOTAKER (2001). O ato de voltar à *lao jia*, ou terra natal, durante o Ano Novo Chinês é um ato de piedade filial. SANG (2003) estudou o relacionamento entre os chineses em São Paulo e seus filhos, concluindo que seu relacionamento é profundamente influenciado por Confúcio – embora numa condição especial, numa realidade totalmente diferente da do contexto original. Não só nesta pesquisa chineses revelam a valorização que dão às vontades dos pais no que se refere a decisões concernentes à própria vida. A chinesa San-sa, em depoimento ao MUSEU DA IMIGRAÇÃO (1997a), conta que ela própria teve seu casamento arranjado pelos pais – e justifica dizendo que lá tudo é assim: faz-se o que os pais determinam. Shilon Wang também menciona esta característica: casar-se-ia somente com quem seu pai aprovasse, conforme visto aqui.

Shilon Wang e sua família não freqüentam ambientes chineses em São Paulo. Dizem-se mais independentes. “Porque a China, Taiwan, tudo igual. Oriental tudo igual. Se entra em grupo sai briga”. “‘O mercado é um campo de batalha.’ Todos os bons negociadores chineses conhecem este princípio, que vem desde o tempo de Sun Tzu (Mestre Sun) (...) ‘A guerra é a arte da dissimulação’, escreveu o mestre Sun, há mais de 2.500 anos. Por que a dissimulação? Porque somente com a habilidade de dissimular suas intenções e estratégias você conseguirá esconder suas limitações e fazer com que seus oponentes exponham as fraquezas deles ao ataque das suas forças” (CHUNG, 2005: 202). CHUNG (2005: 202-203; 205) fala destas estratégias, tão comuns nos meios de comerciantes orientais, justificando-as como amorais, não imorais. Aos (poucos) que merecem confiança: os princípios naturais. Ao resto: as leis humanas. A dissimulação e a espionagem são armas com a qual se pode contar. “Isso pode parecer repulsivo para os nossos padrões. Por que, então, fazer negócios com pessoas com esse tipo de caráter? Duas respostas: primeira, que isso é uma realidade no mercado internacional. Isso pode ser repulsivo apenas no seu filtro mental. Segunda, porque existe muita oportunidade na China de hoje, e se soubermos trabalhar bem, com inteligência, teremos melhores condições de neutralizar manobras e estabelecer relacionamentos consistentes com os chineses mais do que com os próprios norte-americanos” (CHUNG, 2005: 206).

Relacionar-se com brasileiros, para Shilon Wang, é mais fácil. Não importa se se é rico ou pobre – estabelece-se amizade. Mas quando estão se relacionando “com a mesma raça”, aí é um problema. Os orientais sempre querem saber o que se está fazendo, como

ganhou dinheiro etc. “Ele quer ficar no meio, então a pessoa sempre passa a perna.” E para ele isso acontece em todos os grupos orientais. “Se uma rua, tem uma judeus, e judeu ganha muito dinheiro. Se chegou um chinês, ele vai começar a perder. Porque chinês sabe fazer negócio. Mas se chegou mais alguém [outro chinês], judeu vai ganhar mais. Porque eles [os chineses] vai brigar. Esse todo mundo sabe. Judeu todo sabe. Destruir uma empresa chinesa é só entrar outra competir. Aí começa. Porque a gente sempre tem algum jogo sujo. Porque a.. o chinês, orientais têm visão mais fechada. Ele não sabe esse mercado que todo mundo pode pegar, que todo mundo vai ficar rico. Eles não pensa isso. Eles quer ficar ele só, próprio só. Por isso tem comunista, imperador. Acho que tem a ver com DNA, né (risos). Fica 20 anos, todo mundo quer comandar alguma coisa, né.” – diz Shilon. O brasileiro pensa: “não consigo ganhar aqui, então vou para outro lugar”. “Mas chinês não pensa isso” – diz Shilon.

Por ter crescido no Brasil, Lawrence Phi experimentou uma certa divergência com seus pais. Conforme já visto, quando decidiu estudar filosofia analítica de Wittgenstein e filosofia existencialista de Sartre, foi pressionado a fazer algo mais “pragmático”. “É, eu... Meu pai sugeriu que eu fizesse engenharia eletrônica, que eu fiz durante três anos. Vi que não tinha vocação e foi isso que eu mudei, eu expliquei pra ele: ‘- Ô, pai, eu não seria um bom engenheiro, né, nunca vou ser um bom engenheiro porque eu não gosto, não sinto... Acho que não tenho vocação pra isto e eu gosto de filosofia’, daí, ele olhou pra mim e perguntou: ‘- Mas o que você vai fazer com filosofia pura, filho?’, ‘- Deixo eu olhar... realmente como vocação, eu não sei, como profissão eu não sei, aliás, né’, e ele disse: ‘- Então, pelo menos, faz alguns cursos de economia.’ E eu fiz alguns cursos de economia, não me formei em economia, mas fiz alguns cursos em economia. E, obviamente, acho que ele não ficou muito contente do fato de um filho... Porque os chineses são muito práticos, muito pragmáticos, né. Obviamente, é muito interessante você ter... você se dar o luxo de poder divagar sobre conceitos metafísicos, etc. mas não é... O chinês é muito pé no chão, né, o (?). É, então, isso foi pra ele um choque, mas ele entendeu porque eu queria filosofia e, de fato, eu fiz filosofia e pra mim foi uma riqueza enorme estar no mundo de idéias, né, uma coisa tão rica” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003: 7). – Isto vai na linha do que colocou JULLIEN (1998) sobre a cultura chinesa. E em geral, em conversas informais, chineses revelaram a esta pesquisa que na sua cultura de origem as pessoas são muito competitivas e “realistas” – características que acabam trazendo ao Brasil. Entretanto, revelam ser muito difícil manter as tradições chinesas morando no Brasil. Dizem ser mais fácil encaixar-se no dia-a-dia brasileiro. James Lee Hoi On, por exemplo, também tem declarações neste sentido (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e).

“Ser chinês tem que ser orgulhoso, né, pelo próprio raça. Porque o chinês é inteligente, a gente tem maior que dos outros (risos). Só que a gente tem que buscar a gente mesmo, tem que ser o próprio mesmo. Acho que hoje em dia todo chinês perdeu o foco. Ele tá abrindo muito dos Ocidentais. Ele quer ser livre, quer fazer tudo, mas perdeu o próprio. Esse é o modelo hoje em dia de todo chinês. Tem que se procurando o próprio, né. Porque, cê viu, hoje muito Orientais está procurando mundo Ocidentais, e muito Ocidentais quer procurar mundo Orientais, né. Por que?” Porque, na sua visão, são planos diferentes, existe a curiosidade etc. “Só que com o tempo se perdeu o foco, então você não sabe como que você vai educar seu filho” – diz Shilon Wang. Para Lawrence Koo, *a priori*, ser chinês é ter realmente uma ascendência chinesa, etnicamente, vir de uma linhagem chinesa, ter o sangue. Isto é o mínimo que alguém precisa ter para convencer um chinês de que é chinês. “Isso eu acho que em termos de país é muito forte.” Em segundo, em termos sócio-culturais, ter um conjunto de valores, atribuições de responsabilidade, uma maneira de ver as coisas, em termos de tradição. “Acho que chinês, ele é muito ligado à tradição... Por ser um povo milenar, né, então... é um povo que tem muito orgulho de seu passado.” “Você pode mexer em muita coisa, mexeu nisso vai dar briga. É porque eles consideram que essa parte cultural é patrimônio de um povo e que ninguém mexe nisso aí. Então o chinês que não conhece essa parte cultural, essa parte de valores... essa parte da tradição que existe... ele deixa de ser um chinês autêntico.” Por isso família, honra aos pais – enfim, certas coisas que o ocidente vê com certa desconfiança e descrédito – para o chinês são importantes.

Às vezes o ritmo de trabalho chinês é também transportado ao Brasil. No restaurante de Che Ching Chue trabalha-se na cozinha, das 10:00 às 23:00, descansando-se após as 14:00 ou 15:00, quando o restaurante fecha para almoço. Às 18:00 da tarde o restaurante reabre para o jantar. O restaurante só fecha às segundas-feiras à noite – sendo assim, o dono e empregados só têm meio dia de descanso na semana. “Meio dia já deu né? (risos)” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a: 24). Chu Wan Tai (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c) e Lawrence Koo, em sua juventude, também puderam aproveitar de pouco tempo livre.

Apesar da distância, alguns chineses ainda tentam manter tradições da cultura. Este é o caso da chinesa Dalva, que pintava aquarela chinesa (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i: 47). Sobre a manutenção das tradições chinesas, Chow Chin Chien mantém em casa apenas a filosofia. “(...) o resto esse superficial não importa.” – tais como vestir roupas chinesas etc. “(...) esse tipo de tradição acho que não há importância”. Chow e sua família comemoram aniversários, mas nada relacionado à política ou religião. Mas admite ainda comer coisas especiais na Festa da Lanterna, ou beber e olhar a Lua no Festival de Meio de Outono – mas para outras gerações já não é tão importante. Na verdade, destas tradições, nada permanece

aqui. Nem a língua chinesa, que por sinal não é falada por nenhum dos filhos. Chow se diz uma pessoa cosmopolita, gosta de música ocidental, violão. Mas sabe tocar também *erhu*, um instrumento oriental de duas cordas. Mesmo com todo o misticismo do povo chinês, Chow não se interessa por esta parte da cultura (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997b: 33-34).

E como HUTINGTON (1997) já enfatizara, e Chu Wan Tai já confirmara, para o governo chinês um chinês nunca deixa de sê-lo. Este compara a sua situação com a do judeu, que vive em *diáspora*. Quando perguntado sobre o que é ser chinês, responde: “Eu acho essa... dúvida não é?! Já muitos historiadores e cientistas sociais... eu acho ser um chinês é compartilhar de um conjunto de valores, não é? E naturalmente a China teve períodos áureos, é uma das civilizações mais antigas, se não me engano hoje a mais antiga que tenha registro e que sobrevive até hoje, já que outras culturas, outras civilizações mais antigas tiveram interrupções. Eu me refiro aos Fenícios, as outras... civilizações, a China tem uma civilização antiga e eu diria gloriosa, eu diria que a China a despeito de ter uma lógica diferente do ocidental, para quem se interessa na cultura chinesa qualquer problema que você tenha pensado, ou algum chinês já pensou. E a escrita chinesa não se alterou ao longo dos milênios, então hoje um chinês consegue ler o que um outro chinês escreveu a 700 anos atrás, 2000 anos atrás, 3000 anos atrás. Então essa cultura, essa herança cultura em comum, eu acho esse é um fato que caracteriza o chinês. O segundo eu acho que são certos valores que são legados pela tradição oral ou pela formação né?. O confucionismo sem sombra de dúvida é um dele né?, a ênfase no trabalho, na seriedade, a... ênfase nos estudos. Eu vou dar um outro exemplo: dificilmente e pelo menos nos países onde a imigração chinesa foi mais acentuada você vê um chinês no sistema de Wallfer [*welfare state*?], por exemplo nos Estados Unidos. Você não vê tantos chineses envolvidos em criminalidade... certo?, como outros povos também... orientais. Então há certas características comuns que faz com que eu viajando o mundo inteiro, eu posso ir em qualquer restaurante chinês no mundo inteiro e ele sabe que eu sou um chinês... apesar de eu não falar o dialeto dele e talvez nem entendê-lo, porque ele pode estar na Holanda, pode estar na Bélgica, pode estar nos Estados Unidos mas ele sabe a partir do momento que a gente tentar uma comunicação que eu sou chinês, em algum lugar do mundo... e essa experiência eu já tive inúmeras vezes, até recentemente . Há alguma experiência comum da imigração, da luta, do estudo... Não sei se talvez daqui a 50 anos esta realidade vai persistir, mas por enquanto é isto que eu noto. A China é um país internamente muito diversificado, mas para o mundo exterior ele é extremamente uniforme, um chinês consegue comunicar-se com outro chinês, a despeito de tantos dialetos (risos) (...) Eu acho que a família, eu acho o estudo, eu acho o trabalho... não é? Isto também vem muito no confucionismo né?, que é a maneira de comportar-se, a maneira de agir perante os outros e eu

teria talvez outra característica do chinês, pelos menos mais tradicionais é... a... uma característica muito peculiar, os mineiros né?, é na moita, é ficar muito... sem aparecer muito. Dificilmente você vê um chinês se lançando em áreas onde haja uma projeção ao contrário dos judeus, por exemplo os judeus entrou muito na área de comunicação artístico. Você muito poucos chineses comparativamente aos judeus lançando-se na área política, na área cultural, tá certo!, na área artística... talvez seja uma característica (...) É, há um pouco esse conceito de: vive-se melhor, vivendo-se escondido (risos) (...) É, até que eu saiba ou a pessoa saiba com quem está lidando, quer dizer o chinês entre si são extremamente festivos, tanto que qualquer lugar que você vai, não é chinês, a primeira coisa que ele faz é convidar você pra comer. Mas naturalmente tem que haver uma certa aceitação prévia (...) A família é extremamente importante e a família no conceito chinês é uma família estendida, não é apenas o pai, a mãe ou filhos né?, são os primos, os primos dos primos (risos), e aí a coisa vai embora né? Quer dizer, é gente nossa como diriam os italianos... há muito esse conceito” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 7-9).

3.9. Retorno à China

Eventualmente alguns entrevistados voltaram à China, mas somente para visita, conforme anteriormente relatado. No geral não mais vêm a terra natal como lugar para se estabelecer. Na maioria dos depoimentos ficam chocados com as mudanças que se operam na terra natal, especialmente na China continental. Por causa destas mudanças, confessam que a memória da terra natal estaria se apagando. Entre os que voltam a se estabelecer na China após passar décadas no Brasil, destacam-se as experiências relatadas nos capítulos anteriores (JORNAL BBC, 2002).

Toda vez que volta a Taiwan, Lawrence Koo se sente um estrangeiro. Ele pensa: “Realmente meu lugar não é aqui”. Fica com saudade da feijoada. “O Brasil já está comigo (...) Eu faço parte nesse sentido”. “É inegável que eu continuo com cara de chinês, né, não tem dúvida, né?” Mas ele diz que no Brasil isto não é problema. “Acho que eu sou muito bem aceito... e meus filhos são totalmente integrados à sociedade daqui – então, esse é meu país.” Chu Wan Tai também conta ter retornado à China por um período. Em 1994 ele estava morando na Suíça havia cerca de seis anos. Então ele teve a oportunidade de dar uma parada e tinha duas opções: voltar ao Brasil ou ir para a China. Para resgatar seu passado, ele decidiu pela segunda. “Conforme eu falei eu nasci na China mas eu saí com poucos meses, então China pra mim é sempre... essa imagem distante, essas versões dadas pelos nossos pais que sempre saíram apressadamente com receio de serem mortos né? E com a abertura da China eu voltei. Eu voltei pri... pela primeira vez em 88, numa viagem de turismo, em 94 eu voltei

duas vezes, em 95 eu voltei e morei quatro meses em Shanghai.” Em 1995 Chu foi convidado a lecionar na Shanghai University os Finance and Economics, para dar um curso de pós-graduação para alunos de mestrado e executivos, em quatro meses. O curso foi dado em inglês, já que seu chinês não era suficiente para isto. Chu se incomodou um pouco com o que viu na China por considerar a mão-de-obra muito explorada ali, dando um pouco de culpa consumir produtos chineses no Brasil (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c: 20).

Shilon Wang sempre se comunica com os parentes em Taiwan pela internet. Além disto, assiste à televisão governamental de Taiwan. Notícias, etc. “Você pode acessar porque Taiwan hoje em dia, muito avançado pelo internet. Todo mundo tem. O custo de vida lá, taiwanês, US\$1.500. Todo mundo tem dois carros, dois computadores.” E diz que de 40 anos para cá o analfabetismo é zero. Diz que a ilha é o lugar número 1 do mundo nesta questão. Ele nunca mais voltou a Taiwan porque tem um problema com o serviço militar. Lá o serviço militar é obrigatório. Ele saiu de lá aos 14 anos, e teria que servir aos 15. Foi um engano que ocorreu que o fez estar desregularizado. Em 2007 ele pretendia voltar, porque aí a situação regularizar-se-ia. Ele consultou as leis e regras, esclareceu seu problema e, assim que sua situação se regularizasse, ele voltaria para lá. Para a China Continental, já foi três vezes. Mas ele queria voltar para Taiwan para buscar novas tecnologias, mais avançadas.

Para chineses que vieram ao Brasil muito novos ou para filhos e netos de chineses, a China se torna um lugar distante e desconhecido. Muitos, então, tornam-se chineses aos olhos dos brasileiros, mesmo nunca tendo estado na China. *Chineses que nunca estiveram na China*. Caso semelhante é o dos *nikkei*: termos como “remigração” e “retorno” são muitas vezes empregados para os brasileiros que se mudam para o Japão pela primeira vez (LESSER, 2001: 297).

O retorno, real ou imaginado, é parte do processo migratório, como observado por BOURDIEU (1998) e SAYAD (1998; 2000) e HALL (2003). Aos que não conseguem retornar fisicamente, resta reconstruir a terra natal na terra de destino. O mito do retorno continua, seja porque seja impossível reconstruir a China original, seja porque os que retornam à China não retornam para o mesmo país que deixaram. Ele já se transformou. Não só no Brasil, mas em todo lugar em que a diáspora chinesa está presente, o retorno à terra natal se dá na forma de investimento – o que é essencial para o presente momento da China e seu crescimento econômico. Como já visto, STORY (2004) mostra que a China atrai investimento estrangeiro direto de vários lugares do mundo. Muitos deles pelos *huaren*. Ao investir na terra natal, o chinês mantém seu vínculo com a terra natal: o retorno se concretiza simbolicamente. Mais que uma característica de todo migrante, na China o retorno à terra natal responde a uma virtude confuciana.

3.10. A diáspora chinesa e o Brasil

A imigração chinesa é um espaço do encontro Ocidente-Oriente, e também um componente da sociedade brasileira, multicultural, multi-étnica. Como visto, no Brasil a imigração chinesa não tem contornos nítidos e rígidos de território como em outros lugares (*Chinatowns* nos Estados Unidos, Canadá, Austrália etc.). Isso se deve a alguns fatores específicos da sociedade brasileira: um maior grau de abertura e receptividade, um longo histórico de imigração asiática e de contato com o Oriente (via Portugal), o relativamente baixo número de imigrantes chineses se comparado a outras colônias, o caráter esparso e fragmentado das ondas migratórias, a relativa “desunião” dos chineses (diversas identidades locais e mesmo interesses estatais contrários – Taiwan e República Popular da China). A configuração religiosa, assim como a composição da população chinesa, é variada. Alguns são adeptos do budismo, outros do cristianismo e não raro eles não têm religião.

Em alguns círculos fechados, entretanto, os migrantes chineses no Brasil mantêm um universo de regras próprias, com continuidade de tradições. No que tange à cultura, as fechadas relações em território estrangeiro tendem a se intensificar e o apego às tradições, aumentar. Daí podem decorrer problemas, como a presença de “máfias” e atividades ilegais. Mesmo seguindo um rígido código de conduta, essas organizações têm atividades que se chocam com as leis do país para onde migraram (envolvendo contrabando, controle do comércio, venda de proteção, imigração ilegal, venda de órgãos de imigrantes ilegais etc.). Em geral, os países receptores têm que lidar com a criminalidade que daí advém. Nesses ambientes a noção de cidadania é totalmente substituída pela de relacionamentos privados, justiça privada e de favores. Na cultura chinesa, por sua vez, é forte a herança confucionista e dentro dela a noção de *guanxi* – justamente a importância dos relacionamentos interpessoais.

No Brasil as relações, no entanto, não se dão da mesma forma que no Oriente. Seria um Oriente que se desloca para cá? Mais que isso, seria um Oriente “abrasileirado”, híbrido, que já não condiz com o encontrado ao Leste do planeta. Aqui a China se apresenta como mais uma influência que compõe o povo brasileiro, em sua variedade e complexidade. Brasil e China se complementam, se fundem. Os chineses, apesar das dificuldades que enfrentam quanto à participação na construção da identidade brasileira, pouco a pouco conquistam espaços. Já são tema de enredo de escolas de samba (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2005) e à medida que a China cresce economicamente, no Brasil cresce a “Chinamania”, aumentando a procura por cursos de chinês e o interesse pela cultura deste país (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2004; GERCHMANN, 2004).

CONCLUSÃO

A presente pesquisa tratou da diáspora chinesa no Brasil, mais especificamente em São Paulo. Entretanto, o tema não se esgota aqui. Além da dinâmica social que leva à transformação do fenômeno estudado pelos anos vindouros, a partir deste momento, nosso estudo permitiu desdobramentos para pesquisas futuras, conjuntamente com outros pesquisadores ou não, numa relação de complementariedade:

- Estudos comparativos das diásporas chinesas pelo mundo: a diáspora chinesa em lugares específicos, Estados Unidos, Europa, Canadá, África do Sul etc.;
- Estudos comparativos das diásporas presentes no Brasil: judeus, negros, italianos e outros;
- Estudos sobre os brasileiros que vivem na China – a “diáspora brasileira” e a China como nova força de atração de mão-de-obra nos anos 2000 – sobretudo mão-de-obra qualificada;
- Estudos sobre os *guiqiao* - os retornados à China, mais especificamente vindos do Brasil.

24.000 km separam Brasil e China. A tradição ocidental sempre viu a China como distante, de forma acadêmica ou não. Distante: parece ter sempre sido a forma que a China tem sido vista pela tradição ocidental, acadêmica ou não. Não por acaso ela pertence ao *Extremo Oriente*. Por questões históricas – rota de navegação, interesses econômicos, grande explosão demográfica e tensões político-culturais, o Oriente tem sido - ao mesmo tempo que atrai o Ocidente – uma região de expulsão de população. Edward SAID (2003), Homi BHABHA (2003) e outros retratam um processo de construção simbólica do Oriente pelo Ocidente desde remotos tempos coloniais – e o quanto essa imagem alimentou e foi alimentada pela imaginação. Para nós brasileiros, em especial, falar qualquer coisa sobre a China exige o cuidado de se auto-examinar dentro desta tradição, evitando cometer os mais frequentes erros e preconceitos da História.

Anteriormente viu-se que há basicamente dois tipos de fatores no processo migratório. São eles os de *atração* e de *repulsão*, como observam SINGER (1973), KLEIN (2000) e PAIVA (2000). No caso, o continente americano na passagem do século XIX para o XX exercia forte atração porque tinha abundantes terras, escassez de mão-de-obra e industrialização em desenvolvimento. Ásia (em especial Japão e China) e Europa, por sua vez, eram lugares que repeliam mão-de-obra à medida que tinham altas densidades

demográficas, escassez de terras e uma mudança de economia agrícola para industrial que deixava de fora milhares de pessoas, que não achavam ocupação. Compunham o que MARX (1985) chamou de “exército industrial de reserva”. As ondas, os movimentos migratórios são, assim, condicionados às demandas de trabalho em diferentes regiões do globo. O Brasil constituía um vazio a ser explorado. As Américas (*Meizhou* em chinês, que significa “belo continente”) eram terra de esperança para muitos – incluindo os chineses.

Os chineses espalharam-se pelo mundo, constituindo uma verdadeira *diáspora*. Dentre outros fatores, o espalhamento pelo mundo, a existência de uma mitologia coletiva sobre a terra de origem e a idealização do retorno são atributos comuns às diásporas, como identificaram HALL (2003), SAFRAN (1991), SAYAD (1998; 2000), TÖLÖLYAN (2004), SKOGGARD (2006) e McKEOWN (1999). Como outros grupos migratórios, eles se deslocam para cumprir uma demanda de trabalho. Compondo a maior população da Terra, na sua terra de origem deparam-se com fatores de expulsão, sobretudo nas províncias de Guangdong (Cantão) e Fujian. Estas regiões, na costa chinesa (sudeste) apresentam características especiais. Por um lado, ali se fazia sentir em fins do século XIX a decadência da Dinastia Qing, com superpopulação, pobreza generalizada e caos social. Por outro lado, como aponta McKEOWN (1999), esta região oferecia a seus habitantes os meios para participar das mudanças da economia do Pacífico, e um certo grau de estabilidade e oportunidade, essenciais para emigrar, sobretudo em bases familiares. Por estas razões, estas duas províncias contíguas são as maiores fontes de emigrantes chineses, inicialmente escravizados e comercializados por portugueses e holandeses sob a forma de *coolies* no fim do Império Chinês, de acordo com YANG (1974).

Os grandes movimentos populacionais chineses tradicionalmente apresentaram uma tendência de Oeste para Leste, de regiões inóspitas e desertas para regiões prósperas economicamente e superpovoadas junto ao mar (Fujian e Guangdong encontram-se justamente nesta parte – no sudeste, como visto)²². E é destas regiões, que oferecem oportunidades, que partem para o mundo exterior. Com perfis diferenciados, as populações chinesas inicialmente ocupam o Sudeste Asiático – Filipinas, Indonésia, Malásia, Tailândia, Cingapura, entre outros. Depois ganham outros continentes. Voluntariamente emigrados ou escravizados, o Império via os emigrantes como traidores da pátria. Ainda hoje a emigração é um assunto tabu na China, pois demonstra que muitos tiveram que sair por melhores condições de vida (que a terra natal não foi capaz de promover) ou discordância ideológica (evidenciando ausência de liberdade). Em fins do século XIX, no entanto, a partir do

²² A despeito da atual “marcha para o oeste” em que o desenvolvimento corre para a porção oeste do país, com ocupação da etnia Hân em áreas onde eles ainda não são maioria.

momento em que o governo chinês passou a receber remessas de dinheiro dos emigrantes, surgiu uma nova classificação e uma redefinição das identidades. Chineses ultramarinos passaram a ser bem vistos como beneméritos para a terra natal e surgiram as seguintes categorias:

- *Zhongguoren* – o chinês propriamente dito, que vive na China e tem cidadania chinesa;
- *Huaren* ou *huaqiao* – nascidos chineses que vivem no exterior, muitos deles já com passaportes americano, canadense, australiano, brasileiro etc.;
- *Huayi* – estrangeiros filhos, netos... de chineses – enfim, estrangeiros de ascendência chinesa.

Tais identidades descritas por WEI-MING (1994) ajudam a lidar com o vexame do abandono da terra natal. Ao nunca deixarem de ser chineses, os da diáspora não envergonham o seu governo, preservam-lhe a “face”. Como observara HUTINGTON (1997), o Estado sempre teve forte papel na construção da identidade chinesa. Os chineses da diáspora, mesmo que não sejam mais cidadãos chineses continuariam no nível simbólico sujeitos à autoridade chinesa. A ligação com a terra natal, por razões culturais, os faz desde sempre auxiliá-la, enviar dinheiro etc. Isto vai ser um importante ativador da economia chinesa, como se vê. Um nacionalismo construído pelo Estado, muitas vezes de forma artificial consolidou a identidade chinesa. O Estado teve um papel preponderante.

O Estado chinês conseguiu criar uma identidade comum a um povo tão diverso. Unificadas pela força, 56 etnias com línguas e costumes próprios passaram a ter as mesmas identificações em um território de dimensões continentais. Se hoje a China Continental tem 1,285 bilhão de pessoas e Taiwan 22 milhões (ALMANAQUE ABRIL, 2002), eles se vêem como “Grande China” juntamente com os chineses da diáspora pela força da presença estatal (HUTINGTON, 1997) – algo específico da diáspora chinesa. Como lemos nos depoimentos, há diferentes níveis de identificação (principalmente na questão Taiwan-China Continental).

Conclui-se que a diáspora chinesa não é homogênea. Diferentes perfis ocupacionais (*coolies*, empresários, intelectuais, comerciantes etc.), identificações políticas (Taiwan, República Popular da China, etc.), minorias étnicas, cidades natais vão influir nas identificações. Mesmo os que saem da China com identidades semelhantes, nos países de destino mudam, como mostra WANG (1994): mentalidade de trabalhador temporário, acomodação (mudança de planos – com complicações na China, de temporários têm que se fixar onde estão), total assimilação (vergonha das origens), orgulho étnico e luta por direitos civis, ou desenraizados (a “fuga de cérebros”).

Desde a decadência da Dinastia Qing o chinês se sente humilhado frente ao mundo, após séculos de supremacia econômica (TREVISAN, 2006). Muitos entrevistados revelaram-se envergonhados ao falar das humilhações – mesmo na passagem do século XX para o XXI. A principal foi a cessão de Hong Kong aos ingleses pela derrota na Guerra do Ópio. Condições sócio-econômicas expulsam a população, que vai ao exterior em condições variadas, como se pode ver em YANG (1974), WEI-MING (1994), HU-DeHART (2004; 2004a), LEITE (1999), MORIMOTO (2004), CASSIANO (2001), HUI (1995), CHOU (2003) e PASTOR (2004). Os *coolies* vão exercer atividades mineradoras na Califórnia, África do Sul e Chile; atividades agrícolas na América Central e no Peru (ali como extratores de guano) e Brasil (onde a iniciativa não foi adiante). Nos Estados Unidos, Canadá e Panamá, atuaram na construção de estradas de ferro. Estes trabalhadores enfrentaram duro tratamento – como por exemplo a Lei de Exclusão Chinesa de 1882 nos EUA – e racismo em vários destes lugares. Enquanto isso, na Indonésia, Filipinas, Tailândia, México e Jamaica os chineses se estabeleceram como poderosa burguesia comercial, adquirindo poder político em muitos destes lugares. Não obstante, também sofriam hostilidades pelo poder que conseguiram ali sendo elementos externos.

A República da China (1911-1949) não trouxe alívios na condição de vida dos chineses. Neste período o país mergulhou em Guerra Civil, o conflito entre Nacionalistas e Comunistas, sem falar das invasões japonesas nos anos 1930, que por fim foram convenientes para que os Comunistas saíssem vitoriosos. Os estrangeiros continuavam na China, com suas pretensões comerciais e concessões estrangeiras em Shanghai, Wuhan, Qingdao e outros lugares. Sobre isso comentam DUBARBIER (1966) e BUCK (1961; 1981). Neste período encerra-se oficialmente o comércio dos *coolie*.

A partir de 1949 a China foi governada por uma nova proposta social, a da República Socialista. Foi também um grande marco para a retomada da emigração, dessa vez com um perfil diferenciado. Logo na Revolução famílias remediadas fugiram para Taiwan e outras localidades para salvar seu patrimônio e escapar da perseguição política. Por isso que é a partir desta data que se ouve falar mais de empresários chineses se estabelecendo em outros lugares – no caso do Brasil, as famílias Sieh, Wey, Phi e outras. Como informa Padre Pedro, pelo país ter entrado num isolamento, a emigração na China Continental ficou bastante reduzida. Como ele colocou, no caso do Brasil, nas décadas de 1950, 60 e 70 viu-se uma maior vinda de formosinos, dado que Taiwan era bem mais aberta, por isso um ponto de saída. Apesar disso, ali era constante a ameaça de guerra e invasão por parte de Beijing. Esse foi um forte fator de emigração para taiwaneses.

Nos anos 1950 a população da China, então país extremamente fechado, tinha menos condições para emigrar. Estava ocupada tentando contornar as difíceis condições de vida. O Grande Salto para a Frente, tentativa de Mao de tornar o país auto-suficiente resultou no colapso da economia. De 1958 a 1961 a China passou por período de fome que matou milhões de pessoas. Na década seguinte, com o rompimento do líder Mao com a cúpula do partido, o país enrijeceu ainda mais politicamente. Resultado: de 1966 a 1976 deu-se a Revolução Cultural, com perseguição a intelectuais. Mesmo assim muitos conseguiram sair do país, como destaca GUNGWU (1994), o que transformou substantivamente a diáspora chinesa. Esta elite intelectual revitalizou as colônias chinesas no exterior, levando para os países receptores a cultura letrada chinesa, elevando o *status* dos imigrantes chineses como um todo em vários países. Os entrevistados pela pesquisa e os que prestaram depoimentos ao MUSEU DA IMIGRAÇÃO apresentaram esse perfil diferenciado.

Após a morte de Mao em 1976 e prisão do chamado “bando dos quatro”, Deng Xiaoping iniciou as reformas econômicas e abertura em 1978. Nesse período há um arrefecimento no clima político. Cresceu o número de emigrantes e oportunidades de bolsas de estudo no exterior, como a de CHANG (2004). O clima no país era de novas esperanças com o crescimento. Padre Pedro comentou poder voltar ao país para visitar, anos após o rompimento com o Vaticano em 1957. O entusiasmo durou até fins dos anos 1980, quando setores da população exigiram uma abertura política que acompanhasse a econômica. Houve protestos e o mais famoso deles terminou em massacre na Praça Tian’anmen em 1989. O acontecimento causou a saída de vários intelectuais (SCHWARCZ, 1994) e custou ao país repesálias internacionais das quais levou muito tempo para se recuperar. Nos primeiros anos da década de 1990, contudo, a China retomava o seu crescimento.

STORY (2004) e McKEOWN (1999) e outros identificam a diáspora chinesa como o grande impulso do crescimento econômico chinês. Os já mencionados *huaren* e *huaqiao*, tão festejados desde o império com suas remessas de dinheiro, tornam-se a partir de 1978 os principais investidores no país. Por causa deles, a China recebe altos investimentos externos. Por que eles investiriam num país do qual saíram décadas antes, muitos deles fugidos? Porque sentem-se seguros com o crescimento econômico sob o controle rígido do Estado, principalmente sobre os trabalhadores. A diáspora se organiza mundialmente. KWONG (1997) fala de movimentos por direitos civis nos Estados Unidos nos anos 1960 nos mesmos moldes do movimento negro. Atualmente, através dos já referidos *websites* pode-se constatar a sua organização em diversas partes do mundo.

Comparativamente ao que aconteceu economicamente, a China abriu-se pouco politicamente. Ela é extremamente criticada por isso, por não adotar um modelo democrático

do tipo “ocidental”. Porém há quem veja justamente nesse controle a chave do sucesso – de modo especial comparando-se a China à Rússia, que abriu politicamente bastante rápido, não obtendo o mesmo sucesso. Além disso, critica-se a China por aproveitar-se de mão-de-obra barata – mas não se leva em consideração o alto poder de compra do *renminbi* e que o capitalismo mundial se serve desta mão-de-obra instalando suas empresas na China. Comparativamente, outros países como o Brasil, por exemplo, também podem ser considerados exploradores de mão-de-obra. A questão, principalmente considerando-se um sistema internacional, é complexa: quais os valores que legitimam as críticas à China? Numa multiplicidade de países, quais os que podem criticar os outros? De qualquer forma, a atuação da China não passa despercebida.

No plano interno, o crescimento econômico transforma de modo radical a sociedade. Como visto no Capítulo 1, Hernando de Soto fala em um processo de latino-americanização da China já em curso. Isso significa que a China começa a passar pelos mesmos problemas que já afetam países latino-americanos, decorrentes da crescente distância entre ricos e pobres. Um maior grau de violência na sociedade chinesa começa a ser percebido. Além disso, entre as camadas médias e privilegiadas, percebe-se um descontentamento com os níveis salariais de posições qualificadas e altos impostos (e mesmo extorsão por parte do governo). Estes são recentes fatores que têm feito muitas destas camadas emigrarem. Como coloca KRISTOF (2004) continuam perseguições políticas (como a que sofre a seita *falungong*), censura na internet – fatores que têm gerado também a fuga de cérebros (JORNAL BBC, 2007).

Como visto anteriormente, ainda é muito difícil precisar o número de chineses ultramarinos. Enquanto Chu Wan Tai fala em 70 milhões (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997c), CHIN (1999) fala em 55 milhões. Já a Academia de Ciências Sociais de Pequim os estima em 35 milhões (JORNAL BBC, 2007). Como razões desta disparidade, destacam-se chineses que adotaram diferentes nacionalidades, muitas delas múltiplas, sem contar os muitos indocumentados e em situação clandestina. Por uma série de razões esta imigração clandestina é até esperada em países ricos (como mão-de-obra barata, por exemplo) – e os chineses juntamente com outros grupos participam disto. MILLER (2005), TAYLOR (1992). LEE (2002) e CHIN (1999) descrevem as redes cotemporâneas que alimentam o tráfico ilegal de chineses, com a participação dos cabeças-de-cobra, *coyotes* etc. Fujien, outrora grande fornecedora de mão-de-obra *coolie*, é hoje ponto de origem do comércio ilegal de pessoas. A região continua com sua participação na saída de pessoas, exercendo sua força de expulsão, mais de um século depois do fim oficial do comércio de *coolies*. Todavia, nas últimas décadas, a China também apresenta movimentos em sentido contrário, movimentos de

atração, de chineses que prosperaram no exterior e que agora querem se beneficiar do crescimento do país natal – são os *guiqiao*, ou retornados de que falam GUNGWU (1994) e JORNAL BBC (2002). De maneira geral, as forças de expulsão estão ligadas às oportunidades da China: justamente quando há mais crescimento e abertura política é que saem mais pessoas (mesmo se a perseguição política ou busca por oportunidades tenham sido os motivos da saída).

O Brasil, por sua vez, foi historicamente um polo de atração de população. Assim como no caso da China, as visões da Europa sobre o Brasil relacionavam-se a preocupações políticas, econômicas, estéticas e até a fantasias utópicas (BUENO, 2003; SOUZA, 2005)²³. Um “novo mundo”, ou “admirável mundo novo”, um lugar para recomeçar – às vezes atraente, às vezes repulsivo. Como mostra a arte europeia do século XIX, o Brasil sempre fora entendido como lugar a se explorar comercial e militarmente. O Brasil gera obras que alimentam a imaginação europeia como lugar exótico, distante, utópico e ao mesmo tempo selvagem.

Além de polo de atração de população, o Brasil tem sido desde tempos coloniais lugar privilegiado do encontro com o Oriente, mais especificamente com a China. Como destaca LEITE (1999), este contato privilegiado se deu pela mobilidade do colonizador português, que se deslocava fácil e frequentemente entre Ásia, África e América, promovendo o intercâmbio de pessoas, mercadorias (“fazendas”), plantas, animais, artes e costumes. Os jesuítas também circulavam entre as regiões, fazendo-se cumprir a dupla missão portuguesa: civilizadora e comercial. Além disso, realizava-se um comércio informal entre as regiões à revelia de Portugal, que proibia o comércio direto entre elas. Assim, nenhum outro ponto nas Américas teve tanta influência da China, Japão e Índia como o Brasil.

Após séculos de utilização de trabalho africano escravo, capturado à força no continente de origem e mantido cativo no Brasil, o país pensava em outras formas de mão-de-obra no século XIX, por pressões externas e mudanças econômicas. Adotando um modelo no

²³ SHAKESPEARE (1999), em *A Tempestade*, mostra o quanto a descoberta de outros territórios representou para os europeus lugar de exílio ao mesmo tempo que de sonho. As terras do além-mar são representadas por Shakespeare como a gratificação dos sentidos, o desejo sexual e o esquecimento dos assuntos do mundo. A ação da peça se passa em cenário distante da Europa, o que muito chama a atenção por ser uma característica da época o mercantilismo e, por conseguinte, o colonialismo. Era a o auge da busca por especiarias e novas ervas em terras longínquas, terras que faziam a imaginação do europeu trabalhar, conforme mostram os *Ensaios* de Montaigne (CHAIA, 1995). Nessa época muito se questionava sobre o caráter humano (ou não) dos habitantes do chamado novo mundo. Daí a personagem Caliban ser limítrofe entre o humano e o animal (SOUZA, 2005: 54; GERBI, 1960: 67). De qualquer forma, tudo que se referia a esta questão era envolto numa aura mágica e mistificada. Um mundo de sonho e fantasia – alucinação, até (SCHIVELBUSCH, 1995). Ou um “Admirável mundo novo”.

qual o europeu branco, latino e católico ocupava uma posição de destaque, trouxeram trabalhadores de várias partes do mundo. Quando tiveram que considerar a alternativa de trazer trabalhadores asiáticos, o que contrariaria o modelo buscado, as elites nacionais mergulharam em debates sobre a identidade nacional²⁴ (LESSER, 2001; RAMOS, 2000; CASSIANO, 2001; MENDONÇA, 1879; LEITE, 1999; FREITAS, 2001; 2004). Os asiáticos eram considerados “mais dóceis” e poderiam ser “lucrativos” (comercializados como *coolies*) – mas punham em risco a identidade nacional pretendida, no sentido do “branqueamento”. Além da europeia, a mão-de-obra asiática foi de fato amplamente utilizada no Brasil. As experiências chinesas iniciais foram mal-sucedidas, resultando em fugas, suicídios e desaparecimento dos trabalhadores. Ademais, a decadência do Império Qing fez com que se interrompesse o fluxo ao Brasil (FREITAS, 2004; CASSIANO, 2001; YANG, 1974). Os chineses foram, assim, preteridos aos japoneses como mão-de-obra agrícola a partir de 1908. Desta forma, a imigração japonesa passou a ser o paradigma de imigração asiática no Brasil (SAKURAI, 2004). E muitos asiáticos no Brasil acabaram sendo involuntariamente transformados em “japoneses” no senso comum. São Paulo especificamente, pelas mudanças da economia do café e da industrialização, constituiu-se numa confluência de povos. PAIVA (2000) calcula terem entrado no país mais de 4 milhões de estrangeiros entre 1881 e 1914.

Os chineses continuaram vindo – sobretudo após 1950, por condições sócio-políticas da própria China. Mas no Brasil nunca foram até o momento tão numerosos. A diversidade da diáspora chinesa pelo mundo também se verificou aqui. Dentre os dados e depoimentos coletados identifica-se uma forte identificação com a cidade natal, que se refletiu no alto número de associações baseadas no nível local, não na China. O problema político entre República Popular da China e República da China (Taiwan) também migrou para cá. Conforme HUTINGTON (1997) os *huaren* ainda sofrem forte influência do Estado de origem – o que influi em suas identidades, mesmo no Brasil. O resultado é certa desunião na colônia, com setores defendendo a posição de Taiwan, outros defendendo a China Socialista. Isso pôde ser captado no episódio de comemoração do Ano Novo Chinês, no bairro da Liberdade, em 2006 (como relata Shilon Wang), na existência de jornais paulistanos em língua chinesa com posições contrárias frente a esta questão (Jornal Chinês e Jornal

²⁴ Há que se destacar o papel do Estado a serviço das elites na construção da identidade brasileira, através do nacionalismo. “O Brasil não se tornou independente porque fosse nacionalista, mas fez-se nacionalista por haver-se tornado independente.” (MELLO, 2000: 14) – opinião compartilhada por DIAS (1986). O nacionalismo interessava a uma classe da elite brasileira descendente de portugueses, composta basicamente por funcionários públicos. A essa classe interessava um Estado independente, e o nacionalismo foi um meio de se chegar a esse fim. “O Estado político nunca é adequado à sociedade pela qual é responsável.” (GIL, 1989: 292). A “nação” é sempre um meio para uma classe (a burguesia, por exemplo). Processo semelhante é relatado por HOBBSAWN (1990) na Europa dos século XIX.

Americana), e o mal-estar todo mês de outubro, em que duas datas nacionais são celebradas (01 pelos comunistas e 10 pelos taiwaneses). Tudo isso reflete uma falta de coesão entre os chineses de São Paulo, que além de comparativamente pouco numerosos, vieram em iniciativas individuais, em tempos diferentes e com origens diferentes. Outros grupos como os japoneses, por sua vez, tiveram alta participação governamental em sua imigração, vieram em grupos e em maior quantidade – tornando-se assim mais coesos e unidos.

De acordo com dados oficiais (Censo Demográfico IBGE 1991), os chineses pertencem ao Grupo IV na classificação de VERAS (1999-2001), também utilizada por CASSIANO (2001), não tão numeroso se comparado a outros. O Grupo IV compõe cerca de 10% da população de estrangeiros da Região Metropolitana de São Paulo. Chineses do Continente e de Formosa, se somados (6.540, correspondendo a 2,09% da população estrangeira), ainda são menos numerosos que os coreanos na Região (7.423, correspondendo a 2,38%). Em termos numéricos a comunidade chinesa é relativamente pequena, embora se faça cada vez mais presente na vida de São Paulo. “Na região metropolitana, os municípios de maior concentração chinesa são Santana de Parnaíba e Mogi das Cruzes, sendo que a maioria desses imigrantes trabalha em atividades rurais, como criação de galinhas. O município de São Paulo abriga a maior colônia do Brasil; conta com mais de cem mil chineses, muitos não-documentados, ou clandestinos. Entram no país via Uruguai, Paraguai e Bolívia, ou com visto temporário” (CASSIANO, 2001: 112). Campinas, Jundiaí, Barueri e Osasco são também pontos de concentração no estado, segundo James Lee Hoi On (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 29). Em outros estados, ainda que em volume muito menor, On destaca as cidades de Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, cidades do Maranhão, além de Recife, Fortaleza e Salvador: “é, todo lugar tem” (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 30). “Conforme ocorre com outros fluxos migratórios, os chineses se configuram no espaço urbano conforme a localização dos patrícios que os antecederam na grande ‘viagem do dragão’, ou segundo sua condição econômica” (CASSIANO, 2001: 113).

“Os imigrantes chineses estão distribuídos por toda a extensão oeste, sudoeste, e região central do município de São Paulo. Os maiores contingentes encontram-se nos bairros da Liberdade, Santo Amaro, Lapa, Sé, Moema, Cambuci, Morumbi, Jardim Paulista, Vila Mariana e Itaim-Bibi. Os bairros das regiões oeste e sudoeste são ocupados por chineses que chegaram há mais de trinta anos, em sua maioria, profissionais liberais e grandes investidores. O distrito da Liberdade ainda abriga a maior e mais antiga concentração chinesa de São Paulo” (CASSIANO, 2001: 112). A autora considera dados oficiais. Não existe uma *Chinatown* em São Paulo, um bairro específico. Em geral, a distribuição espacial de chineses acompanha a dos japoneses. Acrescentam-se aos bairros acima a Aclimação e a Vila Olímpia

(JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2007). James Lee Hoi On acrescenta ainda os bairros de Pinheiros, Santa Cecília, Brooklyn como lugares de concentração de chineses (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997e: 29). Para Padre Pedro a distribuição de chineses se dá mais de acordo com a classe social da família em particular do que com o caráter chinês. NEGAWA (2000) indica a Liberdade como bairro oriental de São Paulo, mas não um território chinês. Ali constrói-se um “simulacro de Oriente”, onde vivem orientais. O chinês, pelo seu caráter comerciante, é móvel. Vive lá, mas também em outras partes.

Em termos de dados não-oficiais, as estimativas da quantidade de chineses no Brasil ainda são muito diferenciadas, com uma larga amplitude entre uma e outra. Lawrence Phi acredita haver entre 100.000 e 150.000 chineses no Brasil (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003), conclusão semelhante à de Wong Sun Keung (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997g) e James Lee Hoi On, que estima viverem no Brasil cerca de 100.000 chineses, 80.000 dos quais radicados no estado de São Paulo, nas cidades de São Paulo, Campinas, Jundiaí, Osasco e Barueri (FREITAS, 2004: 103). As estimativas são as mais díspares, principalmente se comparadas às da Revista Ponte²⁵, publicação sino-brasileira de Campinas-SP, que os calcula em 150 mil famílias em São Paulo, 600 famílias em Campinas e 200 famílias em Mogi das Cruzes e Suzano. Entretanto, pesquisas não-oficiais relacionadas por BELLINI (2006) lembram em torno de 250 mil chineses e descendentes no Brasil, dos quais 190 mil residiriam em São Paulo. No que tange aos chineses no Brasil, os números oficiais são bem mais baixos que as estimativas de chineses ou entidades chinesas no Brasil. Assim, isto reflete a situação da diáspora chinesa no mundo como um todo – sendo muitos chineses com múltiplas cidadanias, ou outra que não a chinesa, ou então indocumentados – o que dificulta a precisão.

1949 constituiu-se num marco para a migração chinesa como um todo. Entre os entrevistados destacam-se as tentativas de salvar os patrimônios familiares alhures, sobretudo na década de 1950. Desde esta época, ficar livre da tensão política da região era uma possibilidade para os taiwaneses em particular. O Brasil representava paz, bom clima, ausência de desastres naturais etc. Muitos relataram longas travessias de navio (mais de 120 dias), outros falaram de viagens comparativamente curtas de avião (durando poucos dias). Famílias foram separadas, membros vieram mais cedo e depois houve o reencontro. Em alguns casos, primeiro o homem, depois mulher e filhos (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997a). Ou no caso de Marco, crianças foram deixadas para trás havendo a reunião familiar depois (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1997i).

²⁵ www.revistaponte.com.br/quemsomos.htm acessado em 18 de outubro de 2007.

A língua parece ser a maior dificuldade dos que chegaram. Não se comunicar é o maior choque na chegada. Após passar esta barreira (e, diga-se, não foram todos os entrevistados que conseguiram), conquistaram uma assimilação na sociedade brasileira – alguns vendo-se como brasileiros. Esta é mais uma razão para não haver *Chinatown* no Brasil, dada pelos entrevistados. Apesar da aceitação e sentimento de pertencimento que muitos revelaram, pesa o caráter racial, à medida que muitos deles foram chamados de “japoneses” (LESSER, 2001), ainda sendo difícil para eles serem chamados brasileiros.

Em alguns depoimentos ouviu-se a frase “aqui não tem discriminação” e relatou-se uma rápida e calorosa acolhida no país, mas como se viu o chinês, como o oriental em geral sofre preconceito no Brasil. Ele é tido como ameaça de roubar “dos brasileiros” a vaga no vestibular e alguns depoentes reclamaram de o chinês ainda ter imagem de “pasteleiro” entre os brasileiros. Mesmo que muitos chineses tenham vindo como empresários e que os filhos de chineses consigam vagas nas melhores universidades (isso é uma prioridade que os pais chineses trouxeram ao Brasil), ainda é uma imagem difícil de mudar. Na relação entre chineses continentais e de Taiwan, percebe-se também o que FREUD (1974) identificou como “narcisismo das pequenas diferenças”. Basicamente por parte dos últimos, uma tendência em ver os primeiros como “trabalhadores não qualificados” – ainda a velha imagem do “pasteleiro” projetada no outro, mesmo que não corresponda à realidade. Há um medo de ter identidades confundidas, como no referido caso do chinês que teve visto americano negado. No bairro da Liberdade, um jovem chinês continental se veste e se comporta de modo a “passar por japonês” – numa clara demonstração de baixo conceito que se tem de si mesmo como chinês. Alguns depoentes, entretanto, relataram boas relações entre chineses dos dois lados do estreito no Brasil. E o Brasil é visto por eles como um ambiente facilitador desta relação.

Contemporaneamente o debate sobre a identidade nacional continua. Darcy RIBEIRO (1995) vê com entusiasmo o caráter multiétnico do povo brasileiro, e LESSER (2001) ressalta o seu caráter mestiço, chamando a atenção para seus problemas. Entrevistados como Koo e Shilon Wang declararam ainda ter dificuldade em encontrar um caráter próprio do brasileiro. “Quem é o brasileiro?” – a pergunta é feita por BACKES (2000), que destaca o desafio que o país tem em responder de maneira original sobre sua identidade. Chamados de “japoneses” ou não, os asiáticos e descendentes têm maior ou menor aceitação desta identidade de acordo com a classe social. Para LESSER (2001), árabes, chineses e japoneses e descendentes têm maior ascensão social e econômica que poloneses pobres e descendentes do Paraná – e por isso mais aceitos que estes. Com este exemplo o autor mostra que nem sempre o favorecimento ao branco europeu prevalece. As novas gerações da imigração chinesa, ou

seja, os brasileiros filhos e netos de chineses (ou *huayi*), se sentem mais integrados à sociedade brasileira. A queixa de alguns dos entrevistados *huaren* é a de que eles não apresentam muito interesse pela língua ou cultura chinesa, sendo pouco provável adaptarem-se ao modo de vida chinês. Sejam *zhongguoren* (chineses que vivem na China, sob o Estado chinês), *huaren*, *huaqiao* (chineses que vivem no exterior, muitos deles com outros passaportes²⁶) ou *huayi* (descendentes de chineses, já de outras nacionalidades), todos eles se enquadram nestas categorias cunhadas no seio do Estado chinês (HUTINGTON, 1997; WEI-MING, 1994). Como visto, ao criar estas categorias, amplia-se o conceito de “chinês” e preserva-se a “face” do Estado chinês. Como diáspora, eles continuam sendo o mesmo povo, ou a “Grande China”.

Não obstante, conforme vimos, o ramo desta diáspora destinada ao Brasil se apresenta fragmentado, disperso, desconexo, vindo em ondas de diferentes temporalidades, e com múltiplas identidades. Segundo FREITAS (2001; 2004), a imigração chinesa no Brasil tem um caráter predominantemente urbano, sobretudo comercial, como se pôde ver através dos inúmeros estabelecimentos chineses desta natureza. Há que se destacar também o perfil empresarial de muitos imigrantes, como as famílias Wey, Phi e Sieh, por exemplo, e as empresas Braswey, Brasfanta, Wow, Luca, Mônica Flautas, Moinhos Pacífico etc. Na parte científico-acadêmica, em universidades, principalmente entre os chineses que vieram jovens ou de segunda geração (*huayi*), a colônia também deu grande contribuição. Os chineses transformaram radicalmente a culinária (trouxeram novos ingredientes e sabores através dos inúmeros restaurantes chineses) e as técnicas terapêuticas (trazendo a acupuntura e acupressura, por exemplo) e artes marciais (kung fu e tai chi chuan). Na política, William Woo (PSDB) e Roger Linm (PPS) representam a comunidade. Na Igreja, Padre Pedro e Bispo Yu Ping (que serve na Amazônia) prestam assistência. Nas artes, Chang Dai-Chien produziu aqui (mais especificamente em Mogi das Cruzes) grande parte de sua obra e proliferaram cursos de caligrafia e pintura chineses.

O crescimento econômico da China faz destacar os chineses e descendentes de São Paulo, que muito podem atuar na aproximação das relações comerciais entre os dois países (Brasil e China). Muitos atuam como jornalistas, intérpretes, assessores etc. Em seu levantamento sobre a vida associativa dos chineses em São Paulo, SHYU (2000) constata a existência de 115 instituições (refletindo a variedade de identidades) e 16 escolas de chinês.

²⁶ Um fato de grande impacto na identidade dos *huaren* e *huayi* foi a suspensão da lei da dupla nacionalidade pela República Popular da China em 1980 (Art. 3 da lei Nacional da República Popular da China, de 10 de setembro de 1980, em vigor em 1981). Como visto, para muitos chineses da diáspora renunciar à nacionalidade chinesa e adotar outra foi motivo de agonia. A República da China (Taiwan), por sua vez, continua permitindo a dupla cidadania (WEI-MING, 1994).

Shilon Wang comenta que a fragmentação da colônia também gera o surgimento de muitas Câmaras de Comércio Brasil-China. Dentre as escolas de chinês destacam-se a Missão Católica Chinesa, a Escola CHINBRA, a Escola Santo Confúcio, o Templo Zulai e o Colégio Sidarta. Todos constituem-se em centros de sociabilidade da comunidade chinesa. O Templo Zulai em Cotia-SP, um dos templos Fo Guang (Buda Light), é erguido como obra da comunidade formosina de São Paulo. Bem em frente ao Templo, o Colégio Sidarta é pioneiro ao incluir o idioma chinês entre as disciplinas regulares. Na Santo Confúcio, na Vila Mariana, preservam-se as tradições entre as crianças *huayi*, como a comemoração do Ano Novo Chinês. A Missão Católica Chinesa, na Rua Santa Justina, Itaim-Bibi, une chineses de diversas origens (Taiwan, Continente etc.) e religiões (católicos, budistas, sem religião etc.) e constitui-se em ponto de apoio para todos. Obras assistenciais²⁷, trabalho voluntário, auxílio à comunidade (não só chinesa) são algumas das atividades mencionadas pelo Padre Pedro, que está à frente da instituição. Ali, através de uma entidade de religião ocidental (catolicismo) os chineses preservam a sua língua, culinária e sua cultura letrada (numa das maiores bibliotecas em chinês da América do Sul). A comunidade sino-paulistana conta com uma diversidade de publicações e *websites*, a maioria em língua chinesa, que refletem mais uma vez a diversidade da diáspora. Sobressaem-se as revistas Ponte, China em Estudo (pela USP), Bliá (do Templo Zulai), o Boletim da Missão Católica Chinesa e os jornais Americana e Jornal Chinês para a América do Sul.

Apesar da grande influência que a cultura brasileira exerceu entre os chineses de São Paulo – como observado, na alimentação, na religião, na língua e na integração das novas gerações, há uma forte herança da China rural que acompanha os chineses em São Paulo. KWONG (1987), McKEOWN (1999) e HUANG (1993) mencionam esta herança em diversos países em que os chineses se instalaram. Mesmo caindo em contextos culturais diferentes, muitos costumes e características são preservados. Por exemplo, a valorização da família, as relações externas tendo as relações familiares como modelo, o culto aos ancestrais, a importância do estudo, o *guanxi* (rede de relações e favores) – muitos deles vindo de inspiração confucionista. Os chineses apresentam, ao mesmo tempo, mobilidade e apego à terra. Ou seja, apesar de terem a mobilidade do comerciante (NEGAWA, 2000), são extremamente ligados à terra, especialmente o torrão natal (VERNE, 1889; BUCK, 1981). Muitas vezes, por não saber a língua do país, alguns chineses se isolam em ambientes chineses ou enclaves étnicos. Isso acontece no Brasil em certa medida. Nestes ambientes

²⁷ Padre Pedro conta que a Igreja sempre ajudou a chineses recém-chegados. Hoje os que prosperaram ajudam a Igreja. Como mais novo projeto da instituição há uma grande casa de repouso para chineses em construção às margens da Represa de Guarapiranga.

mantêm-se o *guanxi*, influências, favor. Em alguns casos, há relações que chocam a sensibilidade ocidental, mas que CHUNG (2005) diz serem vistas com naturalidade por chineses. O entrevistado Shilon Wang falou por vezes em relações em que “passam a perna” um no outro. O *guanxi* aparece como divisor social entre *nós* (os bem tratados, os que têm *guanxi*, “nossa gente”) e os *outros* (mal tratados, os não pertencentes). ELIAS (2000) já apontara semelhante polarização em outras sociedades. JULLIEN (1998) fala de certas características da cultura chinesa como a noção de eficácia e a ausência de transcendência. Em linhas bem gerais, a idéia deste autor é a de que enquanto o ocidental busca seus objetivos de maneira direta, o chinês os deixa advir como resultado natural das situações²⁸. Enquanto o ocidental projeta ideais a serem alcançados, utopias, o chinês é pragmático, resignado em relação às possibilidades do real – não cabe espaço à vontade do sujeito (a força está no sacrifício e não em se lutar pelo que se quer). A realização se dá na fusão com a sociedade. Bernardo CARVALHO (2003; 2005) também comentou estas características. Por vezes há choques entre gerações de chineses no Brasil por estas diferenças. Como já relatado, Lawrence Phi conta ter enfrentado resistência por parte da família ao manifestar sua vontade de estudar filosofia existencialista. O próprio entrevistado acentua o pragmatismo do chinês como causa da não-aceitação de sua decisão (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2003). *Huaren* por vezes se queixam de que o ambiente brasileiro é “liberal” demais para seus filhos; os filhos *huayi*, ou os que vieram muito novos, por sua vez, se queixam da rigidez que encontram em casa, com pouco tempo livre, cobranças etc. Por fim, estes *huayi* ou *huaren* jovens acabam passando por dificuldades, ao ter que viver em ambientes tão diferentes, dentro e fora de casa. A situação dos *huayi* pode vir a ser desdobramento de um tema para uma nova pesquisa, já que esta centrou-se nos *huaren*.

Para os entrevistados chineses o brasileiro aparece como povo simpático, “sem preconceito”, que vive o “hoje”, mima os filhos e gosta de relaxar. Muitas coisas erradas como “cabular aulas”, “atrasos” etc. são relacionadas ao brasileiro ou “abrasileirar-se”. O país ainda se apresenta a eles como terra de paz e esperança, um país novo, em construção, com muito por fazer. Ainda confluem para cá muitos povos, como africanos e bolivianos (CHADE, 2006; GARBIN, 2006; 2006a; 2006b; 2006c; JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2004e; 2004i; CAFARDO, 2005) – e os próprios chineses. Entretanto, contemporaneamente o Brasil apresenta uma força contrária à do início do século XX. TRAVESSIA – REVISTA DO MIGRANTE (1995) e SALES (1998; 1999), entre outros,

²⁸ SAKURAI (1993), ao falar do conceito de *gambarê* na cultura japonesa, aponta o quanto a cultura oriental é marcada pela força da resignação. Segundo este conceito, o forte não é aquele que luta pelo que quer, como no Ocidente, mas aquele que suporta as contrariedades da vida, vivendo em sacrifício. Por exemplo, aquele que não vai contra a vontade dos pais, ainda que isto represente a perda da própria felicidade.

tratam do Brasil como país de emigração. Para SALES (1999) na década de 1980 os brasileiros saem para fugir da “década perdida”, preferindo se sujeitar a trabalhos não-qualificados no exterior. Estados Unidos, Portugal e Japão são alguns dos maiores destinos dos emigrantes brasileiros. De acordo com levantamento da OCDE, os brasileiros são o povo ocidental que mais migra para o Japão – formando uma comunidade que já reúne 313 mil brasileiros (JORNAL BBC, 2007a). Em 2002, só nos Estados Unidos havia 783.602 brasileiros; no Paraguai, 378.247; em Portugal, 85.567; na Itália, 67.187 – segundo o Ministério das Relações Exteriores. Em 2003 relatava-se um êxodo de 2 milhões de brasileiros, sendo um terço destes em situação clandestina. Avalia-se que 100 mil brasileiros deixem o país a cada ano. As remessas que esta “diáspora brasileira” manda ao Brasil atingiram US\$ 4,6 bilhões em 2002 (1% do PIB brasileiro) (JORNAL INTERNATIONAL PRESS, 2004: B8).

Retorno à China? Entre os entrevistados nenhum revelou esta intenção – a não ser como visitante, ou para algum projeto específico de curta duração. Apesar de alguns casos conhecidos de *guiqiao* (retornados), grande parte do retorno à China se dá sob a forma de investimentos, como salientou STORY (2004). Na antiga relação Brasil-China percebe-se uma relação de complementação. Os dois países compartilharam a presença portuguesa que lhes permitiu intercâmbio, e hoje vê-se uma comunidade sino-brasileira, sobretudo na região metropolitana de São Paulo, que muito transformou a cultura do país. O Brasil é parte da diáspora chinesa, e embora haja uma herança chinesa e preservação de costumes, não existe um pedaço da China transplantado para o Brasil. Já constituiu-se em algo novo, uma comunidade que é também brasileira, afinal. Esta comunidade é peça-chave no entendimento entre Brasil e China, que já têm relações diplomáticas desde 1974, e ajudará cada vez mais na compreensão mútua e amizade entre os dois países.

BIBLIOGRAFIA

ACEITUNO, Jair (2005). “Law Kin Chong é transferido para regime semi-aberto em Bauru” In: www.estadao.com.br, 24 de agosto.

AGAMBEN, Giorgio (2003). *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo.

_____ (2004). *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG.

ALCÂNTARA, Eurípedes (2003). “As ambições do planeta China”. *Revista Veja*, 22 de outubro, pp. 122-127.

ALMANAQUE ABRIL 2002. São Paulo: Editora Abril

ALONSO, Angela (2000). “A voz dissonante de Joaquim Nabuco” In: *Jornal Folha de São Paulo*, www.folha.uol.com.br, 17 de novembro, acessado em 13 de março de 2006.

ARONA, Juan de (1971). *La inmigración en el Perú*. Mimeo.

BACKES, Carmen (2000). *O que é ser brasileiro?* São Paulo: Escuta.

BAIJIA, Zhang (2004). “Chinese Domestic and Foreign Policies in the 1990s” In: VOGEL, Ezra; MING, Yuan and TANAKA, Akihito. *The Age of Uncertainty. The US-China-Japan Triangle from Tiananmen (1989) to 9/11 (2001)*. Harvard University Asia Center. Pp. 227-253.

BANKS, Marcus (1996). *Ethnicity: antropological constructions*. Londres: Routledge.

BARRETO, Luiz Paulo Ferreira (2001). “Considerações sobre a imigração no Brasil contemporâneo” In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, pp. 63-71.

BASSANEZI, Maria Sílvia (1996). “Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico” In: PATARRA, Neide Lopes (coord.) (1996). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, pp. 1-38.

JORNAL BBC (2002). “‘Milagre econômico’ atrai imigrantes de volta para a China” In: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021023_chinasapato.shtml, 06 de novembro, acessado em 21 de março de 2006.

_____ (2007). “China sofre pior fuga de cérebros do mundo, diz relatório” In: www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2007/02/070213_chinafugacerebrosfn.shtml, atualizado em 13 de fevereiro.

_____ (2007a). “Fluxo para países ricos cresceu 10% em 2005, diz OCDE” In: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070625_relatoriocdeebc.shtml, atualizado em 25 de junho.

BELLINI, Nilza (2006). “Apetite de dragão: Brasil descobre a China e reforça laços culturais e comerciais” In:

http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=207&breadcrumb=1&Artigo_ID=3269&IDCategoria=3541&reftype=1, acessado em 21 de março de 2006.

BERNARDO, João (1975). *Para uma teoria do modo de produção comunista*. Porto: Afrontamento.

BERQUÓ, Elza (2001). “Prefácio” In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, pp. 11-12.

BHABHA, Homi K. (2003). *O local da cultura*. Tradução do original inglês *The Location of Culture*. Londres e Nova York: Routledge, 1998 feita por Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BOLLE, Willi (1994). *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: USP.

BONALUME NETO, Ricardo (2002). “Muro de Israel deve repetir fracasso de outros muros” In: Jornal Folha de São Paulo, www.folha.uol.com.br, 22 de junho, acessado em 13 de março de 2006.

BOURDIEU, Pierre (1998). “Prefácio” In: SAYAD, Abdelmalek (1998). *A imigração. Ou os paradoxos da alteridade*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: USP.

BRASIL, Ubiratan (2006). “Eterna busca da identidade” In: Jornal O Estado de São Paulo, 04 de junho, p. D1.

BRITO, Fausto (1996). “Os Povos em Movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo” In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, pp. 53-66.

BROCKEY, Liam M. (2006). “Quando reinos celestiais colidem” In: Jornal O Estado de São Paulo, 28 de maio, p. A23.

BRUM, Eliane (2001). “Libertem meu filho” In: <http://epoca.globo.com/especiais/2anos/educacao.htm> acessado em 31 de julho de 2007.

BUCK, Pearl (1961). *A China que eu vi*. Biblioteca de Seleções. Seleções do Reader's Digest. Rio de Janeiro: Ypiranga

_____ (1981). *A boa terra*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural.

BUENO, Eduardo (2003). *Brasil: Terra à Vista!* Porto Alegre: L & PM.

BUN, Chan Kowk (1995). “The Vietnamese Boat People in Hong Kong” In: COHEN, Robin (ed.) (1995). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 380-385.

CABRAL FILHO, Severino Bezerra (2002). “O diálogo Brasil-China: perspectivas para o século XXI” IN: Revista China em Estudo No. 5. São Paulo: Curso de Língua e Literatura Chinesa, DLO-FFLCH-USP, pp. 13-30.

- CAFARDO, Renata (2005). “Educação, um direito do imigrante” In: Jornal O Estado de São Paulo, 20 de março, p. A22.
- CAMAROTTI, Mariana (2005). “Galeano e o continente em ebulição” In: Jornal O Estado de São Paulo, 24 de setembro, p. D5.
- CANÔNICO, Marco Aurélio (2007). “A sombra do dragão” In: Jornal Folha de São Paulo, 25 de fevereiro, Caderno +, pp. 4-5.
- CARVALHO, Bernardo (2003). *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras
- _____ (2005). “Uma idéia do outro mundo” In: Jornal Folha de São Paulo, 18 de janeiro, p. E10.
- _____ (2006). “Negócio da China” In: Jornal Folha de São Paulo, 15 de agosto, p. E10.
- CASSIANO, Marcella Siqueira (2001). *A viagem do dragão: a imigração chinesa em São Paulo*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais pela PUC-SP sob a orientação do Prof. Dr. Edmilson Bizelli.
- CASTRO, Mary Garcia (2001). “Migrações internacionais e políticas. Algumas experiências internacionais” In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, pp. 15-32.
- CHADE, Jamil (2006). “Brasil não combate racismo, diz ONU” In: Jornal O Estado de São Paulo, 18 de março, p. A36.
- CHAGAS, Tonica (2005). “O Pará mais ao norte, nos EUA” In: Jornal O Estado de São Paulo, 20 de março, p. C1.
- CHAI, Miguel (1995). “A natureza política em Shakespeare e Maquiavel” In: Revista Estudos Avançados 9 (23). São Paulo: USP, pp. 165-182
- CHALHOUB, Sidney (1990). “Classes perigosas” In: Revista Trabalhadores, nº 6, Campinas: UNICAMP
- CHAN, Sucheng (1986). *This Bittersweet soil: the Chinese in California Agriculture, 1860-1910*. Berkeley: University of California Press.
- CHAN, Anita (2001). *China's Workers under Assault. The Exploitation of the Labor in a Globalizing Economy*. Nova York: M.E. Sharpe.
- CHANG, Edward Tachan (2006). “The Korean Diaspora and Rethinking Asian-American Theory” In: INTERNATIONAL RESEARCH CENTER FOR JAPANESE STUDIES. *The Korean Diaspora and Strategies for Global Networks*. Kyoto: International Research Center for Japanese Studies.
- CHANG, Jung (2004). *Cisnes selvagens: três filhas da China*. Tradução de *Wild Swans: three daughters of China* por Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras.

CHEN, Weixing (1996). "Transition and Transition Problems in China: a Theoretical Explanation." The Journal of East Asian Affairs. X (2): 309-336.

CHIN, Ko-Lin (1999). *Smuggled Chinese. Clandestine Immigration to the United States*. Philadelphia: Temple University Press.

CHOU, Diego Lin (2003). *Los Chinos en Hispanoamerica*. San José de Costa: FLACSO

_____ (2004). "Capítulo 2 – Chile. De culíes a profesionales" In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 35-54.

CHUNG, Tom (2005). *Negócios com a China*. Osasco: Novo Século

CNBB (2007). "Um bispo chinês na Amazônia" In: Boletim da CNBB, www.revistamissoes.org.br, 03 de setembro.

COHEN, A.P. (1985). *The symbolic construction of community*. Londres: Routledge.

COHEN, Lucy (1971). "The Chinese of the Panama Railroad: Preliminary Notes on the Migrants of 1854 Who Failed" In: Ethnohistory. Vol. 19, No. 4, pp. 309-320.

COHEN, Robin (1996). "Diasporas and the Nation-State: From Victims to Challengers" In: International Affairs, 72, pp. 507-520.

_____ (1997). "Diasporas, the Nation-State and Globalisation" In: *Global History and Migrations*, editado por WANG, Gungwu. BOULDER, Colo: Westview Press, pp. 117-120.

_____ (1997b). *Global Diasporas: an Introduction*. Seattle, Washington: University of Washington Press.

COLLINS, Jack (1995). "Asian Migration to Australia" In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 376-379.

COSTA, Manuel Augusto (1971). *Migrações internas no Brasil*. Editora IPEA.

CRANE, George T. (1994). "Special Things in Special Ways: National Economic Identity and China's Special Economic Zones". The Australian Journal of Chinese Affairs, 32: 71-92.

DANTAS, Iuri (2004). "Presos acusados de integrar mafia chinesa" In: www.folha.uol.com.br, 08 de junho. .

DERPICH GALLO, Wilma (1976). *Introducción al estudio del trabajador coolie chino en el Perú del siglo XIX*. Tesis de Bachiller en Sociología. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

DIAS, Maria Odila da Silva (1986). "A interiorização da Metrópole (1808-1853)" In: MOTA, Carlos Guilherme (org.) (1986). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva.

DIAS, Edney Cielici (2004). “SP é o grande centro da comunidade chinesa” In: www.folha.uol.com.br, 23 de maio.

DRUMMOND, Carlos (1994). *Viagem à Grande China*. São Paulo: Scritta

DUBARBIER, Georges (1966). *La Chine Moderne*. Paris: Presses Universitaires de France.

DUTTON, Michael (1998). *Streetlife China*. Cambridge: Cambridge University Press.

ELIAS, Norbert (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, Rodrigo (2005). “Braços para fazer um país” In: Revista *Nossa História*, Ano 2/ No. 24, outubro, pp. 14-19.

ELVIN, Mark (1994). “2 – The Inner World of 1830” In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 35-63

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (2004). “China bloqueia acesso ao site do Wall Street Journal” In: www.estadao.com.br, 16 de março, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2004a). “Número de estudantes estrangeiros na China cresce 30%” In: www.estadao.com.br, 10 de dezembro, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2004b). “O trabalho ‘estrangeiro’ a serviço da nova São Paulo” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H1.

_____ (2004c). “Do chão de fábrica ao high tech” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H2.

_____ (2004d). “Em São Paulo, nem todos que vêm ficam” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H3.

_____ (2004e). “Bolivianos tentam a sorte nas oficinas do Brás e Bom Retiro” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H3.

_____ (2004f). “Popular ou de luxo, comércio oferece oportunidades” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H4.

_____ (2004g). “Migração e economia ainda alteram a paisagem” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H4.

_____ (2004h). “Excelência conquista universitário estrangeiro” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H5.

_____ (2004i). “Discriminação cria barreiras na convivência entre estudantes” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H5.

_____ (2004j). “Em hotéis e feiras, nem só visitantes vêm de fora” In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 10 de dezembro, p. H6.

_____ (2004k). “Nova geração de chefs, antiga safra de garçons e cozinheiros” In: Jornal O Estado de São Paulo, 10 de dezembro, p. H6.

_____ (2004l). “Tu, tchê, továrich: a arte é poliglota” In: Jornal O Estado de São Paulo, 10 de dezembro, p. H6.

_____ (2005). “Detido bispo católico chinês fiel a Roma” In: www.estadao.com.br, 05 de julho, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2005a). “China, Índia, Rússia terão maior alta do total de milionários” In: www.estadao.com.br, 21 de setembro, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2005b). “‘Crash – No Limite’ narra uma experiência traumática” In: www.estadao.com.br, 28 de outubro, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2005c). “Enviado da ONU investiga tortura na China” In: www.estadao.com.br, 22 de novembro, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2005d). “ONU denuncia tortura disseminada na China” In: www.estadao.com.br, 02 de dezembro, acessado em 16 de março de 2006.

_____ (2006). “Mapa reforça teoria de que chinês se antecipou a Colombo” In: www.estadao.com.br, 13 de janeiro, acessado em 14 de março.

_____ (2006a). “Espaço aberto: o anti-semitismo vai derreter-se no ar?” In: www.estadao.com.br, acessado em 16 de março de 2006.

EVANS, Harriet (1989). “Las migraciones chinas: causas del éxodo” In: LEANDER, Birgitta (coord.). *Europa, Asia y Africa em América Latina y El Caribe*. México: UNESCO- Siglo Veintiuno.

FAORO, Raymundo (2006). *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo.

FAUSTO, Boris (1991). *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/ FAPESP.

FERGUSON, Niall (2006). “A globalização ameaçada de morte” In: Jornal O Estado de São Paulo, 16 de abril, p. B8.

FERNANDES, Fátima; ROLLI, Claudia (2005). “25 de Março é o ‘paraíso’ da ilegalidade” In: www.folha.uol.com.br, 04 de dezembro.

FIGUEIREDO, Lima (1941). *Um ano de observação no Extremo Oriente*. Rio de Janeiro.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (2001). “Marido de professora chinesa vira cidadão dos EUA” In: www.folha.uol.com.br, 30 de março, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2004). “‘Chinamania’ dá novo valor ao idioma chinês” In: www.folha.uol.com.br, 23 de maio.

_____ (2004a). “PF prende chinesa acusada de liderar quadrilha de falsificadores” In: www.folha.uol.com.br, 07 de junho.

_____ (2005). “Tradição canta a soja e enche a Sapucaí de chineses” In: www.folha.uol.com.br, 07 de fevereiro, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2005a). “Austrália nega visto de permanência para chinesa de 104 anos” In: www.folha.uol.com.br, 08 de março, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2005b). “Líder do México diz que política migratória dos EUA é ‘vergonhosa’” In: www.folha.uol.com.br, 14 de dezembro, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2005c). “Chanceler mexicano chama de xenófoba a lei anti-imigração dos EUA” In: www.folha.uol.com.br, 19 de dezembro, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2005d). “EUA detêm ilegalmente chineses muçulmanos em Guantánamo” In: www.folha.uol.com.br, 23 de dezembro, acessado em 13 de março de 2006.

_____ (2005e). “Polícia recebe denúncias anônimas sobre bomba na 25 de março” In: www.folha.uol.com.br, acessado em janeiro de 2007.

_____ (2006). “Clube belga demite jogadores e treinador acusados de corrupção” In: www.folha.uol.com.br, 17 de fevereiro, acessado em 13 de março.

_____ (2006a). “PF apreende mercadoria contrabandeada em lojas do irmão de Law Kin Chong” In: www.folha.uol.com.br, acessado em janeiro de 2007.

_____ (2007). “Chineses no Brasil” In: www.folha.uol.com.br, acessado em janeiro de 2007.

FREITAS, Sônia Maria de (2001). *Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos. Memória e diversidade cultural em São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH, USP, sob orientação do Dr. Carlos Guilherme Mota.

_____ (2004). “Capítulo 5 – Brasil. Desde Hong Kong a São Paulo” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 99-114.

FREUD, Sigmund (1974). *Mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.

FREYRE, Gilberto (1951). *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, vol. III, tomo II.

_____ (1953). *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____ (1953a). “O Brasil, democracia étnica” In: Cruzeiro. 6 e 19 de junho).

_____ (1959). *Casa Grade e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry (2001). *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando e revisão técnica e apêndice de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras.

GARBIN, Luciana (2006). “Brasil, a América dos bolivianos” In: Jornal O Estado de São Paulo, 12 de março, p. C1.

_____ (2006a). “US\$ 160 para vir de Santa Cruz até São Paulo” In: Jornal O Estado de São Paulo, 12 de março, p. C3.

_____ (2006b). “Dias de trabalho e humilhação” In: Jornal O Estado de São Paulo, 12 de março, p. C4.

_____ (2006c). “Ministério diz que é tráfico de imigrantes” In: Jornal O Estado de São Paulo, 12 de março, p. C5.

GELLNER, E. (1983). *Nations and Nationalism*. Oxford: Basil Blackwell.

GERBI, Antonello (1960). *La disputa del nuevo mundo – Historia de una polémica – 1750-1900*. Trad. Mexico-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p. 67

GERCHMANN, Leo (2004). “Aumenta procura por aula de chinês no Rio Grande do Sul”. Jornal Folha de São Paulo, 10 de novembro, p. B6

GIL, José (1989). “Nação” In: *Estado-Guerra*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional.

GLAVE, Luís Miguel; LAURO, Claudia Rosas (2000). “Imigração estrangeira para o Peru (1850-1930)” In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP. pp. 505-550.

GLAZER, N. & MOYNIHAN, D.P. (1975). *Ethnicity, Theory and Experience*. Cambridge, Mass.:Harvard University Press.

GÓMEZ IZQUERDO, José Jorge (1991). *El movimiento antichino en México (1871-1934). Problemas del racismo y del nacionalismo durante la Revolución Mexicana*. México D. F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia.

GREENHALGH, Laura (2005). “Eles vestem o avental da América”. In: Jornal O Estado de São Paulo, 20 de março, pp. J4-J5.

GUANG, Lei (2005). "The State Connection in China's Rural Urban Migration" In: International Migration Review, vol. XXXIX, no. 2, verão, pp. 354-380.

GUANGZHONG, Yu [KWANG-CHUNG, Yu] (1971). *Acres of Barbed Wire*. Taipei: Mei Ya Publications.

_____ (1981). *Yu Guangzhong shixuan* (Poemas selecionados de Yu Guangzhong). Hong Kong: Hongfon Shudian.

GUERASSIMOFF, Carine (2003). "The New Chinese Migrants in France" In: Revista International Migration. OIM – International Organization for Migration, vol. 41, Issue 3, p. 135 – setembro.

GUNGWU, Wang (1994). "6 – Among Non-Chinese" In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 127-147.

HAESBAERT, Rogério (1994). *China: Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo: Ática.

HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org.: Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG; Brasília-DF: UNESCO.

HAUTER, François (2007). "Le géant paresseux dans les 'filets de relations' chinois" In: http://www.lefigaro.fr/reportage/20070813.FIG000000118_le_geant_paresseux_dans_les_fil_ets_de_relations_chinois.html, Jornal Le Figaro, 13 de agosto.

_____ (2007a). "Les mirages de la dernière Montagne d'Or" In: http://www.lefigaro.fr/reportage/20070823.FIG000000073_les_mirages_de_la_derniere_mon_tagne_d_or.html, Jornal Le Figaro, 23 de agosto.

HOBSBAWN, Eric (1990). *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HUANG, Jianchun (1993). *WanQing XinMa Huaqiao dui Guojia Rentong zhi Yanjiu* [Um estudo do problema da identidade do chinês ultramarino: os chineses malaios e o fim do governo Qing]. Taipei: The Society of Overseas Chinese Studies.

HU-DeHART, Evelyn (1995). "The Chinese of Peru, Cuba and Mexico" In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 220-222.

_____ (2004). "Capítulo 1 – El Caribe. Los culíes, los tenderos y sus descendientes" In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 15-34.

_____ (2004a). "Capítulo 3 – México. Inmigrantes a una frontera en desarrollo" In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 53-78.

HUGO, Graeme (1995). "Illegal International Migration in Asia" In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 397-402.

_____ (1998). "Migrações internacionais não-documentadas: uma tendência global crescente" In: *Travessia – Revista do Migrante*. CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini). Ano XI, no. 30, janeiro-abril, pp. 5-12.

HUI, Ong Jin (1995). "Chinese Industrial Labour: coolies and colonies" In: COHEN, Robin (ed.) (1995). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 51-56.

HUIJIONG, Wang (1994). "Industrialização e Reforma Econômica na China" In: *A economia mundial em transformação*. Rio de Janeiro, Editora FGV, pp. 13-52.

HUTINGTON, Samuel P. (1997). *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M.H. Cortes. Rio de Janeiro: Objetiva.

IANNI, Octávio (1994). "A cidade global" In: *Revista de Cultura Vozes*, no. 2, março-abril 1994, Sincretismo Cultural, pp. 25-39.

JORNAL INTERNATIONAL PRESS (2004). Especial "Outros Brasis". Ano XIII – Edição 642. www.ipcdigital.com. Japão, 10 de janeiro, cadernos B e C.

JULLIEN, François (1998). *Tratado da Eficácia*. Tradução do francês por Paulo Neves. São Paulo: Editora 34.

JYE, Chen Tsung (2002). "A presença da porcelana chinesa no Brasil" IN: *Revista China em Estudo* No. 5. São Paulo: Curso de Língua e Literatura Chinesa, DLO-FFLCH-USP, pp. 35-46.

KHAN, Azizur Rahman; RISKIN, Carl (2001). *Inequality and Poverty in China in the Age of Globalization*. Nova York: Oxford University Press.

KHAN, Joseph (2006). "Reforça-se a tese: bem antes de Colombo, Zheng He fez a América" In: *Jornal O Estado de São Paulo*, 22 de janeiro, p. A24.

KING, Ambrose Yeo-Chi (1994). "5 – Kuan-hsi and Network Building: A Sociological Interpretation" In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 109-126.

KLEIN, Herbert (2000). "Migração internacional na história das Américas" In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, pp. 13-32.

KRISTOF, Nicholas D. (2004). "O outro lado do país que brilha". *Jornal O Estado de São Paulo*, 05 de dezembro, p. A30.

_____. (2005). "Livro expõe face mais terrível do Mao". *Jornal O Estado de São Paulo*, 30 de outubro, p. A20.

KWONG, Peter (1987). *The New Chinatown*. Nova York: Hill and Wang.

_____ (1997). *Forbidden Workers: Illegal Chinese Immigrants and American Labor*. Nova York: The New Press.

LAPLANTINE, F.; OLIVENSTEIN, C. (1993). *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

LEE, Erika (2002). “Enforcing the Borders: Chinese Exclusion along the U.S. Borders with Canada and Mexico, 1882-1924”. In: Journal of American History 89 (1), pp. 54-86.

LEITE, José Roberto Teixeira (1999). *A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras*. Campinas: UNICAMP

LESSER, Jeffrey (2001). *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução de Patrícia Queiroz Zimbres. São Paulo: UNESP.

LEVY, Maria Stella Ferreira (1974). “O Papel da Migração Internacional na Evolução da População Brasileira (1872-1972)” In: Revista de Saúde Pública. São Paulo: 8, pp. 49-90.

LIU, John (1995). “A Comparative View of Asian Immigration to the USA” In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-259.

LOESCHER, Gil (1995). “International Security and Population Movements” In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 557-560.

LOISKANDL, Helmut (1995). “Illegal Migrant Workers in Japan” In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 371-375.

LONDON, Jack (1934). *The Chinago*. Nova York.

LORENZ, Andreas (2006). “China reprime ‘cidadãos difíceis’” In: Jornal O Estado de São Paulo, 02 de julho, p. A25.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria (1962). “Balas de Estalo”, 16 de outubro de 1883. In: *Obras Completas* – vol. III. Rio de Janeiro: José Aguilar Ed.

MANSO, Bruno Paes (2005). “Aeroporto de Cumbica é lar de dois chineses há um mês” In: www.estadao.com.br, 18 de novembro, acessado em 16 de março de 2006.

MARTINS, Jayme (2004). “Na China da era Deng, não importa a cor do gato...” Jornal O Estado de São Paulo, 21 de maio.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1999). *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARX, Karl (1985). *O capital – Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultura, 2º vol., cap. XXIII.

- McKEOWN, Adam (1999). “Conceptualizing Chinese Diásporas, 1842 to 1949”. In: The Journal of Asian Studies, 58, no. 2 (maio): the Association for Asian Studies, Inc., pp. 306-337.
- MEDEIROS, Jotabê (2005). “Brasileiros nos EUA: sinal amarelo” In: Jornal O Estado de São Paulo, 20 de março, p. C3.
- MELLO, Evaldo Cabral de (2000). “A fabricação da nação” In: Jornal Folha de São Paulo, 17 de setembro, pp. 14-16.
- MÉNDEZ, Cecilia (1988). “Los chinos culíes y la explotación del guano em el Perú” In: Concytec (Amelia Morimoto – José Carlos Luciano, eds.). *Primer Seminario sobre Poblaciones Inmigrantes*. Lima: Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, Tomo 2, pp. 91-107.
- MENDONÇA, Salvador (1879). *Trabalhadores asiáticos*. Nova York: Novo Mundo.
- MENEZES, Lená Medeiros de (2001). “Movimentos e políticas migratórias em perspectiva histórica: um balanço do século XX”. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.) (2001). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, pp. 123-136.
- MILLER, Mark J. (1995). “Illegal Migration”. In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 537-540.
- MING, Celso (2006). “O trabalho na China” In: Jornal Estado de São Paulo, 30 de abril, p. B2.
- MONBIOT, George (2005). “Nem a internet escapa da censura” In: Jornal O Estado de São Paulo, 18 de setembro, p. A29.
- MON PINZÓN, Ramón Arturo (1989). “La migración china a Panamá” In: LEANDER, Birgitta (coord.). *Europa, Asia y Africa em América Latina y El Caribe*. México: UNESCO-Siglo Veintiuno.
- MONTERO, Paula (1997). “Globalização, identidade e diferença” In: Revista Novos Estudos CEBRAP. São Paulo: n. 49. novembro.
- MORAES, Antônio Ermírio de (2005). “O Brasil e os desafios da China” In: Jornal Folha de São Paulo, 06 de fevereiro, p. A2.
- MORENO FRAGINALS, Manuel (1989). “Migraciones chinas a Cuba: 1848-1859” In: LEANDER, Birgitta (coord.). *Europa, Asia y Africa em América Latina y El Caribe*. México: UNESCO- Siglo Veintiuno.
- MORIMOTO, Amelia (2004). “Introducción” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 1-12.
- MORSE, H. B. (1910). The International Relations of the Chinese Empire. Shanghai: vol. VII.

MOTES, Jordi Maluquer de (2000). “A imigração e o emprego em Cuba (1880-1930)” In: FAUSTO, Boris (org.) (2000). *Fazer a América. São Paulo*: EDUSP, pp. 551-577.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO (1997). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 76. Entrevistado: Antonio Phee.

_____ (1997a). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 78. Entrevistado: Che Wing Chue.

_____ (1997b). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 79. Entrevistado: Chow Chin Chien.

_____ (1997c). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 80. Entrevistado: Chu Wan Tai.

_____ (1997d). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 82. Entrevistado: Liu Su Te.

_____ (1997e). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 84. Entrevistado: James Lee Hoi On.

_____ (1997f). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 85. Entrevistado: Joseph Chung Chien Liao.

_____ (1997g). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 88. Entrevistado: Wong Sun Keung.

_____ (1997h). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 89. Entrevistado: Zhu Tingzhong.

_____ (1997i). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 112. Entrevistado: Hong Ning Yet (André).

_____ (1997j). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 77. Entrevistado: Chan Kowk Wai.

_____ (1999). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 123. Entrevistada: Tang Tong Chi Hwa.

_____ (1999a). “Imigrante vai à escola”. Texto da Exposição que leva o mesmo nome, maio-junho.

_____ (2002). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 259. Entrevistado: William Boss Woo.

_____ (2002a). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 272. Entrevistado: Liu Chih Ming.

_____ (2003). Setor de História Oral. Série Depoimentos. Depoimentos colhidos pela pesquisadora Sônia de Freitas. Número 258. Entrevistado: Lawrence Phi.

NEGAWA, Sachio (2000). *Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000*. Dissertação de Mestrado em Sociologia pela USP, sob orientação de Shozo Motoyama.

NICKERSON, Colin (2006). “Europa muda as leis de imigração” In: Jornal O Estado de São Paulo, 28 de maio, p. A20.

NOLAN, Peter & ASH, Robert F. (1995). “China’s Economy on the Eve of Reform”. China Quarterly, 144: 980-998.

NOVAIS, Fernando Antônio (1979). *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec.

NUSDEO, Fábio (s.d.). *Aspectos econômico-jurídicos do fenômeno migratório*. Mimeo

OLIVEIRA, Amaury Porto de (2004). “Afimial, a China é ou não é uma economia de mercado?”. Jornal O Estado de São Paulo, p. J6.

_____ (2005). “Tentando compreender a China” In: RODRIGUES, Thiago (org.)(2005). *Olhares ao leste: o desafio da Ásia nas Relações Internacionais*. São Paulo: Desatino, pp. 31-48

OLIVEIRA, Lucia Lippi (2001). *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

OVEJERO, José (2004). *China para hipocondríacos: uma aventura de Nanquim a Kunming*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla.

PAIVA, Odair da Cruz (2000). *Breve história da Hospedaria de Imigrantes e da imigração para São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Memorial do Imigrante/ Museu da Imigração, Série Resumos, no. 7.

_____ (2004). *Caminhos cruzados: imigração e construção do Brasil moderno (1930-1950)*. Bauru-SP: EDUSC.

PASTOR, Humberto Rodríguez (1989). *Hijos del Celeste Imperio en el Perú (1850-1900)*. Lima: Instituto de Apoyo Agrario.

_____ (2004). “Capítulo 6 – Perú. Presencia china e identidad nacional” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 115-134.

PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana (1996). “Migrações Internacionais Recentes: o caso do Brasil” In: PATARRA, Neide Lopes (coord.) (1996). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, pp. 78-88.

- PEREIRA, Liésio (2004). “Chineses vieram para plantar chá” In: http://www.radiobras.gov.br/especiais/saopaulo450/sp450_mat19_2004.htm, acessado em 21 de março de 2006.
- PERES, Leandra (2003). “A grande hipocrisia”. *Revista Veja*, 22 de outubro, pp. 128-131.
- PESSANHA, Andréa Santos (2005). “Em nome do progresso” In: Revista *Nossa História*, Ano 2/ No. 24, outubro, pp. 20-22.
- POCHA, Jehangir S. (2005). “A China crescerá pacificamente” In: Jornal *O Estado de São Paulo*, 27 de novembro, p. A24.
- PRADO JÚNIOR., Caio (1972). *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense
- PUC-SP (2004) “China desperta interesse de pesquisadores brasileiros”. *Jornal da PUC*, 2ª quinzena outubro, p. 7.
- RAJARAM, Prem Kumar WARR, Carl Grundy (2004). “The Irregular Migrant as Homo Sacer: Migration and Detention in Australia, Malaysia, and Thailand” In: *International Migration*, vol. 42, p. 33, março.
- RAMOS, Jair (2000). “Afiml, o que é preciso para ser ‘brasileiro’? Leitura de um texto que fala sobre as lutas por esta e outras identidades” In: [Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.7 no.1 Rio de Janeiro Mar./June](#)
- RAMOS, Victor (2005). “Seis estrangeiros vivem em sala de Cumbica” In: *Jornal Folha de São Paulo*, www.folha.uol.com.br, 22 de novembro, acessado em 13 de março de 2006.
- REIS, Daniel Aarão (1991). “China: os impasses das Quatro Modernizações”. *Estudos Afro-Asiáticos*. 21: 179-186.
- RENAN, Ernest (1990). “What’s a nation?” In: BHABHA, Homi (Ed.). *Nation and Narration*. Londres: Routledge.
- RENIQUE, Gerardo (s.d.). “Raza, mestizaje y cultura fronteriza: el movimiento antichino de Sonora y la formación del estado posrevolucionario”- mimeo.
- REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (1980). *La Guerra del Opio*. Beijing: Ediciones en Lenguas Extranjeras.
- RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAFRAN, William (1991). “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return” In: *Diasporas: a Journal of Transnational Studies*, 1 (1), pp. 149-179.
- SAID, Edward (2003). *Orientalism*. New York: Vintage Books.
- SAKURAI, Célia (1993). *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Sumaré; FAPESP.
- _____ (2000). “Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada” In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, pp. 201-238.

_____ (2002). “Mais estrangeiros do que os outros? Os japoneses no Brasil” In: Revista Travessia – Revista do Migrante. CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini). Ano XV, no. 44, setembro-dezembro, pp. 05-10.

_____ (2004). “Capítulo 7 – Brasil. De los primeros inmigrantes a los dekasegui” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 137-160)

SALEK, Silvia (2002). “Brasileiros imigram para a China em busca de trabalho” In: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021023_chinasapato.shtml, 07 de novembro, acessado em 21 de março de 2006.

SALES, Teresa (1998). “A legitimidade da condição clandestina” In: Travessia – Revista do Migrante. CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini). Ano XI, no. 30, janeiro-abril.

_____ (1999). *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez.

SALT, John; STEIN, Jeremy (1997). “Migration as a business: the case of trafficking” In: Revista International Migration. OIM – International Organization for Migration, vol. 35, Issue 4, p. 467 – dezembro.

SANG, Ernesto (2003). *Amor e devoção filiais: um estudo exploratório com os filhos de imigrantes chineses*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica pela USP, sob orientação da Dra. Eva Maria Migliavacca.

SAYAD, Abdelmalek (1998). *A imigração. Ou os paradoxos da alteridade*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: USP.

_____ (2000). *Especial: Abdelmalek Sayad. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. In: Travessia – Revista do Migrante. CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini). Ano XIII, no.especial, janeiro.

SCHIVELBUSCH, Wolfgang (1995). *Historia de los estimulantes*. Tradução de Michael Faber-Kaiser. Barcelona: Anagrama.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (2006). “A diversidade como destino” In: Jornal O Estado de São Paulo, 12 de fevereiro, p. D9.

SCHWARCZ, Vera (1994). “3 – No Solace from Lethe: History, Memory, and Cultural Identity in Twentieth-Century China” In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 64-87

SCHWARZ, Roberto (1988). “As idéias fora do lugar” In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.

- SEYFERT, Giralda (2005). “Formação de identidades culturais em contextos migratórios” In: *Anais do 29º Encontro Anual da ANPOCS*. GT 12: Migrações internacionais, identidades, culturas e direitos. Caxambu-MG: outubro.
- SHAKESPEARE, William (1999). *A tempestade*. Tradução do inglês de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.
- SHYU, David Jye (2000). *Estudo da linguagem na comunidade chinesa em São Paulo – Influência da língua portuguesa e do dialeto taiwanês na língua oficial – Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral – Departamento de Lingüística da FFLCH – USP*.
- SILVA, Edevaldo Alves da (s.d.). “Prefácio” In: *História da imigração no Brasil*. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileira, 4ª. Edição, pp. XI-XIII. Documento do Museu da Imigração, São Paulo-SP.
- SIMMEL, Georg (1984). “Digressions sur l’etranger” In: GRAFIMEYER, Y.; JOSEPH, I. *L’école de Chicago*. Paris: Aubier.
- SINGER, Paul (1973). *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense.
- SIU, Lok (2004). “Capítulo 4 – Panamá. El ferrocarril, la tienda y el barrio” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). *Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D. C.: Banco Interamericano de Desarrollo, pp. 79-98.
- SKELDON, Ronald (1995). “The Emergence of Trans-Pacific Migration” In: COHEN, Robin (ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 532-536.
- SKOGGARD, Ian (2006). “Talking Diasporas: a cross-cultural comparison” In: INTERNATIONAL RESEARCH CENTER FOR JAPANESE STUDIES (2006). *The Korean Diaspora and Strategies for Global Networks*. Kyoto: International Research Center for Japanese Studies.
- SOUZA, Laura de Mello e (2005). *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SPIGLIATTI, Solange (2006). “PF busca provas de novos negócios de Law Kin Chong” In: www.estadao.com.br, 15 de fevereiro.
- SPITZ, Clarice (2006). “PF apreende 1 tonelada de mercadoria irregular em shopping do irmão de Law” In: www.folha.uol.com.br, 13 de março.
- SPROVIERO, Mario Bruno; CHIN, Sun Chia (2002). “Integração social e reintegração cultural: preservação da língua de origem chinesa” IN: *Revista China em Estudo* No. 5. São Paulo: Curso de Língua e Literatura Chinesa, DLO-FFLCH-USP, pp. 113-118.
- STEINER, George (1991). *No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura*. Tradução do original *In Bluebeard’s castle. Some notes towards the redefinition of culture* por Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras.

STORY, Jonathan (2004). *China: a corrida para o mercado*. Tradução Bazan Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura.

STEWART, Watt (1976). *Servidumbre china em el Perú*. Lima: Mosca Azul.

TAN, Amy (1989). *The Joy Luck Club*. Nova York: Vintage.

TAYLOR, Lawrence D. (1992). "Chinese Smuggling across the U.S.-Mexican Border, 1882-1916" In: *Annual Proceedings from the Rocky Mountain Council of Latin American Studies*, ed. by Theo Crevenna. Albuquerque: Latin American Institute of the University of New Mexico, pp. 93-107.

THOMSON, David (1971). *Pequena história do mundo contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar.

THUNØ, Mette; PIEKE, Franke (2005). "Institutionalizing Recent Rural Emigration from China to Europe: New Transnational Villages in Fujian" In: *International Migration Review*, vol. XXXIX, no. 2, verão, pp. 485-514.

TODOROV, Tzvetan (2003). *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.

TÖLÖLYAN, Kachig (2004). "Armenian Diaspora" In: EMBER et. al. (eds.). *Encyclopedia of Diasporas*. Nova York: Kluwer Academic/ Plenum, pp. 35-46.

TOMAZELA, José Maria (2005). "PF apreendeu 43 máquinas de caça-níqueis em Sorocaba" In: www.estadao.com.br, 11 de agosto.

TRAVESSIA – REVISTA DO MIGRANTE (1995). CEM – Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B. Scalabrini). Ano VIII, no. 21, janeiro-abril.

TREVISAN, Cláudia (2004). "Pequim encoraja fábricas chinesas no Brasil, diz Hu". *Jornal Folha de São Paulo*, 10 de novembro, p. B3.

_____ (2006). "Supremacia do Ocidente é exceção" In: *Jornal Folha de São Paulo*, 30 de julho, p. Especial 7.

UEHARA, Alexandre Ratsuo (2005). "Economia e política na Ásia-Pacífico: vigor e incertezas" In: RODRIGUES, Thiago (org.) (2005). *Olhares ao leste: o desafio da Ásia nas Relações Internacionais*. São Paulo: Desatino, pp. 49-69

VAN HEAR, N. (1998). "New Diasporas: the Mass Exodus" In: *Dispersal and Regrouping of Migrant Communities*. Seattle: University of Washington Press.

REVISTA VEJA SÃO PAULO (1986). "O vasto mundo da China em São Paulo" In: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/vejasp/450_anos/textos/imigrantes/chineses.htm, 15 de janeiro, acessado em 21 de março de 2006.

REVISTA VEJA (2003). "O peso da China". *Revista Veja*, 22 de outubro, p. 135.

_____ (2006). "O desafio da Europa" In: *Revista Veja*, edição 1942, ano 39, no. 5, 08 de fevereiro, pp. 68-69.

VERAS, Maura Pardini Bicudo (1999-2001). Relatório Parcial e Final da Pesquisa *Estrangeiros na metrópole: espacialização, trajetórias e redes de sociabilidade dos imigrantes em São Paulo*. CNPq, 1 de março de 1999 a 28 de fevereiro de 2001.

_____ (coord.) (2003). *Estrangeiros na Metrópole Desigual. A produção e territorialização da alteridade. Vínculos e Rupturas*. Relatório do Projeto de Pesquisa CNPq - Bolsa Produtividade

_____ (ed./ org.) (2004). *Hexápolis. Desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas: São Paulo, Paris, Nova York, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo*. São Paulo: EDUC.

_____ (2004a). “Por uma sociologia da alteridade: estranhos e estrangeiros em São Paulo” In: BERNARDO, Teresinha; TÓTORA, Silvana (orgs.). *Ciências sociais na atualidade. Percursos e desafios*. São Paulo: Cortez, pp. 153-172.

VERNE, Jules (1889). *The Adventures of a Chinaman in China*. Tradução para o inglês de Virginia Champlin. Boston: Lee and Sheppard/ Nova York: Charles T. Dillingham.

VITA, Luiz (2004b). “Parceria consolidada”. *Parceria Brasil-China*, ano II, no. Especial, agosto, pp. 6-7.

WALDER, Andrew G. (1995). “China’s Transitional Economy: Interpreting its Significance”. *China Quarterly*, 144: 936-979.

WANG, Sing-wu (1971). “Restrictions Imposed upon Chinese Entering Australia between 1855 and 1888” In: *Chinese Culture*, vol. XII, no. 4, dezembro.

WANG, L. Ling-chi (1994). “9 – Roots and the Changing Identity of the Chinese in the United States” In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 185-212.

WATANABE (1995). *Kyodokenkyu dekasegui-nikkei-burajirujin: Skiryō-hen* (Estudo de Grupo: Dekasseguis Brasileiros). Tradução de Koichi Mori. V. 2, pp. 350-351.

WEI-MING, Tu (1994). “1 – Cultural China: The Periphery as the Center” In: WEI-MING, Tu (Org.) (1994). *The Living Tree: the changing meaning of being Chinese today*. Stanford, California: Stanford University Press, pp. 1-34

WICKBERG, Edgar (1990). “Some Comparative Perspectives on Contemporary Chinese Ethnicity in the Philippines”. *Yazhou wenhua (Asian Culture)*. Cingapura, 14 (abril), p. 24.

XINGHUA, Li (2007). “Friday’s the time to get out and party to forget all those problems” In: *Jornal 21st. Century*. China, 04 de abril, p. 9.

XINRAN (2003). *As boas mulheres da China*. Tradução do inglês de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras.

XUN, Lu (1979). “The Great Wall”, In: *Selected Works*, vol. 2. Beijing: Foreign Languages Press

YANG, Alexander Chung Yuan (1974). *O comércio dos 'coolie': 1810-1920*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Mestrado em História

_____ (1989). "Os imigrantes chineses no Brasil". DO Leitura. São Paulo: v. 8, no. 88, setembro, p. 9

YANG, Dali (1991). "China Adjusts to the World Economy: The Political Economy of China's Coastal Development Strategy" In: Pacific Affairs, 64 (1): 42-64.

YARDLEY, Jim (2005). "Colaborador do 'New York Times' na China é indiciado" In: Jornal O Estado de São Paulo, 24 de dezembro, p. A13.

YARDLEY, Jim; KAHN, Joseph (2006). "Corte chinesa condena colaborador do 'NYT'" In: Jornal O Estado de São Paulo, 26 de agosto, p. A26.

YONGJIE, Pang; SHANQUAN, Li (1983). "Edification d'une civilisation spirituelle socialiste" In: BU, Fa Wen (org.) (1983). *La modernisation à la chinoise*. Beijing: Beijing Information, pp. 131-140.

YU, Abraham S.O. (1996). "Análise preliminar das empresas brasileiras controladas por chineses e suas relações comerciais com a China, Hong Kong e Taiwan" In: China em Estudo, no. 03, pp. 53-71.

ZHANG, Ange (2005). *Terra vermelha, rio amarelo*. Tradução de Carlos Figueiredo. São Paulo: SM.

ZIZEK, Slavoj (2003). *Bem-vindo ao deserto do real!*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo.

FILMES

Gaijin (1980). Dir. Tizuka Yamasaki, Brasil, 104 min.

Mississippi Masala (1991). Índia, Uganda, EUA. Dir. Mira Nair.

Exilios (Exiles) (2004). Dir. Tony Gatlif, França/ Espanha/ Argélia, 103 min.

O Terminal (The Terminal) (2004). Dir. Steven Spielberg, EUA, 128 min.

DEPOIMENTOS COLETADOS PELO PESQUISADOR

Entrevistado: Shilon Wang (Santiago)



Naturalidade: Taipei, Taiwan, China
Data de Nascimento: 10/07/1980
Data de Chegada ao Brasil: 13/01/1995
Pesquisador: Daniel Bicudo Vêras
Local da entrevista: Shopping Paulista
Data da entrevista: 31/01/2006

Entrevistado: Pedro Jim Ming Siao (Padre Pedro)



Naturalidade: Hebei, China
Data de Nascimento: 1924
Data de Chegada ao Brasil: 1957
Pesquisador: Daniel Bicudo Vêras
Local da entrevista: Missão Católica Chinesa (Rua Santa Justina) – São Paulo.
Data da entrevista: 06/02/2006

Entrevistado: Professora Yan Liang (na foto com seu marido Alexanre Qi)



Naturalidade: Jilin, China

Data de Nascimento: *

Data de Chegada ao Brasil: 1989

Pesquisador: Daniel Bicudo Vêras

Local da entrevista: Escola de Mandarim CHINBRA.

Data da entrevista: 10/02/2006

Entrevistado: Professora Sandra



Naturalidade: Gaoxiong, Taiwan, China

Data de Nascimento: 1962

Data de Chegada ao Brasil: 1997

Pesquisador: Daniel Bicudo Vêras

Local da entrevista: Casa do pesquisador.

Data da entrevista: 18/02/2006

Entrevistado: Lawrence Koo



Naturalidade: Shanghai, China

Data de Nascimento: 1948

Data de Chegada ao Brasil: 1958

Pesquisador: Daniel Bicudo Vêras

Local da entrevista: PUC-SP, sala do entrevistado.

Data da entrevista: 14/03/2006

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)